

MARIA DA SALETE SACHWEH

**A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE SOCIAL EM CONDIÇÕES DE PERIFERIA
METROPOLITANA: UMA ABORDAGEM SOBRE FAZENDA RIO GRANDE -
REGIÃO METROPOLITANA DE CURITIBA - RMC**

CURITIBA

2007

MARIA DA SALETE SACHWEH

**A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE SOCIAL EM CONDIÇÕES DE PERIFERIA
METROPOLITANA: UMA ABORDAGEM SOBRE FAZENDA RIO GRANDE -
REGIÃO METROPOLITANA DE CURITIBA - RMC**

Tese apresentada ao Programa de Doutorado Interdisciplinar em Meio Ambiente e Desenvolvimento, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Meio Ambiente e Desenvolvimento.

Orientador

Prof. Dr. Francisco de Assis Mendonça

Co-orientadoras

Prof^a. Dra. Cristina de Araújo Lima

Prof^a. Dra. Myrian Del Vecchio

CURITIBA

2007



Universidade Federal do Paraná
Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento
Rua dos Funcionários 1540 Juvevê CEP: 80035-050 Curitiba/Pr
Fone (fax) 41-3350 5764
E-mail: made@ufpr.br
Home-Page: www.doutmeio.ufpr.br

PARECER

Os Membros da Comissão Examinadora composta pelos professores: Francisco de Assis Mendonça (orientador UFPR), Dra. Cristina Araújo Lima (UFPR), Dr. Peri Mesquida (PUCPR), Dr. Dimas Floriani (UFPR) e Dr. Valter Marcos Birkner (UNC) após realizarem a arguição da tese de doutorado apresentada pela candidata **Maria da Salete Sachweh**, intitulada: "*A Construção de identidade social em condições de periferia metropolitana: uma abordagem sobre Fazenda Rio Grande - Região Metropolitana de Curitiba - RMC*" deliberaram pela Aprovação (X) Reprovação (). Com menção: () Distinção () Louvor. Tendo a candidata completado todos os requisitos necessários para receber o grau e o Diploma de Doutora em Meio Ambiente e Desenvolvimento Urbano.

OBS: _____

Curitiba, 06 de junho de 2007.

Prof. Dr. Francisco de Assis Mendonça _____

Profa. Dra. Cristina Araújo Lima _____

Prof. Dr. Peri Mesquida _____

Prof. Dr. Dimas Floriani _____

Prof. Dr. Valter Marcos Birkner _____

Dedico o tempo deste estudo àqueles que me incentivaram em todos os momentos, mesmo quando a vontade era a de parar. Dedico especialmente àqueles que em todos os instantes acreditaram e possibilitaram uma caminhada menos árdua e muito iluminada.

Assim dedico este estudo:

aos queridos Carlos e América, que partiram e em outra dimensão olham por mim;

à Lori, pela presença amiga;

aos meus irmãos Tereza, pelo estímulo e auxílio; e Francisco e Karla, pelas palavras de ânimo e afeto;

à minha mãe Nina, pelos ensinamentos, orações e por não deixar de acreditar;

às minhas filhas Marielle e Emmanuelle e aos meus genros Ivan e Régines, que ao me incentivar faziam-me sentir mais humana;

às três luzes que chegaram, em ordem alfabética e tamanho, iluminando meu trajeto e fazendo-me sempre querer seguir: Gabriella, Herbert e Ian (meus netos);

ao meu sempre presente, querido e amado esposo, Herbert; e

a Você, meu Deus, por acalmar minha ansiedade e meus medos.

AGRADECIMENTOS

Numa escola onde se ensina a ser e a fazer amigos, os professores são aqueles que, presentes ou no anonimato, auxiliam na caminhada dos alunos. Mesmo que a minha não chegue ao fim com este estudo, agradeço a todos que me auxiliaram, ensinando-me e sendo amigos, minha gratidão. Agradeço também:

À Rosi e família, cujas presenças enriquecem minha vida;

Aos amigos de trabalho e aos de todos os dias Daniela, Mara, Gabriela, Franciele, Andressa, Gilmar, Cássia, Dorival, Camila Quadros e Renata Camila, por me entenderem;

Aos amigos das lágrimas e palavras de consolo Karin, Angélica, Volpi, Edílson, Danielle e Sandra; aos amigos que presentes ou não, sempre me ensinam Armindo, Argos, Reinaldo Knorek, Reni, Arnaldo Mews, Ederson Mota, Irineu, Miguel, Schimalski, Leociléa, Júlio C. Suzuki, Nilson C. Fraga, José e Sebastiana;

À Universidade do Contestado, nas pessoas de Gaston Cazamajou Bojarski, João Rosa Muller, José A. Nicácio e Hamilton Wendt, pelo incentivo e apoio;

Ao pessoal da biblioteca da UnC, pelas pesquisas, livros e material;

À Vertrag Planejamento Urbano, pelo reconhecimento;

Aos entrevistados, que mesmo sem muito tempo, foram sempre solícitos;

Ao pessoal da Prefeitura de Fazenda Rio Grande, pelo auxílio e competência;

A Gastão F. Gonchoroviski, Isuro Iamamoto, Rodrigo Berté, Izildinha, Márcia, Cecatto, Cláudia, Maristela Acevedo e aos anônimos que, mesmo de longe, enviaram-me materiais e acharam diferentes maneiras de colaborar;

Aos colegas da linha de pesquisa Eliane, Ângela, Jesus, Karin, Rosirene e Olga Estefânia;

Às secretárias do curso de Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento Iolanda e Cássia;

Aos professores da banca de qualificação e defesa pública Francisco de Assis Mendonça, Cristina Araújo Lima, Dimas Floriani, Peri Mesquida, Salete Kozel e Walter Marcos Knaesel Birkner; e, por fim,

Meu profundo agradecimento a todos os professores do MADE, da linha de pesquisa Urbanização, Cidades e Ambientes Urbanos, Eleusis Ronconi de Nazareno, Olga Firkowski, Yara Vicentini e, de modo muito especial, aos professores do comitê Myrian Del Vecchio Lima, Cristina Araújo Lima e Francisco de Assis Mendonça por me acompanhar e me auxiliar neste trajeto. Vocês me fizeram crescer.

ANTES DE INICIAR... UMA HISTÓRIA

Era uma vez um camponês que foi à floresta vizinha apanhar um pássaro para mantê-lo cativo em sua casa. Conseguiu pegar um filhote de águia. Colocou-o no galinheiro junto com as galinhas. Embora a águia fosse a rainha de todos os pássaros, comia milho e ração própria para galinhas.

Depois de cinco anos este homem recebeu em sua casa a visita de um naturalista. Enquanto passeavam pelo jardim, disse o naturalista:

- Esse pássaro aí não é galinha. É uma águia.

- De fato – disse o camponês. É uma águia, mas eu a criei como galinha. E a águia transformou-se em galinha como as outras, apesar das asas de quase três metros de extensão.

- Não – retrucou o naturalista. Ela é e sempre será uma águia, pois tem um coração de águia. Este coração a fará, um dia, voar às alturas.

- Não, não – insistiu o camponês. Ela virou galinha e jamais voará como águia.

Então decidiram fazer uma prova. O naturalista tomou a águia, ergueu-a bem alto e desafiando-a disse:

- Já que você de fato é uma águia, já que você pertence ao céu e não à terra, então abra suas asas e voe!

A águia pousou sobre o braço estendido do naturalista. Olhava distraidamente ao redor. Viu as galinhas lá embaixo, ciscando grãos e pulou para junto delas.

O camponês comentou:

- Eu lhe disse, ela virou uma simples galinha!

- Não – tornou a insistir o naturalista. Ela é uma águia. E uma águia será sempre uma águia. Vamos experimentar novamente amanhã.

No dia seguinte, o naturalista subiu com a águia no teto da casa. Sussurrou-lhe:

- Águia, já que você é uma águia, abra suas asas e voe!

Mas quando a águia viu lá embaixo as galinhas ciscando no chão pulou e foi para junto delas.

O camponês sorriu e voltou à carga:

- Eu lhe havia dito, ela virou galinha!

- Não – respondeu firmemente o naturalista. Ela é uma águia, possuirá sempre um coração de águia. Vamos experimentar ainda uma última vez. Amanhã farei com que ela voe.

No dia seguinte o naturalista e o camponês levantaram bem cedo. Pegaram a águia, levaram-na para fora da cidade, longe das casas dos homens, no alto de uma montanha. O sol nascente dourava os picos das montanhas.

O naturalista ergueu a águia para o alto e ordenou-lhe:

- Águia, já que você é uma águia, já que você pertence ao céu e não à terra, abra suas asas e voe!

A águia olhou ao redor. Tremia como se experimentasse nova vida, mas não voou. O naturalista segurou-a então firmemente, bem na direção do sol, para que seus olhos pudessem se encher da claridade solar e da vastidão do horizonte.

Nesse momento ela abriu suas potentes asas, grasnou com o típico *kau-kau* das águias, ergueu-se soberana sobre si mesma e começou a voar. Voou para o alto, cada vez mais alto. Voou... voou... até confundir-se com o azul do firmamento.

Leonardo Boff

RESUMO

A presente tese tem como objetivo geral analisar a construção das identidades sociais em Fazenda Rio Grande - FRG - Região Metropolitana de Curitiba - RMC, Paraná. A amostra populacional foi composta por dezoito atores sociais, habitantes de bairros antigos e novos, escolhidos previamente entre diferentes lideranças do Município. Abordou-se o processo de desenvolvimento sociocultural e ambiental na RMC e sua relação com movimentos sociais regionais partindo-se de problemáticas, aqui entendidas como mais comuns à sociedade. Autores que embasaram teoricamente este estudo foram selecionados conforme o conteúdo de seus livros, quanto à história das cidades, do desenvolvimento urbano, das consequências socioambientais, geridas pelo crescimento de regiões metropolitanas, especialmente da RMC, e da formação de identidades sociais na busca por melhor qualidade de vida. Este estudo apresenta abordagens como o acelerado crescimento, a bagagem cultural, a história, as condições de vida e a formação de uma identidade social dos atores que motivaram o desenvolvimento da pesquisa, a qual exigiu a aplicação de uma metodologia específica, que permitisse visualizar objetiva e subjetivamente os fenômenos, bem como fazer uma análise qualitativa, a abordagem de estudo de caso, para reunir informações sistemáticas que dessem profundidade ao seguinte problema: *de que forma o contexto e as representações socioculturais e ambientais contribuem para a organização e formação de uma identidade social em uma periferia metropolitana?* Como resultados deste estudo, apresentaram-se as seguintes causas para o mecanismo de metropolização no Brasil: a imensidão territorial; a fortíssima e constante migração do campo para a cidade; o valor comercial do solo; a força indutora e o uso dos equipamentos urbanos, a atratividade e o próprio fascínio que a cidade grande exerce sobre as populações do interior. O presente estudo conclui que as mudanças advindas com a modernidade alteraram de forma rápida, intensa e complexa o cotidiano dos moradores de Fazenda Rio Grande. O seu contexto sociocultural, histórico e ambiental conduz à formação de novas identidades sociais, que contribuem para o abandono de identidades anteriores em um processo de construção de novas identidades. Os grandes centros urbanos provocam nos sujeitos síndromes, desencaixes e descolamentos que alteram o cotidiano e também a sua identidade. Há uma hesitação dos moradores em participar das atividades políticas, sociais, culturais e administrativas, motivada pela distância do trabalho. Percebe-se que a identidade social é afetada em sua formação pela fragmentação de espaço, do tempo de assimilação e pela aceitação das mudanças, gerando resistência e estranhamento. Aos observadores externos do processo fica a noção de que ali inexiste uma identidade social consolidada. Há, no entanto, uma preocupação com o afastamento físico e social do ambiente, com a construção do futuro e com a consolidação de sua identidade social por meio de ações e atos de pertencimento.

Palavras-chave: identidade social, desenvolvimento humano, qualidade de vida.

ABSTRACT

This thesis' main purpose is to analyze the settlement of social identities in Fazenda Rio Grande, a city in the Metropolitan Area of Curitiba, in the state of Parana, in the south of Brazil. The sample comprised eighteen inhabitants of old and new suburbs, chosen among different leaderships of that Municipality. The research approached the process of social, cultural and environmental development of Curitiba's Metropolitan Area and its relationship with social regional movements, discussing the population's most common problems. The authors whose work theoretically supported this study were chosen based on the content of their books and papers with respect to the cities' history, urban development, its social and environmental impacts, the growth of metropolitan areas, specially Curitiba's Metropolitan Area and the formation of social identities, while searching for better quality of life. This study emphasizes the area's fast growth, its people's cultural background, its history, living standards and the formation of a social identity among the actors who motivated the study to be developed, which required a specific methodology to be used that could allow for the objective and subjective visualization of the phenomena, as well, performing a qualitative analyses, by means of a case study that could provide systematic in-depth information about the following issue: How do the context and the social, cultural and environmental representations contribute for the formation of a social identity in a metropolitan area district? As results of this study, the following causes were presented for the mechanism of metropolization in Brazil: a) the huge size of its territory; b) the very strong and constant migration from the field to the city; c) the commercial use of the soil; d) the inductor strength and the use of urban equipments; e) the attractiveness and fascination that large cities exert upon country populations. This study shows that the changes resulting from modernity altered in a fast, intense and complex way the daily life of Fazenda Rio Grande's inhabitants. Their social, cultural, historical and environmental context led to the formation of new social identities that contribute for the abandonment of previous identities. Large urban centers provoke syndromes, dislocations and shifts in individuals that change their routine and also their identity. There is a hesitation of the dwellers in participating in political, social, cultural and administrative activities, motivated by the distance to work. It was noticed that the social identity is affected in its formation by the fragmentation of space, assimilation time and the acceptance of changes, generating resistance. External observers of the process have the impression that there is no consolidated social identity there; There is, however, concern with respect to the physical and social distance that develops between citizens and their city, lack of involvement with the construction of the future of the city, and the consolidation of their social identity by means of actions and acts of belonging.

Key words: social identity, human development, quality of life.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	11
LISTA DE TABELAS E QUADRO	14
LISTA DE ABREVIATURAS.....	15
1 INTRODUÇÃO	16
1.1 NAS TRAMAS DO DESENVOLVIMENTO, A PROBLEMÁTICA ESTUDADA ..	19
1.2 OBJETIVOS E HIPÓTESES	22
1.3 ESTRUTURA DESCRITIVA DA PESQUISA.....	27
2 METODOLOGIA DE PESQUISA.....	29
2.1 PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS.....	35
2.2 ESTUDO DE CASO – ANÁLISE QUALITATIVA DE CONTEÚDO – ORGANI- ZADO SEGUNDO A HISTÓRIA ORAL	39
2.3 PESQUISA DE CAMPO	40
3 DO IMAGINÁRIO URBANO, AS REALIDADES SOCIOAMBIENTAIS DAS PERIFERIAS METROPOLITANAS	46
3.1 A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO	50
3.2 DOS MEIOS E FINS: CONSTRUÇÃO E VIDA NA CIDADE	54
3.3 DO PROCESSO DE URBANIZAÇÃO A METROPOLIZAÇÃO	58
3.4 METRÓPOLES: TRANSFORMAÇÃO DO SUJEITO OU DO ESPAÇO?	67
3.5 REGIÕES METROPOLITANAS NO BRASIL E A RMC	70
3.6 METRÓPOLE: PONTO DE ATRAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO	76
3.7 REGIÃO METROPOLITANA DE CURITIBA – NO PASSADO A CONSTRU- ÇÃO DO HOJE.....	79
3.8 FAZENDA RIO GRANDE: HISTÓRIA DE UMA CIDADE EM BUSCA DE SUA IDENTIDADE SOCIAL	86
4 IDENTIDADES EM MOVIMENTO	119
4.1 UMA LEITURA SOBRE A CONSTRUÇÃO URBANA: IDENTIDADES EM MOVIMENTO	121

4.2 SUJEITOS, IDENTIDADES SOCIAIS, APROPRIAÇÕES E MOVIMENTOS SOCIAIS	132
5 DECIFRANDO AS HISTÓRIAS DE VIDA EM BUSCA DA IDENTIDADE SOCIAL DE FAZENDA RIO GRANDE	145
6 CONCLUSÃO E RECOMENDAÇÕES	172
6.1 CONCLUSÃO.....	173
6.2 RECOMENDAÇÕES	178
REFERÊNCIAS	181
ANEXOS.....	192

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Cidades: lugares construídos, histórias que se pode contar	16
Figura 2 - Região Metropolitana de Curitiba.....	24
Figura 3 - História: descrição do passado ou matéria para ideologias?	29
Figura 4 - Planejamento e organização da pesquisa	34
Figura 5 - Visibilidade social do indivíduo	44
Figura 6 - Do imaginário às realidades socioculturais e ambientais.....	46
Figura 7 - FRG/PR – BR 116 – Integração Interestadual	87
Figura 8 - FRG/PR - Vista parcial do bairro rural: São Sebastião, divisa com Mandirituba	88
Figura 9 - FRG/PR – 1 Vista parcial do bairro rural: São Sebastião, Rua Júlio Souza Santos, n.200	88
Figura 10 - FRG/PR – 2 Vista parcial do bairro São Sebastião, Rua Júlio Souza Santos, frente ao n.200	89
Figura 11 - FRG/PR - Imagem aérea em 13/11/2006	90
Figura 12 - FRG/PR - Hidrografia e malha viária.....	91
Figura 13 - FRG/PR – Comparativo: mancha urbana - 1979 e 2007	97
Figura 14 - FRG/PR - Vista parcial do/Trecho da BR-116 em frente ao Posto 21 - 6h40min	99
Figura 15 - FRG/PR - Vista parcial do avanço do urbano sobre o rural 1	100
Figura 16 - FRG/PR - Vista parcial do avanço do urbano sobre o rural 2	100
Figura 17 - FRG/PR – Declividade	101
Figura 18 - FRG/PR – Bairros Radiais	103
Figura 19 - FRG/PR – Malha viária e pontos marcados por GPS	104
Figura 20 - Vista parcial do Hipódromo	107
Figura 21 - FRG/PR - Vista parcial da rodoviária com intenso movimento de pessoas - 06h15min - 10/10/2006	110
Figura 22 - FRG/PR - Vista parcial do trecho da BR-116 sobre viaduto de aces- so a Fazenda Rio Grande	111
Figura 23 - FRG/PR – Vista parcial do Bairro Santa Terezinha – Comunidade Mirante das Águas.....	112

Figura 24 - FRG/PR - Vista parcial do cruzamento das ruas Manoel Claudino Barbosa e Efigênio Pereira da Cruz, Bairro Pioneiros.....	113
Figura 25 - FRG/PR - Vista parcial do cruzamento das ruas França com Guaritá, onde rural e urbano se confundem, duas quadras abaixo da Prefeitura Municipal	114
Figura 26 - FRG/PR - Vista parcial - centro - espaços vazios e o corte da BR-116	114
Figura 27 - FRG/PR - Vista da Rua Inhambu “Sapolândia” - Bairro Gralha Azul, em uma área de invasão	115
Figura 28 - FRG/PR - Vista parcial da Vila Aquários.....	116
Figura 29 - FRG/PR - Vista parcial de uma área de ocupação irregular – Rua Paraguai esquina com Rua Polônia - Bairro Nações.....	116
Figura 30 - Representação da formação da identidade social	119
Figura 31 - FRG/PR - Vista parcial da Rua Chico Mendes - Bairro Gralha Azul ..	123
Figura 32 - FRG/PR - Vista parcial do Jardim Ângico, bairro Santa Terezinha....	127
Figura 33 - FRG/PR - Vista parcial do Jardim Ângico, local onde foram relocados os antigos moradores do Aquarius no bairro Iguaçu	127
Figura 34 - FRG/PR - A volta do trabalho, a varanda e o chimarrão.....	129
Figura 35 - FRG/PR - A volta do trabalho e o e o encontro com os filhos.....	129
Figura 36 - FRG/PR - Vista parcial do Parquinho do Jardim Sidom, construído pela própria comunidade	138
Figura 37 - História de vida - construção de identidades sociais.....	145
Figura 38 - FRG/PR - Reunião do grupo do Projeto Velho Amigo	149
Figura 39 - FRG/PR - Vista parcial de horta em vazio urbano - Jardim Hortênsia, bairro Eucaliptos.....	152
Figura 40 - Fazenda Rio Grande - Vista parcial da horta comunitária sobre os dutos da Petrobras - Bairro Eucaliptos, Jardim Hortênsia	156
Figura 41 - FRG/PR - Vista parcial da Praça da Glória.....	160
Figura 42 - FRG/PR - Vista parcial do Parque Verde.....	162

LISTA DE TABELAS E QUADROS

TABELA 1 - POPULAÇÃO RURAL, URBANA E TOTAL DO BRASIL	72
TABELA 2 - POPULAÇÃO E TAXA DE CRESCIMENTO DAS REGIÕES METROPOLITANAS DO BRASIL.....	73
TABELA 3 - POPULAÇÃO E TAXA DE CRESCIMENTO DA REGIÃO METROPOLITANA DE CURITIBA	84
TABELA 4 - PROJEÇÃO POPULACIONAL DO CRESCIMENTO DA REGIÃO METROPOLITANA DE CURITIBA	95
QUADRO 1 - CATEGORIAS DA ANÁLISE DA IDENTIDADE	144

LISTA DE ABREVIATURAS

APAE – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais

CIC – Cidade Industrial de Curitiba

COHAPAR – Companhia de Habitação do Paraná

COMEC – Coordenação da Região Metropolitana de Curitiba

FRG – Fazenda Rio Grande

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPARDES – Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social

IPPUC – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba

RMC – Região Metropolitana de Curitiba

SUDERSA – Superintendência de Desenvolvimento e Recursos Hídricos

VERTRAG – Firma de Planejamento Urbano

ANEXOS

ANEXO A - REGISTRO DOS ENTREVISTADOS

ANEXO B - AUTORIZAÇÕES DOS ENTREVISTADOS

**ANEXO C - CAPA DOS EXEMPLARES QUE COMPÕE O KIT DO PROJETO
“EDUCAR E TRANSFORMAR”**

ANEXO D - LEI Nº 08/1992

ANEXO E - LEI Nº 69/1995

ANEXO F - LEI Nº 77/1995

**ANEXO G - LEI Nº. 77/1995, REFORMULADA E COMPLEMENTADA PELA
LEI Nº112/1996**

ANEXO H - LEI Nº 164/1998

ANEXO I - LEI Nº 199/1999

1 INTRODUÇÃO



Figura 1 - Cidades: lugares construídos, histórias que se pode contar

Fonte: SACHWEH, M. S. (2007)

Nota: MAZURKIEVICZ, G. Foto-montagem dos contrastes entre cidades européias e Fazenda Rio Grande

[...] Poderia falar de quantos degraus são feitas as ruas em forma de escada, da circunferência dos arcos dos pórticos, de quais lâminas de zinco são recobertos os tetos; mas sei que seria o mesmo que não dizer nada. A cidade não é feita disso, mas das relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado: a distância do solo até um lampião e os pés pendentes de um usurpador enforcado; [...]. [...] os rasgos nas redes de pesca e os três velhos remendando as redes que, sentados no molhe, contam pela milésima vez a história da canhoeira do usurpador, que dizem ser o filho ilegítimo da rainha, abandonado de cueiro sobre o molhe.

(CALVINO)

Ao apresentar este estudo, que trata da construção de identidades sociais em condições de periferia em regiões metropolitanas, utiliza-se parte de um dos cinquenta e cinco contos que compõe a obra *As cidades invisíveis*, de Ítalo Calvino (2003). O texto sugere uma reflexão inicial sobre as relações dos seres humanos com a cidade, com o ambiente urbano e sobre a evolução desta tríade em uma época marcada pelas tendências conflitantes, contundentes e radicais da modernidade.

Corria o século XIII, Idade Média, portanto, quando o neto de Gensis Khan - o imperador Kublai Khan governante do imenso território da Mongólia - vê-se impedido de sair da capital e recebe o comerciante genovês Marco Polo. O ilustre visitante narra, de forma envolvente, sensível e curiosa, a história das cidades por onde passou e de seus habitantes.

As cidades e os habitantes dos contos descritos por Marco Polo não conheceram as transformações produzidas pelo fenômeno resultante da Revolução Industrial, a modernidade. Esta ficção do passado tem, no entanto, ilustrado de modo claro o papel da cidade e de como este espaço é afetado pelas relações humanas. Demonstrando que é preciso ler mais que a materialidade da paisagem urbana, os textos de Calvino exigem a leitura das pessoas, dos diferentes grupos humanos, dos sujeitos, de seus costumes, das representações simbólicas e culturais que permeiam a história e a memória da cidade e daquele que nela habita.

Por não serem dotados do conhecimento de Marco Polo, mas instigados por Calvino, vários pesquisadores de áreas diversas do conhecimento buscam respostas a questionamentos que fazem parte da realidade urbana na era moderna. É o que se busca fazer também neste momento ao tratar de uma grafia urbana.

Para Calvino (2003, p.21) não se pode eliminar a cidade da cabeça, da memória, pois ela “é como uma armadura ou um retículo em cujos espaços cada um pode colocar as coisas que deseja recordar: nomes ilustres, virtudes [...] datas de batalhas [...] partes de discurso [...]”. Entende-se, assim, que cidade é história, é geografia, é sociologia, é engenharia, é saúde, é ciência, é, enfim, uma das expressões mais reais da interdisciplinaridade.

Frente às palavras iniciais emprestadas de Calvino (2003), há que se pensar, porém, sobre o que é mais importante ou o que deve ser priorizado ao se discutir e estudar a cidade. Deve-se destacar sua construção ou quem a construiu? Seu construtor ou seu planejador? E, no caso de optar-se pelo destaque ao

planejador, deve-se estudar sobre o que planejam, de que forma a cidade moderna insere-se na vida e no cotidiano das pessoas Ou como a vida e o cotidiano das pessoas têm influenciado na construção e no processo de urbanização das cidades? A modernidade tem permitido um pensar coletivo sobre as problemáticas locais e globais que atingem a humanidade e, de modo mais visível, as cidades?

Antes de se pensar em respostas para estas perguntas, faz-se necessário lembrar que, mesmo que outros pesquisadores já tenham discutido temas afins exaustivamente, o papel do doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento na Universidade Federal do Paraná é, por meio deste curso de caráter interdisciplinar que se percebe a responsabilidade da sociedade ao ver, ler e sentir a complexidade que se encontra presente na dinâmica das cidades modernas.

Guattari (1988) observa, no entanto, que a grande responsabilidade das cidades recai sobre arquitetos e urbanistas, dada a complexidade do processo de urbanização e desenvolvimento das cidades e metrópoles modernas. Acredita-se necessário observar e valorizar o trabalho de todos os profissionais preocupados com a problemática urbana e principalmente com as questões de responsabilidade, estéticas, éticas e políticas, que se fazem presentes na construção e formação das cidades.

Considerando ainda as palavras de Guattari (1988), ao falar do desempenho dos profissionais ele afirma que poderá a humanidade, por meio deles, reinventar seu devir urbano ou ser condenada e perecer sob o peso de sua apatia e de seu próprio imobilismo, pois esta ameaça torna a cidade impotente face aos extraordinários desafios com os quais a história tem-na confrontado.

Ao fazer esta análise é interessante notar que as cidades tornaram-se imensos laboratórios de pesquisas, nos quais a sociedade pode ser vista como cobaia, pois sofre com experimentos errôneos que, tirados de projetos e aplicados às realidades urbanas podem inverter o curso da história. Frente a tal perspectiva, há que se levar em conta que na essência da questão urbana, encontram-se as questões socioculturais, ambientais e políticas e não somente as técnicas e o modo de ocupação do espaço físico como mercado a ser explorado.

Diante do exposto emprestam-se as idéias de Carlos e Lemos (2003, p.14). Os autores apontam que, atualmente, a problemática urbana tem se reduzido a problemas administrativos. Desta forma “inaugura-se a gestão do espaço, liberando a cidade dos entraves do processo de modernização e restituindo a coerência ao

processo de crescimento”. Pode-se compreender o motivo pelo qual este discurso vem acompanhado da manutenção da “qualidade de vida” e da realização pessoal dos indivíduos, que deixam de ser vistos como sujeitos e cidadãos para se tornar meros usuários de bens de consumo coletivo e, nesta condição, as questões habitação, saúde, transporte, educação, entre outros, limitam-se ao plano privado.

Seguindo o curso do pensamento entende-se que estes problemas têm atingido as cidades de um modo geral. No caso do Brasil esta situação agrava-se nas cidades que compõem as regiões metropolitanas, pois, nestes espaços, o constante processo de degradação do meio ambiente reflete-se com mais rapidez e resulta na baixa qualidade de vida - processo este que tem se agravado com o excessivo crescimento das periferias. O acarretamento de problemas tem se evidenciado através da poluição do ambiente, da pobreza, da miséria, da insegurança, de grupos marginalizados, da falta de moradia, da ausência de serviços públicos em saúde, lazer, educação, saneamento e mobilidade urbana.

Paralelamente a estes problemas há outro, aquele que se encontra presente na formação do sujeito e na sua permanente troca de uma ou mais identidades por outras mais valoradas frente às necessidades imediatas, como o contínuo exercício de uma nova vivência, ora estimulado pelo trabalho, ora pelo lazer e ora pelas necessidades básicas de sobrevivência.

1.1 NAS TRAMAS DO DESENVOLVIMENTO, A PROBLEMÁTICA ESTUDADA

Como mariposas em busca da luz a “cidade grande” atrai diferentes grupos humanos, cada qual composto por um ser único, cujas particularidades, somadas, os fazem, porém, multiculturais. Esta somatória de indivíduos vai se concentrando em aglomerados urbanos onde a oferta de mão-de-obra e o mercado geralmente estão associados ao desenvolvimento imobiliário, industrial e tecnológico.

Ponto de concentração humana, espaço construído e organizado socialmente, as cidades apresentam uma dinamicidade tão intensa que Braudel (1997) as compara com transformadores elétricos, pois nelas as tensões humanas tendem a aumentar sucessivamente, na medida em que também aumentam os diferentes tipos de troca que caldeiam constantemente a vida dos homens. Neste

contexto, onde há excessiva diversificação de indivíduos e de produtos geridos pelas e nas metrópoles surge um desafio para a sociedade em geral: o de desenvolver um novo modo de pensar a cidade, envolvendo conjuntamente estudos sobre o espaço físico, suas formas de ocupação e a organização social de seus ocupantes de modo que se possa garantir a formação de uma identidade social local.

Deste modo, faz-se necessário pensar primeiramente o que é uma identidade social e de que forma a cidade contém e está contida nesta identidade. Afirmar que identidade significa ser idêntico, igual ou apresentar caracteres semelhantes ao de outrem se torna insuficiente neste estudo, pois a diversidade encontrada na cidade enquanto ambiente social obriga o pesquisador a buscar identidades sociais e isso representa discutir as identidades individuais e a constância de suas trocas.

Neste sentido, tratar das identidades sociais encontradas em uma cidade constitui-se em fazer uma análise das identidades de cada indivíduo e de suas relações sociais, mediadas pelo tempo e por questões comuns à sociedade, tais como: espaços socioculturais, habitação, lazer, esporte, áreas verdes, locomoção, transporte, saúde, educação, entre outros. Todas essas problemáticas influenciam na construção da cidade e no dia-a-dia de seus habitantes, promovendo uma dinâmica socioespacial que se organiza e reorganiza frente à ordem e à desordem que nela se manifestam.

Assim a cidade pode ser vista como um lugar em permanente construção, pois, mesmo depois de formada, continua sendo um ponto de atração para os mais diversos grupos humanos. É também onde ocorrem as mais diferentes trocas e produções, quer sejam socioculturais, econômicas, políticas ou religiosas. Este ambiente, múltiplo e complexo vem sendo objeto de estudo de cientistas sociais, economistas, urbanistas, historiadores, geógrafos, poetas, literatos e artistas, entre outros profissionais, que o vêem de forma bastante diversa, conforme a formação e o foco de interesse de cada um.

Carlos (1996) assegura que o fenômeno urbano pode ser visto como consequência da construção social humana, que produz continuidades e descontinuidades, relações de poder e desigualdades, fragmentos e contradições, exigindo, portanto, atenção da sociedade para as questões sociais urbanas devido às transformações ocorridas na relação espaço/tempo urbanos, traduzidas nos 'lugares da metrópole'.

Frente aos conflitos gerados no cotidiano urbano e às crises da cidade a autora em pauta chama a atenção para a necessidade de se desvendar conteúdos mais profundos incrustados no processo de urbanização, conteúdos estes presentes atualmente nas contradições do mundo moderno e que se revelam, em sua força, nas metrópoles (CARLOS, 1996).

Na mesma imagem sedutora da “cidade grande” que atrai, há conflitos emergentes, tais como: ressignificação do urbano, intensiva mobilidade social, mutação de referenciais individuais e coletivos, fragmentação tanto do espaço físico quanto da memória social e novas formas de relação espaço-tempo. O acúmulo destes fenômenos nos espaços urbanos traz como consequência elevados custos sociais, principalmente para as metrópoles, onde a favelização, a violência, a segregação, a pobreza e a perda de valores fazem parte do cotidiano da sociedade e são, hoje, um desafio global, aparentemente irreversível.

Estes fenômenos atingem de tal forma a história das cidades, do urbano e das metrópoles, que, no Brasil moderno, a realidade urbana distanciou-se dos discursos e das políticas administrativas. As diferenças sociais têm se acentuado e nas periferias metropolitanas, onde os discursos sobre a gestão das cidades falam de estratégias de alto poder de desenvolvimento e organização, apresentando uma gama de soluções para as problemáticas urbanas que, não se legitimar, calam e negam a existência de outros discursos.

A cidade como paisagem urbana, imaginada e projetada por profissionais de áreas do conhecimento e correntes ideológicas diferentes, afasta-se da cidade construída e da paisagem urbana real, que passam a ser objeto de estudo de sociólogos, antropólogos, geógrafos, historiadores, arquitetos e urbanistas, entre outros. Ao estudá-la esses profissionais buscam soluções que, se não podem eliminar os problemas sociais, culturais e ambientais que rondam as cidades, podem, no mínimo, amenizá-los.

Diante dos conflitos gerados pelos seres humanos entende-se que, diferentemente dos outros animais, os primeiros são os únicos capazes de perceber, agir ou reagir sobre realidades e verdades diversas de um mesmo fato, mudança ou conflito.

Assim o próprio ato humano de refletir sobre um ou mais problemas pode significar uma necessidade espontânea ou um desejo de controlar o processo (SALOMON, 2006). Quando isso ocorre o ser humano passa também por diferentes

formas de manifestações, ou seja, de acomodação, de reflexão ou de indagação frente ao problema, como uma forma de reagir ao mesmo, no intuito de apresentar saída para a situação problema.

Entende-se que toda investigação tem em sua base um problema, uma questão, uma dúvida ou mesmo uma pergunta, que necessariamente necessita estar articulada aos conhecimentos anteriores do pesquisador, demandando uma dúvida articulada aos novos e antigos conhecimentos e referenciais (MINAYO, 1997).

Desse modo, antes mesmo de iniciar a exposição da pesquisa, vê-se a necessidade de apresentar o problema que determinou este processo investigatório como estudo de caso em Fazenda Rio Grande – FRG – periferia metropolitana de Curitiba. *De que forma o contexto e as representações socioculturais e ambientais contribuem para a organização e para a formação de uma identidade social em uma periferia metropolitana?*

1.2 OBJETIVOS E HIPÓTESES

Como objetivo geral esta pesquisa visou analisar a construção das identidades sociais de Fazenda Rio Grande – periferia metropolitana de Curitiba. Os objetivos específicos estabelecidos foram:

- a. identificar o processo de urbanização na RMC, com ênfase na Fazenda Rio Grande e na produção de uma ou mais identidades sociais;
- b. compreender o processo de desenvolvimento sócio-cultural e ambiental na RMC e sua relação com movimentos sociais regionais;
- c. analisar as transformações do sujeito na formação de uma nova identidade social em Fazenda Rio Grande.

Sabe-se que a organização de uma pesquisa exige do pesquisador certa familiaridade com o objeto de estudo, pois esta aproximação permite ao investigador a construção das hipóteses, que são entendidas como respostas plausíveis ou provisórias e encaminham o planejador aos procedimentos metodológicos necessários para a efetivação da pesquisa.

Desse modo, a fim de se alcançar os objetivos propostos por este estudo, a pesquisadora pautou-se nas seguintes hipóteses:

1. no contexto sociocultural e socioambiental de Fazenda Rio Grande - periferia metropolitana de Curitiba - há representações de identidades sociais que permitem o desenvolvimento de uma sociedade autoconstrutiva, o que contribui para a organização e a formação de uma identidade social local, proporcionando uma visão de cidade, onde o sujeito que transforma o espaço transforma-se a si mesmo;
2. o contexto sociocultural e ambiental de Fazenda Rio Grande - periferia metropolitana de Curitiba - conduz à formação de novas identidades sociais, que contribuem para o abandono de identidades anteriores;
3. as antigas representações históricas dos sujeitos oriundos de movimentos sociais que se destacaram nacional ou internacionalmente influenciam diretamente na formação de novas identidades sociais em Fazenda Rio Grande;
4. identidades sociais em periferias metropolitanas são fatores decisivos para a organização e a formação de uma sociedade autoconstrutiva, que transforma simultaneamente espaço e sujeito.

Frente à problemática, com os objetivos e hipóteses estabelecidos, esta pesquisadora selecionou autores que pudessem dar embasamento teórico à pesquisa no que se refere à história das cidades, do desenvolvimento urbano, das consequências sócio-ambientais geridas pelo crescimento de regiões metropolitanas, especialmente da Região Metropolitana de Curitiba – RMC - e da formação de identidades sociais na busca de melhor qualidade de vida.

De início, pautou-se nos estudos de Moura (2001) que mostram que, em trinta anos, a Região Metropolitana de Curitiba – RMC - ultrapassou os dois milhões de habitantes. São 2.425.361 pessoas, distribuídas em 26 municípios¹, um dos motivos pelos quais esta região tem se destacado economicamente como uma das que mais progridem no Brasil. Esse êxito, no entanto, não está visível na qualidade de vida dos moradores da região, pois em um extrato dos municípios periféricos, as diferenças socioeconômicas e ambientais são discrepantes.

¹ Fazem parte da região metropolitana de Curitiba – RMC, os seguintes municípios: Adrianópolis, Agudos do Sul, Almirante Tamandaré, Araucária, Balsa Nova, Bocaiúva do Sul, Campina Grande do Sul, Campo Largo, Campo Magro, Cerro Azul, Colombo, Contenda, Curitiba, Doutor Ulisses, Fazenda Rio Grande, Itaperuçu, Lapa, Mandirituba, Pinhais, Piraquara, Quatro Barras, Quitandinha, Rio Branco do Sul, São José dos Pinhais, Tijucas do Sul e Tunas do Paraná.

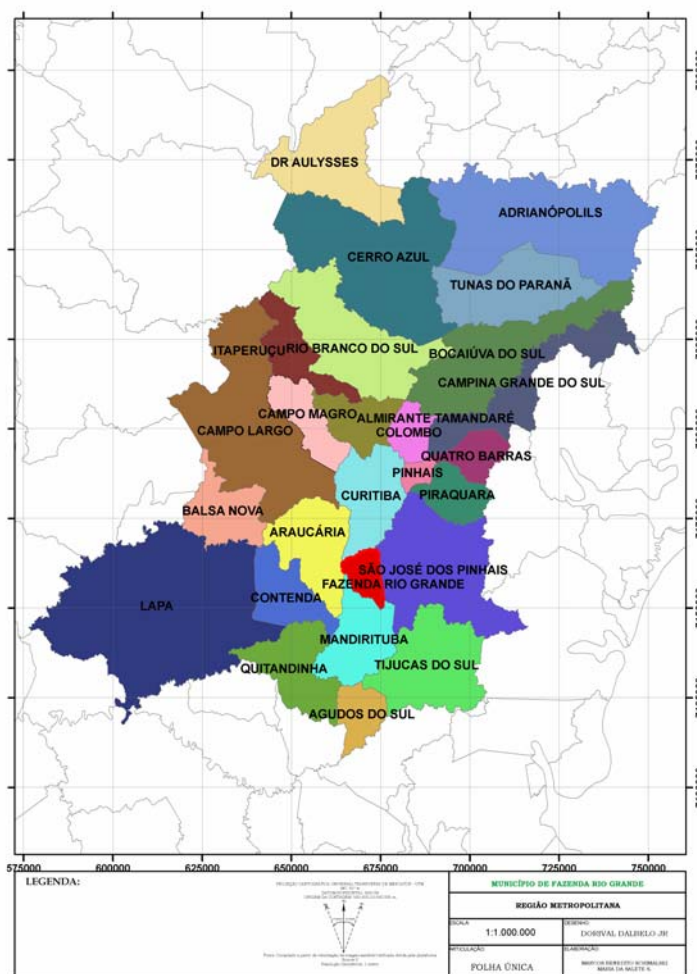


Figura 2 – Região Metropolitana de Curitiba

Fonte: DALBELO JR, D.; SCHIMALSKI, M. B.; SACHWEH, M. S. (2007)

Esta discrepância torna-se visível em Fazenda Rio Grande, que, segundo o IBGE (2000), é a cidade com a mais elevada taxa de crescimento² populacional do Brasil, sendo uma localidade bastante jovem que teve sua emancipação política associada a um contexto socioeconômico atrelado ao crescimento da grande Curitiba. Neste sentido, pode-se entender que a evolução de sua ocupação está intimamente relacionada aos seguintes fatores:

- proximidade com os pólos industriais de Curitiba, Araucária e São José dos Pinhais;

² Taxa de 10,76 % referente à evolução dos censos de 1991 a 2000 na região metropolitana de Curitiba.

- poucas restrições ambientais para a ocupação do território quando de sua emancipação política, enquanto que a maioria dos municípios da RMC já possuía áreas de proteção de manancial;
- facilidade de transporte metropolitano;
- baixo valor da terra;
- grande oferta de lotes.

A segunda metade do século XX acentuou estes fatores, que também estão associados à história da chegada de grandes levas de migrantes vindos do interior do Paraná, de Santa Catarina e de outras localidades do país. Estes migrantes viram-se forçados a deixar o lugar onde moravam motivados pela mecanização da agricultura e pela falta de estímulo ao trabalhador rural no que tange à educação, à saúde, à infra-estrutura e à qualidade de vida.

Fazenda Rio Grande (emancipada politicamente de Mandirituba - Paraná, em 26 de janeiro de 1990, por meio da Lei Estadual nº. 9.213) apresentou-se como uma solução para o inchaço de Curitiba, passando a ser vista como uma cidade dormitório. A cidade não estava preparada, nem em infra-estrutura nem em políticas públicas, quando, em curto espaço de tempo, teve sua população multiplicada várias vezes por diferentes grupos humanos, que deixaram de ser simplesmente estranhos no lugar para se tornar novos atores sociais do espaço urbano fazendense.

O acelerado crescimento, a bagagem cultural, a história, as condições de vida e a formação de uma identidade social destes atores motivaram o desenvolvimento da pesquisa em pauta, que, por sua vez, exigiu a aplicação de uma metodologia específica que permitisse visualizar, objetiva e subjetivamente, os fenômenos antes citados. Em uma análise qualitativa a abordagem deste estudo de caso exigiu também um modo específico de coletar, organizar e analisar dados, cujo propósito foi reunir informações compreensíveis e sistemáticas que permitissem dar profundidade ao estudo.

Na pesquisa de campo optou-se pela entrevista com um pequeno grupo de pessoas que puderam ilustrar a totalidade dos moradores de Fazenda Rio Grande. Trabalhou-se com dezoito atores sociais escolhidos previamente entre diferentes lideranças do Município, por se entender que estes sujeitos estão em freqüente contato com moradores de bairros distantes uns dos outros. Entre eles estão o prefeito municipal, dois vereadores, um secretário municipal, dois líderes religiosos,

duas professoras, dois responsáveis por centros comunitários, três presidentes de associação de bairro, uma engenheira florestal e quatro empresários locais.

Como procedimento metodológico, a revisão bibliográfica privilegiou autores que mantivessem permanente diálogo no que tange a aspectos físicos, econômicos, políticos e sociais que pudessem esclarecer a história de Fazenda Rio Grande, sua formação enquanto município, bem como o crescimento populacional, o desenvolvimento urbano e o surgimento de uma identidade própria.

Optou-se por fazer o estudo lançando mão da análise que embasa a História Oral ao se entender que, de acordo com este procedimento,

[...] o coletivo não corresponde à soma dos particulares. A observância do indivíduo em sua unidade é básica para se formular o respeito à experiência individual, que justifica o trabalho com o depoimento. [E] Neste sentido, a história oral é sempre social (MEIHY, 2002, p. 17-18).

Devido à complexidade do tema proposto, fez-se abordagem temática de acordo com a perspectiva sócio-histórica, pois os objetivos deste estudo exigiram que se considerassem todas as relações do sujeito na sociedade à qual pertence. De acordo com Freitas (2003) a proximidade da pesquisa de abordagem socio-histórica com o paradigma crítico manifesta-se de forma clara pela sua fundamentação comum com o materialismo histórico-dialético.

Gonçalves (2001), por sua vez, afirma que a postura metodológica voltada à dialética e vista em uma perspectiva materialista, permite que se entenda as contradições existentes nas totalidades e que ocorrem a partir do movimento da aparência para a essência; da experiência e abstração para a realidade concreta, do singular para o universal, a fim de se entender o próprio particular. Estas totalidades contraditórias, aliadas à noção de que o sujeito ativo, em relação ao objeto, é histórico, respondem à necessidade de conhecimento do diverso, das particularidades, do movimento, sem, no entanto, cair no relativismo e sem perder o sujeito, que, assim entendido, é necessariamente integral e pleno.

Frente à tal postura, buscou-se entender a importância do conhecimento da história para a transformação do futuro (de forma objetiva), bem como as questões subjetivas implícitas na pesquisa de campo, onde se evidencia a influência das relações políticas, sociais, econômicas e religiosas na formação de uma identidade social.

1.3 ESTRUTURA DESCRITIVA DA PESQUISA

A fim de tratar das identidades sociais de uma periferia metropolitana foi necessário considerar a história de sua ocupação e o conjunto de elementos que formaram as tramas, tanto sociais quanto espaciais, de seu desenvolvimento; tramas estas responsáveis pela simultaneidade das dinâmicas internas e externas da cidade em questão.

Diante disso, estruturou-se o presente trabalho em cinco capítulos, que foram distribuídos conforme a descrição a seguir.

O primeiro capítulo constitui-se na própria introdução da tese, enquanto que o segundo capítulo apresenta detalhadamente a metodologia desenvolvida, tendo como matriz os teóricos da História Oral e da História do Presente, cujo objetivo é a produção de um conhecimento novo, desenvolvido por meio de técnicas de gravação de depoimentos, testemunhos ou relatos de histórias de vida. São discursos submetidos a um julgamento histórico, que comprova as ações do sujeito e as realidades vividas. Conforme Bourdieu (1997) esta metodologia procura extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva dos acontecimentos significativos na história do sujeito.

O terceiro capítulo foi dividido em oito sub-capítulos. Neles estão contidos estudos mais detalhados sobre a História das Cidades, suas finalidades e funções como criação humana. Neste capítulo, também são apresentadas as formas pelas quais as cidades foram sendo urbanizadas, como se deu a criação das metrópoles no Brasil, com ênfase ao surgimento da Região Metropolitana de Curitiba. Em seguida, o foco do estudo voltou-se para Fazenda Rio Grande, como recorte espacial e centro desta pesquisa. Utilizou-se ainda tabelas, gráficos, fotos e mapas cedidos pelo IBGE, pelo IPPUC, pela COMEC e pela VERTRAG³, bem como documentos da própria Prefeitura Municipal de Fazenda Rio Grande.

No quarto capítulo, a teoria e a pesquisa de campo são apresentadas de modo convergente e as identidades sociais de Fazenda Rio Grande são postas frente às mutações que vêm afetando o espaço e as demais sociedades

³ VERTRAG – Empresa de Planejamento com sede em Curitiba, no bairro Barigüi, Rua Grão Nico, 113, sala 206.

contemporâneas, possibilitando que os avanços científicos e suas implicações produzam movimentos sociais, novos sujeitos e novas adaptações sociais de acordo com as necessidades individuais e coletivas.

Decifrando histórias de vida em busca de uma identidade social de Fazenda Rio Grande organizou-se o quinto e último capítulo. Neste ponto do estudo a análise das entrevistas colocou as identidades sociais em um contexto que ultrapassou as fronteiras físicas do espaço urbano. As trocas e as representações simbólicas fizeram deste capítulo um interessante ir-e-vir entre a teoria e a história de vida dos dezoito entrevistados, em cuja narrativa foi possível verificar as identidades sociais que vêm se firmando em Fazenda Rio Grande.

Por fim, nas considerações finais, retomou-se ao objetivo do ingresso desta pesquisadora no curso de Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento, bem como os objetivos e hipóteses que deram origem a este estudo.

2 METODOLOGIA DE PESQUISA

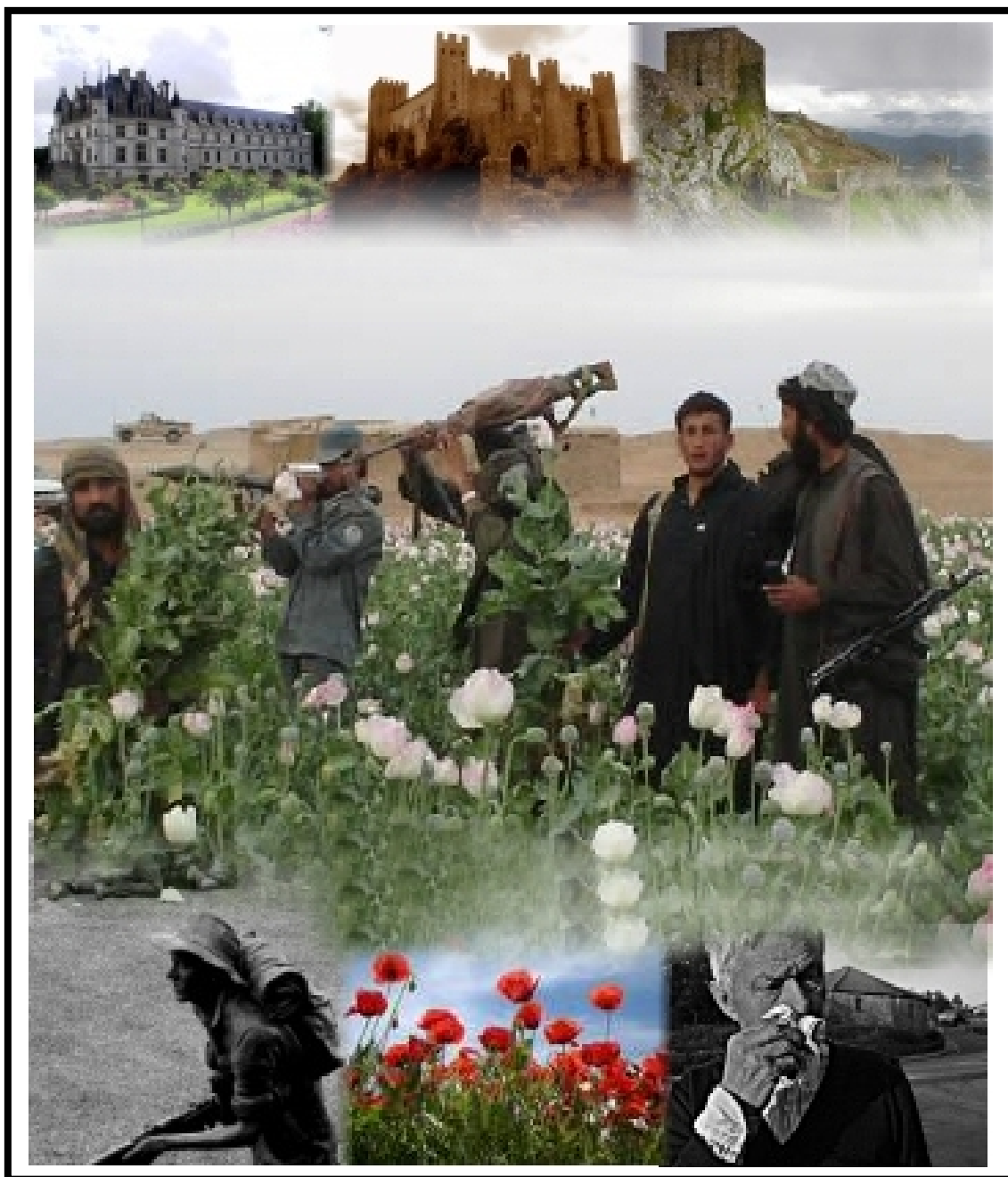


Figura 3 - História: descrição do passado ou matéria para ideologias?

Fonte: MAZURKIEVICZ, G. Foto-montagem de imagens obtidas no site <http://www.olhares.com>. Acesso em: 30 mar. 2007

A história é a matéria para as ideologias nacionalistas ou étnicas ou fundamentalistas, tal como as papoulas são a matéria-prima para o vício da heroína. O passado é o elemento principal, talvez o elemento essencial nessas ideologias. Se não há passado, sempre é possível inventá-lo.

(HOBBSAWN)

Frente à afirmação de Hobsbawn (1999) sobre os perigos que rondam e afligem os profissionais da História, faz-se mister que se detalhe a metodologia da pesquisa aplicada neste estudo.

A história não está representada por uma linha contínua, mas também por outras linhas, a da fragmentação e da visão de que os processos não seguem sempre uma seqüência e, por vezes, indicam um caminhar oscilante que vai tanto para frente quanto para trás. Com isso, percebeu-se que, na história, encontram-se narrativas construídas por representações temporárias e falhas no seu discorrer, quando se tenta justificar todos os fenômenos unicamente pela sua utilidade humana, não pelas vantagens que podem oferecer, mas pelos princípios de sua explicação. É necessário, portanto, encontrar na história as suas utilidades. Fazendo isso, encontram-se também razões para estudá-la (BACHELARD, 1996).

Desenvolver esta pesquisa adotando uma postura pluri e interdisciplinar tornou-se um desafio intenso e reflexivo para a pesquisadora, pois se discutia a construção de uma ou mais identidades em Fazenda Rio Grande frente à modernidade, quando espaço, tempo, configurações e movimentos transbordam os limites convencionais do conhecimento da história e avançam na busca de outras ciências, para que juntas encontrem respostas e soluções para problemáticas que atingem o todo no presente.

Ianni (1994) afirma que as noções de espaço e tempo, fundamentais para todas as ciências, estão sendo revolucionadas e dinamizadas pelos avanços científicos e tecnológicos que estão cada vez mais sendo incorporados aos movimentos da sociedade global. Para o autor o mundo moderno vem se constituindo em redes de articulações, alianças e fusões estratégicas de empresas e conglomerados, fundações, corporações, centros e institutos de pesquisas, universidades, igrejas, partidos, sindicatos, governos, meios de comunicação impressa e eletrônica. As novas formas de relacionamento vêm desenvolvendo tecidos que, ao mesmo tempo em que aceleram, também encurtam as relações, os processos e as estruturas, bem como os espaços e tempos, as geografias, histórias e culturas.

A modernidade produz na história alterações tantas e tão aceleradas que o imaginário torna-se em curto espaço de tempo, realidade. Os horizontes ampliam-se para além do espaço visível da nação, da ilha, do arquipélago, da região, do continente, do mar e do oceano. Assim, o local e o global estão simultaneamente

próximos e distantes, são semelhantes e totalmente diversos. Nesta perspectiva as identidades sociais vivem momentos contraditórios de permanências, mudanças, perdas, ganhos, permutas; deste modo, multiplicam-se.

Por entender que a modernidade tem influenciado de tal modo a sociedade atual, a qual Baudrillard (1992) classifica como sociedade da velocidade e cujo caráter é extremamente heterogêneo, pois se encontra marcado pelas diversidades sociais, culturais, ambientais e políticas; esta pesquisadora procurou organizar-se metodologicamente de acordo com um planejamento (demonstrado no esquema da Figura 4) que a orientasse no desenvolvimento da pesquisa e lhe permitisse ter, simultaneamente, a visão da construção das partes e do todo, pois a diversidade de material e a abrangência do tema poderiam conduzir a diferentes caminhos que, se percorridos separadamente, poderiam distorcer os resultados da pesquisa.

O esquema que será descrito a seguir foi desenvolvido por se entender que planejar não é um ato isolado. Necessita ser visualizado em seu processo final por ações inter-relacionadas e interdependentes, que visam atingir objetivos previamente estabelecidos na problemática.

Fase I

A primeira fase desta pesquisa começou a ser estruturada a partir do ingresso no doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento, na linha de pesquisa que trata dos problemas que atingem as cidades, os processos de urbanização e o desenvolvimento das metrópoles, especialmente da Região Metropolitana de Curitiba. O estudo inicial deu-se em 2003/2004 e exigiu dos vinte e sete alunos, oriundos de diferentes áreas do conhecimento disciplinar, muito estudo e concentração frente à matriz curricular do curso, que oportunizou a todos um diálogo de saberes e experiências que contribuiu para o encaminhamento das pesquisas individuais.

O passo seguinte voltou-se para o processo de avaliação do desempenho dos alunos, bem como do programa. Foram apresentados aos professores trabalhos coletivos e interdisciplinares. Alguns destes produziram resultado quase que imediato, sendo levados a congressos, seminários e fóruns locais, nacionais e internacionais.

Assim, a linha de pesquisa Urbanização, Cidades e Ambientes Urbanos do curso em pauta permitiu conhecer ensaios teóricos, discussões com outros saberes, bem como desenvolver um trabalho interdisciplinar durante as oficinas, formadas desta feita por sete alunos: uma arquiteta, uma enfermeira, uma fonoaudióloga, duas geógrafas, uma historiadora e um economista. Os diferentes trabalhos foram direcionados para a linha específica através de um estudo coletivo e de campo, pelo qual se propunha realizar um diagnóstico da Região Metropolitana de Curitiba, objetivando definir uma problemática comum, sem, no entanto, deixar de contemplar os estudos de cada um, individualmente.

Fase II

Na segunda fase a organização do desenho da pesquisa individual ganhou corpo após a conclusão do diagnóstico da RMC por meio de leitura e fichamento sistemático de obras voltadas às questões urbanas. Visitas constantes às cidades que compõem a Região Metropolitana de Curitiba mostraram ser possível definir que a pesquisa trataria de apenas uma cidade como forma de ilustrar o todo. Optou-se como recorte espacial pelo Município de Fazenda Rio Grande. A partir de então várias visitas permitiram uma aproximação com a estrutura física da cidade (bairros, escolas, praças, igrejas, entre outros pontos) e principalmente com seus habitantes, que, por sua vez, auxiliaram a leitura de documentos, fotos e mapas, bem como ajudaram a fazer a seleção dos entrevistados que representariam a totalidade do município.

Fase III

A terceira fase deste estudo culmina com a pesquisa de campo em si. O seu desenvolvimento ocorreu após contatos com uma moradora antiga, que vive em Fazenda Rio Grande há mais de 35 anos. Funcionária pública, que além de conhecer com profundidade a história da cidade ela conhece também todos os bairros e muitos de seus antigos e novos moradores, bem como as diferentes associações ali existentes. Foi a partir das informações desta entrevistada que se percorreu os diferentes bairros em busca dos dezoito entrevistados, moradores do

local há mais de cinco anos. A marcação dos pontos *Global Positioning System* (GPS) permitiu que se conhecesse o Município através de imagens de satélites em órbita ao redor da terra. Verificou-se, assim, a evolução da ocupação do solo, as áreas de risco e de invasões, entre outros aspectos. Ainda nesta etapa foram produzidas uma série de fotos, que auxiliaram a descrever a cidade e a história de sua ocupação, todas obtidas após conversas informais com setenta e seis outros moradores de Fazenda Rio Grande.

Fase IV

A quarta e última fase deste estudo foi a mais lenta, pois neste ponto ocorreu a transcrição integral das entrevistas, que foram extensas por se tratar da história de vida dos moradores. Após as referidas transcrições foram selecionados os fatos e as categorias, conforme estabelecido nos instrumentos de pesquisa (tratados detalhadamente mais adiante).

Partiu-se, então, para a análise e a interpretação dos dados coletados, buscando sempre associá-los à teoria estudada no decorrer do curso e também à experiência profissional. Os contatos contínuos com os moradores de Fazenda Rio Grande incentivaram a apresentação dos resultados da pesquisa ali desenvolvida em forma de seminário, o que promete auxiliar na publicação deste estudo tão logo se dê a discussão e a defesa pública no MADE.

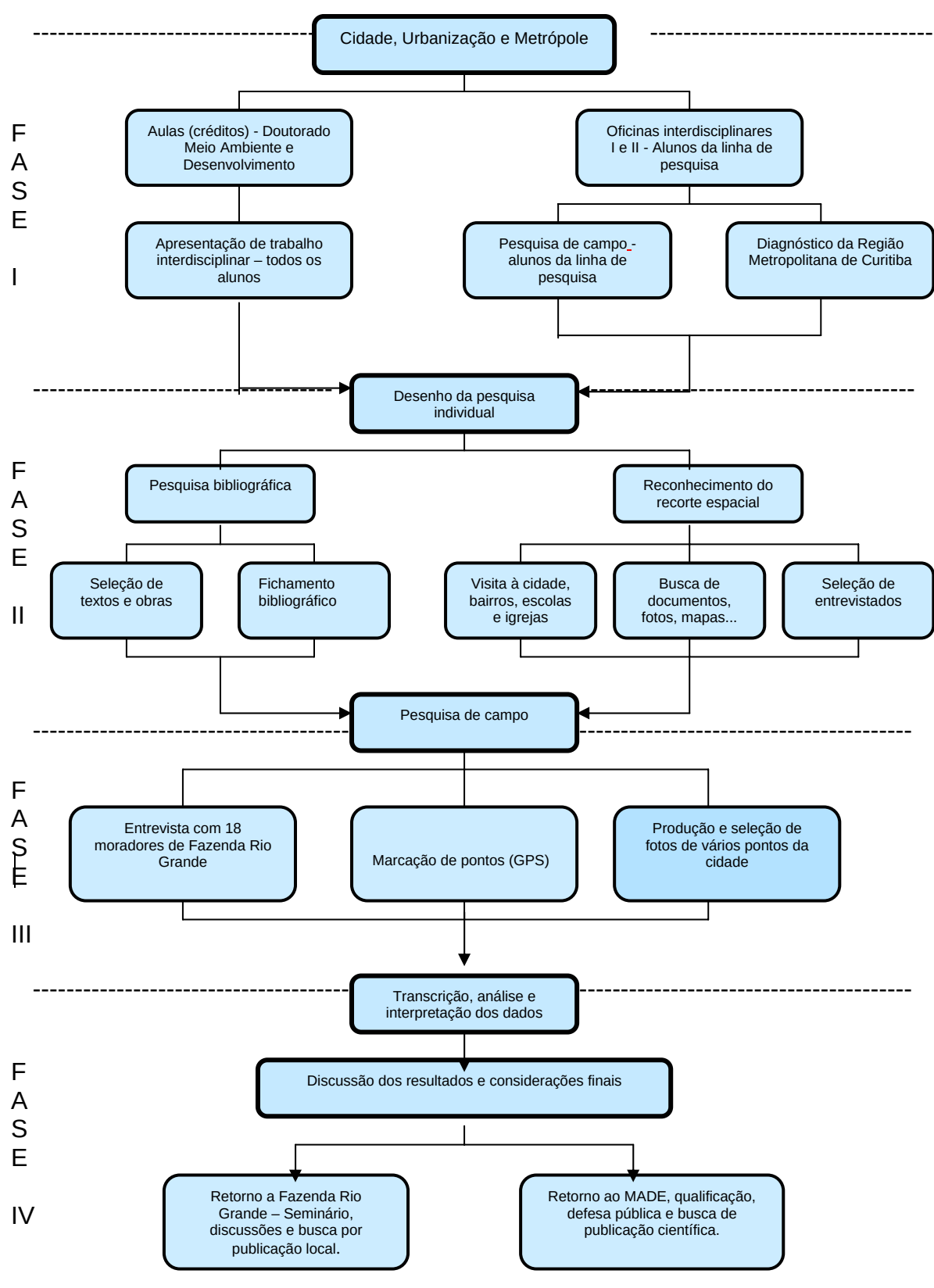


Figura 4 – Planejamento e organiza  o da pesquisa

Fonte: SACHWEH, M. S. (2006)

2.1 PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS

O problema central e desafiador deste estudo permitiu que se fizessem outros questionamentos que nortearam a pesquisa:

- O que é identidade social? Quais as suas manifestações?
- De que forma o contexto sociocultural e ambiental de uma periferia metropolitana influi na formação de uma identidade social que busque melhores condições de vida de seus habitantes?
- O que significa ter uma ou mais identidades?
- Que representações históricas se fazem presentes nas identidades sociais de uma região periférica?
- De que forma a mobilidade urbana tem influenciado a formação de uma identidade social local?
- Aqueles que vêm de regiões onde houve significativos movimentos sociais demonstram ter uma identidade social mais firme e coesa?
- Ao adquirir outras identidades os novos moradores de uma região periférica perdem as identidades anteriores?

Diante de tais questionamentos percebeu-se que tratar estes fenômenos empiricamente exigia trabalhar uma metodologia que permitisse visualizá-los qualitativa, objetiva e subjetivamente. Assim, em um primeiro momento, buscou-se fazer uma revisão bibliográfica bastante eclética, motivo pelo qual se recorreu a diferentes leituras, abordagens e correntes que permitiram entender de maneira interdisciplinar os diferentes conceitos que permeiam os processos de desenvolvimento e urbanização das cidades, bem como o modo de vida que rege e determina a formação de identidades sociais.

Ao se adotar uma postura pluri e interdisciplinar passou-se a conceber a história global como uma ciência que enriquece e é, simultaneamente, enriquecida pelas outras ciências. Foi este o motivo pelo qual utilizou-se de vasta bibliografia. Os autores pesquisados são oriundos de áreas diversas do conhecimento, tais quais Sociologia, Antropologia, Psicologia, Geografia Humana, História, entre outras, o que permitiu conhecer conceitos e significados díspares para o que antes não se conseguia ver, por se encontrar de maneira oculta e intrincada na problemática em questão.

Compreende-se, assim, a afirmação de Nietzsche (1991) de que todo conceito nasce da identificação do não-idêntico. Diante dessas palavras viu-se a complexidade das representações de uma identidade social e de seus significados, associados à formação de uma periferia metropolitana. Optou-se, por isso, por aplicar uma metodologia específica de pesquisa que permitisse estudar e analisar as identidades sociais presentes no grupo escolhido como objeto de investigação.

A metodologia permitiu fazer uma análise qualitativa, característica de um estudo de caso dos trabalhos de campo de historiadores originários da Nova História e da História do Presente. Entre seus teóricos encontra-se Maurice Halbwachs, um dos principais responsáveis por pesquisas que enfatizam a história e a memória coletiva. Seguindo seus passos encontram-se historiadores como Pierre Nora, Michel Pollak, Paul Thompson, Philippe Ariès, entre outros. As obras de todos eles sinalizam estudos históricos sobre a construção de identidades sociais que se utilizam de instrumentos voltados para análise da história de vida, valendo-se da vertente do materialismo histórico-dialético sem, no entanto, servir-se somente desta Fonte.

Em Halbwachs (2004) encontra-se uma afirmação sobre a negação: não existe memória individual sozinha, ela, por si só, já é uma representação do coletivo, pois as lembranças, as idéias, os reflexos, sentimentos de amor ou ódio que se pensa serem subjetivos são, na verdade, construídos e constituídos no interior de um ou mais grupos sociais.

Assim, é possível entender que na base das lembranças existe um estado de consciência puramente individual. É necessário que se tome cuidado para distinguir tais lembranças das percepções nas quais os elementos fundantes de origem partem do pensamento social.

Halbwachs (2004) alerta que as lembranças do sujeito podem ser construídas, reconstruídas ou simuladas a partir de sua vivência em diferentes grupos sociais, nas quais o sujeito constrói e também libera suas representações. Estas, por sua vez, devem ser percebidas como quadros, imagens ou símbolos de um contexto socioambiental, espacial e histórico, cujas figuras não estão reduzidas somente a datas, nomes e fórmulas, mas sim a representações de correntes de pensamento e de experiências, cujo passado é atravessado por isso tudo, estando, portanto sujeitas a flutuações, transformações e a constantes mudanças.

Neste sentido, Nora (1993) observa que a memória do sujeito enquanto ser social transforma-se em um lugar, que ocupa espaço acumulando religiosamente vestígios, testemunhos, documentos, imagens, discursos e sinais visíveis do que já foi. Deste modo, os lugares da memória existem em um sentido material, funcional e simbólico, ou seja, têm materialidade e tangibilidade, tem função de soldar o coletivo e também de operar no âmbito do simbólico.

Frente a essa leitura do passado, compreende-se que a memória coletiva é organizada de modo contínuo e que, mesmo quando estudada individualmente, precisa ser vista na sua pluralidade. Isso porque a memória do sujeito, de um grupo ou de uma nação resulta da continuidade de um ou mais conjuntos, cujas tradições, usos, costumes e culturas mantêm seguimentos que lhes garantem a formação de identidades sociais, caso contrário pode ocorrer a decomposição de uma ou mais identidades em um processo que se pode chamar de desidentidades (MEIHY, 2002).

Para Pollak (1992) trabalhar com a história de vida é também observar as projeções e transferências organizadas tanto pela memória individual quanto pela coletiva. Lembra este autor que a memória é seletiva e que podem ocorrer dois fenômenos intrínsecos, simultaneamente ligados e, ao mesmo tempo, diferenciados entre si: o primeiro é que nem tudo que é vivido pelo indivíduo fica gravado ou registrado na memória; enquanto o segundo indica que o mesmo fenômeno pode estar sendo estruturado pela coletividade e será adotado por outros como memória herdada, ou seja, os fatos narrados podem não se referir tão somente à vida física da pessoa, mas às flutuações e funções do momento em que ela (a memória) foi articulada, organizada e expressa como memória de um povo.

Deste modo, a memória torna-se fator determinante da formação de identidades, sejam elas nacional, política, cultural ou, ainda, aquela que não é a soma, mas maior que a sua soma, representada pela identidade social (POLLAK, 1992).

Ao tratar da construção do modo de habitar e de viver, morar e habitar em uma metrópole, Carlos (2004, p. 118) afirma que a prática socioespacial, que aparece no plano vivido como um modo de apropriação dos lugares, onde as coisas acontecem em todos os instantes da vida cotidiana, vai além da casa e se reproduz na relação do espaço social casa-rua, casa-bairro, casa-avenida, casa-cidade e outros. Desta maneira, pelo modo de uso da cidade, pode-se entender como vão sendo tecidas as tramas das relações do indivíduo em sociedade e como estes

passam a se identificar com os lugares, onde, ao viver e conviver com os outros, realizam atos banais da vida cotidiana. É por meio da concretização destes atos que se produzem as identidades sociais do cidadão-lugar e que irão

[...] constituir a base sólida através da qual germinará a memória. [...] Como a identidade sustenta a memória, as formas urbanas impressas na memória articulam espaço e tempo, construídas a partir de uma experiência vivida em determinado lugar (CARLOS, 2004, p. 118).

Nesta perspectiva há que se lembrar que, nos campos da sociologia, da história, da geografia, das ciências humanas e sociais enfim, existe uma constante busca pela função da cidade e do urbano como desdobramentos que vão além do sentido econômico e político. Fato este, que pode ser observado nos estudos de Lefebvre (2001) ao definir uma cidade como uma expressão do conjunto formado pelo encontro e pela reunião de todos os elementos da vida social, de todos os produtos da terra, dos símbolos e de todas as criações culturais nela existentes.

Frente ao exposto, convém emprestar as idéias de Castells (2000, p. 13) quando afirma que os instrumentos teóricos não têm fronteiras históricas nem geográficas, pois a teoria é única. E quando se fala em adaptar uma teoria, como por exemplo, o materialismo histórico, a situações distintas, isto pode significar por um lado, que cada análise concreta, real e sólida, é sempre específica. Diante disso deve-se combinar, ou ajustar em parte, os instrumentos de que se dispõe, com o fim de respeitar a especificidade histórica de cada situação, ao invés de adaptar toda situação nova a esquemas que tenham sido forjados em situações relativamente distintas. Adverte este autor que, por outro lado, há que se lembrar também de que é necessário produzir constantemente novos conceitos, descobrir novas leis, na medida em que as condições históricas mudam. Motivo pelo qual buscou-se os estudos de Minayo (1997). O autor afirma que a teoria baseia-se no conhecimento para o processo de investigação como um sistema organizado de proposições, ou seja, declarações afirmativas sobre fenômenos e/ou processos orientam a obtenção dos dados e a análise dos mesmos e de conceitos que veiculam seu sentido. Ao se utilizar de um conjunto de proposições a teoria busca uma ordem, uma sistemática, uma organização do pensamento e sua articulação com o real encontrado.

2.2 ESTUDO DE CASO: ANÁLISE QUALITATIVA DE CONTEÚDO ORGANIZADO SEGUNDO A HISTÓRIA ORAL

Antes de se apresentar o instrumento que amparou o desenvolvimento da pesquisa de campo durante as entrevistas, cujo enfoque remete à história de vida de antigos e novos moradores de Fazenda Rio Grande, discorrer-se-á com brevidade o que se entende por estudo de caso, de acordo com uma análise qualitativa de conteúdo, organizada segundo a história oral.

O estudo de caso foi utilizado como estratégia de pesquisa de campo por ser este método um dos mais usados na investigação dos fenômenos à medida que eles ocorrem e não sofrem a interferência direta do pesquisador. Seu principal objetivo é compreender os acontecimentos em questão e, simultaneamente, desenvolver teorias comuns sobre as características básicas do fenômeno observado.

O estudo de caso é usado com maior frequência nas ciências sociais, em disciplinas tradicionais como psicologia, sociologia, ciência política, antropologia, história e economia, bem como em disciplinas pautadas efetivamente na prática do planejamento urbano e regional, na administração pública, nas relações industriais, nas políticas e agências públicas, no estudo de planos e organização de bairros, no serviço social, além da educação.

Hartley (1994) afirma que o ponto forte do estudo de caso é a sua capacidade de explorar os processos sociais como fenômenos contemporâneos à medida que esses ocorrem nas organizações, permitindo uma análise processual, contextual e longitudinal das várias ações e significados que nelas são construídos.

A natureza mais aberta da coleta de dados em estudo de caso permite analisar detalhadamente os processos e as relações existentes entre eles, isto porque uma das características deste tipo de estudo é um conjunto de técnicas que visam obter, através de procedimentos metodológicos, a descrição do conteúdo das mensagens com indicadores (quantitativos ou não), permitindo a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e recepção destas mensagens.

As mensagens resultantes da técnica de entrevista de história de vida que são, por natureza, interativas, permitiram por sua vez tratar do todo, dada a representatividade contida em cada uma das entrevistas e depoimentos que, segundo os teóricos da História Oral, têm seu valor em si.

Para Meihy (2002) parece ser injusto pensar que, em um universo muito grande de pessoas, realizem-se umas poucas entrevistas e que as mesmas representem um conjunto social. Como exemplo o autor cita o significado de uma experiência de migrantes nordestinos para o sul do Brasil. Neste caso, não é possível se pensar em uma única entrevista como responsável pela síntese dos insucessos ou fracassos coletivos. Da mesma forma, torna-se impossível entrevistar um conjunto como se fosse o todo e, mesmo que alguém o fizesse, isso não significaria encontrar nas entrevistas respostas aos inúmeros conflitos existenciais do contexto.

Fez-se necessário, portanto, pensar em um tipo de entrevista e também de depoimento que abarcasse pontos comuns vividos individual ou coletivamente pelos grupos sociais.

Deste modo, foi imperativo pensar-se também nas entrevistas e depoimentos que apresentassem versões individuais sobre cada fenômeno estudado. Justificou-se, assim, a soma dos argumentos que caracterizam a experiência coletiva, isto porque, metodologicamente, cada depoimento para a história oral individual tem peso autônomo, mas é, ao mesmo tempo, a representação do conjunto.

2.3 PESQUISA DE CAMPO

[...] o trabalho do historiador, como o do educador (visto que existem inúmeras obras elaboradas por educadores com preocupação similar), visa à explicação, entendida como um relato organizado numa trama compreensível e que o texto resultante terá várias interpretações, produto de individualização diferentes.

(DMITRUK)

Ao tratar da História Lefebvre (1969) acena para a dialética nela contida como ciência que mostra como as contradições podem ser (isto é, *vir-a-ser*) concretamente idênticas e por que a razão não deve tomar essas contradições como coisas mortas e petrificadas, mas como coisas vivas, móveis, que disputam uma contra a outra através de sua luta. Em meio aos momentos contraditórios encontra-se a história, com sua parcela de verdades e também de erros que não se misturam, na qual o conteúdo, respeitado como unilateral, é recaptado e elevado a nível

superior. Deste modo, chega-se a entender de que modo as relações sociais se interligam às forças produtivas e de que maneira os homens, ao modificar seu modo de produção, alteram também todas as suas relações sociais.

Durante o desenvolvimento desta pesquisa verificou-se, no entanto, a necessidade de se compreender a seriedade dos fenômenos da consciência, os quais tiveram que ser estudados em si mesmos. Nesse sentido pode-se afirmar que o saber e o fazer resumem-se a fenômenos em construção a partir dos objetos ideais existentes na mente humana, os quais podem ser designados por uma única palavra que representa a sua essência, ou seja, a sua significação.

Para Bourdieu (2002a) trabalhar com a história de vida é um caminho a ser percorrido, que significa fazer e aceitar a trajetória, o *cursus*, a viagem, o deslocamento linear e unidirecional do entrevistado, cuja mobilidade teve um começo, etapas de desenvolvimento e um fim.

Entende-se, portanto, que a vida pode se constituir num todo, num conjunto coerente ou não, e que este todo pode ser apreendido como expressão unitária de uma intenção subjetiva e, ao mesmo tempo, objetiva, de um projeto de histórias comuns na razão do ser e na história de vida do mundo presentes na memória do sujeito e de sua coletividade.

Pollak (1992), por sua vez, recorrendo à psicologia social, afirma que a construção de uma identidade social está fundamentada em três (3) elementos essenciais: 1) a existência da unidade física, ou seja, o sentimento de haver fronteiras físicas, quando se refere ao corpo da pessoa ou às fronteiras de pertencimento do grupo, no caso de um coletivo; 2) a existência de uma continuidade dentro do tempo, agora no sentido físico da palavra, mas também no sentido moral e psicológico e 3) a existência de um sentimento de coerência, ou seja, de que os diferentes elementos que formam um indivíduo são efetivamente unificados através da memória.

Pollak (1992) afirma que é importante observar estes elementos, motivo pelo qual alerta que, se houver uma forte ruptura desse sentimento de unidade ou de continuidade, pode-se observar fenômenos patológicos, e destaca que a memória é um elemento essencial e constituinte do sentimento de identidade, tanto individual quanto coletivo. Ao mesmo tempo, ela é um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.

Ao continuar sua reflexão sobre a construção de uma identidade social, o autor assegura que a identidade social, além de formar a imagem de si para si e para os outros, faz com que o indivíduo, por extensão ao seu meio ou grupo, construa uma auto-imagem. Ela pode ser mudada ou transformada quando confrontada com o outro, expandindo assim, sua memória e identidade.

A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo (POLLAK, 1992, p.205).

Frente ao exposto pode-se afirmar que, ao se utilizar a história de vida como um procedimento metodológico, isso não significa o uso da mesma somente como uma técnica de coleta de dados. Além disso, verifica-se que nas narrativas estão as sínteses de discursos de um ou mais sujeitos sobre a construção de experiências humanas vividas coletivamente, onde ocorre demonstração das tendências mundiais.

À medida que as narrativas acontecem, mesmo individualmente, verifica-se que há nelas as manifestações da coletividade. A este respeito, buscam-se as idéias críticas de Bourdieu (1979, p. 190-191). O autor afirma que tentar compreender uma vida é como assistir a

[...] uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um 'sujeito' cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio. É quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto de metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações. Os acontecimentos biográficos se definem como colocações e deslocamentos no espaço social.

Frente a este pensamento de Bourdieu fez-se necessário pensar que o ser sujeito que vive em sociedades é também responsável pelas ligações e interligações nas redes que formam as estruturas e dão sentido à história da humanidade.

Segundo Weil (1979) estas ligações e participações reais, ativas e naturais dos seres humanos em grupos sociais que conservam tradições, usos, costumes, heranças e memórias do passado, produzem também novas aberturas que podem

redesenhar sua história de vida, dando-lhe novos significados. A história de vida define-se, assim, através das colocações e dos deslocamentos no espaço social, bem como das formas dos enraizamentos ou desenraizamentos aos princípios da vida moral, intelectual e espiritual, herdados e assimilados de gerações anteriores e transformados na trajetória da História de vida do presente, doados à História do futuro pela linguagem e relatados por meio da História Oral.

Desse modo, a História Oral como princípio técnico-metodológico, levou esta pesquisadora a campo no município de Fazenda Rio Grande - onde foram realizadas observações sobre o espaço e a população. Por optar-se por uma pesquisa de cunho qualitativo ilustraram a representação do todo, dezoito entrevistados, que tiveram um papel fundamental para a apresentação dos resultados. Em seguida, desenvolveram-se questões semi-estruturadas para entrevistas, narrativas espontâneas e comentários livres, que foram gravados com a autorização dos entrevistados. Organizou-se ainda um diário de campo para descrever os procedimentos e alterações realizadas. Em seguida, fez-se a análise individual, em conjunto com os entrevistados, de fotos de diferentes épocas, bem como de documentos, registros etnográficos e mapas.

A organização das entrevistas partiu de um esquema que se desenvolveu após minuciosa análise de textos sobre a formação e a consolidação das identidades e sobre as diferentes representações destas relações a partir do seu próprio eu, pois se acredita que falar de um sujeito como ser individual é praticamente impossível, de modo que ao tratar deste não há como deixar de se reportar às suas significações sociais e às representações histórico-sociais que se estruturam no seu modo de ser e de agir perante a sociedade.

Conforme demonstrado na Figura 5 entende-se que a visibilidade social do indivíduo é um fenômeno que aumenta suas proporções, à medida que este indivíduo convive com diferentes grupos sociais e vai assimilando, mudando e acomodando em seu modo de ser, de participar e de socializar com o outro as experiências vividas pelo eu individualmente, e com outro, coletivamente, seja na família, na escola, na vizinhança, no ambiente de trabalho, na igreja ou durante atividades de lazer.

Para Dubar (2005) esta socialização, que é um processo interativo e, ao mesmo tempo, multidirecional, pressupõe uma transação entre o ser que se socializa e os socializadores, de maneira que as representações e participações

sócio-econômico-político-culturais e ambientais passam a fazer parte do sujeito. Ao assumir desejos, compromissos e valores dos grupos aos quais pertence, esse sujeito assume também diferentes identidades e a sua totalidade pode ser chamada de identidade social.

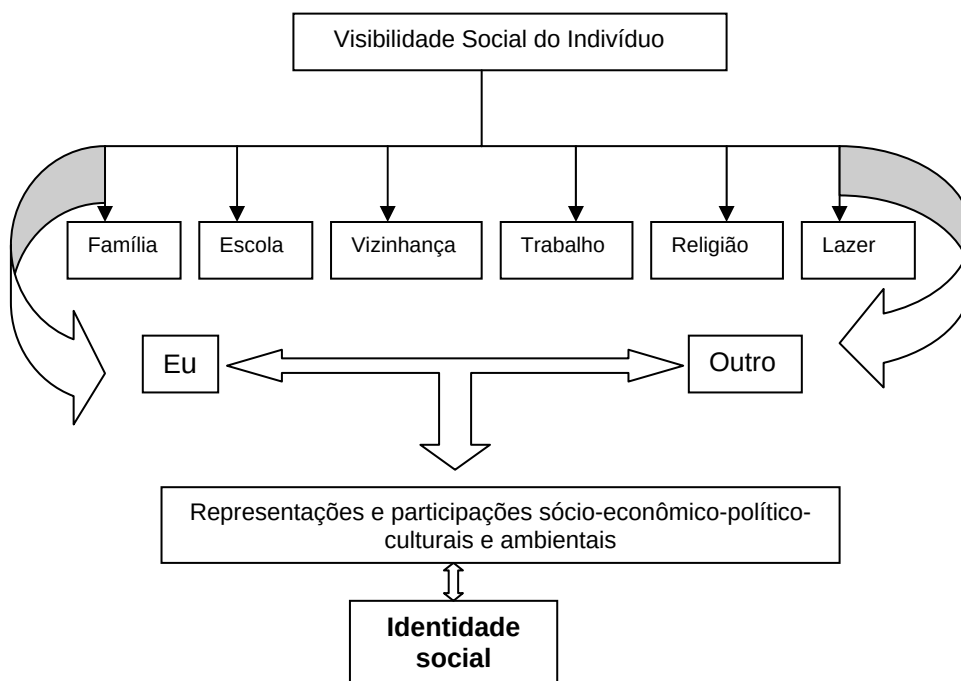


Figura 5 – Visibilidade social do indivíduo

Fonte: SACHWEH, M. S. (2006)

Com o auxílio de Percheron (1974) foi possível compreender que o processo socializador que se desenvolve na construção de uma identidade social não é apenas uma transmissão de valores, de normas e de regras, mas sim uma divisão e, ao mesmo tempo, uma ampliação dos significados e representações do mundo. Aquelas normas que não são impostas pela família, pela escola ou pelos demais grupos sociais, mas sim, pelo modo como cada indivíduo vai compondo em si as representações criadas pelo outro, são reinterpretadas e servem à construção de novas e originais representações.

Deste modo, com a realização das entrevistas com dezoito moradores de Fazenda Rio Grande, procurou-se demonstrar que havia uma tendência de se identificar o todo. Por meio da normalidade e da constância encontradas no tempo e nas unidades dos espaços sociais dos diferentes atores, cuja manifestação de individualidade está representada em campos distintos, permitiu-se mostrar que o

que ocorre entre este grupo de atores chave ilustra o todo, representando a identidade socialmente instituída pela constância em si mesmo.

A fim de se controlar as entrevistas e nortear o relato da história de vida dos moradores de Fazenda Rio Grande, visando sempre tratar do tempo e do espaço, de diferenças e semelhanças, de permanências e mudanças, elaboraram-se seis questões básicas:

1. Que valores (ex.: respeito, solidariedade, participação, segurança, religião) culturais caracterizam e identificam a comunidade do entrevistado?
2. Que contribuições para a formação de uma identidade social os novos e atuais moradores de Fazenda Rio Grande trouxeram? Que problemas ou entraves (econômicos, sociais, culturais, religiosos, econômicos e de segurança, violência, discriminação...) o crescimento populacional tem trazido com relação à formação de uma identidade social x busca de qualidade de vida?
3. Existem planejamento, ações e documentos que apontem para a busca de melhor qualidade de vida em Fazenda Rio Grande? (Existe sintonia entre os políticos públicos estaduais e municipais e as organizações comunitárias, orientada para a formação de uma identidade social e para a busca de qualidade de vida?)
4. De que modo a vinda dos migrantes tem acrescentado capital social na constituição das comunidades/bairros do Município?
5. Que dificuldades as organizações comunitárias encontram na estruturação de uma identidade social frente às comunidades de migrantes?
6. Como os líderes comunitários têm percebido as contribuições e os problemas trazidos pelos migrantes? (Escola, igreja, comércio, saúde...?) E que preocupações, medidas, soluções, e propostas estes líderes, como mediadores, têm auxiliado a identificar para promover a "identidade social" da população?

As entrevistas foram gravadas e em seguida transcritas, para depois serem levadas a cada um dos entrevistados a fim de que eles autorizassem (através de assinatura no próprio documento transcrito) sua divulgação como resultado de uma pesquisa acadêmica.

3 DO IMAGINÁRIO URBANO ÀS REALIDADES SOCIOAMBIENTAIS DAS PERIFÉRIAS METROPOLITANAS



Figura 6 – Do imaginário às realidades socioculturais e ambientais

Fonte: MAZURKIEVICZ, G. Foto-montagem de imagens obtidas no site <http://www.olhares.com>
Acesso em: 30 mar. 2007

Marco Pólo descreve uma ponte, pedra por pedra. – Mas qual é a pedra que sustenta a ponte? – pergunta Kublai Khan. – A ponte não é sustentada por esta ou aquela pedra – responde Marco -, mas pela curva do arco que estas formam. Kublai Khan permanece em silêncio, refletindo. Depois acrescenta: - Por que falar das pedras? Só o arco interessa. Pólo responde: - Sem as pedras, o arco não existe.

(CALVINO)

Para entender a constituição da sociedade no processo de desenvolvimento urbano foi necessário que se fizesse uma retrospectiva histórica do passado, quando da união dos seres humanos em lugares comuns. Conforme Munford (1998), para analisar problemas que cercam a vida urbana atual, faz-se mister compreender a natureza histórica da cidade e distinguir as funções originais que a antecederam e as que poderão ainda emergir.

Mas como compreender a formação, as funções e as finalidades das cidades? Como entender o processo de desenvolvimento pelos quais passaram os seres humanos no ato de criação das cidades? Que problemáticas socioculturais e ambientais se consolidaram nos grupos humanos, quando estes se uniram uns aos outros com diferentes culturas? De que forma suas identidades produziram e produzem o espaço urbano?

Buscando esclarecer estas dúvidas foi necessária uma incursão ao passado, às antigas vilas européias elevadas à categoria de cidade por ter uma catedral (SMALL; WITHERICK, 1992). Foi o caso de *Montingnac*, *Sarlat*, *Carcassone*, *Saint Guilhem le Desert* e *Perpignan* (França), *Barcelona* e *Girona* (Espanha), entre outras. Estas cidades acumulam história de culturas variadas, resultado de lutas e invasões e, justamente por isso, apresentam diferentes representações dos signos urbanos. Nelas o espaço urbano sofreu mudanças com o passar do tempo, porém, entre as muralhas que o cercam, ainda é possível entender a maneira de pensar da época e explorar de forma mais consciente seu modelo de concepção, os momentos em que chegaram ao ápice e ao declínio, bem como o constante movimento de construção e reconstrução humana.

Nas cidades medievais a nobreza distanciava-se dos pobres, despossuídos e servos, através das grandes muralhas de seus castelos. Hoje esta representação mudou, mas a idéia da fortaleza protegida continua preservada, efetivando outra forma de segregação. O isolamento atual fica visível quando as classes mais abastadas tentam fugir das questões socioculturais e ambientais geradas nas cidades e sociedades, fechando-se em condomínios projetados de acordo com a mais alta tecnologia de segurança.

Diante desse contexto tornou-se imperativo que a retrospectiva do passado se fizesse ora pela história dos homens e mulheres, ora pela história do desenvolvimento urbano, do trabalho, do modo de vida, das grandes mudanças e dos diferentes significados da urbe. Assim é possível compreender a forma como a

natureza das cidades foi sendo alterada à medida que, como construções coletivas, elas foram crescendo para atender as necessidades conscientes ou inconscientes dos seres humanos.

É interessante observar que, ao transformar o espaço físico, o desenvolvimento das cidades vai também transformando o modo de vida daqueles que a habitam. É nas cidades que as contradições e as representações dos signos tornam-se mais evidentes. É principalmente nelas que a modernidade mostra seus primeiros reflexos, quais sejam políticos, sociais, religiosos ou econômicos.

Os conceitos de desenvolvimento que serão apresentados a seguir possibilitaram fazer a aferição sobre a qualidade de vida dos habitantes de uma cidade. A utilização de uma variada gama metodológica de instrumentos permitiu, por sua vez, verificar o número de empregos, desempregos, moradia, os níveis de educação, de arrecadação e de distribuição de impostos, entre outros aspectos.

Neste momento convém que se faça uma rápida incursão aos diferentes conceitos sobre desenvolvimento que permeiam governos, gestores e líderes locais nas mais diferentes cidades do mundo. Para alguns economistas e administradores, como Pinho e Vasconcelos (2003), o desenvolvimento das cidades também pode ser concebido por seu crescimento econômico, ou seja, o desenvolvimento das cidades está diretamente vinculado ao aumento contínuo do Produto Interno Bruto – PIB – em termos globais e *per capita* ao longo do tempo.

Pode-se entender também que as novas tecnologias ampliam o conceito de desenvolvimento das cidades, uma vez que a capacidade de crescimento delas está baseada nos avanços tecnológicos. Eles permitem que se faça ajustes institucionais e ideológicos a fim de vender e ao mesmo tempo consumir a cidade como um espaço físico real – um lugar para se viver ou um não lugar (AUGÉ, 2003), onde as distâncias e as fronteiras territoriais não existem.

Observa-se que estas representações deixam de lado as questões paralelas resultantes do crescimento urbano, quando visto apenas como desenvolvimento econômico ou produção de capital, desconsiderando o aumento da pobreza, do desemprego e das desigualdades sociais que persistem principalmente nas periferias das cidades.

Há ainda economistas defendendo de maneira mais veemente idéias de que, para haver maior desenvolvimento urbano, é necessário também que haja crescimento com respostas imediatas de mercado, visando apenas resultados de

índices quantitativos. Os defensores desta linha de raciocínio pregam ainda que se priorize, antes de tudo, o estoque de capital produtivo e tecnológico e a força de trabalho capacitada e instrumentalizada para a implementação de novas gestões organizacionais e mercadológicas (RIBAS; DUMKE; GRAEML et al., 2005, p.18).

Rodrigues (1997) apresenta uma visão economicista que passa a idéia de que o ambiente urbano é formado por um conjunto de edificações humanas em cujas características construtivas encontra-se, por exemplo, sua história e memória, seus espaços segregados, sua infra-estrutura e seus equipamentos de consumo, todos eles voltados, em sua totalidade, para o ideário do desenvolvimento econômico.

De acordo com este modelo, postulado no modo de produção capitalista, poucos serão incluídos nos índices estatísticos que indicam qualidade de vida, crescimento da alfabetização, redução do desemprego, diminuição das desigualdades na distribuição de renda, dentre outros aspectos socioeconômicos, culturais e ambientais.

Conceituando de outra forma Sachs (2000) assegura que, para se atingir desenvolvimento onde todos possam ganhar, é necessário que a sociedade manifeste-se e persiga uma condição de bem-estar social, com as necessidades humanas bem atendidas em uma economia não necessariamente hiper-rica, mas onde o povo seja soberano.

Numa reflexão histórica sobre esta forma de desenvolvimento Sachs (2000) afirma que o modelo capitalista adotado modificou a face da Terra logo depois da Segunda Grande Guerra, quando os Estados Unidos da América lançaram seu conceito de desenvolvimento. O modelo idealizado pelo governo americano era o de melhorar o sistema de produção na expectativa de que tudo o que fosse produzido seria também consumido (em especial nos países diretamente envolvidos na guerra, como França, Itália, Inglaterra e Alemanha). Naquele momento de pós-guerra este conceito surgiu como um apelo a todas as nações em desenvolvimento. Esta lógica de desenvolvimento disseminou-se pelo mundo. Hoje populações inteiras, governos e instituições estão presos à percepção ocidental da realidade capitalista. Pode-se dizer que há mais de sessenta anos esse padrão de desenvolvimento tem servido como uma arma na competição entre sistemas políticos. É interessante observar, no entanto, que desenvolvimento urbano, para muitos, não significa planejamento, participação ou inclusão de antigos e novos moradores. Numa cidade com

crescimento significativo o desenvolvimento é a causa de problemas socioeconômicos, culturais e ambientais, que vão impactando o espaço por meio de diferentes formas de descontrole social e urbano.

Segundo Mendonça (2004) a industrialização dos dois últimos séculos, atrelada a um projeto de planejamento da urbanização, mostra que o enfoque tem sido quase exclusivamente direcionado aos interesses econômicos. Esse processo gerou ambientes urbanos altamente nocivos à maioria dos habitantes das cidades nas suas funções vitais e psicossociais, fato notadamente expressivo em países cujo êxito econômico está associado a alarmantes injustiças sociais.

Para Simmel (1967) a cidade e a metrópole devem ser consideradas como um lugar de convergência de grandes correntes de interesses econômicos, políticos e ideológicos. No espaço onde o poder está realmente concentrado há uma forte tendência de alteração mental e psíquica dos seres humanos.

Viver em cidades de regiões metropolitanas é estar, portanto, em contínua excitação nervosa e num constante processo de desenraizamento e enraizamento, haja vista que os seres humanos demonstram uma reação contrária às correntes e às discrepâncias ameaçadoras de sua ambientação externa, agindo e reagindo mais com a cabeça (razão) que com o coração (sensibilidade). Assim, a vida metropolitana implica diretamente na formação de uma consciência, na qual predomina a inteligência do homem metropolitano (SIMMEL, 1967).

Estudar e discorrer sobre a formação de regiões metropolitanas exigiu que se fizesse antes um estudo sobre suas partes embrionárias – as cidades. De acordo com Rolnik (2004) foi o fruto da imaginação e do trabalho articulado de muitos homens que promoveu o desenvolvimento das cidades como uma obra coletiva que, ainda hoje permanece desafiando a natureza.

3.1 A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO

Conforme Carlos e Lemos (2003), a base histórica e identitária dos processos que originaram as metrópoles e cidades encontra-se no resultado final de sua estrutura urbana. Como produto de fatos políticos, sociais, econômicos e culturais a cidade surge como se tivesse uma personalidade própria.

Deste modo, é fundamental que se perceba a dimensão histórica das cidades. Por isso estudá-las significa entender a espacialização das relações sociais nas diferentes formas de crescimento e desenvolvimento, como produto, condição e meio do processo de reprodução da sociedade - que é dinâmico, porque expressa o próprio movimento social (CARLOS; LEMOS, 2003).

Originalmente, a cidade nasceu de um processo de sedentarização e domesticação dos animais, ainda nas pequenas aldeias, o que facilitou o surgimento de uma nova relação entre o homem e a natureza. Ao fixar-se na terra para plantar, promover segurança aos seus descendentes e garantir vida futura, os homens tornaram-se agricultores e, como tal, passaram a exercer domínio permanente sobre técnicas e território de modo a extrair daí excedente agrícola (ROLNIK, 2004).

A construção de moradias, o plantio nos pequenos assentamentos, as atividades artesanais, e a domesticação de animais passaram a fazer parte do cotidiano dos diferentes membros da aldeia. Foi a partir destas funções do trabalho e com a chamada revolução agrícola que as primeiras cidades se formaram. Muitas surgiram das primeiras aldeias, mas, como alerta Benévolo (1983), elas não são apenas as aldeias que cresceram. Para este autor, a cidade nasceu dos contrastes entre duas classes sociais, a dos dominantes e a dos subalternos, ou seja, ela consolidou-se quando as indústrias e os serviços já não dependiam mais de pessoas que trabalhavam exclusivamente com a terra, embora continuassem a ser mantidas pela terra, as pessoas acabaram envolvendo-se com outras atividades.

Na Grécia antiga estas mudanças se refletiram no modo de vida e na cultura, despertando no povo uma necessidade: a representação de um símbolo para a Mãe Cultural, em oposição à já existente Mãe Natural (Deméter), que estava diretamente ligada à vida agrária e, portanto, próxima da natureza. A Mãe cultural (Atena) era, por outro lado, aquela que vinha para satisfazer a necessidade de coesão social dos primeiros povos da *polis* (Estado). Vinha, neste sentido, auxiliá-los quanto à conscientização de seus deveres morais, como Mãe do Estado (*metrópolis* = *mater-polis*).

Pode-se afirmar, deste modo, que a construção da cidade deu-se ao longo do processo histórico de desenvolvimento da humanidade, porém à medida em que se materializava, assumia também diferentes conteúdos e formas, produtos das semelhanças entre os homens e destes com o ambiente (SOUZA, 2003).

Munford (1998) afirma que, no transcorrer desta materialização, os primeiros sinais de organização social e política foram sendo evidenciados de maneira a provocar uma nova necessidade: a de se organizar através de um aparelho gestor que se responsabilizasse sobre os cuidados com a conservação, segurança e armazenamento do excedente da produção coletiva.

Diante do exposto pode-se entender que as cidades atuais surgiram de uma evolução emergente, que promoveu uma transformação geral e uma nova configuração das velhas propriedades. Os antigos membros da aldeia foram transportados a um novo plano e incorporados à nova unidade urbana que, ao sofrer mudanças complexas, foi se recompondo e permitindo à população instalar-se e adaptar-se. Esta transformação e o desenvolvimento nem sempre significaram, porém, pensar o ambiente urbano. As tarefas, as atividades humanas desenvolvidas, as ocupações, a mobilização dos potenciais humanos, o domínio sobre a terra e os transportes contribuíram significativamente para o aumento da complexidade que cerca a ascensão da cidade e suas funções (MUNFORD, 1998).

Vicentini (2004) assevera que a cidade, como organização social e ambiente urbano, surgiu a partir dos modelos da Europa medieval, quando se pensou a cidade como projeto, carta ou mapa. Estas cidades, no entanto, não tinham ainda teorização e nem representação. Eram erguidas junto a grandes muralhas, que as circundavam preservando em seu centro a igreja, construção que a tudo e a todos dominava.

Os primeiros aglomerados urbanos estavam, pois, estruturados em torno de uma igreja e de suas instituições. A cidade vivia mais para si mesma e para sua vizinhança imediata, não indo além da extensão territorial dos antigos feudos, o que impediu por longo tempo a disseminação do pensamento intelectual e da mobilidade social.

Munford (1998) indica que as cidades antigas e medievais tiveram construções planejadas e símbolos de poder representativos da soberania tanto de religiosos, quanto culturais e mercadológicos. Durante o feudalismo, porém, quando um senhor feudal desejava equipar seu exército, participar das Cruzadas ou ainda usufruir dos luxos que atingiam a Europa, não planejava o todo da região, contava apenas com uma Fonte econômica de riqueza principal, a terra. Os rendimentos da agricultura eram Fontes especiais, das quais o proprietário da terra tinha apenas uma parcela. A cidade em si era livre, vista como Fonte de prosperidade,

autoconfiança e de independência do povo, representando uma ameaça ao regime feudal.

Mumford (1998, p. 289) discute ainda as formas como as cidades concentravam “força humana, poder econômico e armas de defesa; seus exércitos de cidadãos muito mais que os servos de outrora serviam a seu senhor”. Desse modo tinham razões para combater. As pessoas começaram a reunir-se para discutir e organizar a liberdade que haviam conquistado a partir da construção do seu lar e dos recursos socioeconômicos, culturais e religiosos que só se encontrava na própria cidade.

Para Rolnik (2004) a atração do homem pelos aglomerados urbanos é anterior mesmo à cidade como local de trabalho e moradia. Já foi notada nos zigurates⁴ que, ao serem construídos, promoveram transformações tanto na ocupação do espaço quanto na fixação dos homens ali, dando início a uma nova identidade: a dos antigos nômades. Antes coletores e caçadores, os homens passaram a definir, demarcar e defender de modo permanente seu espaço vital, garantindo seu domínio. Foram se apropriando do território e modelando-o conforme seus desejos.

Com a execução das técnicas de construção de templos e moradias em um mesmo espaço físico pode-se perceber nos aglomerados urbanos o nascimento de novas identidades como a do trabalhador, do empregador, do agricultor, do consumidor e outras tantas, que serão tratadas com mais vagar no decorrer da pesquisa.

Vistas como locais permanentes de trabalho e moradia, as antigas cidades foram crescendo enquanto que o campo, por várias vezes e por motivos distintos, foi esvaziando ou se estagnando. Esta sedução do homem do campo pela cidade é comparada por Rolnik (2004) a um ímã, campo magnético que atrai, reúne e concentra os homens.

As palavras de Mumford (1998) permitem o entendimento de que a ascensão da cidade não eliminou as culturas e as diferentes identidades daqueles que saíram do campo em busca de um novo ambiente coletivo, ao contrário, juntou-os. Este é, possivelmente, um dos fatores que fizeram aumentar sua eficácia e seu

⁴ Zigurate - espécie de pirâmide, com degraus e rampas laterais, coroada por um templo. Tratava-se de edificações superpostas que formavam um tipo de torre de faces escalonadas, dividida em várias câmaras.

alcance, uma vez que o deslocamento da população rural promoveu o incentivo a ocupações não-agrícolas e acentuou a necessidade de alimentos, o que possivelmente causou a multiplicação de aldeias e a oferta de terras para cultivo.

Diante disso é necessário que se reflita sobre a atualidade e o fato de que o campo está há muito tempo subordinado à cidade, não significando, porém, dizer que ele (o campo) perdeu sua importância, pois não se pode deixar de levar em conta que quanto maior é o processo de urbanização e o acúmulo de capital, maior é a dependência da cidade em relação ao campo no tocante à necessidade de alimentos e matérias-primas agrícolas.

Entende-se que a cidade passou a ser projetada, pensada e teorizada com diferentes fins a partir do momento em que o ser humano entendeu ser, ele próprio, um modelo perfeito entre as criações da natureza, um ser que se destaca dos demais por ter poderes (razão) sobre a *physis*, ou seja, o mundo físico (VICENTINI, 2004).

Rolnik (2004) alerta, no entanto, que a relação morador da cidade e poder urbano pode variar infinitamente em cada caso, mas o certo é que, desde sua origem, cidade não significa somente um espaço geográfico. Significa, mais que isto, a prática política exercida pela comunidade de cidadãos que se unem a fim de organizar o território, de maneira semelhante, às *civitas*, que representavam para os romanos as formas de participação do cidadão na vida pública.

3.2 DOS MEIOS E FINS: CONSTRUÇÃO E VIDA NA CIDADE

[...] as cidades só podem refletir os valores, compromissos e resoluções da sociedade que abrigam. Portanto, o sucesso de uma cidade depende de seus habitantes e do poder público, da prioridade que ambos dão à criação e manutenção de um ambiente urbano e humano.

(ROGERS)

No período medieval o comércio da produção agrícola e artesanal excedente era periódico, porém acanhado, instalado nas praças, nas ruas estreitas e tortuosas próximas dos conventos e das catedrais. Não bastasse isso, sofria a concorrência

das celebrações pelas vitórias religiosas das guerras motivadas pela tentativa de imposição do cristianismo.

Pode-se dizer que praticamente inexistiam a gestão política e o planejamento da cidade. Quando presentes ficavam sob a tutela do pensamento máximo da época: a igreja cristã, que além de exercer domínio sobre o território, sede do poder e da administração, era responsável também pela produção de mitos e símbolos (VICENTINI, 2004).

Os estudos de Rolnik (2004) indicam que a execução de novas construções implicou diretamente na existência de um trabalho organizado, o que, por sua vez, revelou a necessidade de estabelecer normas e regulamentos internos. Os templos, construídos em lugares privilegiados, representavam mais que um santuário. Era onde viviam e trabalhavam não só os sacerdotes, mas também tecelões, padeiros, cervejeiros, ferreiros e escribas. Por isso eram vistos como ponto de referência nas cidades.

À medida que as cidades cresciam, cresciam também os muros que garantiam aos seus habitantes uma estrutura segura, coletiva e permanente. Por muito tempo estes aglomerados humanos cercados por muralhas foram dominados pela igreja, que em nome de seus mitos alterou antigos hábitos e costumes. Por vezes as cidades eram comandadas por nobres, que reprimiram e oprimiram exércitos e povos. Por deter controle sobre sacerdotes, militares e políticos, que temiam o desconhecido, por longo tempo esses nobres não permitiram o desenvolvimento de outras ciências e comportaram-se como deuses, exigindo de seus súditos obediência quase divina. Munford (1998) descreve a cidade como uma estrutura condensada, apta para receber, armazenar e transmitir em quantidade máxima e num espaço mínimo os bens da civilização, sendo capaz, ainda, de se alargar estruturalmente a fim de abrigar todas as necessidades mutáveis e as formas complexas de uma sociedade ascendente com sua herança acumulada. Este espaço pensado somente efetivou-se, no entanto, com a criação dos registros escritos em bibliotecas e arquivos de escolas e universidades.

Rolnik (2004) concebe que o entendimento da história das cidades se dá em sua própria construção, quando a cidade e a escrita surgem de forma simultânea. Impulsionadas pela necessidade de medir e administrar o trabalho coletivo, as cidades criaram diferentes formas para gerir o excedente agrícola. Foi assim que

surgiram relatos sobre as necessidades de consumo, a aplicação dos incrementos sobre a produtividade e a acumulação de capitais.

Os estudos de Mendonça (2001) apresentam a cidade como uma das mais antigas construções humanas. De forma genérica a cidade pode ser expressa pelo dinamismo que ocorre entre o conjunto formado pela aglomeração de pessoas, equipamentos e edificações erguidos em um determinado local. Alerta este autor que a estruturação, a morfologia e a funcionalidade das cidades atuais têm sua origem num momento preciso da história que pode ser identificado a partir da superação das relações feudais pelas mercantis e pelo regime capitalista de produção no mundo ocidental. A cidade contemporânea, portanto, constitui-se num dos melhores exemplos da modernidade.

Em meados do século passado, Allix (1956) definiu a cidade como um aglomerado urbano que não é determinado pelo número de habitantes ali residentes, mas pelo que eles fazem e pelo seu modo de vida, já que grande parte das pessoas ali residentes dedicam-se a diferentes atividades, que vão além da exploração agrícola ou pastoril. Vista assim, a cidade torna-se um agente que influencia e molda o mundo territorial urbano no qual está inserida e faz história ao atingir novas culturas, ao mesmo tempo em que se modifica pelas culturas que nela adentram.

Diante do exposto é possível entender que a cidade, através de suas dimensões de espaço, encarrega-se de contar sua própria história. Rolnik (2004) afirma que a conscientização desta dimensão encontra-se nas construções, no modo de fazer e na arquitetura da cidade, que induziu os humanos a trabalhar também com a preservação da memória coletiva, processo este que ocorre a partir do momento em que se pensa na conservação do patrimônio público, visto como um bem arquitetônico. Esta autora evidencia, ainda, a necessidade de se ver as construções com o olhar de um leitor e também de analisá-las como se fossem textos que não podem ser apagados, mesmo que, muitas vezes, sejam vistos apenas como objeto de contemplação. Neste caso, tem-se a idéia aparente de que as construções morrem para a cidade, que pulsa viva e apresenta outras maneiras de revelar sua identidade.

Diante das idéias de Rolnik (2004), pode-se afirmar que neste espaço encontra-se um novo ator social, o consumidor, fabricado pela própria cidade. É ele que constrói o lugar, sob o enfoque de quem compra a imagem e as representações

nela expressas. Este consumidor aparece ora como comprador do antigo, ora do moderno, ora influenciado pelas culturas dos diversos grupos sociais que ali viveram ou vivem; ora como explorador de novas tecnologias ou gerenciador da divisão social. Aparece, ainda, como agente de trocas, concentrador de riquezas e de bens imobiliários.

Neste sentido, entende-se as razões pelas quais Lefebvre (2001) afirma que a cidade sofre transformações na medida em que ocorrem mudanças na sociedade de forma global. Isto porque, historicamente, os fenômenos advindos dessas transformações na cidade repercutem no tempo e no espaço por meio das ações dos atores sociais que marcam a luta de classes. O autor alerta, porém, que a cidade não pode ser vista como uma produção humana dependente apenas das transformações e das mudanças sociais ocorridas de forma global, já que ela (a cidade) encontra-se extremamente ligada a outras relações mais imediatas, quais sejam, as relações existentes entre as pessoas e os diferentes grupos sociais nos quais estão inseridas.

Para o autor existe uma mediação entre a ordem próxima e a ordem distante. Por ordem próxima Lefebvre (2001, p. 46) afirma que: “entende-se as relações dos indivíduos em grupos mais ou menos amplos, mais ou menos organizados e estruturados, bem como as relações desses grupos entre si”. Já por ordem distante entende-se a ordem da sociedade, regulada pelas grandes e poderosas instituições, como a Igreja e o Estado. Tais instituições são, por sua vez, reguladas por um código jurídico, mesmo que não formalizado, mas estabelecido por uma “cultura” e também por seus conjuntos significantes.

Souza (2003) assevera que as cidades já demonstravam sua complexidade mesmo em seu processo embrionário, quando eram pouco mais que aldeias, povoados de agricultores sedentarizados ou assentamentos permanentes de produtores diretos. As cidades já demonstravam sua complexidade, pois nelas encontrava-se o resultado das transformações sociais, econômicas, tecnológicas, políticas e culturais, transformações estas produzidas pela amplitude das diferentes identidades encontradas nos não-produtores: governantes, funcionários, sacerdotes e guerreiros. A estes grupos somavam-se outros, como os artesãos especializados, entre eles carpinteiros, ferreiros, ceramistas, joalheiros, tecelões e construtores navais, os quais contribuíram com suas manufaturas para o florescimento do comércio entre os povos.

Para Santos (2004, p.32) a cidade converteu-se ao mesmo tempo em um meio e em instrumento de trabalho, cuja matéria-prima é o próprio trabalhador. Dessa forma, o espaço urbano, que é um espaço social de encontros e reuniões cuja simultaneidade e cumplicidade são organizadas pelas estruturas sociais aí encontradas, é também um espaço manipulado, que aprofunda as diferenças entre as classes sociais conforme se valorizam o desenvolvimento produtivo e a extensão do trabalho.

Percebe-se, pois, que produtores e consumidores fazem da cidade um espaço de trocas, de comércio, de relações sociais, onde os fluxos materiais e imateriais da sociedade convergem no sentido mais complexo do pensamento humano, voltados para a riqueza, o poder e o conhecimento. Por outro lado, quanto mais complexa a dinâmica social, maior é o refluxo apresentado, e este, por sua vez, produz segregação, exclusão, pobreza, miséria, isolamento, desemprego, favelização e periferização, onde a baixa ou quase nenhuma qualidade de vida, aumenta as distâncias entre os homens (SANTOS, 2004).

Entende-se então as palavras de Santos (2004), quando afirma que os distanciamentos sociais acentuam-se na medida em que o espaço físico vai sendo absorvido pela economia, que por sua vez amplia a dimensão social e sobrepõe-se ao espaço do trabalho, tornando-o cada vez mais reduzido às necessidades globais do indivíduo, que, a cada dia, também vê-se reduzido, ele próprio, a uma mercadoria, sujeito a um valor de troca no mercado de trabalho.

3.3 DO PROCESSO DE URBANIZAÇÃO À METROPOLIZAÇÃO

A cidade é um emaranhado de fazer e desfazer: construções, demolições, remendos, reformas, templos, feiras, palácios, favelas, monumentos, caminhos, ruelas, ruas, alamedas, avenidas, vias, letreiros, acrílico, néon, terremotos, emoções, desabamentos, furacões. E a cidade resiste. Insiste.

(SILVA)

É na antiguidade clássica, descrita por Rolnik (2004, p.22), que se encontra a cidade que envolve os cidadãos na vida pública. Como já tratado anteriormente, porém, a *polis* ou *civitas*, enquanto conceito de cidade, não se referia apenas à

dimensão do espaço ocupado pela cidade, mas sim à sua dimensão política. Desde modo o conceito de cidadão não se referia também unicamente ao morador da cidade, mas especialmente ao indivíduo que, naquela época por direito, podia participar da vida política. Neste caso Rolnik (2004) refere-se às cidades-estado gregas, cuja cidadania estava relacionada à propriedade de lotes agrícolas no território abarcado pela cidade.

Ao tratar da cidade, Carlos (2004), por sua vez, ultrapassa a idéia de que o urbano é apenas a aglomeração, a concentração ou *locus* da produção. As relações sociais produzidas neste espaço vão, para ele, além das relações de produção de mercadorias. Implicam na consideração de que o urbano está, de um lado, como condição geral de realização do processo de reprodução do capital e, de outro, como o produto deste processo, fruto de contradições emergentes, do conflito entre as necessidades do capital e as necessidades da sociedade como um todo.

De acordo com Castells (2000) a partir do momento em que o desenvolvimento urbano consolidou-se pelo capitalismo industrial, deixou-se de lado a visão ingênua de que este reforçaria a cidade enquanto sistema institucional e social relativamente autônomo, organizando-se em torno de objetos específicos; ao contrário, provocou problemas tais que permitem até mesmo a visualização do seu “quase” desaparecimento.

Castells (2000, p. 45) explica que:

[...] a constituição da mercadoria enquanto engrenagem de base do sistema econômico, a divisão técnica e social do trabalho, a diversificação dos interesses econômicos e sociais sobre um espaço mais vasto, a homogeneização do sistema institucional, ocasionam a irrupção da conjunção de uma forma espacial, a cidade, e da esfera de domínio social de uma classe específica [...]. A difusão urbana equivale exatamente à perda do particularismo ecológico e cultural da cidade.

Os estudos contemporâneos enfatizam que reflexões e análises sobre a urbanização e os sistemas metropolitanos são recentes e foram, na sua maioria, enriquecidos por pesquisas desenvolvidas principalmente por sociólogos, geógrafos e urbanistas, mas também por outros profissionais que se mostram preocupados com o sentido e a finalidade da cidade enquanto construção histórico-social e espaço de realização da vida humana (CARLOS, 1996).

Etimologicamente, a palavra metrópole resulta da junção de uma palavra grega e de outra latina: *mater-polis*, que significa cidade-mãe. Entende-se, portanto, que esta cidade estava, desde a Antigüidade, associada a outras cidades localizadas em seu entorno. Estas, por sua vez, representavam as cidades-satélite. Metrópole pode também significar a medida ou o tamanho da *polis*. O conceito atual de metrópole apresenta configurações espaciais distintas, no entanto observa-se que em sua essência há sempre maior primazia a uma cidade em relação a outras, que geralmente estão no mesmo processo de conurbação.

Seguindo o curso deste pensamento, acredita-se que os administradores das cidades de uma região metropolitana deveriam pensar, em conjunto, políticas, formas de aplicação e de implementação de ações integradas, que pudessem apresentar democraticamente soluções para problemas socioeconômicos, sociais e culturais comuns. Assim todas as cidades teriam uma distribuição mais igualitária tanto dos bônus quanto dos ônus durante os diferentes processos de desenvolvimento.

Visto separadamente, o fenômeno da metropolização, gerador de conflitos e desencontros sociais, estimula o desenvolvimento de outro fenômeno, o de desidentificação de uma cidade. Por acumular num espaço relativamente reduzido uma superpopulação, a cidade cresce incontrolavelmente. Em busca de emprego a população faz aumentar a demanda por vagas no mercado de trabalho e passa a exigir bons níveis de educação e cultura, melhores condições de vida, além de outros valores que orientem a nova opção de vida no lugar (BAUMAN, 2000).

Ascher (1995) apresenta outra noção de metrópole utilizada com frequência: a da qualificação dos principais aglomerados urbanos de um país, que comportam algumas centenas de milhares de habitantes, que são multifuncionais e que processam diferentes relações tecnológicas e econômicas com outras aglomerações. É importante não confundir, portanto, o termo metropolização com urbanização, pois um fenômeno não torna obsoletas as manifestações do outro e, diferentemente de metrópole, o fenômeno da metropolização excede à idéia de crescimento e multiplicação das grandes aglomerações. No caso do Brasil este fenômeno pode indicar uma ampla concentração no núcleo das metrópoles e essa concentração pode significar; populações, atividades e riquezas, ou também seu inverso: pobreza, desemprego, insuficiência habitacional, transporte, educação e saúde, entre outros.

Estudos como o de Chesnais (1996) indicam que há uma escala internacional de dominação econômica exercida pelos países desenvolvidos, bem como das grandes metrópoles internacionais sobre os países em desenvolvimento e subdesenvolvidos, pois nestes últimos se desenvolvem elevado número de empresas multinacionais que passam a regular a dinâmica do crescimento das metrópoles, cujas cidades vêm se agravar as diferenciações e as dotações dos recursos que são por sua vez os controladores do capitalismo monopolista. Santos, em 1994, já havia apontado que pequenos grupos vêm dominando o mercado, e exercendo o papel de controle sobre o território, via produção e consumo e, neste contexto, afirma o autor, empresas e modelos ideológicos internacionais estão cada vez mais presentes no Brasil.

Assim, pode-se compreender o pensamento de Roux (citado por Santos, 1994, p. 108) quando lembra que as transformações do território não são resultados apenas de uma pressão imperiosa de sistemas socioeconômicos. São também fruto de modelos ideológicos sobre desenvolvimento e modernidade impostos pelos detentores do poder que, por sua vez, possuem um quase planejamento territorial. Este autor assegura ainda que o arranjo espacial das cidades muda, tanto pelo seu tamanho consideravelmente aumentado, quanto pela localização mais dispersa, mas mudam sobretudo as suas funções. Diante disto, as cidades são consideradas elos de uma corporação e de regulação, em escala nacional, dos serviços e atividades com dimensão nacional, ou seja, grandes empresas dividem com o Estado tarefas nas aglomerações urbanas, enquanto que as atividades mais relevantes agregam-se, por necessidade funcional, mas de forma subordinada, às tarefas hegemônicas.

Neste aspecto, a cidade se define segundo as modalidades dessas combinações, dependentes do grau de desenvolvimento regional e da amplitude da respectiva divisão territorial do trabalho, deixando desta maneira, as atividades não hegemônicas à “espontaneidade” do mercado. Por outro lado, as atividades centrais passam a ser programadas como condição de êxito para o projeto nacional e interessando diretamente ao Estado e às corporações.

Diante disto, admite-se que na produção do espaço metropolitano há uma íntima relação entre o processo de formação e o da propriedade privada da terra. Isto porque, no momento em que a terra ganha proporções de mercadoria, um novo enfoque social é disparado e a riqueza socialmente produzida nesta terra se constitui em diferentes formas de poder cumulativo, social, político ou econômico.

Vicentini (2001) adverte que a metrópole é

[...] altamente identificada como signo de modernidade, está imbricada por espaços urbanos pulverizados, concentração em áreas suburbanas, redes caracterizadas não mais pelo mote da produção industrial concentrada, mas igualmente por redes tecnológicas de informação.

Por outro lado, Davidovich (2003) ressalta que, no Brasil, a institucionalização da metrópole constituiu-se no marco de um projeto geopolítico de integração do território nacional e do desenvolvimento industrial com base em uma sociedade predominantemente urbana.

Percebe-se que este projeto partiu dos pressupostos de que uma rede urbana funcionalmente interdependente e hierarquizada deveria assegurar a consecução de metas comuns e o equilíbrio do sistema, permitindo com isso a expansão de redes técnicas de transporte, enquanto que as redes de energia e de comunicação estariam garantidas pelo próprio crescimento do mercado interno. Assim, a metrópole continuou a ser percebida como forma de concentração espacial e social da população. As tendências atuais do fato urbano convergem para o reforço da concentração, representando uma das características da produção contemporânea do espaço.

Ao tratar dos fenômenos produzidos pela expansão urbana e pelas dinâmicas socioambientais, Ascher (1995) ressalta que as regiões metropolitanas caracterizam as diferenciações socioambientais de forma mais acentuada do que as cidades que não fazem parte deste contexto. Isso ocorre porque a metropolização está acompanhada de transformações significativas, visíveis e invisíveis, principalmente nas grandes cidades, nos seus arredores, bem como em todo o seu ambiente sócio-espacial.

Ao analisar o espaço ocupado por uma cidade capitalista observam-se as diferentes formas de uso desta ocupação. Há geralmente em seu centro o local de concentração das atividades comerciais, tanto de bens como de serviços e de gestão. Há ainda as áreas industriais, em espaços onde se instalam as fábricas e outras espécies de unidades produtoras de bens físicos e tecnológicos. Há, por fim, as áreas residenciais, que são utilizadas mais exclusivamente para moradia dos habitantes. Nelas há maior concentração de conteúdo social e de lazer. Elas

necessitam, porém, ser estruturadas de forma a oferecer a todos equipamentos urbanos e serviços sociais.

O espaço urbano pode ser identificado como um ambiente fragmentado e articulado, onde todas as partes envolvidas, os agentes sociais e econômicos mantêm-se em constantes relações espaciais com os outros agentes, porém com intensidade bastante variável. Estas relações consubstanciam-se em subsistemas, tais como os movimentos de comércio, os fluxos de veículos e de pessoas, os deslocamentos das áreas residenciais ao centro, as operações de carga e descarga de mercadorias, as visitas aos parentes, às idas ao cinema, aos cultos religiosos, às praias e aos parques.

Deste modo, os subsistemas menores relacionam-se com os subsistemas maiores ou com outros sistemas por meio das relações espaciais, caracterizadas pelas decisões de investimento de capital, mais-valia, salário, juros, rendas, envolvendo ainda a prática do poder e da ideologia sobre o mercado. Percebe-se que estas relações espaciais vão se integrando de diferentes formas às diversas partes da cidade, formando subconjuntos articulados em cujos núcleos de articulações estão tradicionalmente as metrópoles ou mega-cidades, que mesmo afastadas por largas distâncias geográficas fomentam um mercado.

Conforme os estudos realizados por Motta (2004) percebe-se que este fenômeno manifestou-se mais fortemente no Brasil a partir da segunda metade do século XX, quando o expressivo processo de urbanização acelerou-se, crescendo em diversidade e heterogeneidade e atingindo também as cidades de médio porte. Ao encurtar espaços, o crescimento urbano derrubou fronteiras sócio-espaciais, ambientais e econômicas, dilatou e modificou territórios, ao mesmo tempo em que consolidou aglomerações emergentes em regiões metropolitanas e não metropolitanas, produzindo assim significativo aumento de periferias.

Tratar de periferia neste estudo significa tratar não só da periferia geográfica, aquela que ocorre no ambiente urbano marcada pela distância das áreas mais centrais, mas também, da periferia sociológica. Esta se caracteriza, por sua vez, pela pobreza, pelas diferenças e distâncias irreduzíveis entre cultura e ideologia, pela carência de equipamentos coletivos, pelo distanciamento cultural e econômico dos habitantes da cidade, bem como pelas relações de sociabilidade, pelas práticas de consumo e de lazer e pelas representações políticas (DURHAM, 2004, p. 379-380).

Observa-se que, no contexto global, o termo periferia denota outros significados que não estão mais tão próximos da Geografia, da História, da Economia e da Sociologia. Viver na periferia hoje é viver em uma constante dinâmica que, por muitas vezes, vem determinando a anulação dos valores existentes na sociedade e, ao mesmo tempo, instalando outros que vão se consolidando nas estruturas do poder.

De acordo com este pensamento pode-se dizer que viver na periferia, atualmente, também significa conviver com grandes distâncias sociais, pois neste espaço concentra-se uma parcela excessivamente expressiva da população pobre, definida por Bauman (2005, p.53) como população excedente, redundante, refugo ou ainda lixo humano. Explica este sociólogo que os moradores de periferia são, na sua pluralidade, vítimas dos projetos de construção da ordem e raramente são “alvos legítimos” de políticas públicas e de inclusão, ao contrário, são considerados “baixas colaterais”, “não intencionais” e “não planejadas do progresso econômico”.

É nas periferias, portanto, que as desigualdades sociais se evidenciam, pois nestes lugares os principais atores são tidos como “termos de comércio” ou “demandas do mercado”. São, ainda, estereotipados pelos padrões de produtividade e eficiência, encobertos ou negados de forma explícita “a qualquer conexão com as intenções, a vontade, as decisões e as ações de pessoas reais, dotadas de nomes e endereços” (BAUMAN, 2005, p.54).

Nestes casos, a delimitação da periferia geográfica coincide, aparentemente, com o mapeamento ou contorno da cidade. Em contrapartida, na periferia sociológica há um amálgama de indivíduos. Possuem, por exemplo, o mesmo *status* um profissional de portaria de um edifício de alto padrão e o da construção de um *shopping center* construído em áreas geograficamente delimitadas como periferia.

Aproximando-se destas idéias estão os estudos de Martins (2002) quando trata dos diferentes conceitos aplicados aos pobres, excluídos e marginalizados. O autor considera a necessidade de se observar as metamorfoses na ordenação social resultante do desenvolvimento capitalista. Na visão dele há cada vez mais incertezas e insegurança teórica na compreensão dos problemas da sociedade contemporânea.

Mesmo assim a atração exercida pelas cidades continua existindo e pode ser considerada produto das mudanças sócio-culturais, econômicas e políticas imersas no processo de globalização, processo este que, no Brasil, modificou tanto

as zonas rurais quanto as urbanas. As modificações se deram através da migração. O uso de altas tecnologias na agricultura gerou desemprego no campo e promoveu intensos fluxos migratórios das populações rurais, que buscaram nos centros urbanos melhor qualidade de vida e acabaram fomentando as relações capitalistas embutidas no processo de desenvolvimento.

Entende-se que globalmente há um espaço urbano configurado conforme um padrão de distribuição territorial, onde as regiões centrais são reservadas para as classes sociais mais abastadas, enquanto que as periferias são ocupadas pelas classes sociais de menor rendimento. Há que se dizer, entretanto, que na periferia metropolitana de Curitiba, mais especificamente em Fazenda Rio Grande, este procedimento não acontece de forma heterogênea devido à expansão da capital.

Este tipo de ocupação pode ser considerado um mercado, definido por Sachs (2000) como um sistema, uma instituição criada pelo homem e não como uma ordem natural que se perpetua espontaneamente. Em outras palavras, o sistema ou mercado de ocupação das periferias pode ser controlado por uma série de elementos tradicionais, sociais e morais e ser reforçado por um conjunto de inovações políticas e culturais.

Entende-se, portanto, que o mercado vem se caracterizando como um sistema formado por subsistemas, que apresentam uma lógica tendenciosa de dominar o contexto social e, desse modo, seus efeitos de domínio variam conforme a concretude sociocultural dos espaços em que tal processo se desenvolve. Neste caso, o espaço é o ambiente urbano que também pode ser identificado como subsistema de um sistema maior.

Por outro lado, Sanchez (2003) alerta que o espaço-urbano, por mais que tenha relações sociais organizadas e institucionalizadas, apresenta padrões de qualidade de vida contraditórios. Assim como há o desenvolvimento de projetos urbanísticos inovadores em áreas centrais e nobres da metrópole, a população da periferia aumenta e se vê desprovida da infra-estrutura existente em outras áreas do município; distancia-se, portanto, do modelo de planejamento urbano institucionalizado e vê-se como parte de um subsistema periférico do centro.

Compreende-se que o processo de metropolização vai potencializando oportunidades de troca de bens e serviços, a livre circulação de capital, a maximização das redes de intercâmbio, o fluxo de imagens, símbolos e sons, ao

mesmo tempo em que vai superando o próprio aspecto físico e geográfico da metrópole.

O planejamento das cidades para se transformar em metrópoles, constitui-se num movimento de forte conteúdo de tomada de decisões internas, no que tange às capacidades empreendedoras dos atores locais.

Buarque (2002) alerta, entretanto, que o desenvolvimento local está inserido em uma realidade mais ampla e complexa, com a qual interage ao mesmo tempo em que recebe influências e pressões positivas ou negativas. O autor complementa:

Dentro das condições contemporâneas de globalização e do intenso processo de transformação, o desenvolvimento local representa também uma forma de integração econômica com o contexto regional e nacional, que gera e redefine oportunidades e ameaças, exigindo relativa especialização nos segmentos em que apresentam vantagens competitivas (BUARQUE, 2002, p.35).

Em outras palavras pode-se dizer que quando o espaço local participa de um sistema aberto, onde os ambientes econômico, social, político e mercadológico interagem, os processos globais de mudança econômica, tecnológica e institucional acabam gerando influência direta sobre o seu presente e determinando seu futuro. É possível, portanto, concluir que a globalização e o desenvolvimento das cidades, vistas como espaços urbanos, não precisam ser alternativas excludentes e opostas. Para o autor, a globalização e os espaços urbanos não são processos opostos e excludentes, são sim, dois pólos opostos (subsistemas) de um mesmo processo (sistema complexo), embora muitas vezes pareçam contraditórios, por exercer forças de integração e de desagregação dentro de um intenso macro sistema que explora ambientes competitivos e abertos mundialmente.

Este processo foi percebido em Fazenda Rio Grande, por Gigeli Regina da Costa conforme relato em sua entrevista para esta pesquisa em 2006,

“[...] estão apostando no desenvolvimento da FAZENDA RIO GRANDE, que nem uma Casas Bahia. Então eu vejo que é preciso que os empresários daqui, também invistam, eles devem fazer uma pesquisa de mercado para ver o potencial do município, depois instalar, fazer um investimento conforme eles falam, né? Bancos nós não tínhamos aqui, a gente ia ao Banco do Brasil lá no CEASA (Curitiba) ou então em Mandirituba. Depois veio uma agência pra cá. Funciona ali perto da prefeitura, tem agência ali ao lado, a Caixa Econômica, pra essa a gente tinha que ir até o Pinheirinho, agora, temos aqui, a Agência da Caixa. Ainda tá faltando Bancos para cá,

que nem o Bradesco, mas já tem aqui o HSBC, o Itaú que tá lá embaixo” [sic].

3.4 METRÓPOLES: TRANSFORMAÇÃO DO SUJEITO, DO ESPAÇO OU DE AMBOS?

A vida cotidiana revela que o tempo, impresso na morfologia urbana, perde substância, com isso a prática se torna fluída, sem aderência; enquanto o espaço, em sua constante mutação, marcado pela destruição constante dos referenciais da vida urbana, se transforma em distância.

(CARLOS)

Entende-se que o processo relativamente recente de urbanização e metropolização no Brasil tem evidenciado duas dimensões: a primeira, global, que impõe novos padrões de consumo e o segundo, local, sendo responsável pela reprodução das desigualdades sociais impregnadas de novos conteúdos. A expansão das metrópoles tem revelado muito mais do que o simples aumento das desigualdades ou da exclusão social. Evidencia uma descontinuidade nas experiências sociais da vida cotidiana, principalmente nos assentamentos periféricos, onde as áreas de ocupação irregular, pobreza e favelização têm aumentado consideravelmente (ALVA, 1997, p.48).

Estas ocupações têm sido analisadas com frequência pelos estudiosos devido às mudanças psicológicas, sócio-ambientais e comportamentais por que passam os moradores, sobretudo das regiões metropolitanas.

Ao discutir o padrão brasileiro de urbanização dos anos de 1980 Maricato (2001) traça um paralelo entre as modificações ocorridas em cidades de porte médio, com população entre 100 mil e 500 mil habitantes e aquelas registradas nas regiões metropolitanas. Nesta análise a autora percebe a existência de outro fenômeno, o crescimento das periferias foi maior do que o dos núcleos centrais.

Concordando com Maricato (2001), Rolnik (2001) explica que o espaço urbano não se restringe apenas ao conjunto denso e definido de edificações, significando algo mais amplo. Uma vez que houve total predominância da cidade sobre o campo, as periferias, subúrbios, distritos industriais, estradas e vias expressas recobrem e absorvem zonas agrícolas num movimento incessante de urbanização. É um movimento que se alarga até o limite, devorando todo e qualquer espaço disponível e transformando em urbana a sociedade como um todo.

Pereira (1993) define este processo de urbanização como sociopático, caracterizado por um estado de desequilíbrio do sistema nacional de produção, distribuição e consumo, que resulta num expressivo aumento demográfico. O inchamento das cidades ocorre sem políticas adequadas e como as cidades não oferecem bens e serviços aos novos atores sociais, eles, que aspiram ter um bom padrão de vida material e mesmo imaterial, não vêem seus anseios atendidos.

Ao tratar de território, Santos e Silveira (2001) o consideram como um conjunto indissociável do substrato físico, natural ou artificial. As práticas sociais que ali se desenvolvem são resultado da combinação de técnicas e políticas que, de tempos em tempos, sofrem uma modernização. O processo produz uma seletividade dos sistemas naturais, com acréscimos históricos materiais impostos pelo homem.

Atraídas por um pedaço de chão próprio, populações de menor renda dirigem-se às periferias. Ali compram terrenos mais baratos, nem sempre regularizados quanto à liberação e à aprovação de loteamento. Passam, assim, a ocupar as terras de forma clandestina e a modificar totalmente o espaço físico. Essas modificações, individuais ou coletivas, fazem as cidades transbordar. Este processo é o que alguns autores chamam de ‘desterritorialização’ do município-sede da metrópole, em busca de melhor qualidade de vida.

Ao tratar de qualidade de vida Machado (2003) afirma que este termo pode ser utilizado por diferentes vertentes e ideologias. Quando direcionado ao processo de urbanização, indica a capacidade de recepção de uma cidade ou a forma como este espaço se oferece aos seus habitantes. Quando o termo é utilizado por vertentes políticas, presta-se às análises conjunturais para definição de projetos, elaboração de legislações e de políticas públicas. Por longo tempo, porém, a expressão “qualidade de vida” direcionou-se, especificamente, para a saúde. Entendia-se que com a promoção da saúde melhoraria as práticas individuais e coletivas e promoveria um bem-estar social global.

Ao estudar as consequências do desenvolvimento capitalista e as alternativas de poder dentro de um império, Hardt e Negri (2002) enfatizam que todo o centro da metrópole e do poder praticamente se esfumou e desterritorializou-se.

Antes de se falar em desterritorialização Haesbaert (2002) incita a fazer uma reflexão sobre as significações da palavra território e suas representações ambíguas, tanto para geógrafos quanto para cientistas sociais. Ao mostrar a ambivalência de significado Haesbaert aponta também para as múltiplas concepções

que permeiam os discursos ideológicos, onde se encontra, com freqüência, um sentido semelhante ao de desterritorialização. O autor delimitou, porém, três concepções, presentes nas linhas descritas a seguir.

Na primeira o território é visto como simples base material, concreta, de reprodução da sociedade. “A sociedade, assim, será mais territorializada quanto mais for dependente das bases materiais sobre as quais ela se reproduz” (HAESBAERT, 2002, p.35). Deste modo, quanto maiores e mais numerosas forem as transformações tecnológicas, maior será o distanciamento dos grupos sociais em relação ao seu meio físico. Maior também será, portanto, o nível de desterritorialização.

A segunda concepção está calçada em bases políticas. Nela o território detém o controle sobre os indivíduos e sobre os processos sociais, uma vez que controla o espaço material de sua existência. Conforme esta concepção Haesbaert (2002) indica que nem o território nem o poder podem ser vistos isoladamente um do outro, porque o sentido político que está implícito no conjunto amplia escalas e atinge poderes presentes em diferentes espaços, tais como escolas, hospitais, igrejas e quartéis, entre outros. Muitos são os autores que defendem a tese de que a globalização produz desterritorialização, ao passo que suprimem cada vez mais as fronteiras e provocam o enfraquecimento do controle do Estado-nação.

Já a terceira abordagem de Haesbart (2002) prioriza a dimensão cultural na definição de território, na qual o mesmo deve ser visto antes de tudo como um espaço dotado de identidade. Esta identidade territorial é pautada na concepção identitária dos grupos sociais inseridos no espaço em questão, grupos estes que têm como valores básicos a etnia, a nacionalidade e a religiosidade, entre outros.

Frente ao exposto pode-se perceber que não há fronteiras em lugares concebidos como território, com identidade política e cultural. Pela dinâmica do espaço urbano não se pode mais estar permanentemente instalado em um único lugar em um só tempo, uma vez que o deslocamento de um lado para outro é contínuo, ora do centro para a periferia, ora desta para o centro. Há outro tipo de deslocamento, de longa distância em curto espaço de tempo, provocado pela tecnologia. Ela não só nos permite percorrer distâncias absurdas em segundos como também possibilita estarmos virtualmente em vários espaços ao mesmo tempo.

Aparentemente tudo se torna difuso. O ir e vir dos fluxos migratórios provoca uma dispersão absoluta, que responde pela formação de fenômeno oposto, ou seja,

a multidão. Não se pode afirmar que haja formação do ser enquanto sujeito ao se formarem as periferias, pois se houvesse seres ali constituídos, seriam, sem dúvida, carregados de novos sentimentos, tais quais o da não-aceitação de ser tratado como um objeto, de ser anulado, de ser visto como de pouca relevância, ou esquecido enquanto sujeito composto por diferentes identidades (SIMMEL,1967).

Segundo o mesmo autor na medida em que o indivíduo vai sendo submetido a este tipo de existência, vai também permitindo nascer em si outros sentimentos de auto-preservação, que podem ajudá-lo a reagir aos desafios da cidade grande. Neste sentido, seu comportamento social tem demonstrado reações por muitas vezes negativas (SIMMEL,1967).

A metrópole é um dos ambientes onde se registra a mais alta taxa de divisão econômica do trabalho. É também ela, uma das principais responsáveis pelo desenvolvimento da vida social e subjetiva do sujeito, que, por vezes, retrocede em sua cultura individual com relação à espiritualidade, à delicadeza e ao idealismo, podendo mesmo levar à morte sua personalidade e sua identidade anterior. Quando isso acontece o indivíduo torna-se apenas um elo da enorme organização de coisas e poderes que lhe arrebatam o direito ao progresso, à espiritualidade e aos antigos valores que regiam sua vida (SIMMEL,1967).

3.5 REGIÕES METROPOLITANAS NO BRASIL E A RMC

Eros com certeza não está morto. Mas, exilado de seu domínio hereditário – tal como Ahaspher, o Judeu Errante -, ele foi condenado a perambular pelas ruas numa infundável e eternamente vã procura de abrigo. Eros agora pode ser encontrado em toda parte, mas permanecerá por muito tempo em lugar nenhum. Ele não tem endereço fixo: se você quiser encontrá-lo, escreva para a posta-restante e mantenha a esperança.

(BAUMAN)

O Censo Demográfico Brasileiro de 2000, realizado pelo IBGE, demonstra que no limiar do século XXI a paisagem brasileira sofreu um processo totalmente inverso ao do início do século XX, pois a população urbana ultrapassou estatisticamente a casa dos 81% em relação à população rural, que tem decrescido dia após dia.

Os estudos de Queiroz (1978) sobre a cultura e as sociedades rural e urbana, indicam que a intensidade do processo de migração do campo e das pequenas cidades para os grandes centros foi muito mais veloz que o próprio desenvolvimento urbano. Neste sentido, os grandes centros, especialmente as regiões metropolitanas, têm sofrido profundas transformações em sua paisagem. Devido ao crescimento populacional descontrolado e à falta de infra-estrutura adequada a receber tal contingente de pessoas as regiões metropolitanas não conseguem absorver as levas migratórias e, por conseguinte, as exclui. Colabora, assim, para o aumento das favelas.

Além do levantamento do IBGE outros estudos têm demonstrado o quanto as cidades vêm crescendo, concentrando inacreditável contingente populacional. Há, porém, que se lembrar não ser este fenômeno uma particularidade do Brasil. Ele vem ocorrendo em escala mundial, principalmente em países cujo processo de urbanização intensificou-se com o advento das revoluções técnica, científica e industrial, mas motivado também pelas novas relações capitalistas que se encontram no cerne destas revoluções.

Parte da população abandonou o campo e aderiu às novas relações capitalistas, dedicando praticamente toda a vida à busca por um trabalho que permitisse o acúmulo de valores, cujo destino geralmente está no futuro, quer seja em diversões, saúde ou na aposentadoria. A este respeito convém apresentar aqui a crítica de Forrester (1997) quando assevera que, após a exploração do homem pelo próprio homem em nome do capital, sobreveio o neoliberalismo e sua extensão operacional - a globalização, que em nome da sacralidade do mercado, provoca cada vez mais exclusão a grande parte da humanidade.

Como consequência desta busca desenfreada pelos grandes centros urbanos, por novos espaços para moradia e trabalho, os seres humanos não se deram conta da multiplicação dos conflitos sociais que começaram a se fazer presentes nas cidades, especialmente as que compõem as regiões metropolitanas e não se prepararam administrativamente para absorver tamanha demanda. Neste contexto as cidades apresentam-se como promotoras de um cenário em cujo palco diferentes classes sociais e setores da sociedade civil se defrontam em batalhas acirradas. Proprietários de terras ou imóveis lutam entre si e contra os que não têm propriedades, as empresas digladiam-se entre si para dominar o mercado interno e barrar a entrada de produtos externos, o mercado imobiliário prioriza principalmente

os que têm maior poder aquisitivo e já são proprietários dos espaços com melhor localização e dotados de certa infra-estrutura.

A Tabela 1 apresenta o extrato da evolução ocupacional demográfica, na área rural e urbana no Brasil, no período registrado de 1940 até 2000. Observa-se que em sessenta anos a população brasileira rural, que nos anos de 1940 era de 28.356.133 (68,77% do total), regrediu percentualmente em termos relativos, chegando aos anos 2000 com uma população de 31.845.211 (18,75% do total), sendo esses dados proporcionais ao crescimento demográfico brasileiro.

Na população rural observa-se um volume maior de mobilidade geográfica a cada década. Dos anos 1940 para 1950 ocorreu, por exemplo, uma regressão de 4,97 %; de 1950 a 1960 a regressão foi de 8,50 %; de 1960 para 1970 esta regressão alcançou o índice de 11,20 %, permanecendo sem grandes alterações nos anos de 1970 para 1980, cuja mobilidade da população rural chegou a 11,80 %. Na década seguinte, no entanto, este índice recuou para a casa dos 7,80%. Na última década do século XX (fim e início do novo século XXI) a mobilidade geográfica de ocupação, do rural para o urbano caiu ainda mais, ficando na casa dos 5,75 %.

Pode-se dizer que este índice estabilizou-se em 6% motivado por fatores econômicos, tecnológicos, estruturais e de qualidade de vida. De acordo com esta tabela o índice de ocupação urbana está em 81,25%, em conformidade com o próprio crescimento populacional do país. Observa-se, também, que o crescimento populacional urbano no período de 1970 a 1990 girou em torno de 10 a 12%, enquanto que, de 1990 a 2000 este crescimento sofreu uma regressão e estabilizou-se na casa dos 3%.

TABELA 1 - POPULAÇÃO RURAL, URBANA E TOTAL DO BRASIL

ANO	POPULAÇÃO RURAL		POPULAÇÃO URBANA		POPULAÇÃO TOTAL
	nº. de habitantes	%	nº. de habitantes	%	
1940	28.356.133	68,77	12.280.182	31,23	41.236.315
1950	33.161.506	63,80	18.782.891	36,20	51.944.397
1960	38.767.423	55,30	31.303.034	44,70	70.070.457
1970	41.054.053	44,10	52.084.984	55,90	93.139.037
1980	38.566.297	32,30	80.936.409	67,70	119.502.706
1991	36.041.633	24,50	110.875.826	75,50	146.917.459
1996	33.997.406	21,60	123.082.167	78,40	157.079.573
2000	31.845.211	18,75	137.953.959	81,25	169.799.170

Fonte: IBGE (2000)

Na Tabela 2 observa-se o crescimento populacional nas regiões metropolitanas do Brasil (1990/2000), entre as quais se destaca a Região Metropolitana de Curitiba, que apresentou o maior índice de crescimento entre as outras 10 regiões brasileiras. Cresceu 3,40% entre os anos 1990/1996. Se considerado o intervalo entre uma década e outra, o índice cai um pouco, chega a 3,17%. Comparada à Região Metropolitana de São Paulo a Região Metropolitana de Curitiba atingiu nos anos de 1990 a 1996 um índice de crescimento 142,94% superior, já que Curitiba cresceu no período em questão 3,40% e São Paulo, 1,46%.

Em uma década de ocupação (1991 a 2000) a Região Metropolitana de Curitiba cresceu 3,17%, enquanto que na de São Paulo o crescimento foi de 1,63%. Como proporcionalmente o crescimento demográfico da Região Metropolitana de SP foi menor que o da RMC a diferença do índice sobe para 151,41% ao longo da década. Das regiões que menos cresceram destaca-se a Região Metropolitana do Rio de Janeiro com uma taxa de crescimento de 1,15%, muito pequena se comparada com a taxa da Região Metropolitana de Curitiba (3,17%), resultando assim em uma diferença de 276% em uma década de ocupação.

Observa-se ainda que a Região Metropolitana de Curitiba destaca-se como a que teve o maior índice de crescimento demográfico entre as maiores regiões metropolitanas brasileiras, conforme tabela 2.

TABELA 2 - POPULAÇÃO E TAXA DE CRESCIMENTO DAS REGIÕES METROPOLITANAS DO BRASIL

REGIÕES METROPOLITANAS	POPULAÇÃO			TAXA DE CRESC. 1991/96 (%)	TAXA DE CRESC. 1991/00 (%)
	1991	1996	2000		
Belém	1.332.840	1.485.569	1.795.536	2,23	2,82
Fortaleza	2.307.017	2.582.820	2.984.689	2,32	2,43
Recife	2.919.979	3.087.967	3.337.565	1,14	1,49
Salvador	2.496.521	2.709.084	3.021.572	1,68	2,15
Belo Horizonte	3.436.060	3.803.249	4.819.288	2,09	2,37
Vitória	1.064.919	1.182.354	1.425.587	2,15	2,67
Rio de Janeiro	9.814.574	10.192.097	10.894.156	0,77	1,15
São Paulo	15.444.941	16.583.234	17.878.703	1,46	1,63
Curitiba	2.057.578	2.425.361	2.726.556	3,40	3,17
Porto Alegre	3.027.941	3.246.869	3.658.376	1,43	1,69
Total	43.902.370	47.298.604	52.542.028	1,53	1,77

Fonte: IBGE (2000)

O acelerado crescimento das regiões metropolitanas foi provocado pela ampliação das relações capitalistas, que atingiram o campo e desestruturaram as relações de trabalho presentes até então no antigo e tradicional sistema agrário brasileiro⁵. Além disso, o capitalismo provocou êxodo rural e uma evasão populacional das cidades de pequeno porte.

Com acelerado crescimento, as maiores cidades brasileiras passaram a concentrar excessivo contingente populacional. Os deslocamentos a partir do campo não obedeceram aos limites territoriais dos municípios receptores e, como consequência, bairros antigos e populosos deram origem às periferias, acumulando uma série de problemas. Este fenômeno, por sua vez, acelerou o processo de metropolização no Brasil que se desenvolveu de forma crescente e contínua a partir da segunda metade do século passado.

O termo “região metropolitana” foi empregado pela primeira vez no Brasil em 1967, em função do artigo 164, da Constituição Federal vigente na época, que definia, através de uma Lei Complementar, a possibilidade de se estabelecer regiões metropolitanas. Elas seriam constituídas por municípios independentes, porém integrantes de uma mesma unidade socioeconômica, que teria por objetivo a realização de serviços comuns.

Em 1968, o Serviço Federal de Habitação e Urbanismo – SERFHAU, órgão criado em 1964 que tinha por finalidade prestar assistência para elaboração de planos diretores para os municípios, produziu estudos científicos com o objetivo de oferecer ao governo subsídios e estratégias de intervenção nos chamados pólos metropolitanos (LIMA, 2000).

Como resultados deste estudo, apresentaram-se as seguintes causas para o processo de metropolização no Brasil: a imensidão territorial; a fortíssima e constante migração do campo para a cidade; o uso comerciável do solo e a força indutora dos equipamentos urbanos. Era, portanto, urgente a implantação de pólos metropolitanos no Brasil, uma vez que a criação de regiões metropolitanas poderia projetar e potencializar o futuro das regiões, politicamente escolhidas para esse fim.

⁵ As relações de trabalho no tradicional sistema agrário brasileiro até a quarta década do século XX foram marcadas por três estruturas que coexistiram: a das monoculturas de exportação; a das zonas de criação e a da pequena produção de abastecimento. Queiroz, (1978, p.23) alerta que estas estruturas, no entanto, não eram estáticas e se transformaram por varias vezes, conforme o período e a região onde se desenvolviam.

Esse fenômeno, resultante do intenso processo de concentração das atividades secundárias e terciárias, levou o governo federal a propor, em 1967, por meio do Artigo 164 da Constituição Federal, que a União pudesse estabelecer regiões metropolitanas, constituídas por municípios que, independentemente de vinculação administrativa, integrassem a mesma unidade socioeconômica visando à realização de serviços comuns.

Finalmente, a Lei Complementar Federal nº. 14/1973, que apresentou como objetivo coordenar as atividades das diversas agências na busca de soluções para os problemas de grandes centros urbanos, estabeleceu as oito primeiras regiões metropolitanas do Brasil: São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, Salvador, Curitiba, Belém e Fortaleza. No ano seguinte ocorreu a oficialização da Região Metropolitana do Rio de Janeiro (LIMA, 2000).

Quase uma década depois, o Governo Federal criou instrumentos normativos para facilitar a gestão urbano-metropolitana, de modo que, em 1980, as mudanças nos contextos políticos e econômicos causadas pela crise do petróleo produziram uma redução drástica das condições responsáveis pelo crescimento vertiginoso, obrigando também o Governo a reduzir seus gastos. Em contrapartida a política ensejou o aumento e a explicitação das demandas sociais vigentes (COMEC, 1999).

Em 1981 entrou em vigência o Decreto 85.916, que reforçou a necessidade de compatibilização dos Planos e Programas do Governo Federal com os Planos de Desenvolvimento Integrado – PDI, das regiões metropolitanas; e, em 1988, a Constituição Federal, Artigo 25, estabeleceu, em seu § 3º que:

Os Estados poderão, mediante lei complementar, instituir regiões metropolitanas, aglomerações urbanas e microrregiões, constituídas por agrupamentos de municípios limítrofes, para integrar a organização, o planejamento e a execução de funções públicas de interesse comum.

Por força desta providência legal e do princípio da função social da propriedade, algumas regiões sofreram mudanças relativas às leis urbanas e em suas funções, exigindo a participação mais efetiva da sociedade junto ao poder público, criando novas condições de maior interação da gestão com o espaço metropolitano. Esta legislação corrobora a crítica feita por Moura (2001) quanto à falta de leis e mecanismos que contemplem e incentivem a gestão articulada no espaço metropolitano, especialmente da RMC.

3.6 METRÓPOLE - PONTO DE ATRAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO

A paisagem é uma forma histórica específica que se explica através da sociedade que a produz, um produto da história das relações materiais dos homens que, a cada momento adquire uma nova dimensão.

(CARLOS)

A re-espacialização das metrópoles foi, sem dúvida, altamente influenciada pelo surgimento das indústrias, o que acelerou (como já se afirmou anteriormente) o crescimento urbano, transformando a paisagem das antigas e pacatas cidades em aglomerados urbanos, onde o matiz tende mais para tonalidades que identificam favelas, guetos e periferias, cuja pobreza também se reproduz à medida que escasseiam as oportunidades de trabalho.

Santos (1978) afirma que muitos cientistas sociais justificam a pobreza do país pelo excessivo crescimento demográfico. Outros estudiosos, no entanto, utilizam-se da mesma lógica mecanicista para explicar a pobreza urbana relacionando-a ao êxodo rural e à migração. Se esta lógica fosse real, poder-se-ia afirmar que a pobreza urbana também não é fruto do êxodo urbano X urbano que, por sua vez, refaz a lógica de distribuição do capital disponível e da força de trabalho.

Para Marx (1987) a lógica da força de trabalho gera a subsunção⁶ formal do trabalho, ou seja, a representação de uma nova organização do processo produtivo, mediante o uso coletivo dos meios de produção e reunindo em um mesmo espaço vários trabalhadores que desenvolvem as mesmas atividades e trabalham sob a direção de um único ou de poucos proprietários dos meios de produção. Esta força de trabalho é comprada e assim

[...] a divisão manufatureira do trabalho opõe-lhes as forças intelectuais do processo material de produção como propriedade de outrem e como poder que os domina. Esse processo de dissociação começa com a cooperação simples em que o capitalista representa diante do trabalhador isolado a unidade e a vontade do trabalhador coletivo (MARX, 1987, p. 413).

⁶ Para Marx (1987) subsunção formal é o mesmo que subordinação do trabalho ao capital, sem mudanças no processo do trabalho. Como exemplo, o autor apresenta as formas como o trabalho artesanal foi sendo dominado pela máquina, não mais pelo produtor, que, por sua vez, foi sendo explorado pelo capitalista que passou a ser o dono da produção. Este domínio, portanto passou a ser visto como um novo modo de produção, que significa também, a subordinação formal.

A produção excedente, ao ser apropriada pelo comprador da força de trabalho, fez do trabalho implicado na sua produção, trabalho criador de riqueza. Este fenômeno provocou nas cidades ou metrópoles industriais um distanciamento entre o trabalho e o não-trabalho, entre a fábrica e o cotidiano fora dela. Promoveu, também, distinção entre os movimentos operários e outros movimentos, entre produtor e usuários, entre cidadão e consumidor.

Esta realidade tem provocado tensões cotidianas e permitido que se recriem espaços onde o dinamismo se apresenta por meio de relações sociais instáveis e onde globalização, localização e fragmentação são termos cuja presença constante sustenta uma dialética que se refaz e se recria com frequência.

Para Santos (1997) as necessidades do novo regime de acumulação de bens levam a uma maior dissociação dos processos e subprocessos e a multiplicidade de ações faz do espaço um campo de forças bastante complexo. Neste campo de forças, a individualização é paralela à especialização minuciosa dos elementos do espaço (homens, empresas, instituições e meio ambiente construído). Ao mesmo tempo em que se aprofunda a relação de cada um com o sistema do mundo e quanto maior a globalidade, mais aumenta a individualidade do sujeito.

Para Scarlato (1995) o ato de sair, de ir em busca de outro lugar, de migrar, depende de duas situações: da ruptura do migrante com o seu lugar de origem e da sua necessidade de reintegração social na condição de migrante em seu lugar de destino. A primeira situação mostra o migrante e seu distanciamento físico das relações familiares e de amizades, bem como o abandono das imagens, dos lugares, das pessoas, dos bairros, das ruas, da antiga morada, dos caminhos e de tudo o mais que marcou seu passado e cotidiano. Já a segunda situação mostra este migrante em uma condição de estranhamento ao e do lugar em que chega e revela, por consequência, uma nova necessidade, a de integração com o novo espaço físico e social que a partir de agora faz parte de seu cotidiano.

O mesmo autor afirma que uma parte considerável destes migrantes é formada por populações de baixa renda, cuja condição de pobreza e miséria está visível no seu modo de morar e viver. Sem condições de ter casa própria e sem renda suficiente para pagar aluguel por uma moradia digna, passam a viver em cortiços, favelas e periferias cujos símbolos são muitas vezes marcados pelas diferentes formas de exclusão, desprezo e deterioração da vida social.

Santos (2004, p. 31-49), por sua vez, lembra que estes fenômenos são reflexos da globalização, onde se vê o mundo da fluidez girar em vertiginosa velocidade, bem como acelerada frequência dos deslocamentos. Nesta visão, portanto, os deslocamentos acontecem a uma frequência acelerada, os movimentos são banais e alusões a lugares e a coisas distantes apresentam revelações tão contrastantes no ser humano que até mesmo o corpo, como certeza materialmente sensível frente ao universo, mostra-se difícil de apreender.

Ao conceituar a ocupação do espaço Santos (1992, p. 1) assinala ser este movimento um

[...] fator de evolução social, não apenas como condição, mas também como uma instância da sociedade, ao mesmo tempo que a instância econômica e a instância cultural-ideológica. O que pode ser entendido por espaço, significa que como instância, ele contém e é contido pelas demais instâncias, assim como cada uma delas o contém e é por ele contida.

Para Morin (1990, p.44) "hoje cada um de nós é como um ponto singular de um holograma que, em certa medida, contém o todo planetário que o contém". Compreender os motivos que levam as pessoas a se deslocar para lugares distantes, abandonando sentimentos e uma vida mais estável e indo estabelecer residência em favelas, distantes dos centros, vivendo sem ou com quase nenhuma qualidade de vida, tornou-se um desafio para esta pesquisadora. Diante disso, entende-se ser praticamente impossível discorrer sobre Fazenda Rio Grande sem antes falar da dinâmica da ocupação territorial da Região Metropolitana de Curitiba, para, em seguida, tratar com mais detalhes do estudo de caso, razão deste trabalho. Fazenda Rio Grande, *focus* desta pesquisa, é uma das cidades que compõem a Região Metropolitana de Curitiba. Acredita-se ser necessário expor um estudo sobre sua formação e seu atual contexto, para depois apresentar as discussões sobre identidades sociais neste recorte.

Conforme Moura (2001) o crescimento da Região Metropolitana de Curitiba não aconteceu sozinho, acompanhou sim o processo de industrialização da capital paranaense, que impôs uma lógica aglomeradora como condição básica à produção e à reprodução do capital, de tal modo que erigiu as metrópoles como partes constitutivas do processo de urbanização e mudanças territoriais. Entende-se que os segmentos dinâmicos da indústria, estabelecida ou não nos centros metropolitanos,

modernizaram-se. Meios de comunicação e de transportes com tecnologias aplicadas exigiram trabalhadores melhor qualificados, o que acabou por modificar o modo de ser do sujeito.

A fim de se contextualizar a Região Metropolitana de Curitiba, emprestou-se partes do trabalho coletivo realizado durante as oficinas da linha de pesquisa Urbanização, Cidades e Ambiente Urbano, apresentado ao grupo de professores responsáveis pela Linha no segundo semestre de 2006. Ressalta-se, porém, que muito lhe foi adicionado em decorrência desta pesquisa individual. Neste momento, faz-se uso daquele estudo por se entender que o mesmo não foi concluído após sua apresentação. Deste modo, retomou-se a parte do estudo cujos fragmentos históricos do passado deram condições de compreender, de forma mais clara, o atual contexto metropolitano e sua ocupação espacial.

3.7 REGIÃO METROPOLITANA DE CURITIBA - NO PASSADO A CONSTRUÇÃO DO HOJE

[...] o passado é o domínio do risco: a noção de que o futuro é mais do que um capricho dos deuses e de que os homens e mulheres são passivos ante a natureza. Até os seres humanos descobrirem como transpor essa fronteira, o futuro era um espelho do passado ou o domínio obscuro dos oráculos e adivinhos que detinham o monopólio sobre o conhecimento dos eventos previstos.

(BERNSTEIN)

A Região Metropolitana de Curitiba forma o principal núcleo populacional do Paraná, estado composto por 399 municípios, distribuídos em uma superfície que ocupa 199.314.850 km² (IBGE, 2000), que tem Curitiba como capital. Situada quase que em sua totalidade no Primeiro Planalto Paranaense, Curitiba alcança as bordas do Segundo Planalto e a Serra do Mar. Delimita-se ao norte com o Estado de São Paulo e ao Sul com o de Santa Catarina.

O processo de formação territorial da RMC tem sua história intrinsecamente ligada à história de Curitiba, tendo como habitantes originais grupos nativos oriundos da Nação Guarani, os Tingüi. As primeiras notícias da ocupação do solo que compõe o território da RMC são de um acampamento às margens do rio Atuba, na localidade conhecida por Vilinha; ainda no século XVI. Esta ocupação obedeceu à dinâmica dos ciclos econômicos vigentes no país, já que teve início quando alguns

portugueses, em busca de ouro de aluvião e de índios para prear, abriram passagem pela Serra do Mar e fixaram-se no Primeiro Planalto Paranaense.

Quando optaram por ocupar a região que abrange os atuais municípios de Bocaiúva do Sul, São José dos Pinhais e Araucária, os pioneiros passaram a se dedicar a novas formas de exploração econômica, tais como o tropeirismo, o cultivo da erva mate; a extração da madeira (nas regiões que se localizam mais ao sul), a cafeicultura (nas regiões mais ao norte do Estado). Com o passar dos séculos a incorporação de novas tecnologias na produção agrícola alterou não só a vida do produtor rural, mas também a paisagem urbana do Paraná.

Voltando aos primeiros exploradores, eles fundaram um pequeno povoado e, mesmo após o fim do ciclo do ouro, permaneceram no local, vivendo da agricultura de subsistência. Em 29 de março de 1693, o pequeno povoado foi elevado à categoria de vila, passando a chamar-se Villa Nossa Senhora da Luz dos Pinhais (IPPUC, 1997/99).

No século XVIII, a vila serviu de entreposto para os tropeiros que vinham de Viamão, no Rio Grande do Sul. Neste parada, grandes fazendas abrigavam o gado, que ficava confinado para ganhar peso e, posteriormente, ser levado para Sorocaba, interior de São Paulo, onde era vendido. Este mesmo tipo de negócio também marcou outras partes do país, como foi o caso do vizinho Estado de Santa Catarina, onde grandes fazendas surgiram junto aos caminhos fundos⁷, local mais tarde cortado pela Estrada da Mata, cujo percurso seguia em sua quase totalidade a atual BR-116.

Devido às alterações dos ciclos econômicos e ao crescimento das cidades os grandes fazendeiros da região optaram por morar na cidade e, ao fazê-lo, incrementavam o comércio local gerando duas formas de ganho, uma na cidade, com a venda do que produziam em suas terras e outra no campo, com o aluguel de suas fazendas para os tropeiros (MENEZES, 1996).

Foi somente em 05 de janeiro de 1842, por meio da Lei Provincial número 5, que a Villa Nossa Senhora da Luz dos Pinhais foi elevada à categoria de cidade, tendo seu nome modificado para CURITIBA, o que significa, na língua indígena, lugar de muito pinhão (IPPUC, 1997/99). Na história oficial de Curitiba consta que,

⁷ Caminhos fundos são os antigos caminhos abertos pelo próprio gado quando de sua passagem em direção a Sorocaba. Ainda é muito comum encontrá-los na divisa dos Estados do Paraná e Santa Catarina.

nessa época, um novo ciclo econômico surgiu na região, o da erva-mate. A posição geográfica de Curitiba, próxima ao Porto de Paranaguá, favoreceu o comércio, principalmente com os países platinos.

O maior avanço populacional na região se deu após a Lei das Terras⁸, homologada por D. Pedro II, em 1850, considerada um marco divisor na relação do homem com a terra. Esta normativa imperial regulamentava o uso e a propriedade da terra, mas fixava também uma política de colonização, definindo como camponeses ideais os imigrantes europeus e deixando em plano secundário os não-brancos, que eram considerados raças inferiores (RADIN, 2003, p.35).

Tratando deste mesmo assunto Lima (2000, p. 74) apresenta documentos da época provando que a grande maioria dos imigrantes que por aqui chegaram foram encaminhados pelas autoridades locais para núcleos coloniais, pois temia-se que pudessem trazer diferentes tipos de pestes e epidemias. Os primeiros colonos europeus não permaneceram, portanto, em Curitiba⁹.

Fazendo parte da 5ª Província de São Paulo até 1853, quando conseguiu sua emancipação política, o Paraná optou por Curitiba como a capital da Província. A fim de melhorar sua infra-estrutura os novos dirigentes perceberam que era necessário oferecer melhores condições

[...] para os novos serviços e as novas demandas inerentes à condição de capital de província. A elite emergente do comércio do gado e da erva-mate passava a introduzir na cidade novos hábitos de consumo e novas demandas sociais: escolas, teatros, clubes, áreas de lazer e outros [...] (MENEZES, 1996, p.57).

Pode-se, então, observar que naquele período já se pensou a cidade como produto e ao mesmo tempo como consumo, pois no ano seguinte, ao receber o título de capital da Província, contratou-se o primeiro urbanista oficial de Curitiba, o engenheiro francês Pierre Taulois, que chegou no ano de 1855 e propôs de imediato um re-ordenamento da cidade (IPPUC, 1997/99).

⁸ A lei das Terras surgiu num contexto de crise do trabalho escravo, ano em que, pela Lei Eusébio de Queiroz, proibiu-se o tráfico de negros ao Brasil, fato que forçou as autoridades a fomentar o ingresso de imigrantes (RADIN, 2003, p.35)

⁹ A Câmara Municipal desta cidade de Curitiba, velando, como lhe incumbe, pela salubridade pública, vem respeitosamente solicitar a V. Exa. as necessárias providências a fim de que não se reproduza e cesse quanto antes a aglomeração de colonos dentro desta cidade, os quais, procedentes de um porto como o do Rio de Janeiro, que se acha atualmente infectado de diversas epidemias e recolhidos aos centenares em pequenas hospedarias desta Capital, sem asseio e outras condições higiênicas, podem como V.Exa. compreende, ser origem de uma peste entre nós, horrível calamidade de que devemos preservar-nos (LIMA, 2000, p.74).

Seu projeto urbanístico destacava dois importantes pontos que merecem ser aqui enfocados: a remodelação das ruas da cidade evitando ângulos quebrados entre elas e a implantação de um cinturão verde em torno da cidade para o cultivo de produtos hortifrutigranjeiros, que foi reservado para o trabalho, principalmente dos imigrantes vindos de vários países europeus. Para fazer a remodelação do arruamento de Curitiba o engenheiro Taulois pediu a desapropriação de vários terrenos, caso contrário as ruas não ficariam retas e paralelas entre si (MENEZES, 1996).

No início do século XX, na Lei de Zoneamento de Curitiba, que dispunha das normas para uso do solo e construção na cidade, já se percebem os primeiros sinais de segregação sócio-espacial imposta politicamente aos moradores da cidade.

A Lei define áreas específicas de atividades urbanas. A rua da Liberdade é reservada para órgãos governamentais. As regiões do Alto da Glória e do Batel são reservadas para residências da aristocracia, principalmente a da Erva-Mate e as regiões do Rebouças e do Portão são definidas como áreas industriais e moradia dos operários (IPPUC, 1997/99, p.41).

Diante da referida lei, percebe-se que com a evolução da sociedade urbana em Curitiba um novo contexto sócio-espacial foi desenhado, atingindo diretamente as classes sociais mais desfavorecidas que chegavam ou já habitavam a região. Estas viram-se praticamente obrigadas a se retirar do centro da cidade. Com isso, pode-se afirmar que o cumprimento da lei valorizava terras próximas do centro, atribuindo-lhes alto valor de compra e diminuía os preços das terras mais distantes, como as situadas nos bairros Portão, Pinheirinho e Vila Hauer, que, tendo preços mais acessíveis, eram vendidas às classes operárias, mais pobres e carentes, colaborando para o processo de favelização em algumas áreas da periferia curitibana.

Do início até meados do século XX o desenvolvimento urbano de Curitiba recebeu novo incremento populacional, que excedeu a 100.000 pessoas e, segundo a Prefeitura Municipal de Curitiba, foi motivado por duas causas: a existência, no centro da cidade, de uma das maiores forças beligerantes do país – a 5^a Região Militar do Exército - e da Universidade Federal do Paraná, que se destacava nacionalmente como centro de Educação Superior (IPPUC, 1997/99).

Para Ultramari; Moura e Cardoso (1988) foi já a partir da década de 1970, quando surgiram as Regiões Metropolitanas, que a RMC ganhou destaque nacional,

pois neste período ela apresentou a mais alta taxa de crescimento populacional entre todas as regiões metropolitanas existentes no país. O aumento médio anual chegou aos 5,6%, enquanto que as outras regiões metropolitanas apresentaram média de 3,7%.

Justificou-se tal fenômeno pela excessiva procura do homem do campo pela cidade, promovendo assim um também elevado êxodo rural tanto no Estado do Paraná quanto nos estados vizinhos.

As mudanças que ocorreram na Região Metropolitana de Curitiba têm sido orientadas, em grande parte, pela forte presença do estado planejador. Por muito tempo houve, por parte do Estado, uma inquietação no sentido de garantir um crescimento harmonioso na metrópole Firkowski (2001), entretanto, assegura que o processo de metropolização só assumiu significado real na década de 1990, quando teve início um movimento de distribuição da população entre os municípios membros do aglomerado metropolitano em função da distribuição das atividades econômicas, pois até então tudo estava concentrado em Curitiba.

De acordo com o padrão brasileiro de urbanização, Curitiba encaixa-se entre as metrópoles que mais expandiram sua periferia, conforme análise da Tabela 3. Há, deste modo, a necessidade de estudos a fim de compreender as relações que ocorrem entre a sociedade e o espaço, que tem se alterado profundamente em função das mudanças e da complexidade que vem adquirindo dimensões econômicas, sociais e urbanas (FIRKOWSKI, 2001).

À medida que a Região Metropolitana de Curitiba foi crescendo, Fazenda Rio Grande foi também se destacando como o município que teve a maior taxa de crescimento demográfico (10,76% entre 1991-2000), em comparação com os outros vinte e seis municípios que compõem a RMC. Em seguida, pode-se destacar o município de Piraquara, cujo crescimento chegou em 9,83%. Em contrapartida os municípios de Cerro Azul e da Lapa foram os que tiveram os menores índices de crescimento demográfico, ficando respectivamente com taxas de 0,19% e 0,46%. Observa-se, ainda, que os municípios criados a partir de 1995 - Almirante Tamandaré, Bocaiúva do Sul e Mandirituba - foram os que tiveram os maiores índices de crescimento demográfico (depois de Fazenda Rio Grande), enquanto Cerro Azul e Rio Branco do Sul apresentaram os menores índices. Nos índices intermediários de crescimento demográfico estão os municípios de Araucária, Campina Grande do Sul, Campo Magro, Colombo, Itaperuçu e São José dos

Pinhais, que apresentam uma taxa média de crescimento de 5 a 7%, observável na tabela a seguir.

TABELA 3 - POPULAÇÃO E TAXA DE CRESCIMENTO DA REGIÃO METROPOLITANA DE CURITIBA

MUNICÍPIO	POPULAÇÃO TOTAL 1991	POPULAÇÃO TOTAL 2000	TAXA DE CRESCIMENTO 1991-2000 (%)	Explicações
ADRIANÓPOLIS	8.935	7.007	-2,66	----
AGUDOS DO SUL	6.076	7.221	1,94	----
ALMIRANTE TAMANDARÉ	54.560	88.277	5,49	(*) 66159-11599 (Almirante Tamandaré- Campo Magro)
ARAUCÁRIA	61.889	94.258	4,79	----
BALSA NOVA	7.515	10.153	3,40	----
BOCAIÚVA DO SUL	7.361	9.050	2,32	(*)10657-3296 (Bocaiúva do Sul-Tunas do Paraná)
CAMPINA GRANDE DO SUL	19.343	34.566	6,66	----
CAMPO LARGO	72.523	92.782	2,78	----
CAMPO MAGRO*	11.599	20.409	6,48	----
CERRO AZUL****	16.082	16.352	0,19	(*)21073-4991 (Cerro Azul-Dr.Ulisses)
COLOMBO	117.767	183.329	5,04	----
CONTENDA	8.941	13.241	4,46	----
CURITIBA	1.315.035	1.587.315	2,11	----
DOCTOR ULYSSES ***	4.991	6.003	2,07	----
FAZENDA RIO GRANDE ***	25.065	62.877	10,76	----
ITAPERUÇU ***	11.562	19.344	5,89	----
LAPA*****	40.150	41.838	0,46	----
MANDIRITUBA	13.271	17.540	3,15	(*)38336-25065 (Mandirituba-Fazenda Rio Grande)
PINHAIS **	75.536	102.985	3,50	----
PIRAQUARA	31.346	72.886	9,83	(*)106882-75536 (Piraquara-Pinhais)
QUATRO BARRAS	10.007	16.161	5,47	----
QUITANDINHA	14.418	15.272	0,64	----
RIO BRANCO DO SUL	26.734	29.341	1,04	(*)38296-11562 (Rio Branco do Sul- Itaperuçu)
SÃO JOSÉ DOS PINHAIS	127.455	204.316	5,38	----
TIJUCAS DO SUL	10.224	12.260	2,04	----
TUNAS DO PARANÁ ***	3.296	3.611	1,02	----
TOTAL RMC	2.061.531	2.768.394	3,33	----
TOTAL RMC (-) CURITIBA	746.496	1.181.079	5,23	----
TOTAL PARANÁ	8.448.713	9.563.458	1,39	----
TOTAL PARANÁ (-) RMC	6.387.182	6.795.064	0,69	----
TOTAL (COM CURITIBA)				

Fonte: Censo Demográfico-IBGE-1991/2000

* município criado em 1995.

** município criado em 1992.

*** município criado em 1990

**** município passou a integrar A Região Metropolitana de Curitiba em 29/12/1994

***** município passou a integrar A Região Metropolitana de Curitiba em 08/03/2002

Agregando 41% da população urbana do Estado, os municípios da Região Metropolitana de Curitiba tiveram o processo de crescimento desencadeado por movimentos como êxodo rural, migração urbana-urbana e migração urbana para a região periférica de Curitiba. O primeiro deles deixou sua marca mais visível entre os anos de 1960 a 1980 e ocorreu principalmente pela modernização tecnológica da agricultura, que promoveu um esvaziamento das áreas rurais do Paraná. Nesse mesmo período deu-se a instalação da Cidade Industrial de Curitiba, criada pela Lei 4.773/74, numa área ao sul da capital paranaense planejada e estruturada para concentrar indústrias. Isso motivou o segundo dos três movimentos. O terceiro movimento marcou a década de 1990 quando o Governo do Estado incentiva a implantação do Complexo Industrial Automotivo na RMC.

Pode-se dizer que a metropolização de Curitiba foi caracterizada por um processo intenso de êxodo rural e de concentração urbana ocorrido num curto espaço de tempo. Em trinta anos a população da Região Metropolitana de Curitiba (RMC) ultrapassou muito os dois milhões de habitantes (2.425.361) e foi aglutinando novos municípios até chegar ao número atual de 26¹⁰ (MOURA, 2001).

O perfil demográfico e sociocultural da RMC foi fortemente alterado pelas migrações e pelos incentivos das administrações públicas. Mais recentemente a instalação da indústria automobilística na RMC foi outro fator que desencadeou aumento populacional rápido nos municípios periféricos.

A RMC tem se destacado economicamente como uma das mais progressivas do Brasil. Esse êxito não significa, no entanto, que haja qualidade de vida na região. Neste estudo, realizado em um dos municípios periféricos, Fazenda Rio Grande, pôde-se observar que as diferenças sociais são discrepantes se comparadas à capital do Estado.

¹⁰ Fazem parte da região metropolitana de Curitiba – RMC, os seguintes municípios: Adrianópolis, Agudos do Sul, Almirante Tamandaré, Araucária, Balsa Nova, Bocaiúva do Sul, Campina Grande do Sul, Campo Largo, Campo Magro, Cerro Azul, Colombo, Contenda, Curitiba, Doutor Ulisses, Fazenda Rio Grande, Itaperuçu, Lapa, Mandirituba, Pinhais, Piraquara, Quatro Barras, Quitandinha, Rio Branco do Sul, São José dos Pinhais, Tijucas do Sul, Tunas do Paraná.

3.8 FAZENDA RIO GRANDE: HISTÓRIA DE UMA CIDADE EM BUSCA DE SUA IDENTIDADE SOCIAL

Antes mesmo da apresentação do objeto deste estudo acredita-se ser necessário recorrer a Santos (1997), que conceitua espaço enquanto objeto geográfico, para em seguida voltar-se à Fazenda Rio Grande como espaço sociocultural e ambiental, *locus* desta pesquisa. Para Santos, os objetos que despertam o interesse da Geografia não são apenas objetos móveis, são também os imóveis - uma cidade, uma barragem, uma estrada de rodagem, um porto, uma floresta, uma plantação, um lago, uma montanha. Todos são objetos geográficos que podem tornar-se domínio tanto da chamada Geografia Física como da Geografia Humana e, através da história, da forma como foram produzidos, provocar o encontro das duas Geografias. Neste sentido Santos (1997, p.59) completa afirmando que:

Para os geógrafos, os objetos são tudo o que existe na superfície da Terra, toda herança da história natural e todo resultado da ação humana que se objetivou. Os objetos são esse extenso, essa objetividade, isso que se cria fora do homem e se torna instrumento material de sua vida, em ambos os casos uma exterioridade.

Compreende-se que os olhares do geógrafo e do historiador voltam-se, desse modo, para o mesmo foco e confluem quando levam em conta a existência e também a continuidade destes objetos.

Seguindo o curso do pensamento, Santos (1997, p.59-60) assegura que:

O enfoque geográfico supõe a existência dos objetos como sistemas e não apenas como coleções: sua utilidade atual, passada, ou futura vem, exatamente, do seu uso combinado pelos grupos humanos que criaram ou herdaram das gerações anteriores. Seu papel pode ser apenas simbólico, mas geralmente, é também, funcional.

Nesse sentido, tratar-se-á de Fazenda Rio Grande buscando entendê-la por meio de sua formação enquanto espaço físico e das transformações provocadas ora pela ação do homem ou da natureza.

Com o propósito de discutir as influências socioculturais, que tem influído diretamente na formação de uma ou mais identidades sociais de Fazenda Rio Grande, acredita-se ser necessário apresentar, antes, os diversos atores e fatores

sociais envolvidos neste espaço. São eles o próprio espaço, as instituições, os primeiros habitantes, as transformações provocadas pelo forte contingente migratório que se estabeleceu na região, reguladas pela intensa mobilidade da força de trabalho e o próprio Estado, que, como ator social, também tem contribuído significativamente para a acumulação de capital, promovendo contradições urbanas visíveis, especialmente nas periferias metropolitanas.

Em 26 de janeiro de 1990, pela Lei Estadual nº. 9.213, Fazenda Rio Grande foi elevada à categoria de município, com uma faixa territorial de 173.219 km² desmembrada do município de Mandirituba, cidade que também faz parte da Região Metropolitana de Curitiba. Tanto o município quanto a cidade de Fazenda Rio Grande estão localizados na divisa imediata da porção sul da Região Metropolitana de Curitiba. Limitam-se com Araucária a Oeste, com São José dos Pinhais a Leste e com Mandirituba ao Sul conforme, observa-se na Figura 7.

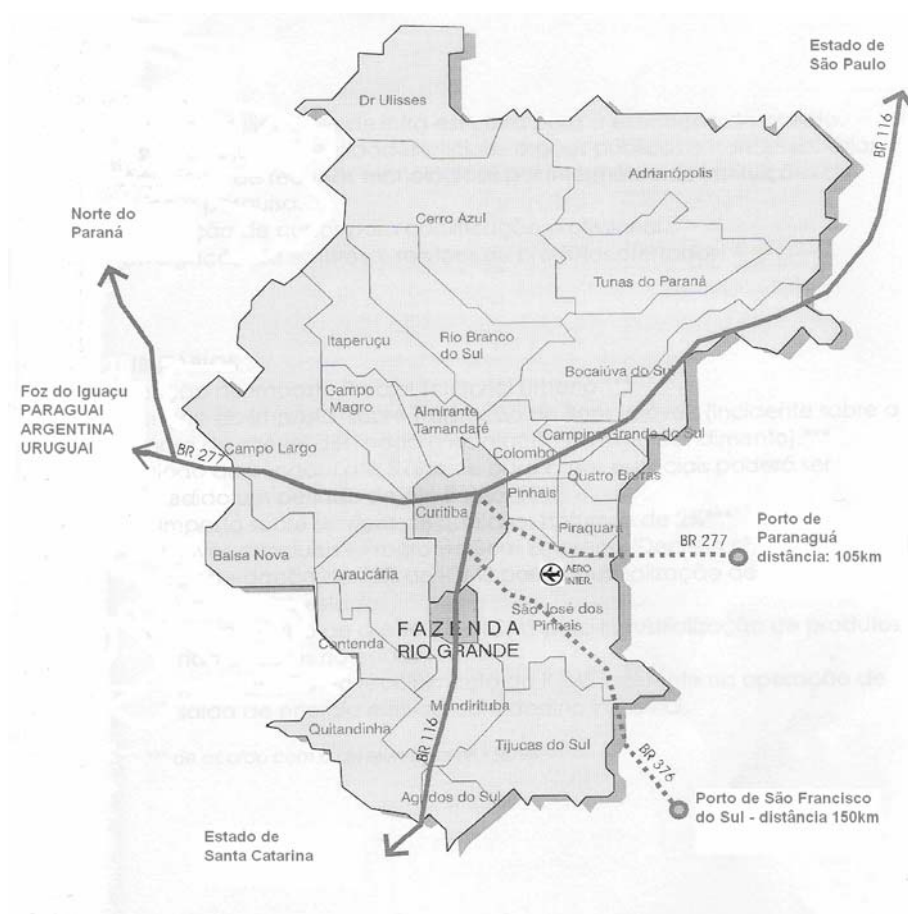


Figura 7 – FRG/PR - BR 116 - Integração Interestadual

Fonte: PMFRG. PLANEJAMENTO URBANO (2004)

Por ser um município bastante jovem, Fazenda Rio Grande precisa que os poderes públicos institua políticas emergenciais a fim de conter os problemas produzidos pela rápida transformação de seu espaço, tanto social quanto territorial, transformação esta que alterou consideravelmente o pequeno distrito rural mandiritubense, como se observa na Figura 13, quando se apresenta um comparativo do avanço da mancha urbana entre os anos de 1979 e 2007.



Figura 8 - FRG/PR - Vista parcial do bairro rural São Sebastião, divisa com Mandirituba

Fonte: SACHWEH, M. S. (2006)



Figura 9 – FRG/PR - Vista parcial do bairro rural: São Sebastião, Rua Júlio Souza Santos, nº. 200

Fonte: SACHWEH, M. S. (2006)



Figura 10 – FRG/PR - Vista parcial do bairro São Sebastião, Rua Júlio Souza Santos, frente ao nº. 200

Fonte: SACHWEH, M. S. (2006)

O território do município de Fazenda Rio Grande encontra-se situado entre os rios Iguaçu, Maurício e Despique. Seus terrenos apresentam declividades inferiores a 20% e as restrições locais ambientais nem sempre se limitaram à obediência de leis anteriores à sua emancipação política. Atualmente, a efetiva ocupação do território está exigindo a aplicação da Constituição Federal de 1988, que obriga os municípios a se organizar internamente de acordo com um Plano Diretor e da Lei Municipal nº. 10.257, de 10 de julho de 2001, que criou o Estatuto da Cidade.

A emancipação política e os contextos sociocultural e econômico de Fazenda Rio Grande destacam-se no crescimento da própria RMC por dois motivos: a proximidade com os centros industriais de Curitiba, Araucária e São José dos Pinhais e o baixo custo das terras, que atraiu numerosas famílias oriundas do interior do Paraná, de Santa Catarina e até de outros estados brasileiros. Isso favoreceu enormemente a ocupação da região, que passou a ser conhecida como cidade-

dormitório, por abrigar trabalhadores de outros municípios que só ficam em Fazenda Rio Grande durante a noite (PMFRG. PLANEJAMENTO URBANO, 2005).

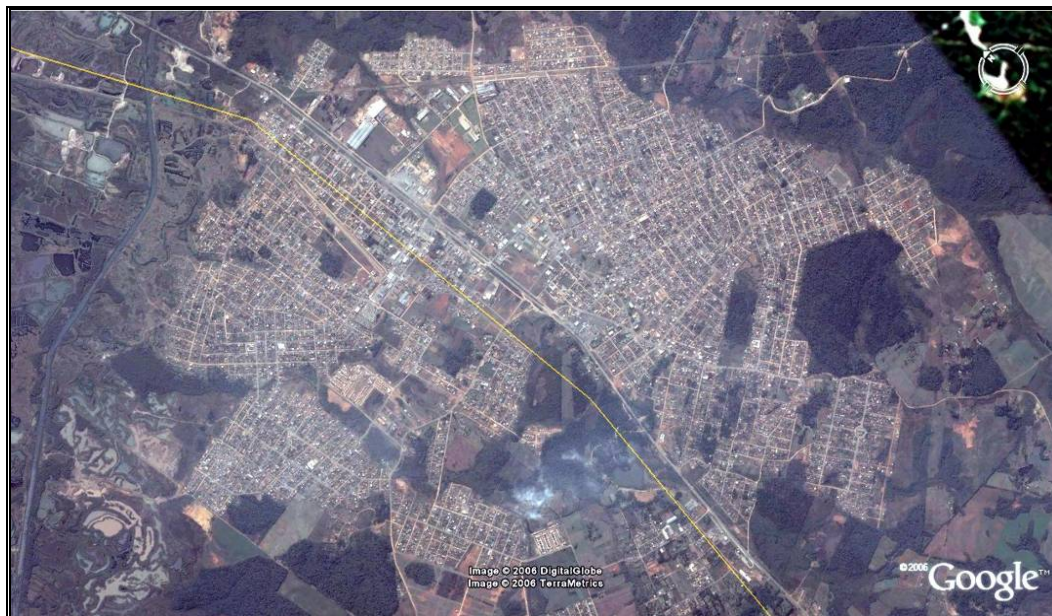


Figura 11 - FRG/PR - Imagem aérea em 13/11/2006

Fonte: SACHWEH, M. S. (2006)

Nota: Fazenda Rio Grande: foto aérea. Disponível no site: [http://www. googleearth.com](http://www.googleearth.com). Acesso em 13 nov. 2006.

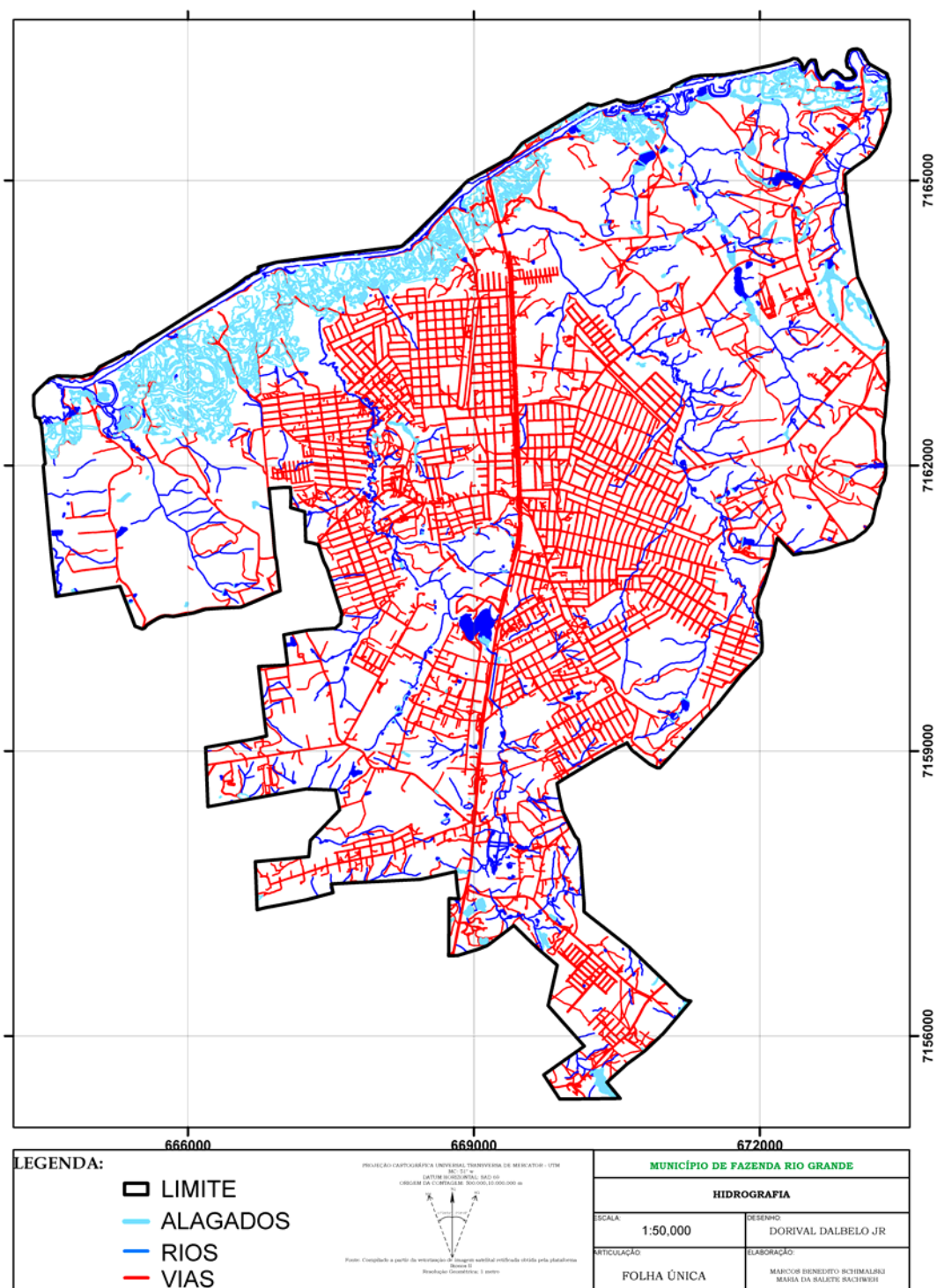


Figura 12 - FRG/PR - Hidrografia e malha viária

Fonte: DALBELO JR, D.; SCHIMALSKI, M. B.; SACHWEH, M. S. (2007)

Ao tratar do município de Fazenda Rio Grande faz-se necessário analisar também seus aspectos físicos, isto porque não há como fazer uma abordagem da problemática sociocultural e ambiental sem considerar a ação do homem no meio ambiente.

Passados dezessete anos de emancipação, os 173.219 Km² do município de Fazenda Rio Grande apresentam grandes transformações em seu espaço físico, provocadas pelo avanço do urbano sobre o rural. Pode-se verificar que no decorrer do processo de expansão, ocorrido logo após a emancipação política, não se observou com rigor o respeito a leis anteriores (como a própria Constituição Federal), pois construções residenciais e vias públicas foram aparentemente abertas e levantadas em áreas de proteção ambiental e de baixa declividade, o que causa problemas a todas as regiões do município.

Uma das consequências desta expansão em desacordo com a lei foi o rápido aumento populacional. De acordo com o que se apresentou na Tabela 3 – População e taxa de crescimento da RMC e também na Tabela 4 – Projeção populacional da RMC, o município tornou-se quase que totalmente urbano, pois cerca de 95% dos habitantes de Fazenda Rio Grande vivem nos seis bairros da área urbana (Figura 18 – Bairros Radiais) Iguaçu, Eucaliptos, Nações, Gralha Azul, Estados e Santa Terezinha, que se distribuem de forma radial tendo como centro a BR-116. Os bairros mais populosos são Nações e Iguaçu. A área rural é pouco expressiva, com apenas 3.681 habitantes, todos pequenos produtores rurais que vivem das lavouras do milho e do feijão, destacando-se ainda alguns criadores de aves. Por outro lado, uma pequena parte, dos moradores da região dedica-se ao plantio de mudas e à exploração das florestas de pinus, bracatinga e eucaliptos.

Ao analisar os mapas de hidrografia e vertentes do município (Figura 12 e 17) observa-se que, para abrigar este contingente populacional urbano, uma grande área de terrenos alagadiços e de baixa declividade foi ocupada pelos moradores. Na ânsia de possuir um pedaço de terra eles adquiriram terrenos sem prévio estudo da região e, como consequência, viraram vítimas constantes de enxurradas, principalmente as causadas pelas chuvas de verão. Nos dias frios de inverno sofrem com alagamentos que atingem com mais rigor a população carente da parte norte (nos bairros Iguaçu, pequena parte do Pioneiros e Eucaliptos, que é atingido também em seus limites com São José dos Pinhais) e também nos bairros ao sul e a

sudeste (Estados e Gralha Azul, de todos os mais atingidos pelos fenômenos da natureza).

Atualmente há uma preocupação por parte da administração municipal em fazer chegar às residências da área urbana um sistema público de esgotamento sanitário. Pode-se afirmar, no entanto, que grande parte da população também se utiliza de sistemas individuais para dar destino a seus esgotos, de modo que é comum ver em áreas de invasão e ocupação irregular esgotos sendo lançados em valas bem como na galeria de águas pluviais.

Na porção centro-oeste do Município, no bairro Estados, um lago é administrado pelo município e serve também como área de lazer para a população local. Contrastando com isso no bairro Gralha Azul, a Sapolândia¹¹ (Figura 27) é uma área de invasão que aumenta dia após dia. Esta comunidade vive em casas construídas de modo precário em áreas de proteção ambiental. As construções, erguidas de modo irregular, têm provocado o soterramento de algumas nascentes, enquanto que em áreas centrais é visível a preocupação com a canalização de nascentes.

Observa-se que em algumas áreas às margens dos rios foram feitas construções que originaram a abertura de ruas e a instalação de bueiros, galerias, pontilhões, passarelas e mesmo residências, algumas delas também em situação irregular. É freqüente situações assim dificultarem a passagem do fluxo pluvial em determinados pontos da cidade causando inundações.

A elaboração do Plano Diretor possibilitou a organização e a construção coletiva de um documento que seguindo Gramsci (1978), poderia ser considerado como um ideário urbano aplicável à Fazenda Rio Grande, isto porque exigiu que a sociedade local discutisse e elaborasse um modo de pensar coletivo, que foi além do desenvolvimento ou do progresso econômico, pois visou estudos para a contenção de gastos públicos e a busca de soluções para desigualdades sociais geradas pela falta de moradia e por ocupações precárias.

Segundo dados apresentados pelo IBGE (2000) no início de 2001, Fazenda Rio Grande abrigava 62.877 habitantes em uma extensão territorial de 173,219 km². Isso equivale a uma densidade de 522,59 hab/km². Conforme apresentado anteriormente na tabela 3 do IBGE, Fazenda Rio Grande teve um crescimento

¹¹ Sapolândia é um modo como parte da população chama parte do bairro Gralha Azul.

equivalente a 10,27% para o período compreendido entre 1991 e 2000. Esta porcentagem representa um dos mais elevados índices de crescimento populacional brasileiro e o maior do Paraná.

A análise de documentos cedidos pela Prefeitura de Fazenda Rio Grande revelou que a realidade apresentada na Tabela 4 já sofreu consideráveis alterações, superando inclusive a projeção realizada pelo IPARDES em 2004, que apontava 65.944 habitantes quando a população do lugar já superava os 90.000 habitantes.

TABELA 4 - PROJEÇÃO POPULACIONAL DO CRESCIMENTO DA REGIÃO METROPOLITANA DE CURITIBA

Municípios	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Adrianópolis	6.157	5.889	5.621	5.358	5.110	4.866	4.643	4.427	4.207	4.003	3.803
Agudos do Sul	6.720	6.775	6.844	6.896	6.944	6.985	7.018	7.053	7.074	7.097	7.110
Almirante Tamandaré	92.051	97.212	102.601	108.189	113.980	120.001	126.225	132.636	139.253	146.052	153.046
Araucária	91.087	98.547	94.776	102.392	106.285	110.243	114.236	118.268	122.311	1126.371	130.431
Balsa Nova	9.717	9.961	10.186	10.412	10.651	10.886	11.111	11.342	11.563	11.782	11.993
Bocaiúva do Sul	9.150	9.272	9.388	9.496	9.600	9.691	9.783	9.868	9.941	10017	10.073
Campina G. do Sul	39.439	41.592	43.824	46.128	48.517	50.976	53.509	56.116	58.781	61.496	64.291
Campo Largo	92.030	94.120	96.194	98.226	100.217	102.168	104.061	105.905	107.680	109.381	111.018
Campo Magro*	21.218	22.561	23.973	25.446	26.995	28.602	30.282	32.032	33.854	35.737	37.697
Cerro Azul****	17.748	17.873	17.995	18.095	18.201	18.283	18.355	18.410	18.439	18.462	18.474
Colombo	202.977	217.052	231.926	247.658	264.222	281.668	299.983	319.172	339.210	360.114	381.894
Contenda	12.990	13.121	13.253	13.387	13.496	13.600	13.703	13.781	13.850	13.910	13.963
Curitiba	1.607.793	1.637.696	1.666.817	1.695.030	1.722.243	1.748.361	1.773.280	1.796.834	1.818.892	1.839.415	1.858.337
Doutor Ulysses ***	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
FAZENDA RIO GRANDE ***	65.944	72.162	78.890	86.165	94.029	102.528	111.698	121.568	132.181	143.589	155.851
Itaperuçu ***	22.317	23.596	24.928	26325	27.771	29.273	30.828	32.430	34.082	35.790	37.542
Lapa*****	41.424	41.677	41.910	42.110	42.278	42.413	42.517	42.598	42.620	42.617	42.569
Mandirituba	17.084	17.526	17.976	18.419	18.860	19.285	19.715	20.126	20.530	20.933	21.322
Pinhais **	101.445	104.360	107.258	110.141	113.005	115.814	118.590	121.305	123.962	126.549	129.080
Piraquara	66.642	70.518	74.570	78.786	83.176	87.732	92.454	97.357	102.430	107.688	113.121
Quatro Barras	19.933	21.754	23.748	25.896	28.228	30.742	33.456	36.377	39.516	42.882	46.499
Quitandinha	13.643	13.502	13.354	13.211	13.047	12.871	12.692	12.510	12.310	12.107	11.905
Rio B. do sul	22.281	21.987	21.685	21.364	21.034	20.695	20.355	19.995	19.624	19.250	18.864
São José dos Pinhais	210.395	221.575	233.185	245.184	257.602	270.412	283.620	297.176	311.084	325.319	339.891
Tijucas do Sul	12.507	12.718	12.911	13.111	13.294	13.461	13.628	13.782	13.921	14.060	14183
Tunas do Paraná ***	4.026	4.174	4.321	4.464	4.616	4.766	4.915	5.074	5.232	5.381	5.535
RMC	2.806.718	2.893.451	2.981.905	3.071.889	3.163.401	3.256.322	3.350.657	3.446.142	3.542.547	3.640.002	3.738.492

Fonte: (IPARDES, 2004)

O final da década de 1970, quando ainda era distrito de Mandirituba, Fazenda Rio Grande já apresentava uma considerável evolução no seu processo de crescimento populacional, pois nesta mesma época consolidava-se a Cidade Industrial de Curitiba, que tinha por objetivo¹² empreender a industrialização e impulsionar a transformação econômica da região em um espaço único, de modo que se optou por não adotar um modelo que segregasse o núcleo industrial na periferia. (Figura 13 - FRG/PR - Comparativo: mancha urbana - 1979 e 2007).

A implementação da CIC em região contígua a Fazenda Rio Grande, acelerou o processo de transformação daquele espaço, o que comprovam Oliveira e Costa (2000) sobre a afirmação de Zahn (1983) ao descrever que há uma estreita relação, entre a estrutura da organização espacial de uma população e a estrutura econômica predominante em uma sociedade. Compreende-se, portanto, que a acelerada transformação econômica resultante da industrialização corresponde ao aumento da participação da população urbana no conjunto.

¹² Com o objetivo de empreender a industrialização e impulsionar a transformação econômica que vinha ocorrendo, em 19 de janeiro de 1973 lançou-se o projeto da CIC – Cidade Industrial de Curitiba. A cidade optou por não adotar um modelo que segregasse o núcleo industrial na periferia. Preferiu implantar um eixo de vida e trabalho que integrou a industrialização à malha urbana e à preservação da natureza.

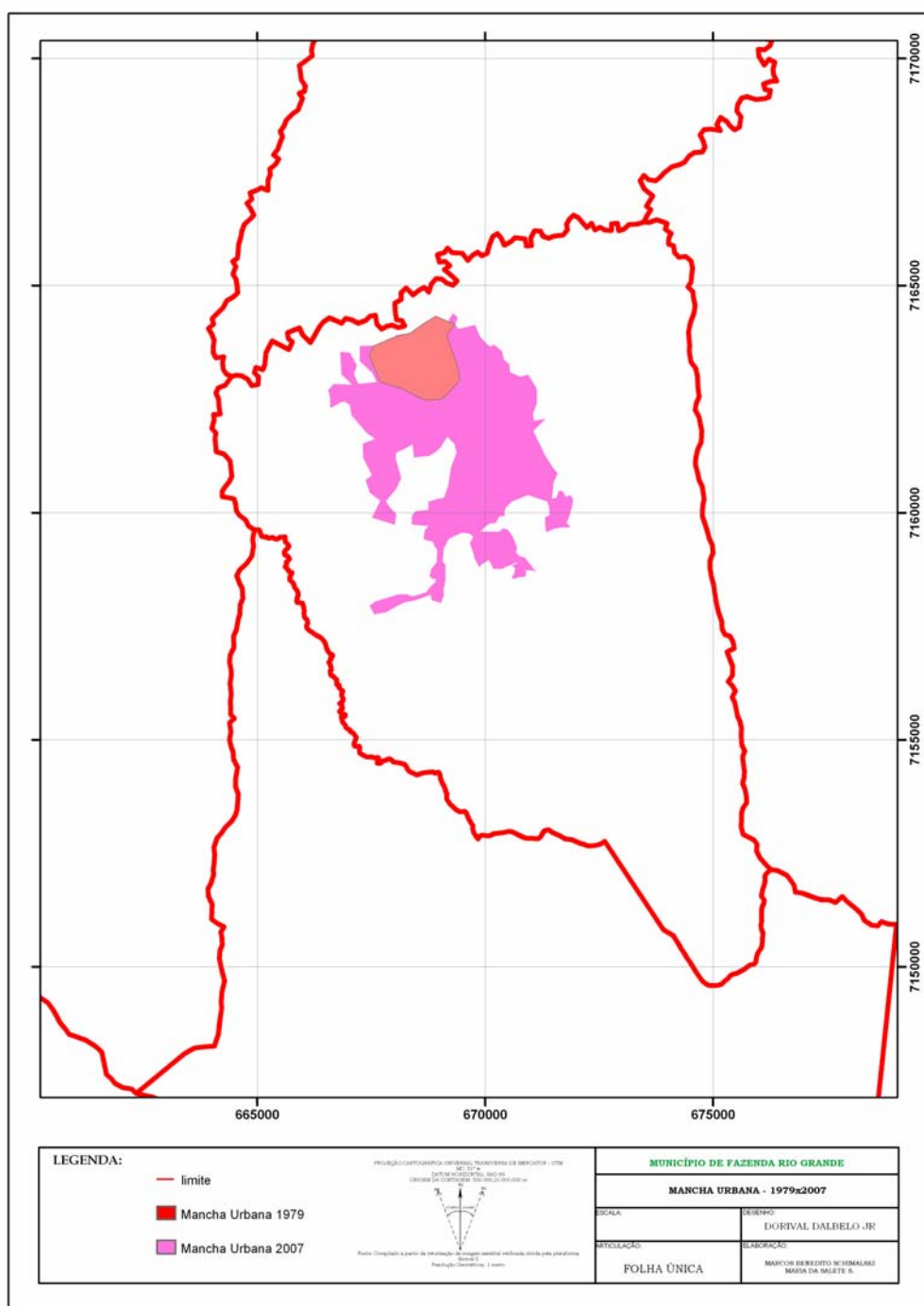


Figura 13 - FRG/PR – Comparativo: mancha urbana - 1979 e 2007

Fonte: DALBELO JR, D.; SCHIMALSKI, M. B.; SACHWEH, M. S. (2007)

Paradoxalmente, as gerências¹³ municipais de Planejamento, Saúde e Educação integraram-se ao trabalho desenvolvido pela Secretaria do Meio Ambiente¹⁴ que, entre outras ações apresentam medidas para conter irregularidades ocorridas há anos atrás, quando da liberação de construções e fornecimento de 'habite-se'. Estes órgãos têm procurado dar atendimento em geral às zonas de ocupação regular e irregular, demonstrando que a intensificação do trabalho em função da chegada de novos moradores ocorreu antes do que o previsto para 2007.

Esse crescimento tornou-se um desafio tanto para os governos local e estadual quanto para estudiosos das questões socioculturais e ambientais, pois ao adentrar e se fixar em um novo lugar as pessoas trazem consigo muito mais do que a mudança material. Diferentes individualidades incorporam-se ao sujeito, acompanhadas de uma somatória de identidades de todas as sociedades em que este se fez/faz presente ou não.

Para Santos (2004, p.18) este fenômeno foi provocado pela mobilidade, que se tornou praticamente uma regra nos dias atuais. A mobilidade processa-se tão rapidamente que seres humanos, produtos, mercadorias, imagens e idéias mudam como se fossem turistas ou imigrantes. Tudo torna-se efêmero, renunciando a desterritorialização¹⁵. Pode-se entender que ao deixar para trás outras culturas e mudar-se para uma cidade grande homens e mulheres (adultos, jovens ou crianças), defrontam-se com um espaço que não ajudaram a criar. A história e a memória do lugar lhes são desconhecidas, o que provoca uma sensação de estranheza e, eventualmente, uma forma vigorosa de alienação¹⁶.

A partir do momento que esses sujeitos assumem uma mudança, novas identidades incorporam-se a eles. Isso, porém, não significa que eles se desidentificaram das anteriores, pelo contrário, conforme Pollack (1992) as identidades pré-existentes são armazenadas e selecionadas na memória. Pode, ainda, ocorrer outro fenômeno. A história de cada um, as crenças, valores,

¹³ A organização administrativa de Fazenda Rio Grande encontra-se dividida em doze Gerências: Ação Social e Relações do Trabalho, Administração, Controle Interno, Desenvolvimento Econômico, Educação, Governo, Obras Públicas, Planejamento, Planejamento Urbano, Procuradoria Jurídica, Saúde e Urbanismo.

¹⁴ Esta secretaria parte da Gerência Municipal de Urbanismo.

¹⁵ Desterritorialização, para Santos (2004), é uma palavra também utilizada com muita frequência como sinônimo de uma outra que, estranhamente, significa desculturização.

¹⁶ De acordo com o Materialismo Histórico Dialético, Marx incorporou três elementos dos estudos de Hegel: 1) a idéia de que o motor da história é a negatividade; 2) que a história é um processo; 3) que este processo tem um ritmo que leva à passagem da alienação à supressão da alienação.

experiências, as diferentes formas de relacionamento e a diversidade cultural adquirida na caminhada podem unir ou afastar esses sujeitos, provocando neles reações diferentes que vão da responsabilidade pelo outro à repulsa, do ódio ao desejo, do ficar ao ir embora, do ser sujeito ao estar sujeito. A forma como os migrantes aceitam sua condição de morador de um novo lugar depende, portanto, dos valores guardados na memória (DUBAR, 2005), podendo, inclusive, acontecer de serem mais rigorosos em suas considerações no novo espaço do que o eram antes.

Feitas as considerações acima há que se concluir que a BR-116 foi uma facilitadora no sentido de agrupar identidades diferentes num mesmo espaço físico: Fazenda Rio Grande (vide figura 7 – FRG/PR - BR-116 – Integração Interestadual e figura 14 - FRG/PR - Vista parcial do Trecho da BR-116 em frente ao Posto 21). As figuras mostram o tráfego da rodovia que corta o município no sentido Norte-Sul formando um verdadeiro corredor socioeconômico e cultural que conecta o Paraná ao Mercosul, Curitiba ao bairro fazendense da Nação e que aproxima diferentes sujeitos que vão se incorporando ao novo espaço.



Figura 14 - FRG/PR - Vista parcial do Trecho da BR-116 em frente ao Posto 21 - 6h40min

Fonte: SACHWEH, M. S., 2006

Após dezessete anos de emancipação o Município apresenta grandes transformações em seu espaço físico, como o avanço do urbano sobre o rural, conforme demonstrado na Figura 15, Jardins Ipê e Ângico no Bairro Santa Terezinha – projetam-se em direção à plantação de trigo. Já a Figura 16 mostra o Jardim Kokubo, também no Bairro Santa Terezinha, adentrando a zona rural, onde há animais pastando.



Figura 15 – FRG/PR - Vista parcial do avanço do urbano sobre o rural 1
Fonte: SACHWEH, M. S. (2007)



Figura 16 – FRG/PR - Vista parcial do avanço do urbano sobre o rural 2
Fonte: SACHWEH, M. S. (2007)

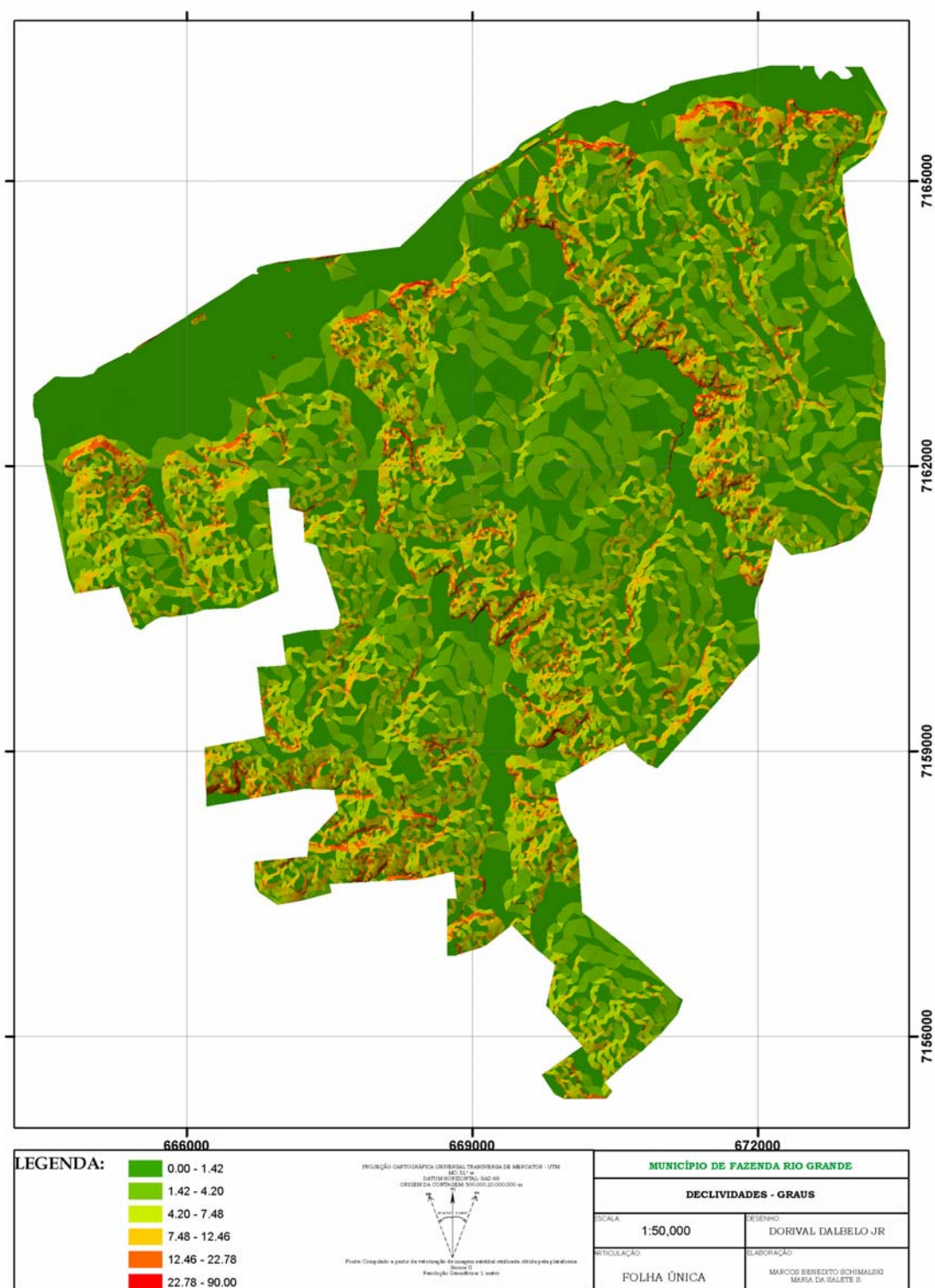


Figura 17 - FRG/PR - Declividade

Fonte: DALBELO JR, D.; SCHIMALSKI, M. B.; SACHWEH, M. S. (2007)

Pode-se afirmar que o espaço urbano de Fazenda Rio Grande organiza-se à margem da BR-116 em seis bairros¹⁷ radiais (Figuras 17 e 18) à região central que são subdivididos em 26 comunidades. Elas apresentam uma evolução ocupacional que está pautada pela proximidade dos pólos industriais de Curitiba, Araucária e São José dos Pinhais; poucas restrições ambientais deixadas como herança por governantes do município logo após sua emancipação; pela facilidade de transporte metropolitano; pelo baixo valor da terra; pela grande oferta de loteamentos que, mesmo estando em zona rural, apresentam fortes características urbanas, como é o caso de São Sebastião, Jardim Veneza, Jardim Colonial, Santa Maria, Ângico e Suzuki.

A história socioeconômica e cultural da região está intimamente vinculada à chegada de grandes levas de migrantes vindos do interior do Paraná e de Santa Catarina. Esses migrantes foram motivados pela mecanização da agricultura; pela falta de estímulos ao trabalhador rural; pela estrutura educacional deficitária, que leva famílias inteiras a buscar grandes centros educacionais, como é o caso de Curitiba, pela saúde ambulatorial, que é a mais comum e oferecida de um modo geral pelos órgãos públicos; pela infra-estrutura. A somatória de tudo isto resulta em baixa qualidade de vida se comparada ao desejo e ao imaginário do que uma cidade como Curitiba oferece àqueles que têm condições financeiras de lá se manter. De maneira geral, pode-se afirmar que os bairros e vilas periféricas de Fazenda Rio Grande surgiram em um curto espaço de tempo, através do processo de urbanização local e como reflexos da dinâmica e do desenvolvimento socioeconômico e cultural provocados por antigos moradores e pelo grande contingente de famílias migrantes. Sua ocupação territorial e a mudança acelerada da paisagem rural para a condição de periferia da RMC ocorreram, no entanto, em seis períodos distintos: início da ocupação, antes da década de 1970; ocupação ao norte, na década de 1970; ocupação a leste, na década de 1980; pressão e especulação imobiliárias, na década de 1990; e atualmente, tendência a ligações intermunicipais (leste-oeste) (PMFRG, PLANEJAMENTO URBANO, 2005, p.42).

¹⁷ Bairros Radiais: Iguaçu, Eucaliptos, Nações, Gralha Azul, Santa Terezinha e Estados. Estes bairros subdividem-se, por sua vez, em Pioneiros, Iguaçu I e II, Estados I e II, Palmeiras, Mascate, Jardim Colonial, Jardim Veneza, Hortênsia, Jardim Europa, Jardim Pátria Minha, Canaã, Campos Elísios, Jardim Kokubu, Ângico, Santarém, Santa Terezinha, Vila Nobre, Sidom, Esperança e Santa Maria.

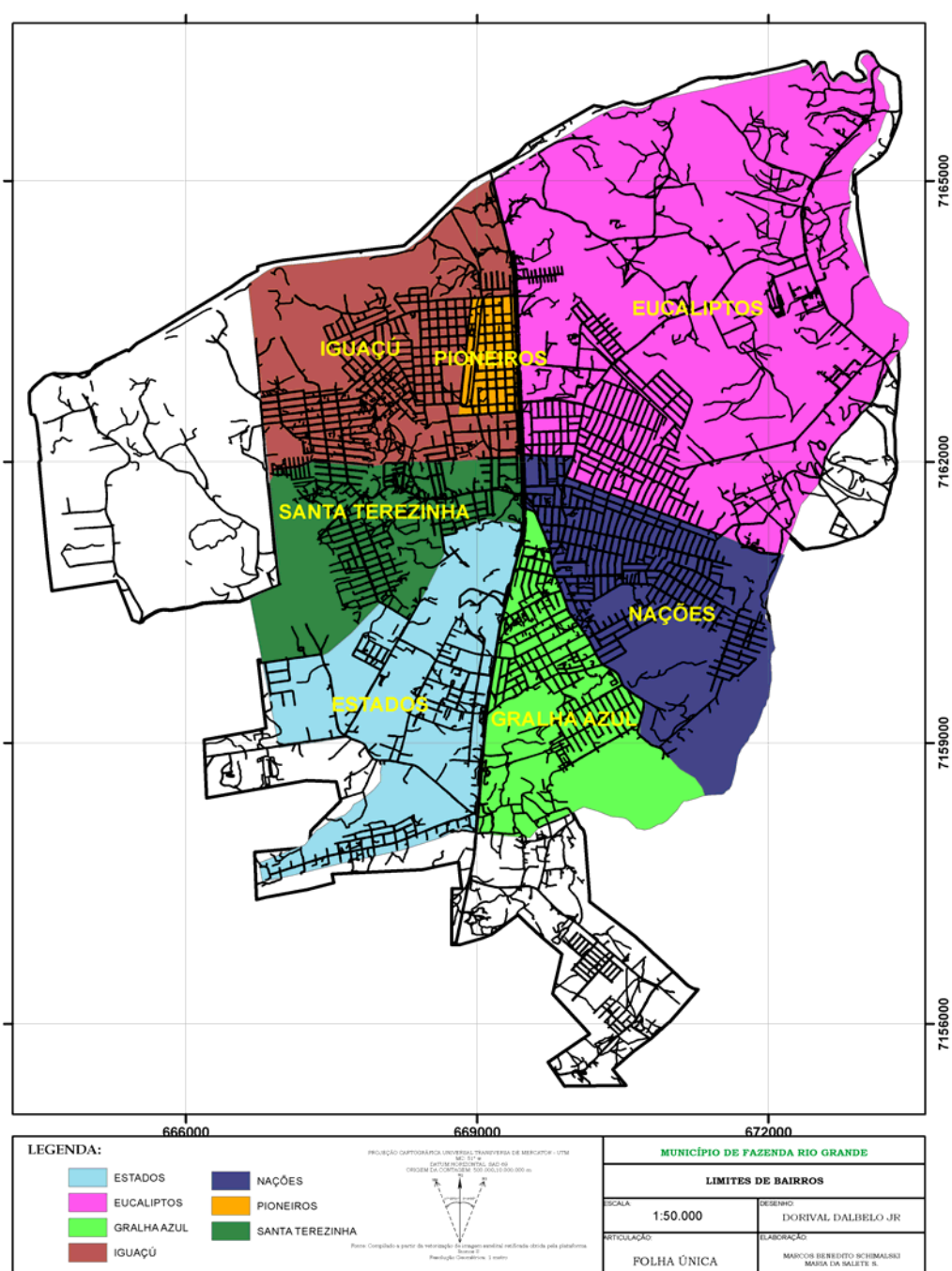


Figura 18 - FRG/PR – Bairros Radiais

Fonte: DALBELO JR, D.; SCHIMALSKI, M. B.; SACHWEH, M. S. (2007)

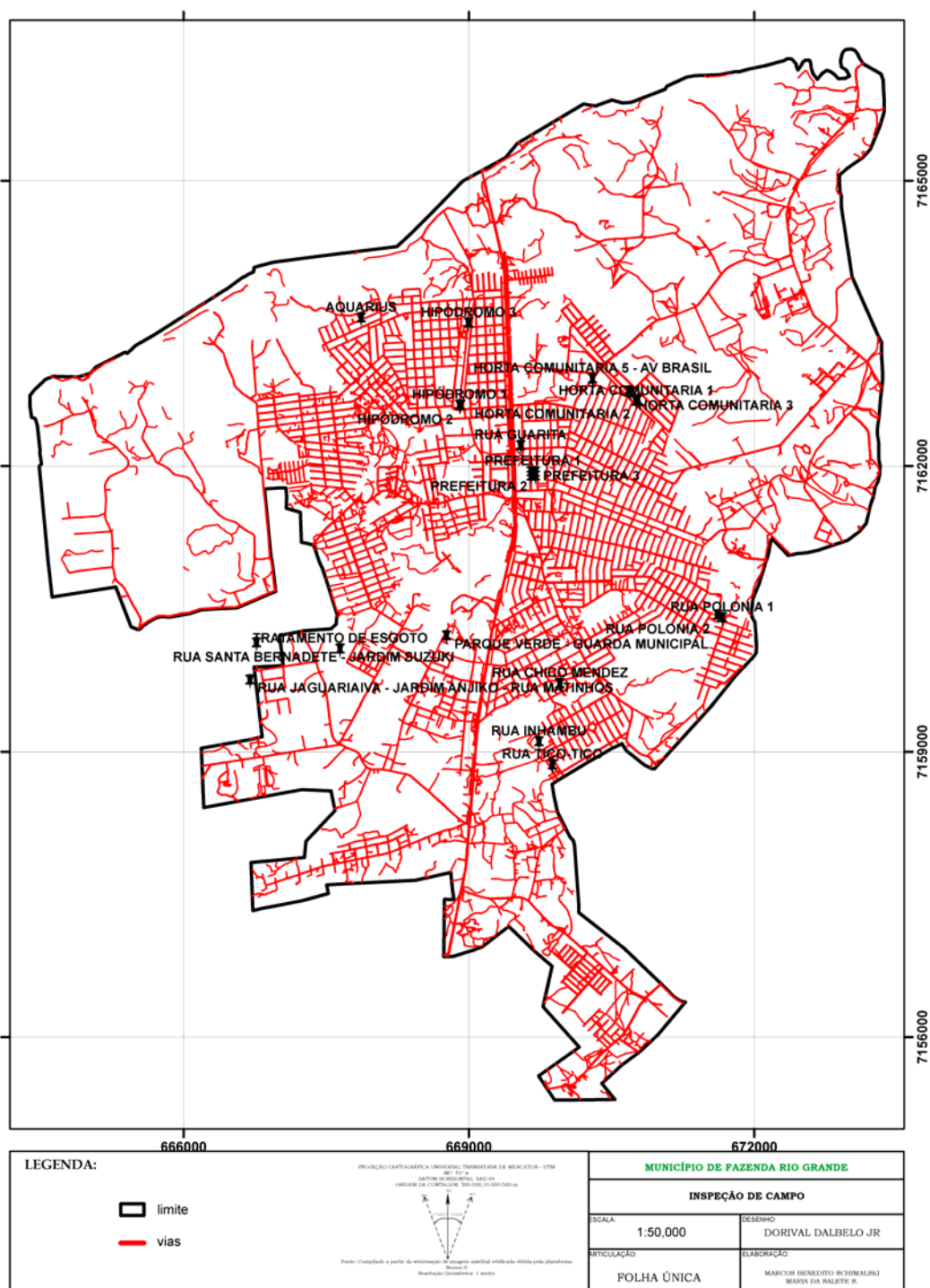


Figura 19 - FRG/PR – Malha viária e pontos marcados por GPS.

Fonte: DALBELO JR, D.; SCHIMALSKI, M. B.; SACHWEH, M. S. (2007)

Traçar o processo de urbanização do município implica, porém, em contextualizações que vão além de sua história, história esta que se assemelha à da RMC e está estreitamente vinculada às histórias de Curitiba, do Paraná, confunde-se com a própria história do Brasil.

Os primeiros habitantes da região eram nômades e semi-nômades, pertenciam ao grupo indígena dos tupi-guaranis (tingüis). Apresentavam misturas lingüísticas (gê, caingangue e tupi) e não se mostravam hostis aos aventureiros nem às bandeiras que adentraram as terras do Paraná, mesmo mais tarde, quando estas eram já parte da 5ª Comarca de São Paulo. Martins (1995) assegura, no entanto, que não há documentos ou registros precisos dos locais, acampamentos e paradas destas expedições nômades.

Marcada desde seu início pela religiosidade, Fazenda Rio Grande teve sua história ligada à família do Cônego João da Veiga Coutinho, que, há aproximadamente 300 anos, autorizou a construção da Capela do Senhor Bom Jesus dos Perdões (hoje Aeroporto Afonso Penna, em São José dos Pinhais) em uma de suas fazendas cujas terras eram denominadas pelos indígenas de Fazenda Rio Grande de *Capo-pocu*, ou *Capocu* (*capo-pocu* - capão raso ou campo magro). Esta palavra serve como exemplo para que se compreendam outras, também da língua indígena, que dão nome tanto ao município de Fazenda Rio Grande, quanto ao de Mandirituba e a alguns bairros antigos de Curitiba.

Historicamente, Fazenda Rio Grande não fugiu à regra do período colonial de um país católico que, como grande parte das cidades brasileiras, surgiu em torno dos valores e símbolos religiosos da época, regulados pela Igreja Católica. Na capela padres ou puxadores de reza desenvolviam as atividades religiosas, conforme o catolicismo rústico instaurado no Brasil e, mais tarde, combatido pela Igreja através do processo de romanização (SACHWEH, 2002).

De acordo com o primeiro movimento, entretanto, a igreja ou a capela eram erigidas pelos colonos geralmente nos terrenos mais altos e planos do lugar e mantidas fazendeiros. No seu entorno, as casas iam acomodando as famílias tanto dos fazendeiros quanto dos peões, agregados e capatazes que ali trabalhavam.

É interessante observar a Bula Pontifícia expedida pelo Primaz da Bahia ainda quando Salvador era Capital do Brasil Colônia. Pode-se dizer que este documento tinha valor maior que as leis atuais, pois era o poder do Estado (Reinado Português) e o poder de Deus, ditando as regras que deveriam ser cumpridas sob

pena de se pagar castigo de prisão e excomunhão. Esta Bula especificava, entre outras coisas, as distâncias que deveriam ser mantidas pelas construções ao redor do pátio da Igreja, para que não houvesse nenhuma espécie de obstáculo às procissões e demais manifestações religiosas populares externas à capela (HISTÓRIA DE FAZENDA RIO GRANDE, 2000).

A mesma obra observa que estes ditames eram cumpridos com rigor, tendo sido respeitados em 1698, quando foi erguida a capela do Senhor Bom Jesus dos Perdões e um pequeno vilarejo nas terras que ainda pertenciam ao Cônego Coutinho. Trinta anos mais tarde, em 1728, as terras e bens do Cônego foram passados por procuração à igreja, que ficou incumbida da administração da Capela e dos bens. De início os cuidados ficaram por conta do Padre Antônio de Andrade e, mais tarde, do Padre Antônio do Valle Porto da paróquia de São Jose dos Pinhais, que, em 1779, ordenou a Francisco Ignácio Guimarães, zelador da capela, a demolição da mesma a fim de reconstruí-la.

Isso aconteceu, no entanto, porque a igreja, proprietária das terras, dividiu a área em duas grandes fazendas (Capocu, atual Bairro Iguaçu e Rio Grande) que foram leiloadas. As terras foram adquiridas por Glória Mendes, de família muito rica e dona de vários escravos que residiram no lugar até 1879, quando parte da área foi vendida para Francisco Claudino Ferreira Filho que requereu o registro das terras na Paróquia de São José dos Pinhais.¹⁸ (HISTÓRIA DE FAZENDA RIO GRANDE, 2000).

Fazenda Rio Grande permaneceu apenas com uma parte da zona rural do município de Mandirituba por aproximadamente 90 anos. Somente em 1963 é foi loteado o lugar onde hoje se encontra a cidade. O loteamento recebeu o nome de Jardim Imaculada Conceição.

O texto que se segue teve como base os estudos realizados pela equipe da VERTRAG e PMFRG que, juntamente com a sociedade local, desenvolveu em 2004 o Planejamento Urbano de Fazenda Rio Grande.

Dividido em 1260 lotes, o Jardim Imaculada Conceição tinha em seu entorno o hipódromo, concebido e bastante freqüentado pelos fazendeiros da região. As raias que contornavam o antigo loteamento geraram discórdia entre diferentes grupos sociais, pois cortavam a malha urbana e restringiam a circulação. Não

¹⁸ Tanto a Igreja e quanto o Estado eram governados pelo Imperador até a Proclamação da República, portanto a Igreja tinha domínio sobre o território (AZEVEDO, 1996).

bastasse isso, promoviam odores desagradáveis aos moradores mais próximos por trazer às ruas animais de grande porte (PMFRG, PLANEJAMENTO URBANO, 2004, p. 58). Ainda hoje o hipódromo encontra-se no centro de Fazenda Rio Grande, conforme pode ser observado na Figura 20.



Figura 20 – Vista parcial do Hipódromo
Fonte: SACHWEH, M. S. (2006)

Em 1977 a Lei Municipal nº. 19 alterou uma parte da zona rural de Mandirituba, declarando zona de expansão urbana as áreas situadas a até mil metros de cada lado da BR-116. Esta lei legalizou construções já existentes ao mesmo tempo em que acelerou a formação de novos loteamentos ao longo da referida rodovia. No entanto, nem todos os loteamentos eram aprovados de acordo com a lei. Houve casos de loteamentos aprovados fora dos limites urbanos. Estavam, portanto, desconexos da malha viária e instalados em áreas de atividade agropecuária (PMFRG. PLANEJAMENTO URBANO, 2004, p. 59).

Dois anos mais tarde este processo foi em parte contido pela Lei Federal nº. 6766 (de 19 de dezembro de 1979), que determinava que só poderiam ser divididas as áreas localizadas em solo urbano ou de expansão urbana. Conforme se lê no Artigo 3º da lei, “Somente será admitido o parcelamento do solo para fins urbanos

em zonas urbanas ou de expansão urbana, assim definidas por lei municipal” (BRASIL. LEI FEDERAL, nº 6.766/79).

Frente a este dispositivo legal, o loteamento das terras atingiu principalmente os atuais bairros Nações¹⁹ e Gralha Azul, localizados na porção sul de Fazenda Rio Grande. Atingiu também parte da região norte, junto às bordas do rio Iguaçu, cujas margens já vinham sendo ocupadas por grande leva de migrantes de diferentes regiões do país, que após terem vendido seus bens e se lançado em busca trabalho na RMC não encontravam terras de valores acessíveis em Curitiba e acabavam adquirindo lotes em cidades vizinhas, mais novas, onde o valor da terra era bem mais baixo do que nas regiões nobres e, por conseguinte, menos distantes do centro da Capital Paranaense.

Com esse processo de expansão, a partir da década de 1980, Fazenda Rio Grande foi ganhando novas formas. Neste período uma nova legislação entrou em vigor em Mandirituba, a Lei nº. 54, que nada mais era do que um compromisso do Município estipulado por outra Lei (nº. 6.766/79), incorporando suas diretrizes e determinando novas regras para maior controle do uso do solo. Mesmo com a criação destas leis novos loteamentos foram liberados fora da área de expansão urbana.

Em 1983 o município de Mandirituba ganhou mais duas leis: a Lei nº. 24, que regulamentou o parcelamento do solo e a Lei nº. 25, que implantou o primeiro zoneamento do Distrito de Fazenda Rio Grande.

De acordo com a Prefeitura Municipal de Fazenda Rio Grande (2004), este conjunto de leis procurou destacar a necessidade de haver a aquiescência prévia por parte da COMEC quanto à aprovação de novos loteamentos. Este procedimento, no entanto, não se tornou realidade e foram criadas outras zonas residenciais, comerciais, industriais e de serviços. As mesmas leis também propunham “uma hierarquia viária estabelecida à Avenida Brasil e à Avenida Nossa Senhora Aparecida como eixos estruturais” (PMFRG. PLANEJAMENTO URBANO, 2004, p. 60).

¹⁹ As ruas dos referidos bairros referenciam países e aves respectivamente. O Iguaçu tem nomes de rios, o Eucaliptos nomes de árvores, o Pioneiros homenageia os primeiros habitantes do município, e assim sucessivamente.

Os loteamentos aprovados avançavam e iam praticamente dividindo a área urbana disponível na porção leste; no entanto, estes loteamentos só foram ocupados a partir de 2000. Os mesmos estudos apontam que:

A diminuição de áreas livres para loteamento a leste promoveu mais uma alteração no perímetro em 1985, que englobou uma pequena área a nordeste, onde hoje se encontra o Jardim Hortênsia II. Quatro anos depois, nesta mesma região, o perímetro urbano foi ampliado, aumentando a área residencial (PMFRG. PLANEJAMENTO URBANO, 2004, p. 60).

Dois anos após sua emancipação política, Fazenda Rio Grande alterou seu zoneamento (1992) afastando a área industrial para as proximidades das tubulações dos oleodutos da Petrobrás. Com o crescimento populacional ultrapassando a casa dos 10% ao ano o novo município ganhou novamente leis que orientavam as construções. A Lei nº. 69/1995 ampliou a área urbana mais uma vez e a Lei nº. 70/1995 fez nova alteração à lei de zoneamento e parcelamento do solo.

Desde sua emancipação, as autoridades municipais de Fazenda Rio Grande não conseguiram conter a chegada de famílias de trabalhadores de outras cidades que buscavam apenas moradia em local de terras ou aluguel mais baratos, motivo pelo qual criaram leis que tentavam amenizar as questões ligadas ao zoneamento e à regularização do perímetro urbano. Entre elas estão as Leis nº. 08/1992, 70/1995, 69/1995, 164/1998 e 199/1999, bem como os Decretos Lei nº. 201/1998 e 89/1995. Todos tinham como metas conter o avanço irregular do mercado imobiliário, que por muitas vezes não apresentou planejamento e nem critérios técnicos para ocupação e construção (PMFRG. PLANEJAMENTO URBANO, 2004), tanto que observa-se localmente forte tendência à aprovação de pequenos loteamentos na região central e de loteamentos em grandes áreas nos limites do perímetro urbano.

Atualmente, o zoneamento estabelece como áreas de alta densidade populacional as terras localizadas no eixo leste-oeste do município, especialmente as que estão próximas ao rio Iguaçu. Busca-se, com isto, uma relação mais efetiva entre os municípios vizinhos de Araucária e São José dos Pinhais. “Esta proposta está relacionada às vias intermunicipais, que promoviam a comunicação rápida entre esses municípios e possibilitariam o desenvolvimento econômico da região” (PMFRG. PLANEJAMENTO URBANO, 2004, p.60).

Ainda no início do século XXI, Fazenda Rio Grande era vista como cidade dormitório²⁰, motivo pelo qual absorveu ampla demanda residencial dos trabalhadores da Região Metropolitana, especialmente de Curitiba. O deslocamento destas pessoas continua ocorrendo pela sua principal via de acesso, a BR-116. Ela é utilizada tanto pelos veículos de transporte coletivo quanto pelos particulares, o que provoca intenso congestionamento não só na BR, mas também na rodoviária municipal, desde às 6 horas até aproximadamente às 23 horas, quando trabalhadores e estudantes universitários retornam às suas casas (Figuras 21 e 22).



Figura 21 – FRG/PR - Vista parcial da rodoviária com intenso movimento de pessoas
- 06h15min - 10/10/2006

Fonte: SACHWEH, M. S. (2006)

²⁰ Cidade dormitório: Povoação, sobretudo residencial, que fica dentro da área de comutação de vila ou cidade; funciona como base residencial para as pessoas que trabalham em uma cidade ou vila e residem em outra (SMALL; WITHERICK 1992, p. 48).



Figura 22 – FRG/PR - Vista parcial do trecho da BR-116 sobre o único viaduto de acesso a Fazenda Rio Grande

Fonte: SACHWEH, M. S. (2006)

Em terrenos planos, as residências apresentam, em sua grande maioria, construções pequenas (conforme é possível se observar na Figura 23) de um só pavimento, em alvenaria, construídas em ruas cuja pavimentação se encontra em processo de estruturação, bem como de infra-estrutura como: rede de esgoto, água, luz elétrica, telefone e transporte urbano, entre outros, encontram-se, no entanto, o seu inverso (Figura 24).



Figura 23 – FRG/PR - Vista parcial do Bairro Santa Terezinha - Comunidade Mirante das Águas

Fonte: SACHWEH, M. S. (2006)

De acordo com o previsto na Lei nº. 31/2001, que estabelece o zoneamento urbano, as construções podem atingir seis pavimentos. Poucas edificações, porém, ultrapassam os dois pavimentos (PMFRG. PLANEJAMENTO URBANO, 2004, p. 66).



Figura 24 – FRG/PR - Vista parcial do cruzamento das ruas Manoel Claudino Barbosa e Efigênio Pereira da Cruz, Bairro Pioneiros

Fonte: SACHWEH, M. S. (2006)

O descumprimento às legislações anteriores à emancipação política do município produziu o que se pode chamar aqui de vazios urbanos centrais (Figuras 25 e 26). Ao mesmo tempo há muitos espaços urbanos ocupados com chácaras, pequenos sítios industriais, bem como pequenas vilas, que apresentam simultaneidade de características rurais e urbanas.

Entende-se que a transformação do espaço urbano tem ocorrido pela necessidade de se combater a diferenciação espacial decorrente do desenvolvimento da produção. Para Deák (1985) a contribuição desta regulação para com a organização espacial está em assinalar o nível de *diferenciação* dentro do espaço urbano por intermédio dos níveis de preço das localizações: quando algumas áreas são valorizadas aumenta a competição por melhores localizações, especialmente entre indústrias. Compreende-se, desta maneira, como se dá o avanço da especulação imobiliária e, ao mesmo tempo, as diferentes formas de ocupação tanto irregular quanto das áreas de invasão em regiões consideradas nobres.



Figura 25 - FRG/PR - Vista parcial do cruzamento das ruas França com Guaritá, onde rural e urbano se confundem. Duas quadras abaixo da Prefeitura Municipal

Fonte: SACHWEH, M. S. (2006)



Figura 26 – FRG/PR - Vista parcial do centro - espaços vazios e o corte da BR-116

Fonte: SACHWEH, M. S. (2006)



Figura 27 - FRG/PR - Vista da Rua Inhambu (área de invasão conhecida por Sapolândia), Bairro Gralha Azul

Fonte: OLIVEIRA, J. (2006)

Convém neste estudo lembrar também das áreas de ocupação irregular que afetam principalmente a zona urbana localizadas ao sul e a oeste (conforme Figura 13 - FRG/PR – Comparativo: mancha urbana - 1979 e 2007) bem como as áreas de proteção ambiental invadidas, que se localizam à margem do Rio Iguaçu, como a Vila Aquários (Figura 28) e Vila Pantanal²¹, à margem do Riberão Ana Luísa e no rio Despique, que estão sob a linha de alta tensão. Até o momento um dos bairros que mais recebem moradores relocados de áreas de invasão é o de Santa Terezinha, por haver ali uma desmatada, de antigas plantações, o que permite então construir habitações de interesse social (PMFRG. PLANEJAMENTO URBANO, 2004, p. 67).

²¹ Conforme projetos da atual gestão municipal em parceria com a COHAPAR e a Caixa Econômica Federal várias famílias já foram relocadas, porém quase que diariamente outros grupos ali se estabelecem (Fato verificado in loco por esta pesquisadora, diário de campo, agosto-setembro e outubro de 2006).



Figura 28 – FRG/PR - Vista parcial da Vila Aquários.
Fonte: SACHWEH, M. S. (2006)



Figura 29 – FRG/PR - Vista parcial de uma área de ocupação irregular – Rua Paraguai esquina com Rua Polônia, Bairro Nações
Fonte: SACHWEH, M. S. (2006)

A respeito da ocupação do solo é interessante emprestar as palavras de Antonio Wandscheer, 56 anos, nascido em Foz do Iguaçu – PR. De família humilde, possui curso superior em Engenharia Civil, acumulou experiência como gerente de supermercado, mais tarde atuou no ramo imobiliário e cumpre o segundo mandato consecutivo como prefeito municipal de Fazenda Rio Grande (2004-2008). Ao se referir às condições e ao tratamento que deve ser dado às áreas de ocupação irregular, assegura:

“É preciso dar a todos os moradores de fazenda Rio Grande qualidade de vida. Nós já dizemos que este é um município saudável. Para mim, município saudável é aquele no qual as pessoas não se preocupam somente com o ser humano, mas todo o ecossistema. Este tem que ser preservado. Então o que fazemos? Nós tiramos as famílias dos locais (das áreas de risco e ocupação irregular) de onde eles moravam, lugares que eram geralmente um banhado, região alagadiça, e agora nós estamos reconstruindo, tentando dar àquele espaço o meio ambiente que já foi degradado pelo homem. Isto é para mostrar que é possível recuperar as pessoas e também o local, não é? Temos que cuidar do jardim que Deus fez pra nós morarmos e que infelizmente estamos destruindo. Você anda por esse PR todo, as matas acabaram, a seca vem! Aí é isso: preocupados com o que? Não fomos nós mesmos que destruímos? E digo mais: Essa reconstrução toda passa pela necessidade de um processo de conscientização. Se cada padre, cada pastor, cada ser humano tiver consciência [...] as pessoas vão saber como tratar a terra, como cuidar da nascente, como proteger a natureza e, assim ele vai estar protegendo também a sua família” [sic].

Quando Fazenda Rio Grande ainda era Distrito de Mandirituba, reservou-se a região contígua à CIC para ocupação industrial. O documento organizado pelo PMFRG. Planejamento Urbano (2004, p.68), indica que a Lei nº. 77/1995, reformulada e complementada pela Lei nº. 112/1996, criou, deu nome e estabeleceu funções para as Zonas Industriais I e II. Nesta lei complementar consta que a Zona Industrial II tem uma

[...] área de 19,80 km², com as seguintes divisas e confrontações: Iniciando no encontro das águas do Rio Iguaçu com o afluente do Rio de Moinho, segue-se por esse rio até a sua cabeceira até encontrar a cerca da propriedade de João Mendes Paola (limite idêntico ao perímetro urbano); deste, segue-se à direita, no rumo da referida cerca até encontrar o sistema de oleoduto da Petrobrás S.A; segue-se à esquerda, pelo referido oleoduto, até encontrar-se com o rio Despique (divisa com São José dos Pinhais); segue-se pela divisa,

no sentido norte até encontrar com o Rio Iguaçu; segue-se por esse rio, no sentido oeste, até o ponto inicial.

Atualmente o zoneamento urbano segue o previsto na Lei nº. 31/2001, que também delimita uma área ao longo da Estrada Nicola Pellanda como sendo a melhor opção para o desenvolvimento industrial. Isto porque é por esta via que se dá o escoamento da produção local. É possível, no entanto, encontrar em vários bairros indústrias de pequeno porte, tais como olarias e madeireiras, que hoje estão em conflito com outras atividades e produções devido ao transporte e ao deslocamento de sua matéria-prima: barro e madeira, antes retirados praticamente no local onde a empresa estava sediada. Há que ser dito que estas fábricas encontram-se no mesmo lugar há mais de 30 anos e, anteriormente, faziam parte da zona rural (PMFRG, Planejamento Urbano, 2004).

A mesma legislação citada destina áreas para atividades comerciais e de serviços. São áreas que se encontram ao longo das Avenidas Araucárias, Paineiras, Venezuela, Paraguai, Áustria, Polônia, Portugal, Paraná, Rio Amazonas, Nossa Senhora Aparecida e Brasil, além da área Central (PMFRG. Planejamento Urbano, 2004, p.68).

É interessante observar, mesmo na região central da cidade, a presença de grandes vazios urbanos e áreas verdes. Estes terrenos eram usados até pouco tempo para plantações. Estão hoje sem uso, no entanto, e geram para a Prefeitura custos adicionais para a implantação de infra-estrutura nas áreas mais afastadas, além de promover a valorização e a especulação imobiliária dos terrenos centrais.

4 IDENTIDADES EM MOVIMENTO



Figura 30 – Representação da formação da identidade social

Fonte: MAZURKIEVICZ, G. Foto-montagem de imagens obtidas no site <http://www.olhares.com>
Acesso em: 30 mar. 2007

Houve uma época, é claro, em que nós cinco não conhecíamos um ao outro... Ainda não conhecemos um ao outro, mas aquilo que é possível e tolerável para nós cinco possivelmente não será tolerado por um sexto. Em todo caso, somos cinco e não queremos ser seis [...]. Longas explicações poderiam resultar que o aceitássemos em nosso círculo, de modo que preferimos não explicar e não aceitá-lo [...]

(KAFKA)

Neste capítulo, far-se-á uma reflexão sobre a evolução das sociedades urbanas cujos membros, ao modificar seu espaço de habitação, também modificam suas relações sociais, permitindo por vezes um nascer ou renascer de si mesmo na formação de sua identidade. Esta transformação do sujeito está muito presente nas sociedades modernas que, por sua vez, são caracterizadas pelo expressivo dinamismo do espaço, resultante das atividades desenvolvidas em torno de sua vida e de suas relações sociais.

Antes de se iniciar esta etapa da pesquisa, que tratará da formação de identidades sociais, acredita-se ser necessária a inclusão das idéias de Japiassu (1975). O autor afirma que com o advento da industrialização questões como economia, desemprego, fome, liberdade e alienação ganharam magnitude, exigindo que a ciência, vista como consciência do mundo, tome ela própria, consciência sobre o sentido da presença do homem no mundo. Dito isto, entende-se que o presente estudo não é tarefa para um único especialista, que possa analisar e ver o mundo conforme sua perspectiva.

Por se entender que este estudo não é visão única de mundo, recorreu-se a autores que permitiram um olhar mais amplo, transcendendo sua própria especialidade em busca de uma aliança com outras áreas do saber, sem, no entanto, abdicar de sua formação profissional.

Diferentes teóricos possibilitaram a ligação entre as idéias de uma sociedade autoconstrutiva²² e a da formação de uma identidade social local em Fazenda Rio Grande, como uma cidade jovem que se desenvolveu rapidamente na periferia da Região Metropolitana de Curitiba. Entende-se que esta ligação é a interdisciplinaridade, que permite a transposição do saber fragmentado e esmigalhado quase em sua totalidade pelo mundo moderno (JAPIASSU, 1975).

Corroborando com essa linha de pensamento encontra-se a afirmação de Mendonça (2004, p.10) ao tratar da construção do conhecimento humano. Afirma o autor que a era moderna tem se apresentado com todas as suas características em reflexos diretos no modo de pensar e produzir novos conhecimentos, de acordo com os padrões da racionalidade e da filosofia. Nesse sentido, entende-se que o

²² Sociedade autoconstrutiva para Touraine (1998, p. 169) é aquela que passa a idéia de que o sujeito corresponde ao nível mais alto de historicidade, quando a meta da sociedade e dos indivíduos é ser capaz de agir sobre si mesmos, ser atores da sua própria história. [...] o reconhecimento do direito de cada ator, individual ou coletivo, de firmar-se e defender-se como tal, como ator capaz de participar do mundo técnico e, ao mesmo tempo, de reconhecer e reinterpretar a sua identidade.

conhecimento científico organizou-se buscando especializações e aprofundamentos das diversas ciências, distintas entre si.

Para o desenvolvimento deste processo científico, parte dos epistemólogos defende a idéia de que estas ciências já se fazem presentes.

[...] nos objetivos do modo de produção capitalista e, portanto, no projeto positivista, os efeitos estão a demandar dos estudiosos, permanentemente, novas abordagens e iniciativas para combater o reducionismo científico e o caos decorrentes desse processo. Os diversos campos disciplinares do conhecimento, por muito que tenham auxiliado no desenvolvimento científico-técnico-tecnológico da sociedade, parecem ter também contribuído para a formação de um estado geral de crise no momento contemporâneo, crise inclusive de civilização, que demanda de políticos, cientistas, intelectuais, [...] dos mais diversos atores sociais, ações para a superação dessa crise.

4.1 UMA LEITURA SOBRE A CONSTRUÇÃO URBANA: IDENTIDADES EM MOVIMENTO

La dualidad que personifica el espejo o la representación de la realidad con la que percibimos el mundo, está perfectamente encarnada en el juego de reflejos del interior del caleidoscopio.

(BORGES)

Estudar a cidade é também tentar apreender os signos, os símbolos e os movimentos causados pelos seres humanos enquanto agentes transformadores da paisagem. Ao mesmo tempo, tentar entender a cidade é buscar compreender as questões objetivas e subjetivas que ali estão postas, mas, ao fazê-lo, é preciso transformar esse entendimento numa síntese das civilizações modernas ou contemporâneas tal qual nas imagens refletidas em um caleidoscópio.

Assim como Knorek (2000) recorreu-se à analogia de um caleidoscópio para demonstrar que esta pesquisa analisa diferentes grupos e comunidades, responsáveis por produzir no sujeito fragmentos que nem sempre se somam, às vezes, ao contrário, dividem-se, produzindo no sujeito uma nova identidade social.

Convém esclarecer aqui os motivos pelos quais não se utilizou um único conceito para descrever identidades sociais:

1. por se viver em uma era chamada por Bauman (2005b) de Modernidade Líquida, cujos fluidos não apresentam uma única forma tampouco permanecem em um mesmo recipiente por muito tempo, pois estão em contínua mutação, influenciados ora pelos deslocamentos de responsabilidades sobre a história de vida, ora pela destruição dos sinalizadores e pela remoção dos marcos históricos que são arrebatados pela crescente indiferença em relação à natureza;
2. por se estar envolvido pela interdisciplinaridade, o que permitiu verificar que há no significado de identidades sociais correntes oriundas da história, da sociologia, da geografia humana, da educação e da antropologia, entre outras tantas, todas elas, porém, complexas a ponto de não permitir vê-la em sua genealogia social, apenas entendê-la como manifestações invisíveis e coletivas resultantes do processo histórico, político, cultural, social e ambiental.

Assim, a cidade não pode ser vista apenas como um aglomerado de construções que, de um momento para outro, vê-se cercado por periferias e favelas que crescem descontroladamente. É, antes, uma construção coletiva e deve ser analisada com tudo o que nela se encontra expresso: equipamentos, edificações e relações humanas ou seja, sociais. Tais relações se formam por sujeitos que trazem consigo uma outra construção que se dá de forma contínua, não linear e é resultante dos diferentes ambientes sócio-espaciais nos quais as pessoas recebem, dividem e socializam culturas, tradições, afetos, ações e conhecimentos.

Touraine (2003) assegura que é necessário que as sociedades contemporâneas reflitam sobre duas constatações: a de que há uma crescente dissociação entre o universo instrumental e o universo simbólico, bem como entre as economias e as culturas; e a constatação de que o poder estabelecido na modernidade encontra-se cada vez mais difuso, aprofundando vazios entre as questões sociais e políticas de ações estratégicas, cuja finalidade não tem sido a de criar uma ordem social, ao contrário, é a de acelerar mudanças, movimentos, circulação de capitais, bens, serviços e informações.

Nesta mesma perspectiva pode-se observar que uma nova forma de poder vem sendo imposta ao mundo contemporâneo. É inovadora, porém traz em seu interior uma força de dominação tão grande que deixa de lado e até mesmo oprime

as forças governamentais que administram territórios, fazendo desmoronar culturas e metamorfoseando indivíduos e sociedades. Esta nova forma de poder promove o que Touraine (2003) chamou de degradação dupla, quando a economia deixa de unir técnicas, relações sociais de produção e de mercado para internacionalizar-se.

No caso do Brasil simultaneamente a esta internacionalização observa-se que as rupturas internas têm produzido reações negativas e desastrosas, refletidas especialmente nas periferias metropolitanas onde, não raro, instalam-se populações das camadas sociais de menor poder aquisitivo, bem como sujeitos que estão em constante deslocamento, motivo pelo qual, aparentemente, não dão sentido ou significado ao lugar. Esta situação apresenta-se como justificativa para uma série de problemas socioculturais e ambientais que, ao atingir as periferias, propagam-se e avolumam-se nos grandes centros urbanos (Figura 31).



Figura 31 – FRG/PR - Vista parcial da Rua Chico Mendes - Bairro Gralha Azul
Fonte: SACHWEH, M. S. (2007)

As cidades que compõem as Regiões Metropolitanas ainda aparentam desenvolver projetos de forma isolada e apresentam-se desprovidas de planejamento prévio para receber imensos contingentes populacionais, atendendo de pronto as demandas sociais que surgem. Assim, os efeitos negativos do crescimento populacional desenfreado formam uma espécie de corrente e eclodem

atingindo, ora com menor ora com maior proporção, os habitantes dos mais diferentes espaços urbanos construídos.

Em Fazenda Rio Grande este processo foi observado por Saul Domingos Carelli, estabelecido há 11 anos na cidade, vindo de Videira – SC, região envolvida no movimento do Contestado.²³ Antigo proprietário de terras cedidas ao governo municipal para a construção do terminal rodoviário, empresário ligado ao ramo de material de limpeza e conservação, é também vice-prefeito da cidade e, como tal, apresentou o seguinte relato a respeito do desenvolvimento de Fazenda Rio Grande e de seu envolvimento com a RMC:

“[...] Então, nós procuramos administrar de acordo com os problemas do nosso município. [...] Identificamos nossas necessidades e colocamos sobre elas todo nosso esforço. [...] para a saúde nós temos feito o máximo, precisa mais, nossos recursos são poucos e o governo também não repassa o suficiente [...] a gente faz tudo que pode. [...] fizemos escolas em todos os bairros. Estas escolas foram bem construídas e estamos implantando em cada uma delas quadras de esportes. [...] Temos projetos para recuperar as margens do rio Mascates e do rio Ana Luiza e fazer ali quadras de esportes de futebol suíço, quadras de vôlei, pistas para caminhadas, mas tudo isto custa dinheiro e... Então é assim que nós convivemos e deste modo nós não podemos ficar nos comparando ao vizinho município de Araucária, São José dos Pinhais ou mesmo a Curitiba” [sic].

Carelli (2007) apontou problemas gerais que explicam por que Fazenda Rio Grande tem sido alvo de pesquisa por parte de estudantes de diferentes cursos superiores, preocupados com os graves desastres socioculturais e ambientais que vêm alterando o modo de viver no município. São problemas como o colapso no sistema de transportes, principalmente ao amanhecer e ao anoitecer; o lixo e o esgoto a céu aberto, que provocam a impermeabilização do solo; o desmatamento; a erosão; as inundações e enxurradas; a ocupação de áreas de proteção ambiental; o assoreamento dos rios e a rápida multiplicação de habitações subnormais em áreas restritas (o que tem causado a perda de valores, além de desemprego e violência).

²³ Contestado, conflito armado civil que ocorreu entre os anos de 1912 a 1916. Este movimento resultou de uma série de fatores, entre os quais se destacam: 1) A questão de limites internacionais entre Brasil e Argentina, bem como dos limites entre Paraná e Santa Catarina; 2) a entrada do capital estrangeiro (*Brazil Railway company* e a *Southern Brasil Lumber Colonization Company*) que promoveu a exploração das riquezas naturais na região; 3) a insatisfação do povo pobre que foi destituído de suas terras pelas forças armadas bem como pelas milícias contratadas pelas empresas e 4) pelo messianismo e fanatismo religioso. A soma destes provocou a Guerra do Contestado (SACHWEH, 2000).

Ao mesmo tempo em que os problemas indicados por Carelli (2007) internacionalizam-se, degradam-se o ambiente e as identidades culturais, identidades estas que passam a servir a diferentes ideologias (nem sempre construtivas para o mundo social, uma vez que ao se desenvolver desrespeitam as diferenças individuais e coletivas, esquecem as noções de pertencimento presentes tanto num indivíduo quanto na totalidade do grupo de pessoas do qual ele faz parte). Touraine (2003, p. 50) dedica seus estudos a esse processo e analisa que ele vem provocando rupturas que atingem sociedades inteiras, além dos atores sociais enquanto indivíduos. Afirmo ele que a mudança trazida pela

[...] modernidade se despedaça e não podemos aceitar tranquilamente esta decomposição em nome da entrada da era pós-moderna, que teria todos os encantos do individualismo crítico, mas ficando miraculosamente protegida contra reações identitárias e comunitárias.

A ruptura provocada pela modernização vem causando uma separação aguda entre o sistema e o ator sociocultural, produzindo aí dois novos aspectos que são complementares: a desinstitucionalização e a dessocialização, o que Touraine (TOURAINÉ, 2003) explica como sendo processos de reviravolta em massa e de mutações que alcançam os aspectos mais importantes da experiência social humana.

A fim de compreender o processo de desinstitucionalização recorre-se a Touraine (2003, p.50) quando afirma que este provoca

[...] o enfraquecimento ou desaparecimento das normas codificadas e protegidas por mecanismos legais e, mais simplesmente, o desaparecimento de julgamentos de normalidade aos comportamentos regidos por instituições. Entramos em sociedades que alguns teriam prazer em dizer que são tolerantes, palavra agradável de ouvir, mas cujas normas se desfazem, favorecendo a coexistência de vários tipos de organização social e de condutas culturais em cada domínio, o que é ao mesmo tempo libertador e angustiante.

Estas idéias também podem ser percebidas nas palavras de Wandscheer (2006) que, como outros tantos moradores de Fazenda Rio Grande, é também, um migrante.

*“[...] o que a gente vê hoje com o capitalismo? Meio metro a mais de soja vai fazer... ‘vai me dar tanto de lucro’. E ao mesmo tempo este sujeito não sabe o prejuízo que está causando pra sua terra. **Então quando você olha pro ser humano, vê exatamente o que criaram!** Não, nós não podemos derrubar o mato. Aí o cidadão diz: **‘mas eu tenho que plantar pra minha família comer’**. Tem que dizer pra ele: Olha, nós não podemos derrubar todo o mato, porque a gente precisa do mato..., para que a tua família tenha futuro...” [sic].*

Uma análise sobre as instituições sociais aponta para a família e para as comunidades mais próximas do sujeito como instituições responsáveis mais diretamente pela formação da personalidade do indivíduo e, portanto, pela formação de sua identidade social.

Nem tudo que aí está é negativo, pois em meio à mutação da identidade do sujeito há a produção de uma nova paisagem, onde a própria noção de sujeito é substituída pela coletividade na formação de novas sociedades.

Diante do exposto, reporta-se a Fazenda Rio Grande. Durante o desenvolvimento da pesquisa pôde-se perceber no Bairro Santa Terezinha novos loteamentos, como os Jardins Ângico e Ipê (Figura 32 e 33), onde os moradores vivem estas contradições, ainda que estejam em situação mais confortável do que a anterior, quando viviam em área de invasão e de extrema pobreza (como era o caso dos moradores do Aquários, praticamente às margens do Rio Iguaçu). No novo bairro eles não se adaptaram às normas institucionalizadas, pois haviam criado no lugar onde moravam antes condutas culturais que representavam vivência em fraternidade, onde quem tinha pouco dividia com os que não tinham praticamente nada. Atualmente, pagam pequena quantia mensal ao governo para possuir casa própria. Mostram-se, no entanto, preocupados, pois a relocação dispersou os grupos sociais dos quais participavam.

Nestes mesmos núcleos populacionais o inverso também pode ser observado. Alguns grupos organizaram-se por conta própria para discutir problemas comuns a todos, como a distância de escolas, o sistema de transporte coletivo e cuidados com o bairro, como a abertura de vias de acesso, e o tratamento de água e esgoto.



Figura 32 – FRG/PR - Vista parcial do Jardim Ângico, bairro Santa Terezinha
Fonte: SACHWEH, M. S. (2007)



Figura 33 – FRG/PR - Vista parcial do Jardim Ângico, local onde foram relocados os antigos moradores do conjunto Aquários no Bairro Iguaçu
Fonte: SACHWEH, M. S. (2007)

Os reflexos do alto crescimento populacional, que aproximou pessoas e culturas das mais distantes e diferentes regiões do país e também de outros países

Latino-americanos, são um povo alegre, simples, humilde, hospitaleiro, curioso e batalhador, que se mostra animado com as rápidas mudanças socioculturais, políticas e econômicas advindas da evolução técnica, científica e cultural do mundo moderno (ORTEGA y GASSET, 1981).

Vivendo em um espaço até pouco tempo considerado rural, os moradores de Fazenda Rio Grande apresentam influências fisionômicas e culturais decorrentes da miscigenação entre povos indígenas, caboclos, brancos e mulatos brasileiros, bem como de alguns poucos descendentes de europeus, já abasileirados. Demonstam uma grande preocupação pela forma como são vistos não só pelos moradores da região metropolitana, mas também pelos do resto do país. Reconhecem-se como objeto de pesquisa de vários tipos de estudos e sentem-se incomodados com a falta de retorno acerca das conclusões das pesquisas feitas na região, seja para pequenos grupos ou para a comunidade em geral. Deixam isto claro quando se reúnem para discutir os problemas que atingem a cidade e o bairro, bem como os grupos sociais organizados a partir de suas próprias necessidades. Por vezes, as discussões arrastam-se na busca de soluções que mostrem o outro lado dos habitantes de Fazenda Rio Grande, não aquele divulgado pela mídia que, insistentemente, os aponta como moradores de uma cidade que vive à margem da lei.

Pode-se afirmar que a grande maioria dos moradores de Fazenda Rio Grande encontra-se envolvida nas tarefas de definir a sua importância regional e articular de que forma querem ser tratados hoje e futuramente, como sujeitos que se organizam e estruturam-se nas representações das relações individuais e coletivas como sociedade organizada.

Atualmente ao passar ou passear pelas ruas de Fazenda Rio Grande tem-se a impressão de estar simultaneamente em dois mundos paralelos. O primeiro se faz ver na agitação do comércio, dividido em dois centros, um próximo à rodoviária e outro junto à Prefeitura Municipal, sendo que cada um destes fica em um lado diferente da BR-116. O outro mundo faz-se visível no final da jornada de trabalho, quando os moradores retornam para casa e, no aconchego da família, sentam-se na varanda de suas casas (em diferentes níveis sociais, mas com mais frequência, nos bairros mais carentes – Figura 34), onde pelo menos um par de cadeiras está sempre pronto para receber gente para um gole de chimarrão, chá ou café. É curioso para os dias de hoje, primeiramente porque as pessoas param para

conversar e brincar com as crianças e, segundo, porque somente depois assumem a rotina comum aos moradores de centros urbanos de ligar um dos aparelhos eletrônicos, rádio ou televisão. (Figura 35)



Figura 34 - FRG/PR - A volta do trabalho, a varanda e o chimarrão
Fonte: SACHWEH, M. S. (2007)



Figura 35 - FRG/PR - A volta do trabalho e o encontro com os filhos
Fonte: SACHWEH, M. S. (2007)

Neste contexto, emprestam-se as idéias de Giddens (1990), quando assevera que a modernidade vem provocando transformações que se manifestam no âmbito das relações interpessoais. Para ele as rotinas que são estruturadas por sistemas abstratos têm um caráter vazio, amoralizado – isto vale também para a idéia de que o impessoal encobre cada vez mais o pessoal.

Giddens (1990) reforça esta preocupação ao mostrar que não há uma ruptura entre o pessoal e o social institucionalizado. Ele aponta que nas novas estruturas há situações diferentes e localizadas que fazem a interligação entre as duas identidades. Deste modo, pode-se entender que a intimidade e a impessoalidade assumem caráter de expressão comum que se dá em um espaço único, num lugar onde as diferenças são marcadas pelas especificidades.

Touraine (2003) alerta também que, mesmo interagindo com diferentes grupos, há que se tomar o cuidado com a dimensão do intervalo mutacional ou de desorientação, pois há uma forte tendência de ocorrer aí uma decomposição do passado sem a construção de um futuro.

Paralelamente ao desenvolvimento deste processo pode estar ocorrendo outro, para o qual Touraine (2003) chama a atenção: a dessocialização. Destaca o autor que a dessocialização deve ser vista com extremo cuidado, pois ela pode apresentar um duplo e perigoso sentido, uma vez que pode reter a idéia de declínio e de desaparecimento. É necessário, contudo, observar que ela também pode permitir uma orientação na busca de novas relações sociais e de novas formas de integração no universo, que hoje são vistos separadamente.

Frente a estas reflexões, acredita-se ser necessário introduzir recortes da pesquisa de campo, na qual a história de vida dos entrevistados aproxima-se da teoria estudada.

Aproximadamente cinco anos antes de sua emancipação política até os dias atuais Fazenda Rio Grande vem passando por um período de transição socioeconômica, cultural e ambiental. Antigos valores que marcaram o início de sua história ficaram registrados em fotos, anotações pessoais, em poucos livros e na memória de alguns moradores do lugar.

Francisco Rualdo Claudino, 55 anos, consultor contábil que já exerceu o cargo de prefeito de Mandirituba, aponta como questões fundamentais de sua vida, a liderança e a coordenação do movimento emancipatório de Fazenda Rio Grande. Filho de família pioneira da região, ele viu as terras que hoje compõem os

municípios de São José dos Pinhais, Tijucas do Sul, Mandirituba e o bairro Pinheirinho, em Curitiba, ser adquiridas da Igreja Católica.

*“[...] o meu avô não chegou a ter um caminhão, nem um automóvel, só charrete e carroção. O meu pai comprou o primeiro caminhão da época aqui na comunidade. Ele também tinha muita criação, [...] construiu a primeira olaria, que se tornou mais tarde o forte da região, mas ela praticamente se acabou por questão de comércio, o setor econômico [...] mostrou que ela já não é mais tão significativa, mas aqui já chegamos a ter mais de 40 olarias. **Fazenda já passou por outros ciclos.** [...] Meu avô e meu pai exploraram a erva mate. [...] tinha também a **pecuária de pequeno porte: o carneiro, o cabrito, a ovelha, os porcos**, mas o fator de maior desempenho econômico era o gado. Depois veio a **exploração da madeira**. Aqui tinha muita madeira de lei, imbuia, pinheiro [...]. [...] Depois veio a agricultura [...] pela década de 60, 70 passou também o período da **agricultura**. Antes [...]. Não tinha mais de 10 casas de patrão, depois tinha as casas dos funcionários que hoje são os cidadãos daqui [...]. [...] ainda tinha sinais de moradia de índio, a gente brincou em locais, [...] alguns lugares era aquela coisa ainda bem primitiva Fazenda Rio Grande. Nessa época, aqui era meio sertão, quase sem exploração e as terras eram de poucos proprietários. Depois, veio os anos 70 e começaram os loteamentos [...] em 93 foi instalado o município, mas ele já era uma cidade. Antes ele tinha sido criado, mas só no papel, só pela lei, mas não tinha autonomia nenhuma, não tinha quadro diretivo. **Foi Mandirituba que assumiu a paternidade e que teve que criar até ele andar, [...] seguiu a sua vida própria**” [sic].*

Frente ao exposto, pode-se entender quando Dubar (2005) explica que a partir do momento em que o sujeito assimila estruturas sociais já construídas e incorpora seus diferentes significados, representações, signos e símbolos, passa também a construir novas estruturas mentais que, quando acomodadas e refletidas em seu modo de ser e agir, são chamadas de identidades sociais.

Estas representações estruturais refletem-se de forma complexa no mundo moderno, aprofundando transformações que influenciam diretamente no modo de vida e no cotidiano das sociedades urbanas que tiveram que aceitar a divisão de suas cidades, assim como mudanças nas normas sociais, econômicas e políticas, diferentemente das sociedades anteriores (MENDONÇA, 2004). O mesmo autor aponta a industrialização, a produção, a circulação e o consumo de mercadorias como causas destas transformações que, por sua vez, são também responsáveis pela explosão urbana e pela degradação ambiental (MENDONÇA, 2004).

A modernidade alterou culturas de forma significativa, possibilitando avanços científicos e tecnológicos, bem como a aplicação destes no sentido de orientar e conduzir novas adaptações à vida social de acordo com as necessidades individuais ou coletivas. Isso fez com que fosse sendo inculcada no ser humano a crença de ser

ele um reflexo do que produz em uma sociedade organizada e regulada por leis (GRAMSCI, 1975).

4.2 SUJEITOS, IDENTIDADES SOCIAIS, APROPRIAÇÕES E MOVIMENTOS SOCIAIS

A palavra 'corpo' sugere de imediato antes um objeto que um ser vivo e espiritual. O corpo é uma 'coisa' e está no espaço e ocupa espaço. Ao contrário, quando usamos os termos 'homem' e 'mundo', não pensamos apenas no homem como um objeto no mundo, ocupando uma pequena parte de seu espaço, mas também no homem como habitando o mundo, dirigindo-o e criando-o.

(TUAN)

Frente às palavras de Tuan (1983) percebe-se que, ao tratar da formação das identidades sociais, não se pode esquecer que a mesma está intimamente ligada à própria concepção do sujeito, à organização espacial e à estruturação do lugar conforme as necessidades biológicas, emocionais e as relações criadas pelos seres humanos para propósitos, também, humanos.

Pode-se afirmar que o processo identitário do sujeito inicia-se no próprio no ventre materno, como primeiro ambiente vivido, onde já desencadeiam-se noções preliminares de lugar e de relações sócio-afetivas com o outro – no caso, a própria mãe. Ela, por sua vez, é uma das responsáveis imediatas por traços genéticos, comportamentais, culturais, bem como pela linguagem e pelas representações simbólicas definidas pela sociedade em que este ser irá se desenvolver como produto e produtor de novas interações sociais. Assim...

[...] o lugar significa nossa ancoragem primordial: a corporeidade do cotidiano e a materialidade da ação, as quais são a base da heterogeneidade humana e da reciprocidade, forma primordial da comunicação. Pois, ainda que atravessado pelas redes do global, o lugar continua sendo feito do tecido e da proximidade dos parentescos e vizinhanças (MARTIN-BARBERO, 2004, p.269).

Tuan (1983) afirma ainda que o sentimento pelo lugar sofre influências diretas do conhecimento prévio de cada indivíduo, que pode associá-lo a lugares naturais, lugares construídos, grandes, pequenos, ricos, pobres, claros, escuros.

Todos os lugares que circundam o ser humano acabam, enfim, sendo por eles definidos (principalmente no mundo ocidental) e desenvolvem-se a partir de sentimentos de propriedade. O homem torna-se, portanto, possessivo. Tuan (1983, p.36) apresenta o seguinte exemplo:

Uma criança afirma que certos brinquedos são dela, que a cadeira perto da mãe é o seu lugar e se apressa em defender o que considera que lhe pertence. Entretanto, grande parte da luta da criança pela posse não é evidência de uma genuína afeição. Nasce da necessidade de garantir o seu próprio valor e de conseguir status entre os companheiros. Um objeto ou um canto do quarto, sem valor para a criança em um momento, de repente adquire valor, quando outra criança ameaça tomar posse.

A prática do desejo de posse pode perpetuar-se no adulto, que adquire um profundo sentimento de “poder” e dá ao lugar e aos objetos diferentes significâncias que, assumidas, projetam-se nas identidades sociais.

Tratar da identidade social passa também, portanto, pela compreensão das diferentes formas através das quais se processam as interações e integrações do sujeito com as estruturas globais. Desse modo, entende-se ser impossível separar o sujeito enquanto corpo de sua história de vida, tanto na dimensão individual quanto na dimensão coletiva, sendo esta última a principal responsável ou a maior cúmplice do sujeito pelo seu modo de ser, sentir, pensar e agir, nos diferentes contextos histórico-sociais nos quais encontra-se inserido.

Há que se lembrar, no entanto, que a existência de sentimento de apropriação conforme apresentada anteriormente não pode ser vista como uma anulação do sujeito, mas como uma prova de que o sujeito vive em constante tensão dialética do eu com o outro.

Neste sentido pode-se dizer que:

O ser humano não é sujeito, mas sim um processo no qual ele se revela, que não pode viver sem fazer-se sujeito. Não há sobrevivência, porque o processo, que se desenvolve em função da inércia do sistema, é autodestruidor. Esmaga o sujeito, que cobra consciência de ser chamado de ser sujeito enquanto resiste a esta destrutividade. Tem que se opor à inércia do sistema se quer viver, e, ao opor-se, se desenvolve como sujeito. O chamado a ser sujeito se revela no curso de um processo (HINKELAMMERT, 1984, p.254).

Para Sung (2002, p. 73-74):

[...] - o sujeito não é uma substância; - o ser humano se revela como sujeito na medida em que enfrenta a inércia do sistema que o esmaga, por isso o sujeito se revela no grito, se revela como ausência; - o ser humano é chamado a responder a este grito como ator social ou indivíduo calculante no interior do sistema; - o ser humano enquanto sujeito sempre transcende o sistema.

Como apontado anteriormente, viver numa sociedade moderna, que se organiza a partir do consumo, é viver também em meio a crises de fragmentação e de desintegração do espaço e do tempo real.

Morador de Fazenda Rio Grande há 11 anos, Juscelino de Oliveira, 44 anos, nasceu em Paissandu, Região Metropolitana de Maringá – Paraná. Desinibido e muito falante, Juscelino vive sozinho em um dos mais novos loteamentos do bairro Santa Terezinha, o Jardim Suzuki. Católico praticante e temente a Deus, ele tem vínculos afetivos com todos os moradores do bairro e em especial com os do próprio loteamento. Ali, exerce atividades voltadas à prática esportiva e à comunicação, além de representar também os vizinhos como Presidente da Associação de Moradores. É um dos responsáveis pela elaboração e fixação das placas com nomes de santos dados às ruas, bem como pela instalação de bancos nos pontos de ônibus no bairro, que se encontra muito próximo à divisa com Araucária. Mesmo sem apoio financeiro, tornou-se um dos mais novos maratonistas da região e já coleciona doze medalhas. Preocupado com a ausência dos pais na formação das crianças, empenha-se em organizar atividades que as afastem das ruas:

“[...] comecei a desenvolver aquele trabalho [...], dou atenção pra um, pra outro e aí as mãezinhas me procuram. Tinha uma criança que saía daqui, pegava ônibus pra Curitiba, criança de 10 e 11 anos que ia lá pra pedir dinheiro, sem dar satisfação pra mãe, ia sem pagar a passagem, [...]. Isto é uma coisa que as crianças daqui ainda precisam, ser educadas, mais atenciosas e disciplinadas. [...] nós aqui, somos de um bairro mais carente, mas ele tem que ser visto pela sociedade, porque também são todos seres humanos e têm a benção de Deus. E só muda as letras dos bairros nobres. [...] eu vou fazer um bolinho pra vocês, eu não vou prometer presente, porque também sou igual a vocês, eu não tenho condições. [...] tivemos êxito. Fizemos um bolo de 60 quilos, junto com a comunidade, todo mundo se reuniu. Cada um ajudou com o pouco que tinha [...]. Aí nós organizamos o campeonato de bolica. [...] foi, extraordinário, teve até premiação para o 1º, 2º e 3º lugar. [...] foi o primeiro do estado do Paraná. Quando eu fui promover este torneio, as pessoas diziam: Não acredito! Só você! [...] foi transmitido na televisão, mas foi só local, eu acho. Porque a Rede Globo não mostra as coisas boas, só mostras tragédias. [...]” [sic].

Frente a este olhar empresta-se, mais uma vez, as idéias de Touraine (2003) quando afirma que é a partir do sofrimento do indivíduo dividido e da relação

existente entre os sujeitos, que o desejo de ser sujeito pode transformar-se em capacidade para ser um ator social. O sujeito não se forma conforme um modelo clássico e único, mas adotando diferentes papéis sociais, absorvendo princípios legais e meios de participação. Ele também se constrói à medida que vai impondo à sociedade instrumentalizada, mercantil e técnica, princípios de organização, arranjos e limites de acordo com o seu desejo de liberdade e sua vontade de vida, favoráveis à afirmação de si mesmo e ao reconhecimento do outro como sujeito.

*“[...] nós tamo apostando e **acreditando na comunidade, no povo, e acreditando nas administrações** também, porque isto faz parte [...]. E olha que quando tem **alguém no poder é porque o povo colocou lá, quando o povo colocou lá pela urna, ele tem que dar uma resposta à sociedade.** Na comunidade de FAZENDA RIO GRANDE já passaram aí três prefeitos com esse. [...].[...] agora o povo daqui já tem também aquele pouco conhecimento. E eu acho que às vezes **as pessoas precisam se aproximar mais das pessoas que residem aqui**, levar o conhecimento, valorizar mais o município, gerar mais emprego, mais trabalho. Transferir o título de eleitor também faz parte disso, é pra dar renda, incentivar os planos diretores e pra fazer o IBGE mandar estes dados pra Brasília pra poder vir recursos maiores pra nós. Veja aí, **tem pessoas que tá aí há 30 anos no poder e não fizeram nada pelo nosso município** [...] eles ficam denegrindo o próprio município. [...] Então, eu acho que **se você tem o poder na mão, você tem que mostrar o lado bom da sociedade.** E quando a pessoa não fez, o povo tem que pode tirar. É só fazer impeachment. Não tiraram o Collor de Mello?” (sic).*

Touraine (2003) explica que entre os principais problemas sociais da contemporaneidade está a formação do Ego, como resultado final das mais diversas ações desenvolvidas pelo Superego sobre a entidade, ou seja, sobre o Id.

Ao construir-se, o sujeito transcende o corpo físico, concreto, orgânico e legitima símbolos construídos a partir de sua história pessoal, bem como da história e da cultura de uma ou mais sociedades, às quais tenha pertencido. É um processo de reconstrução permanente face às rupturas, conflitos e lutas produzidos pela fragilização do eu. Neste sentido, o sujeito aparentemente demonstra desconsiderar-se e anula-se a si mesmo.

Quando estas lutas são assumidas como práticas ou ações sociais coletivas pelos sujeitos que falam em nome da coletividade, e tomadas como princípios e metas no processo de conscientização social e política, passam a ser denominadas por estudiosos modernos e pós-modernos como movimentos sociais.

É no bojo destes movimentos que a identidade social ou coletiva assegura a sua existência. Encontra-se intrinsecamente ligada às relações de pertencimento e de apropriação vividas pelo grupo, relações estas que materializam-se por meio do conjunto de valores e de crenças definidos culturalmente como bandeiras de luta.

De acordo com Touraine (2003) as bandeiras de luta ou motores de inovação que permeiam os movimentos sociais, podem ser encontradas em três classificações: a primeira se dá pela **motivação**, na qual encontram-se os movimentos religiosos, reformistas e revolucionários. A segunda classificação se dá pela **intensificação**. Nela os movimentos são estudados por ser dinâmicos e também de duração incerta. Já na terceira classificação encontram-se os movimentos que ocorrem pela sua **natureza**. Nesta, figuram os movimentos migratórios expressivos, reformistas, revolucionários e de resistência.

De acordo com a classificação apontada, Fazenda Rio Grande, que está incluída nos movimentos migratórios, é concebida por parte dos novos moradores como uma cidade dependente de Curitiba, que vem lutando para adequar-se às novas necessidades socioculturais e ambientais mesmo com a pouca arrecadação do município.

Touraine (2003) assinala que, por vezes, os movimentos sociais não conseguem identificar seu maior adversário. No caso de Fazenda Rio Grande, aparentemente o adversário das relações sociais encontra-se nas diferentes formas de controle do poder econômico, na circulação de mercadorias e de informações.

A explicação a seguir, faz parte da história de vida de Francisco R. Claudino, já mencionado anteriormente.

“Com a urbanização, Fazenda Rio Grande começou a ter vida, [...] começou a instalação de serviços e ela passou a ter vida, ter vida própria. [...] ela começou a se transformar em cidade, [...] porque eram loteamentos e na verdade quem vinha comprar terras aqui pensava que vinha morar em Curitiba. Ela era iludida [...]. Hoje já não é mais, embora tenha uma ligação muito forte com Curitiba o que dificulta todo o trabalho político administrativo. Hoje os imigrantes que vem pra cá já não compram em Curitiba, compram aqui. Mas muitos ainda acham que Fazenda e Curitiba é uma coisa só. Compram terreno, compram imóvel e vem fixar residência aqui, porque aqui ainda acaba sendo mais barato que Curitiba, [...] ele não entende como que funciona a coisa pública, ele acha que o dinheiro é um só, que Curitiba, Fazenda Rio Grande, Pinhais, Piraquara, Almirante Tamandaré, Colombo, etc, é tudo uma coisa só. [...] eles não sabem, que cada município tem um orçamento próprio e esse orçamento, é o que fixa, é o que determina no que e quanto se pode gastar, até como padrão salarial, padrão de serviços e, tudo é fixado em cima de orçamento público, se fosse

imposto único dividia igual pra todo mundo e todo mundo teria as mesmas condições e direitos” [sic].

Buscando amenizar os efeitos da carência econômica do município, diferentes grupos sociais se uniram em movimentos socioculturais e desenvolveram projetos, a fim de tentar superar as dificuldades juntamente com a administração do Município, oferecendo melhor qualidade de vida aos novos fazendenses.

Mesmo organizados em associações de bairros, nem sempre os moradores conseguem ver consolidados os projetos. Exemplo das dificuldades que enfrentam está no relato de Celso Gonçalves Ângelo. Ele nasceu em Maringá-PR, 54 anos atrás, numa família bastante humilde, da “roça”, Há nove anos reside em Fazenda Rio Grande. É aposentado e preside a Associação de Moradores do bairro Jardim Sidom, além de atuar como conselheiro de Saúde, Habitação, Alimentação e Assistência Social no município. Ao relatar sua história de vida, Celso demonstra que hoje sua colaboração em trabalhos voluntários e a doação cotidiana refletem a vontade de ver Fazenda Rio Grande, e principalmente seu bairro, como um exemplo de luta por qualidade de vida (Figura 36 - FRG/PR - Vista parcial do Parquinho do Jardim Sidom, construído pela própria comunidade). Ao mesmo tempo em que se mostra preocupado com a criação, a educação e a formação dos jovens da cidade, levanta questões sociais mais amplas, dizendo que está fazendo apenas sua obrigação enquanto cidadão.

*“[...] a dificuldade nossa, da associação é que nós não temos sede. [...] fazemos as reuniões em casas, cada vez a gente faz em uma rua. O morador cede um pedaço de uma sala. [...] **E lá a gente faz nossas reuniões. Então o povo pede.** Vamos supor, (...) um campo de futebol. Que é o que nós tamo fazendo agora. Por que isto agora? É para tirar o nosso jovem da rua. **Tá aí o problema das drogas.** [...], **então nós procuramos ter mais lazer, mais esporte,** [...] Inclusive nós já temos um campo oficial. Já fizemos [...] um parquinho para as crianças. [...] Quando a gente encontra um problema, assim... assim alguma coisa ruim..., vamos supor, tem rua que tá ruim, aí nós fazemo tipo mutirão, pegamos a enxada, colocamos uma pedrinha pra sempre... pra manter. [...] **nós pedimos pra prefeitura e eles sempre ajudam, fazem a parte deles.** [...] **Mas, ainda é preciso muita conscientização, participação e envolvimento não só de um bairro, mas da cidade” [sic].***



Figura 36 – FRG/PR - Vista parcial do Parquinho do Jardim Sidom, construído pela própria comunidade

Fonte: SACHWEH, M. S. (2006)

Giddens (2002) afirma que as transformações produzidas pela modernidade alteraram de forma definitiva a vida do indivíduo. Afirmar-se que a modernidade vem provocando nos sujeitos uma constante fragmentação e desintegração do próprio ser o que, paralelamente, gera, nos mesmos estímulos tão diferenciados que vão da ilusão à sedução, do medo das mudanças ao estado de encantamento pelo novo. De maneira conflituosa, o sujeito sente-se perdido na multidão, que se move aceleradamente influenciada pelas mais diversas situações, reações, emoções e pensamentos.

Nesta pesquisa, entende-se que a modernidade expõe e ao mesmo tempo evoca o sujeito a uma luta social que resulta na construção de uma consciência de classe ou de uma sociedade que se auto-organiza.

Vivendo em um bairro afastado do centro de Fazenda Rio Grande há mais 25 anos, Francisco Ramos natural de Contenda, tem 45 anos, é casado e pai de seis filhos. Exerceu várias profissões (como garçom, segurança, guarda noturno, conferente de carga, funcionário de supermercado, dono de bar, fotógrafo e ajudante de açougue em Curitiba e em Fazenda Rio Grande). Participa atualmente de diferentes grupos sociais em sua comunidade como membro ativo de ações ligadas

à Educação (foi Presidente da Associação de Pais várias vezes), Associação de Moradores do Bairro São Sebastião, aos Conselhos de Segurança e de Saúde. Foi um dos fundadores do Ajax Futebol Clube é também membro da Comissão Rural e do jornal “A Cidade”. Ao se referir à criação de um dos mais novos bairros na zona rural de Fazenda Rio Grande, o Santa Maria, Ramos (2006) assegura que seu início foi muito tumultuado, exigindo dos primeiros moradores a tomada de algumas decisões, pois tudo que havia ali era considerado área rural.

*“Chácara, uma fazenda! Acontece que alguns interessados venderam as terras ali, e aí aquilo virou favela. Favela! Não tinha luz, não tinha água, não tinha estrada. Dava até dó da gente que morava lá. E digo isso porque eu conheço muito, conheço toda história. O Santa Maria foi beneficiado. Acho que hoje, eles têm tudo, já não dá para dizer que lá era favela. [...] Mas tudo foi triste para o povo dali! Porque o povo dali comprou lote [...] surgiu um loteamento e o povo comprou e depois foram desapropriando tudo. [...] quando o prefeito embargou tudo [...] **aí o povo se uniu e invadiu**. O povo invadiu mesmo e tudo virou um favelão. Agora não! Tem luz, água, telefone, tudo está normalizado, o prefeito comprou a área inteira do proprietário e regularizou os lotes” [sic].*

Dito isso, pode-se afirmar que não basta somente fazer uma abordagem rápida. Identificar como se deu a formação de identidades sociais exige uma análise aprofundada, pois as sociedades organizadas em cidades, fomentam e determinam o caráter dual e bidimensional de seus indivíduos.

Compreende-se então que a sociedade é resultado de um processo construído historicamente por sujeitos e que estes sujeitos, por sua vez, também são construídos historicamente pelas sociedades em que vivem. Torna-se praticamente impossível, portanto, separar indivíduo e sociedade, uma vez que ambos são reflexos simultâneos um do outro.

Nóbrega (2000, p.205) citando Berger e Luckman (1974), define identidade individual e social:

[...] como um fenômeno derivado da relação indivíduo – sociedade, ao mesmo tempo em que é formada pelos processos sociais existentes na sociedade, é também produto do indivíduo que age sobre a organização social no sentido de mantê-la ou modificá-la. E aí o eixo onde se cruzam as questões do real e do pensamento, ou seja, a ação do indivíduo e sua concepção de mundo, e é neste ponto crucial que surge a construção da identidade individual e social.

Acredita-se então que a construção da sociedade evidencia-se nas dinâmicas da natureza, que se acham mais concentradas e aceleradas nas cidades. Já as manifestações das identidades sociais evidenciam-se em lutas e movimentos sociais.

No espaço urbano as identidades sociais mostram-se fragmentadas, embora carregadas de multiplicidades. As manifestações do sujeito demonstram a existência de identidades duais e inseparáveis uma da outra. A primeira é aquela que representa sempre o sujeito para si e a segunda, aquela que é a representação de si para o outro. Estas manifestações aproximam os sujeitos, que influenciam e são influenciados quando apresentam ou incorporam as diferentes maneiras de ser, sentir, pensar e agir de um grupo, comunidade ou sociedade. Nesta exposição de valores que ajudam a formar identidades estão as visões individuais de mundo, acordos ou relações futuras, posturas corporais e até mesmo as crenças mais íntimas de cada sujeito (DUBAR, 2005).

Dubar (2005) recorre à psicanálise para explicar a dualidade presente em uma identidade social e nela se apóia ao assegurar que o processo de formação de identidade social tem início muito cedo na vida do sujeito. Suas representações já se manifestam quando o indivíduo, ainda em seu grupo de origem (ao qual pertence objetivamente), mas também nos grupos aos quais pretende se integrar, lhe referenciam a subjetividade, a socialização e a interação de valores, normas e disposições que tornam o sujeito um ser identificável.

Deste modo, acentua-se, ainda que internamente, o caráter dual de sua identidade, ou seja, salienta-se a identidade para si e a identidade para o outro, que são ao mesmo tempo inseparáveis e interligadas de maneira problemática (DUBAR, 2005).

Laing (1986, p.29) afiança que a identidade para si e a identidade para o outro são inseparáveis, pois a identidade para si é correlata ao outro e o seu reconhecimento pelo outro se dá quando o sujeito consegue olhar-se através do olhar do outro. Esta situação ocorre, porque:

[...] a experiência do outro nunca é vivida diretamente pelo eu [...] de modo que contamos com nossas comunicações para nos informarmos sobre a identidade que o outro nos atribui... e, portanto, para nos forjarmos uma identidade para nós mesmos.

Assim, jamais se pode ter certeza de que uma identidade coincide para o eu do sujeito, com a identidade do sujeito para o outro. Nesse sentido, percebe-se, sim, que a identidade nunca é dada, ela é construída e reconstruída mediante as necessidades, adaptações, certezas e incertezas que podem ser maiores ou menores, longas ou duradouras, dependendo da noção de pertencimento do sujeito frente ao outro, enquanto ser ou objeto.

É interessante emprestar as idéias do historiador Nora (1993) quando trata dos lugares da memória. Afirmo o autor que esses lugares da memória concretizam-se em espaço como um resultado da subjetividade que, ao criar locais, socializa a memória coletiva em espaços como museus, cemitérios, santuários e associações. Ao que se entende esses lugares da memória nascem do sentimento e da noção de que não há memória espontânea, é preciso criá-la, organizá-la e celebrá-la para que se mantenha viva uma identidade social local.

Refletindo sobre a subjetividade, Simmel (1971) trata o ser humano como um sujeito, organismo superior em cujo *self*, as potencialidades podem ser preparadas e desenvolvidas externamente ao seu ser sujeito pela cultura objetiva (*objective culture*), que está em constante movimento de interação com a cultura subjetiva (*subjective culture*).

A este respeito, Velho (2002, p. 14) afirma que a cultura objetiva de uma sociedade pode ser:

[...] complexa, diferenciada e heterogênea, enquanto que a cultura subjetiva de seus membros pode nada ter a ver com isso. Este, aliás, seria um dos paradoxos da modernidade, pois o desenvolvimento da tecnologia e da civilização material, a complexificação e a fragmentação da vida social não produziram indivíduos com uma cultura subjetiva mais elaborada.

Segundo o autor os estudos de vários pensadores destas questões indicam, no entanto, exatamente um processo contrário.

Simmel (1971) apresenta de forma clara as diferenças entre culturas subjetiva e objetiva. Para o autor a cultura subjetiva é a extensão de um processo de vida psíquica e o modo como este se utiliza dos bens e das realizações objetivas. Ele aponta ainda que não pode haver cultura subjetiva sem cultura objetiva, pois o desenvolvimento ou a condição do sujeito é a cultura, através da incorporação de objetos cultivados.

Contrariamente a este processo encontra-se a cultura objetiva que pode aparecer no mundo de forma parcialmente independente da cultura subjetiva, ou seja, ela se faz visível na medida em que os objetos criados são adotados para fins culturais e não se limitam à utilização dos mesmos pelo sujeito (SIMMEL,1971).

Continuando sua análise, Simmel (1971, p.234) assegura que:

[...] particularmente em períodos de complexidade social e de intensa divisão do trabalho, as realizações da cultura constituem, por assim dizer, um domínio autônomo. As coisas tornam-se mais aperfeiçoadas, mais intelectuais e, de certa forma, mais controladas por uma lógica objetiva interna ligada a sua instrumentalidade. Na realidade, diante do enorme desenvolvimento da cultura objetiva, onde o mundo das coisas é partilhado por incontáveis trabalhadores, a cultura subjetiva não poderia desenvolver-se.

Nesta perspectiva, Giddens (1990) indica que na medida em que diferentes partes do planeta são postas em interconexão umas com as outras, verdadeiras ondas de transformação social vão atingindo e modificando virtualmente a superfície da Terra e tudo que nela há, quer seja indivíduos ou instituições.

Diante disso os indivíduos vão sendo praticamente reduzidos a mosaicos identitários, cujos comportamentos são tão diversos que se torna difícil estabelecer uma só identidade, pois neste sujeito está presente uma parte de sua herança cultural, sua fala, idioma, memória, religião, suas preferências pessoais. São, portanto, os próprios sujeitos os grandes responsáveis pela sua identidade social.

Para este estudo faz-se necessário refletir sobre o significado primeiro da própria palavra identidade, que tem seu sentido na consciência humana, na figura psicológica representada pelo ego = id, ou seja, a entidade do ser.

Em sua reflexão sobre o processo de formação ou construção de uma identidade social, Dubar (2005, p.136) observa que esta nada mais é que:

[...] resultado a um só tempo estável e provisório, individual e coletivo, subjetivo e objetivo, biográfico e estrutural, dos diversos processos de socialização que conjuntamente, constroem os indivíduos e definem as instituições.

Por sua vez, Hall (2005) observa que o mundo moderno tem avolumado a complexidade das identidades sociais, pois os espaços “interior” e o “exterior” do eu, representados pelo mundo pessoal e pelo mundo público, têm tentado se organizar

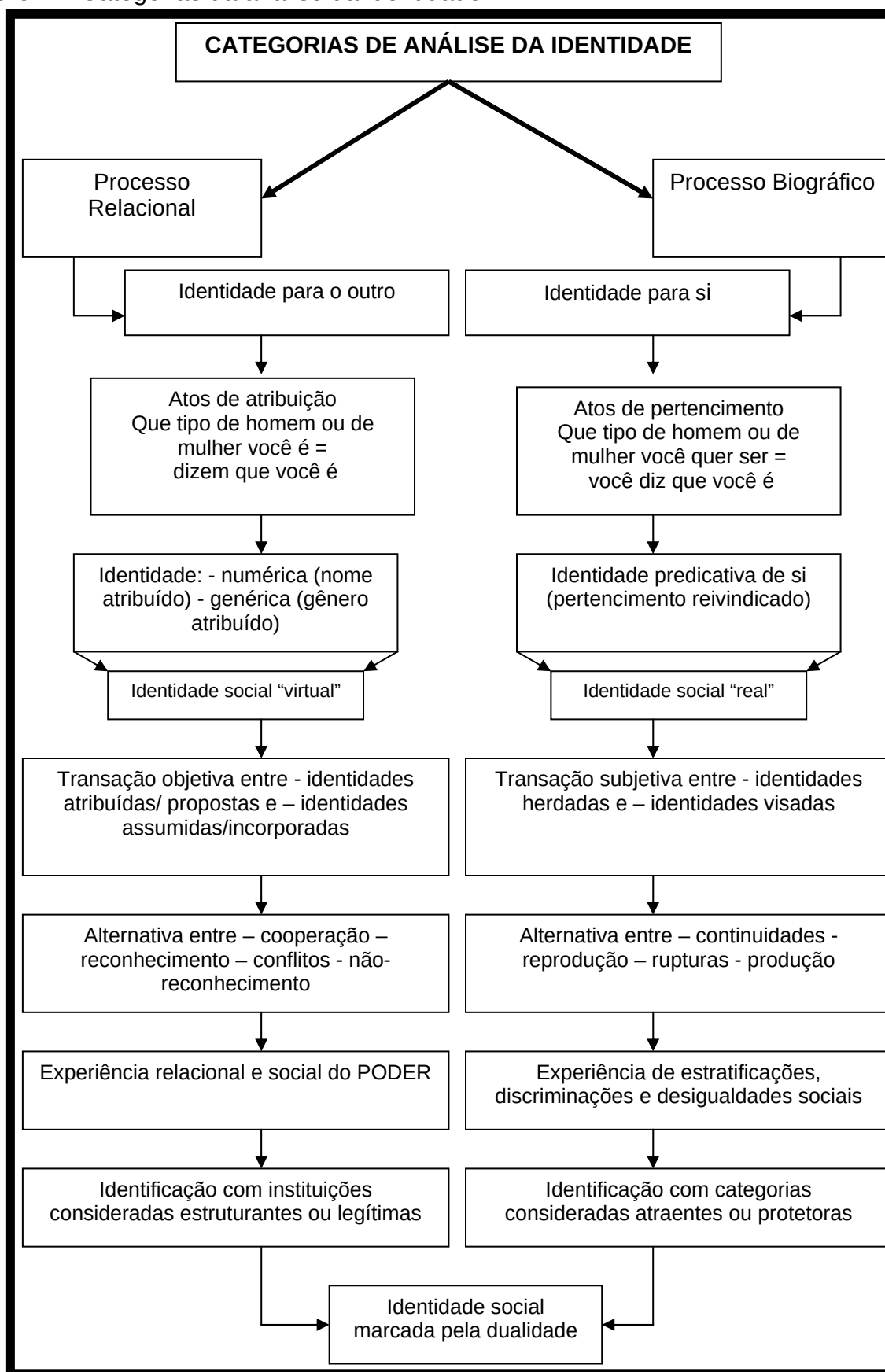
e projetar um “nós”, bem como procurado internalizar significados e valores para torná-los uma “parte do nós”, como crenças que podem alinhar e unir sujeitos pelos seus sentimentos subjetivos em lugares objetivos.

Para Hall (2005) este fenômeno é uma sutura que busca estabilizar a estrutura identitária do sujeito em mundos por ele habitados, tornando ambos (sujeito e mundo) unificados e predizíveis.

Conforme Dubar (2005), fazer uma abordagem sócio-histórica do processo de construção das identidades sociais exige que se faça também uma articulação entre o processo relacional e o biográfico, responsáveis pela transação subjetiva e objetiva, respectivamente. Relações identitárias podem ser herdadas, aceitas, almejadas ou recusadas pelos indivíduos, com a continuidade de identidades precedentes ou a ruptura do ser sujeito, que se idealiza no presente ou no futuro por meio dos atos de atribuição e de pertencimento. O primeiro processo revela a identidade; numérica e genérica, enquanto que o segundo é predicativo do sujeito em si, do ser real, da transação subjetiva. Por ele pode o sujeito optar entre a alternativa de continuidade e de reprodução da identidade pré-existente e a ruptura, o que implica na produção de nova identidade. Desse modo as configurações identitárias relativamente estáveis, podem passar a ser evolutivas de compromisso entre os resultados das duas transações, diversamente articuladas (Quadro 1 - Categorias da análise da identidade).

Diante disso pode-se compreender que a modernidade tem provocado um efeito ‘colateral’ no sujeito, fragmentando sua identidade - fato este que o torna não sujeito de uma identidade, mas de muitas delas (que são em si mesmas contraditórias, uma vez que lançadas ou empurradas em diferentes direções de tal forma a ficar em constante deslocamento). Este deslocamento, suas manifestações e a formação de identidades sociais em Fazenda Rio Grande serão tratadas no capítulo posterior, quando se fará a análise da história de vida dos dezoito entrevistados, emprestando as idéias do quadro elaborado por Dubar (2005).

Quadro 1 – Categorias da análise da identidade



Fonte: DUBAR (2005, p.142)

5 DECIFRANDO AS HISTÓRIAS DE VIDA EM BUSCA DA IDENTIDADE SOCIAL DE FAZENDA RIO GRANDE



Figura 37 – História de vida ↔ construção de identidades sociais

Fonte: SACHWEH, M. S. (2006)

O espaço aberto não tem caminhos trilhados nem sinalização. Não tem padrões estabelecidos que revelem algo, é como uma folha em branco na qual se pode imprimir qualquer significado. O espaço fechado e humanizado, é lugar. Comparado com o espaço, o lugar é um centro calmo de valores estabelecidos.

(TUAN)

Ao ocupar o espaço interior ou exterior, pessoal ou público, os sujeitos são ao mesmo tempo individuais, plurais e fragmentados, constroem novos símbolos e referências, que são lidos tanto individualmente quanto pela coletividade que lhe deu significado. Para se fazer a leitura destes significados, porém, é necessário que, primeiramente, entenda-se o cotidiano e o contexto social daqueles que o produziram.

Antes há que se levar em consideração a afirmação de Giddens (1993) sobre os efeitos da modernidade (ou alta modernidade), que vêm provocando uma certa reorientação nas organizações sociais e, ao mesmo tempo, abalando com tal intensidade a vida e o cotidiano dos sujeitos a ponto de deixar a impressão de que fronteiras físicas são levantadas.

Para o autor as novas tecnologias trouxeram a modernidade, mas alteraram e aceleraram o modo de vida tanto no campo quanto na cidade. Antigos e tradicionais valores sofreram de modo significativo as conseqüências deste processo.

Sobre o plano extensional, novos fatores serviram para estabelecer formas de interconexão social que cobrem o globo; em termos intencionais, eles vieram a alterar algumas das mais íntimas e pessoais características de nossa existência cotidiana (GIDDENS, 1993, p. 14).

Em decorrência das mudanças aceleradas no modo de vida tem-se a impressão de que algo se perdeu no tempo e no espaço e a certeza de que provocou fraquezas, ansiedades e medos nos sujeitos. O ato de se expor publicamente, por razões de trabalho, lazer, saúde e educação tem sido motivo de estudo de diversas áreas do conhecimento, pois a violência e a insegurança, principalmente nos grandes centros urbanos, vêm provocando nos sujeitos síndromes, desencaixes e deslocamentos que, ao alterar o cotidiano, alteram também a identidade destes sujeitos.

Hall (2005) afirma, por sua vez, que as velhas identidades estão em declínio, fazendo surgir novas identidades. Elas vão sendo formadas e transformadas continuamente em relação às suas formas de representar ou interpelar os sistemas culturais que rodeiam o sujeito. Frente ao exposto, acredita-se que a identidade vai se definindo mais pelas tendências da vida social e histórica, do que por razões biológicas. O sujeito vai assumindo identidades novas em diferentes momentos.

Como as identidades não são unificadas ao redor de um “eu” que busca ser coerente, entende-se que em cada sujeito há identidades contraditórias, que o empurram em diferentes direções provocando deslocamentos contínuos em busca de uma identificação única.

Nesta mesma perspectiva Harvey (1996, p. 22), ao estudar a vida moderna, descreve a identidade como sendo fugidia, efêmera e fragmentadora, de tal modo que suas conseqüências repercutem no “não respeitar o passado ou qualquer outra ordem social pré-moderna”.

A transitoriedade das coisas dificulta a preservação de todo o sentido na história, há que descobri-lo e defini-lo a partir do turbilhão da mudança, um turbilhão que afeta tanto os termos da discussão como o que está sendo discutido. A modernidade, por conseguinte, não apenas envolve uma implacável ruptura com todas e quaisquer condições históricas precedentes por um interminável processo de rupturas e fragmentações internas inerentes.

5.1 ULTRAPASSANDO AS FRONTEIRAS FÍSICAS – A IDENTIDADE

Só existe fronteira para essa plenitude de, enfim, ultrapassá-la e através dela compartilhar plenamente as diferenças. A obrigação de ter de invadir qualquer fronteira, sob o impulso da miséria, é tão escandalosa quanto os fundamentos da miséria em questão.

(GLISSANT)

As rupturas tratadas anteriormente dificultam a leitura da identidade social de Fazenda Rio Grande, mas ao mesmo tempo torna-se um incitante desafio fazer sua interpretação.

Conforme descrito anteriormente Fazenda Rio Grande é uma cidade jovem que recebeu um imenso contingente populacional²⁴ oriundo das mais diversas regiões do Brasil e mesmo do exterior. Ainda é comum (contrariando Planos Governamentais²⁵) ver a chegada de migrantes e imigrantes, que ali se alojam em busca de melhores condições de vida, de um novo modo de viver e de consumir a cidade. Em seu espaço social novas interações simbólicas são construídas,

²⁴ Não se têm dados exatos e atuais, mas sabe-se que praticamente decuplicou em dezesseis anos.

²⁵ Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar – PRONAF e também Plano Diretor de Fazenda Rio Grande.

determinando novos contextos sócio-espaciais de significados reelaborados coletivamente em uma troca dialética de elementos que interagem entre si, no cotidiano e na história dos antigos e novos moradores.

Ler e interpretar o lugar como um texto (Fazenda Rio Grande e seu contexto) exige que se vá além da paisagem física, onde o cotidiano e a vida dos moradores aparentam se desenvolver da mesma forma que em outros espaços urbanos. Para este estudo em específico foi preciso ir a diferentes sujeitos que vem determinando as trocas simbólicas, responsáveis pela reconfiguração de sua dimensão sócio-espacial.

Conforme Pais (2003, p. 120):

Da mesma forma que na literatura se diferenciam 'estilos' ou 'maneiras de escrever' também na sociedade podemos distinguir diferentes 'maneiras de fazer', por exemplo, de marchar, de ler, de produzir, de falar, de sociologizar, de contextualizar.

Assim, fazer a leitura da dimensão sócio-espacial de Fazenda Rio Grande exige que também se entendam os significados, os valores e os símbolos atribuídos ao espaço, ao lugar e ao tempo, frente a um conjunto de práticas sociais ordenadas (GIDDENS, 1986) e expressas pelos sentimentos, traduzidas na noção de pertencimento ou enraizamento das diferentes identidades, inseridas naquele contexto social.

Frente ao exposto pode-se citar o exemplo de Gigeli Regina da Costa, cuja entrevista ocorreu em uma sala da sede do Projeto Velho Amigo²⁶. Poucos minutos após ter-se iniciado a conversa entre pesquisadora e a entrevistada, vários jovens a procuraram pedindo auxílio quanto às atividades escolares e por várias vezes o telefone interrompeu sua fala.

Nascida em Frederico Westphalen (RS), já tendo morado em outras cidades tanto do Rio Grande do Sul quanto do Paraná, há seis anos reside e participa ativamente de projetos sociais ligados aos grupos de Terceira Idade em Fazenda Rio Grande. Quando questionada sobre o que significa viver hoje na cidade, respondeu:

²⁶ Projeto Velho Amigo é desenvolvido pela ação social do município para atender a terceira idade. Entre as atividades executadas, conta com sessões de fisioterapia, ginástica, dança, teatro, palestras informativas, viagens culturais, além de técnicas de vivência, presta orientação quanto as denúncias de maus tratos a idosos.

*“A Fazenda Rio Grande hoje é tudo para mim. Nossa! Esse lugar aqui! [...] eu acho que aqui descobri **tudo o que eu poderia ser**” [sic].*



Figura 38 – FRG/PR - Reunião do grupo do Projeto Velho Amigo

Fonte: SACHWEH, M. S. (2006)

Esta afirmação aponta para a presença de uma identidade para si que está, sem dúvida, intimamente ligada aos movimentos da sociedade onde a entrevistada desempenha diferentes papéis e os interioriza. Reconhecendo seu **encontro** com o lugar, a noção de pertencimento legitima no indivíduo e também no grupo por ele determinado a constituição de uma identidade para si, não como uma entidade autônoma, mas como uma construção multicultural que emergiu das diferentes ações, desempenhadas na e para a sociedade.

Neste sentido, entende-se quando a Gigeli afirma que:

“[...] você se identifica com a comunidade [...] é assim uma troca, [...] são experiências que eles passam para a gente e que ficam, que tocam profundamente a gente, porque antes de começar a trabalhar com idoso [...] eu confesso para você... Eu tinha medo de envelhecer, eu tinha medo. (Eu orava) “Ai senhor, não me deixe viver tanto tempo assim, quero chegar até os 50 anos só, acabou”. E hoje eu olho para eles e fico maravilhada com o que eles têm o valor que eles têm e que eles dão. A vida continua eles passam um exemplo para a gente que é maravilhoso. E eles falam mesmo, a gente se identificou muito” [sic].

Durante a entrevista pode-se observar que na história da vida de Gigeli a presença do outro sempre foi uma constante, mesmo antes de sua chegada a Fazenda Rio Grande, fato este que ela relata:

[...] herdei muito da minha família, da minha mãe e do meu pai, essa facilidade que tenho no trato com as pessoas, isso de você se preocupar com as outras pessoas, com o outro, com o respeito, a solidariedade. [...] é uma coisa que eu aprendi com eles, com minha família, pais, tios, avós. Essa participação, essa vivência com outros vem deste de criança [sic].

Corroborar-se com Dubar (2005) que ao assumir esta identificação com o outro vê o processo relacional se concretizando na medida em que os atos de atribuição de outras identidades lhe são conferidos, em uma transação objetiva por diferentes membros dos grupos sociais. O valor desta transação foi percebida por Gigeli quando destaca que:

[...] É tão importante para mim a companhia deles, a confiança mútua, porque assim como eles confiam em mim, eu também confio neles. Isso tudo que existe aqui foi uma parceria feita entre nós também, porque, por exemplo, é mesa, precisamos de mesas, vamos atrás do material e todos juntos vamos construir essa mesa, fizemos a mesa, a mesa está ali. Então é assim, é uma coisa que a gente completou sabe. Então, eu preciso deles, eles precisam de mim e nós juntos estamos fazendo [sic].

Para Francisco Ramos, a noção de pertencimento ao lugar e à sociedade foi expressa da seguinte forma:

“Para mim. Fazenda Rio Grande é tudo! Porque [...] para eu sair daqui? [...]. Aqui, eu tenho tudo que quero, antigamente não tinha, mas hoje tenho tudo que eu preciso pra viver. [...] Tenho amizades que em outro lugar eu não vou ter tão fácil e Fazenda mudou, ela é outra cidade, uma cidade nova” [sic].

A fim de analisar estas declarações foi necessário mais uma vez recorrer a Dubar (2005). Ao estudar a formação das identidades de um sujeito o autor indica que no processo de formação de uma identidade social encontram-se estruturados outros dois processos: a atribuição e a incorporação da própria identidade.

O primeiro processo refere-se à atribuição da identidade pelas instituições e pelos agentes que estão em interação direta com os sujeitos.

[...] analisado no interior dos sistemas de ação nos quais o indivíduo está implicado, e resulta de ‘relações de força’ entre todos os atores envolvidos e

da legitimidade - sempre contingente das categorias utilizadas. A 'formalização' legítima dessas categorias constitui um elemento essencial desse processo que, uma vez concluído, se impõe coletivamente, ao menos por um tempo, aos atores implicados (DUBAR, 2005, p.139).

Goffman (1975, p. 56) denominou o resultado deste processo como "identidades sociais virtuais".

Já o segundo processo encontra-se na interiorização ativa, ou seja, na incorporação da identidade assumida pelo próprio sujeito. Esta, por sua vez, só pode ser analisada a partir da interiorização das trajetórias sociais que o sujeito constrói como uma identidade para si. Em outras palavras a identidade assumida nada mais é que a história que o próprio sujeito conta sobre quem ele é. Ao resultado deste processo, Goffman (1975, p. 56) também deu uma denominação: "identidades sociais reais".

Para esta análise utilizam-se categorias que necessitam, antes de mais nada, ser reconhecidas e legitimadas pelo próprio sujeito e pelo grupo com o qual ele se identifica, definindo como identidade para si. Como já se falou anteriormente é essa legitimidade subjetiva, que lhe confere a identidade.

Este processo encontra-se presente na história de vida de Elídio José Segala Carvalheiro, nascido em Nova Esperança, estado do Paraná, desde sua chegada em Fazenda Rio Grande há dez anos. Em sua identidade social vê-se influências do jeito de ser e pensar dos amigos, dos conhecidos do bairro e da Igreja (ele é católico praticante), bem como características de sua própria personalidade, como a de envolver-se em projetos socioambientais, culturais e religiosos. Entre os seus projetos vale destacar a criação e a implementação de hortas em vazios urbanos (Figura 39) e os treinos e atividades com grupos de jovens nos finais de semana, cujo objetivo é conter a violência e estimular o desenvolvimento cultural, por meio da promoção de peças teatrais e também da efetivação de uma identidade de si e para o outro.



Figura 39 – FRG/PR - Vista parcial de horta em vazio urbano - Jardim Hortênsia, bairro Eucaliptos

Fonte: SACHWEH, M. S. (2006)

Quando questionado se o seu envolvimento estava ligado a interesses religiosos Elídio Carvalheiro deu a seguinte resposta:

*“Não... Não é por causa da Igreja. É por **causa da gente mesmo**, a gente só quer ajudar, quer ver as coisas darem certo e como resultado? Tem uma coisa que me preocupa e gosto muito é **aquela questão do elogio, do valor que as pessoas dão aos trabalhos que a gente faz**. Isso é uma motivação. Quando dizem: Oh! Aquele cara está prestando um bom serviço pela cidade, **zela pelo próprio nome, gosta daqui e assim por diante**. É isso que a gente tem feito: trabalhar e trabalhar muito, quando a gente chegou aqui na Fazenda Rio Grande, a gente não conhecia ninguém e hoje a gente conquistou um espaço que muitos dos pioneiros aqui ainda não conseguiram, como uma amizade forte e duradoura. **Eu acho que com esse trabalho a gente ganha relevância, conquista um espaço e o reconhecimento da comunidade. Sabe que eu preservo muito isso. [...]** eu quero poder ampliar estes projetos, ajudar mais o meu próximo, o meu companheiro, a minha cidade, eu quero ser usado como um exemplo para as nossas crianças [...]. Quando a gente chegou aqui logo fundou a Associação de Moradores do bairro e eu estive lá, à frente de tudo, por dois mandatos. Era a Associação de Moradores do Hortênsia IV. Lá a gente conseguiu melhorar a qualidade de vida do bairro, promovendo limpeza, com mutirões. Trabalhamos com as crianças carentes, fizemos festinhas nos finais de ano, e outras coisas assim [...]” [sic].*

Ao ser reconhecido e legitimado pelo outro, o sujeito deixa de ser singular, indivisível e único. Incorporando a multiplicidade de seu entorno assume, por sua

vez, também as múltiplas pertenças sociais de tal forma que se reconhece como parte de um centro ou mesmo importante componente de um alojamento do sistema social (GIDDENS, 1990).

Esse reconhecimento acontece à medida que as ações do sujeito são refletidas no mundo social pela internalização do exterior e pela externalização do seu interior (DUBAR, 2005).

Pode-se afirmar que o reflexo destas ações é percebido em Fazenda Rio Grande na história de vida dos entrevistados, quer seja dos nascidos no local enquanto ele ainda era distrito de Mandirituba, quer seja daqueles que buscaram o local como um espaço provisório, temporário, ou de transição.

5.2 DESMITOLOGIZANDO MITOS

- A cidade – insistes em perguntar.
- Vimos cá trabalhar todos os dias – responder-te-ão uns, e outros: - Voltamos cá para dormir.
- Mas a cidade onde se vive? – perguntas.
- Deve ser para ali – dizem, e uns erguem o braço obliquamente na direção de um incrustação de poliedros opacos, enquanto outros indicam para trás das tuas costas o espectro de outras cúspides.

(CALVINO)

Nos depoimentos dos entrevistados vê-se claramente sinais de contestação às rotulagens atribuídas à Fazenda Rio Grande, tais como cidade dormitório, cidade suja, cidade violenta, marginal, cidade de bandidos.

Mesmo quem, a princípio, considerava verdadeira uma destas rotulagens hoje faz questão de explicar que estava errado. É o caso de Rodrigo Berté, filho de agricultores, nascido em Colorado – RS, biólogo de formação e doutor em Meio Ambiente e Eco-desenvolvimento pela UnB. Ele trabalhou e estudou em cidades do Rio Grande do Sul, além de Curitiba - Pr, Passo do Lontra e Corumbá – MS antes de mudar-se para Fazenda Rio Grande, cinco anos atrás, onde responde atualmente pela Gerência do Meio Ambiente da Prefeitura. Rodrigo Berté relata, de forma veemente, que ao chegar à Fazenda Rio Grande também a via como uma cidade dormitório. Com o passar do tempo, porém, pôde verificar *in loco* que a realidade não era esta:

“Olha! Quando eu cheguei, eu via Fazenda como cidade dormitório, hoje não. Hoje eu não vejo isso e sabe por quê? Apesar de nós termos quase vinte mil pessoas que saem todos os dias para trabalhar em Curitiba, o inverso também é verdadeiro, nós temos muita gente de Curitiba que está trabalhando aqui, muita gente mesmo. A exemplo disso, empresas terceirizadas das multinacionais lá do parque industrial da Audi, da Renault, da Volkswagen e das montadoras de Curitiba [...] muitos desses executivos e mão-de-obra especializada estão aqui. [...] também em outros setores, até da própria educação, nós temos praticamente 70% dos professores vindo de fora para lecionar nos colégios estaduais, principalmente à noite” [sic].

Do mesmo entrevistado pode-se perceber a preocupação com as questões socioculturais e ambientais, preocupação que fica visível ao apontar, por exemplo, a criação de leis locais que determinaram o fechamento de bares ainda cedo da noite (às 22 horas) a fim de conter a violência, principalmente entre jovens, que vinham formando gangues na região. “Tínhamos que fazer uma lei que realmente inibisse o mais rápido possível esse tipo de situação e foi assim que aconteceu” (BERTÉ, 2006). Também sua preocupação com o meio ambiente reflete-se no depoimento, como ao falar da poluição dos mananciais:

“A respeito dos mananciais, hoje vejo que o maior culpado da poluição do Rio Iguaçu não é a Fazenda Rio Grande e sim Curitiba. Curitiba. A própria Sanepar, em função de ela ter feito um canal extravasor que não suporta o volume de água. Quando chove excessivamente trás toda aquela terra, lixo e detritos do Belém, acaba por jogar tudo para dentro do Iguaçu. Quando estiver chovendo e você passar por aqui preste atenção e você vai ver ao passar pelo Rio Iguaçu que a água está cinza, cinza, é horrível. [...] Fiz um estudo junto com a superintendência do Meio Ambiente lá de Curitiba, a Marilza, e ficou registrado de que o passivo ambiental de Fazenda Rio Grande com os municípios metropolitanos não chega a 8%, então o maior poluidor ainda é Curitiba. [...] Então veja aqui a gente só recebe ônus de Curitiba. É muito lixo e eu não sei! [...] por várias vezes eu quis mover uma ação civil pública contra Curitiba, pela poluição do Rio Iguaçu. Lógico que aqui temos poluição, mas nós estamos controlando e agora com a construção da Canalização de Esgotos nós vamos ter maior controle, a própria revitalização da mata ciliar nos rios e com o problema de relocação de várias famílias das áreas de invasão (são mais de mil famílias, mais de mil casas estão nos projetos de construção juntamente com Caixa Econômica e a COHAPAR), [...] isto tudo tende a garantir aquilo que a gente quer para ter uma Fazenda melhor, mais organizada. [...] De minha vontade eu já tinha feito muito mais, porém, muitas coisas dependem do nosso orçamento, que é de 0,75% do orçamento total. E isso, praticamente, só dá para pagar a folha de pagamento dos funcionários daqui” [sic].

Uma das citações de Berté (a criação da lei do “toque de recolher”) encontra eco nas explicações de Touraine (1998), que fala de uma busca incessante para diminuir a violência na cidade, da cidade e para a cidade. O autor afirma que as

ameaças que dão origem a comportamentos violentos não são aquelas que pesam sobre a ordem social, mas as que atingem o indivíduo como sujeito.

Neste sentido Berté tem procurado mobilizar a sociedade a fim de provocar ali uma integração do sistema diretamente voltada para os atores sociais; uma integração da sociedade para beneficiar o indivíduo, partindo do princípio de que os sujeitos devem se ver reconhecidos nos seus direitos subjetivos, na afirmação de uma identidade cultural, social e na afirmação de si mesmo. Ao ver que as prioridades de curto prazo do governo local estavam voltadas para a saúde e a educação, o gerente de Meio Ambiente procurou envolver as questões socioambientais na educação e na saúde. Assim surgiram os projetos da horta comunitária (Figura 39) sobre os dutos da Petrobrás e também o projeto conhecido por EDUCAR E TRANSFORMAR.

"[...] quando eu vim para cá comecei a lecionar à noite [...] as escolas estavam precisando alguém que trabalhasse a Biologia. [...] Trabalhando à noite percebi uma série de problemas, por exemplo, a droga chega muito fácil aqui na Fazenda, tem a maconha e o craque, são as duas que mais chegam aqui. Além disso, alguns alunos chegavam na sala de aula alcoolizados e drogados. [...] tentava conversar e eles se sentiam agredidos. [...] eu percebia que tinha muitos problemas familiares, agressão, meninas de 14, 15 anos grávidas, tinham sido estupradas e ... era preciso que a gente comesse a fazer alguma coisa. Não dava para ficar nessa só de observador [...] mas o que fazer? Então, nós começamos ir a algumas escolas em que eu trabalhava. Comecei a identificar quem eram os alunos mais vulneráveis. A gente colocou a prioridade na vulnerabilidade social. [...] Assim, em cada escola, a gente pedia para os professores e coordenadores que conviviam para que nos apontassem os mais problemáticos e assim veio aquela menina que já tinha passado pelo terceiro marido, aquela outra que foi estuprada pelo tio dentro da própria casa, a outra que sempre chegava com marcas nas pernas, nos braços, cheia de hematomas, porque se ela não tinha conseguido vender a quantia X de drogas para a mãe dela manter o vício e tal. [...] Havia muita violência sexual aqui na Fazenda. [...] nós conseguimos diagnosticar tudo isso aí, mas o que fazer? Nós tínhamos que construir um projeto. Mas como vamos construir um projeto desses? Aí, primeiramente pensamos nos temas associados aos problemas escolares como o alcoolismo, tabagismo, violência sexual e na época estavam entrando na escola os primeiros portadores de necessidades especiais que não recebiam a devida atenção por parte dos professores [...] até que o governo chegou disse: 'A escola está aberta para eles entrar'. [...] "[sic].



Figura 40 – Fazenda Rio Grande - Vista parcial da horta comunitária sobre os dutos da Petrobras, Bairro Eucaliptos, Jardim Hortênsia

Fonte: SACHWEH, M. S. (2006)

Ao tratar da formação de identidades Castells (2002) recorre à sociologia a fim de explicar de que forma os atores sociais atribuem sentido às suas ações e a elas dão características locais e culturais. Parte ele do pressuposto de que estas características locais e culturais são responsáveis pelos princípios básicos da organização social e do desenvolvimento pessoal ao mesmo tempo que são fontes de conflitos.

É neste sentido que vêm as observações de Maurício José Silva Cunha, nascido no Rio de Janeiro, hoje com 35 anos, formado em Agronomia e em Administração de Empresas, morador efetivo de Fazenda Rio Grande desde seu casamento há 06 anos. Maurício já tinha morado em Curitiba, em Angra dos Reis, no Rio de Janeiro, nos Estados Unidos (onde estudou) e na África (onde fez trabalho voluntário). Em Fazenda Rio Grande atua como coordenador do Projeto Bolsa Família e é um dos líderes do Centro de Assistência e Desenvolvimento Integral, envolvido com os movimentos da Igreja Comunidade Cristã Nova Vida. Teve sua identidade marcada pelos princípios religiosos e tradicionais. Em relação à questão da violência na cidade manifestou-se da seguinte forma

*“[...] acho que boa parte disso é um estigma que ficou. [...] mas isto tem diminuído consideravelmente. **Eu nunca fui vítima de violência na cidade, eu acho que a violência existe.** [...] Mas [...] as políticas sociais melhoram, o aparato policial melhorou, o estabelecimento da guarda municipal, mas mais que isso. Não por uma questão pessoal, eu **acho que a pessoal é mais subjetiva, é a questão da esperança, do povo, eu acho que é o relacionamento do povo com a cidade...**, eu acho que... ah! Eu não conseguiria explicar não. Mas eu diria que melhorou” [sic].*

A construção de identidade social do lugar não se encontra no modo de pensar e agir de uma pessoa, religião ou partido político. Ela oscila e se avoluma em um constante movimento (CIAMPA, 1987). Este oscilar, por sua vez, pode ser encontrado nas contradições dos movimentos de progressão e regressão ou de cristalização e metamorfose, mas é sempre um processo contínuo ou, conforme classifica Bourdieu (1997), um *continuum* de pólos extremos. De um lado, um pólo negativo que desqualifica e é imposto por quem está de fora. De outro, um pólo positivo, que qualifica e atribui valores para quem está dentro (EPSTEIN, 1978, p.102-103).

Os fatores que contribuíram para formar o que Maurício chamou de estigma de Fazenda Rio Grande são o elevado crescimento populacional, o alto número de migrantes carentes e de empregados de baixa renda, subempregados ou mesmo desempregados, além da debilitada infra-estrutura da cidade, principalmente nos primeiros anos de emancipação. Somam-se a estes fatores poucas escolas locais e poucos espaços de lazer e de atividades extra-curriculares para ocupar crianças e jovens enquanto grande parte dos pais trabalha em Curitiba, São José dos Pinhais e Araucária.

Esses fatores foram apontados por Marcio Moreira dos Santos, 36 anos, líder religioso nascido em Fazenda Rio Grande, casado e pai de dois filhos. Antes de assumir a Comunidade Cristã Nova Vida, ele foi Corretor de Imóveis e exerceu sua profissão de formação: Administrador de Empresas. Ele é um dos principais responsáveis pelo movimento de jovens no Centro de Assistência e Desenvolvimento Integral e é também vice-presidente do Conselho das Igrejas Evangélicas de Fazenda Rio Grande. Morou em São Paulo, Maringá e Curitiba, mas ao retornar à cidade natal viu a expansão do antigo distrito de Mandirituba.

*“[...] primeiro momento com uma **certa expectativa**, uma certa alegria, [...] mas no **instante seguinte assustado** porque ela cresceu demais e muito rápido e aí com um crescimento populacional grande, inesperado e sem*

estrutura [...]. Então a gente enfrentou momentos de muita dificuldade, repentinamente um alto índice de violência e isto não era parte do nosso cotidiano, de nossos costumes” [sic].

A visão de Fazenda Rio Grande como cidade dormitório, violenta, marginal e suja, cheia de bandidos e de problemas, também estava no olhar desta pesquisadora, pois exatamente no dia em que iniciava a pesquisa de campo (na fase das entrevistas), o primeiro de seus entrevistados entrou para as estatísticas de vítimas da violência, conforme noticiado nos jornais no:

[...] vereador **Valdomiro Francisco da Silva**, do Partido Progressista, **foi morto com dois tiros em frente a um bar na Fazenda Rio Grande**. O crime aconteceu diante de aproximadamente 30 pessoas, mas até a tarde desta segunda-feira (11) a autoria do crime ainda era desconhecida (GAZETA DO POVO, 2006) [sem grifos no original].

Aproximadamente um mês depois do crime outra reportagem asseverava a insegurança na cidade:

Presos continuam foragidos. **Seis presos estão sendo procurados pela polícia de Fazenda Rio Grande**, região metropolitana de Curitiba. Os detentos conseguiram fugir da cadeia do município na madrugada de domingo (GAZETA DO POVO, 2006) [sem grifos no original].

Diante dos fatos tinha-se a impressão de que a identidade social legitimada no local era de forças negativas que, ao tentar dominar o espaço físico, dominavam também as relações sociais pela imposição do medo e da barbárie. Neste sentido, entendem-se os extremos tratados por Giddens e citados por Castells (2002, p. 27):

[...] uma das características da modernidade é uma interconexão crescente entre os dois extremos da ‘extensionalidade’ e da ‘intencionalidade’: de um lado influências globalizantes, e de outro, disposições pessoais... Quanto mais a tradição perde terreno e mais reconstitui-se a vida cotidiana em termos de interação dialética entre o local e o global, mais os indivíduos vêem-se forçados a negociar opções por estilos de vida em meio a uma série de possibilidades...

Seguindo o curso destes pensamentos, analisou-se a fala dos entrevistados quando se referiam às rotulagens de Fazenda Rio Grande.

Nilson Brasiliano José, nascido em Sertanópolis, ex-morador de outras cidades paranaenses como Goioerê, Diamante do Oeste, Matelândia, Ponta Grossa,

Curitiba, Lapa e Rio Negro, além de São Paulo (SP), Paris (França) e Friburg (Suíça). Ele reside em Fazenda Rio Grande há cinco anos e, desde a mudança para a cidade, responde como Pároco da igreja católica. Padre Nilson (2006) refere-se ao estigma de cidade violenta da seguinte forma:

*“[...] é um município novo, que está nascendo ainda. **Tem um povo maravilhoso, mas que ainda carrega o estigma da violência** [...] mas, você chega em qualquer município, ou **em qualquer lugar hoje, a violência está lá** e [...] (além disso) [...] **a mídia só mostra o que há de negativo.** [...] fiquei refém aqui dentro, levaram todos os eletro-eletrônico e carro da paróquia. [...], e tudo. [...], eram pessoas de Curitiba, [...] mas vinham roubar aqui, entendeu? [...] é uma situação que a gente convive, mas que aqui não chega a ser, assim exagerado” [sic].*

Há um novo tipo de vida se instalando no mundo, dando-nos a impressão, em determinados momentos, de que as sociedades estão sendo destruídas. Impõe-se a necessidade de mais ações e reflexões sobre as causas de tantos conflitos sociais. Touraine (1999) explica que atualmente se vive a etapa do arranque violento do chão tradicional. Depois virá a etapa do entendimento desta fase difícil, de turbilhões e perigos. Chegar-se-á, então, a uma estabilidade relaxante, de abundância, democracia e felicidade.

Seguindo este mesmo ponto de vista Padre Nilson (2006) expôs que hoje há uma verdadeira perda, uma deterioração de valores, manifestando-se no mundo todo de forma cada vez mais ameaçadora. Esta perda atinge não só os valores religiosos, mas os valores da sociedade como um todo.

*“A perda de valores, **é que uma deteriorização dos valores, e ela vêm acontecendo, assim de maneira assustadora.** [...] ao longo da história essas pessoas religiosas, sofriam um impacto muito grande pela consciência dessas pessoas e agora a gente percebe que está cada vez mais se perdendo... está se perdendo! Há uma deteriorização, nesse aspecto. **Até mesmo de valores religiosos** e eu acho que isso é um sinal de alerta, [...] estamos mais ligados a uma questão religiosa e para a sociedade como um todo” [sic].*

De fala tranqüila, há quase vinte e dois dos seus trinta anos de vida residindo em Fazenda Rio Grande, a engenheira florestal Claudia de Azevedo Barcelar (natural do município paranaense de Siqueira Campos) mostra-se preocupada com a falta de áreas de lazer, de espaços para passeios e práticas esportivas. Indica a existência de uma única praça, que se encontra em situação de semi-abandono (Figura 41), pichada e sem cuidado nenhum, tanto por parte de seus

usuários quanto por parte do poder público local. Ela indica a existência de um espaço amplo e comunitário denominado Parque Verde (Figura 41), às margens da BR-116, mas ressalta que prefere ficar em casa ou fazer passeios em Curitiba, pois afirma que tem receio de freqüentar o parque e as danceterias de Fazenda Rio Grande pelo perigo que acredita rondar estes locais. Claudia afirma que o mundo está violento e que, mesmo com alguns dos maiores problemas de Fazenda Rio Grande já vencidos, o da violência ainda é um desafio para as autoridades. Segundo ela é comum ouvir tiros disparados nas proximidades de sua casa, que se localiza no conjunto habitacional Mirante das Águas, Santa Terezinha – bairro Iguazu.



Figura 41 – FRG/PR - Vista parcial da Praça da Glória

Fonte: SACHWEH, M. S. (2006)



Figura 42 – FRG/PR - Vista parcial do Parque Verde

Fonte: SACHWEH, M. S. (2006)

Um pouco mais distante destas idéias encontram-se as da professora Lúcia Leal Pellanda (46 anos), nascida em Fazenda Rio Grande, à época um bairro do município de Mandrituba. Ela responde pela vice-direção do Colégio Estadual Desembargador Jorge Andriguetto e coordena na escola o projeto Educar e Transformar. Para Lúcia a violência não é uma característica exclusiva de Fazenda Rio Grande, mas algo que vem marcando uma nova fase da história das grandes cidades brasileiras, opinião compartilhada com a professora Sonia Maria de Oliveira, 50 anos, nascida em Curitiba, diretora da Escola Rural Municipal Francisco Quirino Machado em Fazenda Rio Grande e participante de atividades socioambientais no bairro São Sebastião. As duas professoras acrescentam que a base desta violência está na falta de políticas públicas sérias, na fragilidade econômica do próprio país e também na invisibilidade dos mais carentes. Assinalam, ainda, que esta marca não pode ser registrada como sendo uma das identidades de Fazenda Rio Grande. Para elas, se alguém vê assim, tanto a cidade quanto seu povo, é porque é de fora, pois Fazenda Rio Grande hoje está marcada pela vontade do povo de mostrar uma nova cidade.

5.3 DO ESTRANHAMENTO À APROXIMAÇÃO DE UMA IDENTIDADE SOCIAL DE FAZENDA RIO GRANDE

Um velho índio descreveu certa vez seus conflitos internos: “Dentro de mim existem dois cachorros, um deles é cruel e mau, o outro é muito bom e dócil. Eles estão sempre a brigar”. Quando então lhe perguntaram qual dos dois cachorros ganharia a briga, o sábio índio parou e refletiu: “Aquele que eu alimentar”.

(Autor anônimo)

Ao iniciar este subcapítulo faz-se necessário recorrer à reflexão feita por Bourdieu (1997) sobre os diferentes pontos de vista que se pode ter de um mesmo espaço, enquanto lugar em que se mora, vive ou apenas trabalha. Sua reflexão passa pelos diferentes olhares que se tem das cidades, como lugares que aproximam e ao mesmo tempo distanciam pessoas, quer seja pela ignorância, pela riqueza ou pelos conflitos que nelas coexistem.

Observa este autor:

É no interior de cada um dos grupos permanentes (vizinhos de bairro ou de prédio, colegas de escritório, etc.) horizonte vivido de todas as experiências, que são percebidas e vividas, com todos os erros (principalmente de perspectiva), resultando do efeito da tela as posições em matéria de estilo de vida, sobretudo, que separam classes, etnias ou gerações diferentes (BOURDIEU, 1997, p. 12).

Diante do exposto conclui-se que os espaços urbanos estão permeados não só de diferentes olhares, mas também de diferentes identidades e que estas manifestam-se com mais vigor frente às experiências e às diversas representações vividas e criadas pelo sujeito em seu ambiente.

Por outro lado há que se considerar como estas representações estão contidas nas noções de pertencimento e de aproximação no eu e no outro.

Seguindo essa linha de pensamento Carlos (2004, p.33) faz uma reflexão sobre um texto de Lefebvre (1978) que trata da apropriação e da dominação. Para Carlos o texto de Lefebvre é uma das mais importantes reflexões filosóficas ainda existentes, pois demonstra a ação que os grupos humanos têm sobre o meio natural.

A dominação sobre a Natureza material, resultado de operações técnicas, arrasa esta natureza permitindo às sociedades substituí-las por seus produtos. A apropriação não arrasa, mas transforma a Natureza – o corpo e a vida biológica, o tempo e o espaço dados – em bens humanos. A apropriação é a meta, o sentido e finalidade da vida social.

Ao analisar Fazenda Rio Grande como uma estrutura social que se traduz na transformação de um distrito rural em cidade emancipada e de alta densidade populacional, vê-se certo que tanto os antigos quanto os novos moradores, oscilem entre confusos e assustados acerca da possibilidade de participar das atividades políticas, sociais, culturais e administrativas.

O mundo moderno caracteriza-se pela introdução de uma imensa gama de tecnologias, informações e culturas que são criadas, reinventadas e por vezes readequadas segundo as necessidades das sociedades. Ao adotar novas tecnologias e absorver informações e culturas trazidas de outros lugares as sociedades delas se apropriam, interrompendo antigas práticas, normas pré-estabelecidas que ressaltavam a produção das potencialidades individuais e ofereciam ao indivíduo uma identidade mutável. Tais transformações têm derrubado indicadores tradicionais, que produziam no sujeito sentimentos de pertença e permitiam o aflorar de outro sentimento, o de estranhamento da própria identidade e do lugar.

Lukács (1981) afirma que este é um fenômeno exclusivamente histórico-social, que tem sua origem no desenvolvimento do ser em si e, a partir de então, assume na história diferentes formas, que se tornam cada vez mais nítidas e intensas.

O estranhamento também pode ocorrer em forma de bombardeio contínuo e intolerável, que atinge de tal forma seus receptores físicos e mentais a ponto de produzir no indivíduo uma quase incapacidade de responder aos seus efeitos. Por este motivo o indivíduo adota atitudes de discriminação entre os múltiplos estímulos do meio, o que, por sua vez, diminui sua capacidade de discernir sobre o que é essencial e o que é supérfluo. Ao mesmo tempo apresenta dificuldade para reconhecer a diferença entre realidade e ficção (MARCOS, 1992).

O estranhamento é um fenômeno que pode ser chamado de despersonalização, revelada no indivíduo pela indiferença ou pela alienação.

Neste sentido, situações contraditórias resultantes da modernidade, podem aparentemente ser vistas com maior clareza em uma cidade cujo crescimento se

deu de modo vertiginoso, em curto espaço de tempo e por meio de relações conflituosas (desde o primeiro contato, na chegada, até o momento em que o sujeito já está instalado no novo lugar, morando, habitando, participando, agindo e sendo parte da sociedade).

Em Fazenda Rio Grande pode-se perceber que algumas fragilidades afetam diretamente a formação e a identificação de uma única identidade social, pois há naquele espaço físico resistências e estranhamentos. Estes fenômenos são consequência da alteração e até mesmo da destruição de alguns referenciais individuais e coletivos, quando da fragmentação do espaço, do tempo de assimilação e de aceitação das mudanças e, principalmente, da identidade tradicional.

Para Carlos (2004) a presença desses fenômenos obriga as pessoas a se readaptar constantemente num espaço sempre cambiante, o que pode provocar a perda da memória social, uma vez que o ambiente conhecido e impresso na paisagem esfuma-se no processo de construção incessante de novas formas urbanas. Ainda segundo Carlos (2004), é na prática sócio-espacial que o mundo tem revelado suas contradições. No caso do Brasil ela tem sido vivida de forma mais aguda e profunda. Apontando a metrópole de São Paulo como exemplo, a autora indica a existência de um planejamento urbano autofágico, que tende cada vez mais a destruir a cidade, pois destrói nela as formas urbanas.

Como consequência, destrói as referências urbanas que agem sobre a identidade reproduzindo a cidade enquanto exterioridade. Nesse processo se gesta a situação de estranhamento do habitante diante da cidade, iluminando o processo de produção alienada da cidade. Assim, a realidade urbana se constrói com essas contradições: de um lado os sinais, os códigos alienados delimitando e marcando o processo de mundialização pela articulação da cidade ao plano do mundial; de outro o lugar se reproduzindo como exterioridade em relação ao indivíduo (CARLOS, 2004, p. 9).

No início, quando o recorte espacial de Fazenda Rio Grande ainda era somente uma idéia para esta pesquisadora, tinha-se a impressão de que os migrantes, ao chegar à cidade, haviam sido desconectados de qualquer suporte sociocultural. Percebeu-se, porém, a existência de fortes laços afetivos entre os moradores antigos e os novos. Relatos de diferentes histórias de vida, bem como

comentários dos moradores quando do registro de imagens fotográficas, revelaram a intenção de manter vivos estes relacionamentos,

Iolete da Conceição Bertoncello, 46 anos, nasceu na cidade paranaense de Agudos do Sul e reside há 41 anos em Fazenda Rio Grande. É empresária e participa de ações voltadas especialmente à Educação (APAE) e aos grupos de Terceira Idade (Projeto Velho Amigo). Católica praticante, filha de um dos primeiros professores de Fazenda Rio Grande, também exerceu esta profissão quando mais jovem, mesmo sem formação específica. Na época a região era rural e apresentava muitas dificuldades na contratação de educadores. Depois de casada, Iolete residiu em outras quatro cidades: Rolim Moura (RO), Ituporanga e Paineira (SC) e Ronda Alta (RS), mas mesmo distante sempre procurou manter estreitos laços afetivos com a família, com os antigos vizinhos e amigos a fim de ensinar filhos e netos sobre a importância de se preservar relacionamentos.

Iolete fala com orgulho dos ensinamentos, da cultura, do amor e do respeito ao próximo passados pelos pais e vê com satisfação, mas também com extrema preocupação, o crescimento de Fazenda Rio Grande. Em sua forma de ser solidária, utiliza o termo ‘nós’ com muita frequência e afirma ser necessária maior participação da sociedade em geral na criação e na implementação de políticas públicas voltadas à ação social e à educação. Tal qual outros moradores entrevistados entende que a violência não é uma particularidade de Fazenda Rio Grande, mas de todos os lugares do mundo atual. Reconhece, no entanto, que antes, quando a cidade ainda era um distrito de Mandirituba, era diferente, todos se conheciam.

*“[...] eu tinha cinco anos. Viemos com um ônibus da Reunidas, era noite, não tinha luz, eu não conseguia achar a casa. [...] fomos bater na casa da vizinha, porque vimos uma luz de vela. [...] Meu pai dizia, que **nós** tínhamos que ser exemplo sempre, os mais educados, os mais estudiosos [...] ele achava muito importante que todos **nós** tivéssemos uma profissão, por isto levou todos **nós** no SENAI [...]. [...] ensinou a dar valor a tudo [...] e ensinou os filhos a trabalhar e estudar. A minha mãe não sabia ler e nem escrever, não teve estudos, Mas era ela quem **nos** ensinava nas lições de casa. A gente se criou no mesmo lugar, **nós** íamos muito à igreja, era uma capelinha minúscula. [...] meu pai se interessou em construir uma igreja maior, para ensinar a catequese. Tanto é que hoje tem na igreja uma árvore plantada com o nome dele, gravado embaixo. [...] era uma pessoa de ajudar muito os outros, [...] **nos ensinou** a acudir um vizinho quando estava doente, não deixar eles, **os outros** passar por necessidades, [...] **nós** somos doze irmãos todos muito unidos, [...] **nós aprendemos desde cedo a trabalhar e ajudar os outros**. Eu conhecia praticamente quase todos os moradores do município. [...] ainda hoje sou muito prestativa. [...] muitas pessoas me chamavam de ambulância, porque aprendi a dirigir muito cedo e praticamente conhecia todas as ruas de Curitiba. [...] Como também, tinha*

telefone tive que levar recado pros vizinhos. [...] e hoje a gente continua fazendo, ajudando, porque todo dia chega gente nova. Fazenda cresce todo dia, todo dia, todo dia e ela não tem estrutura pra tudo. [...] Então nós temos que ser mais responsáveis. [...] precisamos aqui ter cursos técnicos profissionalizantes, indústrias. [...] Acho que o nosso maior problema hoje é a educação dentro de casa, [...] não é escola, a escola melhora, mas formação do caráter, da honestidade e de educação, ah! Isso vem de casa. É a formação das famílias, pais bêbados, violentos, então, as crianças saem de casa com problemas e levam pra escola. Não é a escola, acho que nós temos boas escolas, boas professoras, sou da opinião que quem faz a escola é o aluno, não o professor. [...] nossa luta tem que ser em melhorar a família, dar exemplos, participar e discutir mais. Nós não podemos ter medo de se envolver” [sic].

O problema apontado por Iolete quanto à participação dos moradores de Fazenda Rio Grande evidenciou-se com o avanço da pesquisa. Ao visitar os bairros, principalmente os mais carentes, tem-se inicialmente a impressão de que as famílias sentem-se abandonadas pelos poderes instituídos tanto no bairro quanto no Município. A realidade mostrou, no entanto, que muitas perdem as oportunidades de discussão e de entrosamento em diferentes grupos e movimentos, não por falta de interesse, mas por problemas de deslocamento, pelas distâncias, pelo excesso de trabalho, pelo cansaço. São essas algumas das justificativas para as ausências de vários membros às reuniões da Associação de Moradores. A seguir, apresentam-se depoimentos²⁷ gravados e anotados em diário de campo:

1) Maria, moradora do Jardim Ipê:

“Ó dona, a gente levanta antes do dia nascê e só vorta pra casa quando já é noite fechada e aí quando a gente chega ainda tem muito serviço pra prestá em casa, porque o outro dia, também é bem d’igual, intão não posso participá de nenhum tipo de reunião aqui no bairro, mas meus amigos me dizem tudo e quando eu não tô de acordo eu digo pra eles falá por mim” [sic].

2) João, morador do Mascate:

“Pois, a senhora sabe que eu bem que gostaria de trocá de lugar de trabalho, vim trabalhá mais perto, que daí eu ia podê de participá destas reunião” [sic].

²⁷ A identidade dos depoentes foi omitida porque as declarações foram obtidas informalmente enquanto se executava outro momento da pesquisa – registro fotográfico. Desse modo, todos os homens e mulheres receberam respectivamente os nomes fictícios de João e Maria.

3) Maria, moradora da “Sapolândia”:

“A gente até que mora bem perto da escola (local onde há algumas reuniões), mais eu nunca posso í lá, porque eu trabalho de diarista lá em Curitiba e tenho todos os dia tomado, até os sábados” [sic].

4) João, morador do Iguaçu II.

“Uma das coisa que eu me prometi quando ainda era piá é que eu, se tivesse filho, ia sempre dividi com ele os problema, podia ser da escola, da casa, de qualquer coisa, porque a gente tem que ser responsável com o futuro, mas hoje tenho três filho e não posso garanti nada, porque nós viemo lá do Rio Grande do Sul e até hoje não consegui me firma bem num emprego só, então o que resolverem lá, vou ter que aceitá, não tem outro remédio. O único problema é se tivé conta pra paga, daí a coisa vai ficá mais ruim que já tá” [sic].

5) João, morador do Kokubo:

“Nossa! Eu bem que sei o quanto que é importante a gente participá da vida na comunidade, só que eu ando com muito trabalho, atravesso a cidade todo dia pra ir trabalhar (vou de bicicleta), só que é longe e quando chego aqui... Já nem consigo mais... Bem que eu queria, mesmo! Quando um dos meus amigo conta como foi... (...) Agora vou entrá de férias, e daí pode ser que eu vá nas reunião lá da minha igreja” [sic].

6) Maria, moradora do Santarém:

“Logo que eu cheguei aqui... eu mudei, mudei mesmo, entrava em tudo quanto era coisa, aí fui dando valor pra cidade. Hoje eu brigo como posso, mas não to conseguindo me reunir com os amigos pra gente mostrá nossa força pra esta gente que vive falando mal de nós” [sic].

7) João, morador do Santa Maria:

*“Eu sei quanto é importante a gente fazê parte das reunião que falam da cidade, **porque hoje eu já existo aqui**, mas também tenho que dá sustento pra minha família, daí não vejo jeito que não seja confiá no que é resolvido pelos outros” [sic].*

Diante destes depoimentos, entre muitos outros, pode-se perceber que não há negação quanto à importância da participação individual e da relação de cada um na construção do futuro coletivo. Todos demonstram-se preocupados com este afastamento físico e social do ambiente em que vivem. Mas este distanciamento é reconhecido não como falta de afeto, de amor ao lugar, não como sentimento de

estranhamento em relação a si mesmo e ao outro (ao contrário, atribuem ao outro um sentido de confiança e de responsabilidade, pois entregam suas próprias esperanças de um futuro melhor para eles e para seus filhos àqueles que participam das decisões).

Neste processo, que é uma opção, pode ocorrer o que Giddens (2002) alerta como perigo para os sujeitos: uma resignação apática por parte de uns ou o excesso de destaque por parte de outros, no que o autor chama de engajamento radical, que convertem, assim, suas atitudes em ações de grande exaltação.

Por outro lado, a participação em diferentes ambientes também reflete-se nos participantes como ganho de posição. São, conforme Bourdieu (1997), ganhos simbólicos, tanto na identidade para si quanto na identidade para o outro. Ao se evidenciar a noção de posse surge uma outra forma de ganho, o da acumulação, ou seja, o da ocupação do espaço físico. É, portanto, no empenho do sujeito em se adequar aos padrões socioculturais, econômicos e ambientais que a identidade social do lugar vai se consolidando nele.

Fazenda Rio Grande, como cidade que cresce diariamente, vem consolidando sua identidade social por meio de ações e atos de pertencimento, praticados por seus moradores com maior ou menor intensidade.

Este processo encontra-se presente na história de vida da empresária da construção civil Elisa Moro Mendes, 42 anos, há doze moradora de Fazenda Rio Grande, onde já foi auxiliar de enfermagem e escrevente de cartório, engajada no Comitê da Moradia Contra a Fome e a Miséria. Ela inicia sua revelando usos, costumes e tradições que eram mantidos com o objetivo de unir a família e que acabaram abolidos por causa da correria do dia-a-dia. Antes havia mais união, o que limitava também a violência nas cidades e no campo.

“[...] não tinha televisão, a gente sentava e conversava, montava nosso brinquedo [...] já os meus filhos não. [...] tudo mais fácil, você vai ao mercado, compra um carrinho que anda, que roda, [...] as crianças ficaram mais acomodadas. [...] ali no teatro, as crianças brincam de roda [...]. O crescimento de Fazenda tem muitas vantagens, mas a violência chegou junto com essas vantagens. Antes você conhecia mesmo o teu vizinho, hoje você não conhece tão bem e se você conhece, parece que já não respeita tanto os laços de amizade. Já não tem aquele aconchego que os vizinhos, todos pareciam uma família. [...] um ia na casa do outro. Eu penso que é porque a cidade cresceu muito rápido, muito rápido. [...] Então, na verdade parece que existe, assim uma falta de confiança, você não confia tanto, não tem aqueles elos mais estreitos. Eu até acredito que não conheço a maioria do pessoal daqui. Tem muita, muita gente, o crescimento da população.

Mas aqui tem e vieram pessoas maravilhosas [...], que tem aquela disposição para conversar, ajudar a mudar a mentalidade, ser mais solidária. [...] mas, pelo tamanho da cidade ainda tem os que estão meio acomodados. Os bairros têm essas associações, mas na verdade eu acho que falta muita participação para a gente chegar lá. Acontece que tem bairros onde a maioria do povo é bem carente de tudo, até de cultura. Então é aquela coisa, eles não têm nem vontade de por a mão na massa, **de fazer alguma coisa pra nós** mesmo melhorar. Sei que têm os compromissos dos órgãos fundamentais, mas **as pessoas podiam participar mais. [...]** têm coisas, por exemplo, que caberia ao povo se mobilizar, pedir e cobrar [...] depois reclamam porque tem que pagar asfalto, tem que pagar isto ou aquilo. **Ainda não tem aquela dinâmica.** Precisa ter mais de empenho. [...] Então eu vejo que nas desvantagens desse crescimento está na falta de lugares para trabalhar. **É preciso mais investimento, mais indústrias, mais acreditar em Fazenda.** [...] já melhorou, escolas, postos de saúde, esgoto e muitas coisas mesmo. **Já não tem mais áreas de invasão,** mas tem aquela coisa que é meio negativa [...] tem um monte de gente conversando, as casinhas uma muito perto da outra, [...] é tudo muito grudado, parece que o povo lá, não tem muito o que fazer. [...] eles precisavam se unir, [...] fazer uma cooperativa, para que possam trabalhar, pra desenvolver o próprio lugar, o próprio bairro, porque agora, aquilo é deles. [...] Mas no geral **eu diria que em Fazenda Rio Grande tem muita gente de vontade, que quer uma outra Fazenda**” [sic].

Outros depoimentos também foram ouvidos:

8) Maria e João, Jardim Suzuki:

“A senhora dê uma olhadinha em sua volta, a senhora vê algum tipo de muro? Então, daí a senhora pode concluir que aqui não tem ladrão, a gente é que nem irmão, um ajuda a cuidá do que é do outro, e ser pobre não significa ser ladrão, mesmo que muita gente aí do lado (aponta para diante) ache isso” [sic].

9) João, morador do Iguaçu I:

“Eu sou nascido em Bajé, mas hoje eu digo que sou daqui, sou o que dá prá dizê: um Paraúcho. Eu gosto muito dessa cidade” [sic].

10) João, morador do Pátria Minha:

“Eu vim do Norte do Paraná, já tive proposta boa pra ir embora, lá pra Telêmaco, mas daqui eu não saio mais, aqui vai ser minha morada até Deus me chamar. Sou pobre, nós ainda somos pobres, mas vamos melhorar, porque vontade a gente tem muita” [sic].

11) Maria, moradora do Gralha Azul:

“Hoje eu nem me vejo em outra cidade, por isso que eu faço por aqui tudo que posso, nosso maior problema agora é melhora a situação de todo mundo, porque aí até os jornais vão falar bem da gente” [sic].

Quando se refere à pobreza econômica da cidade e principalmente àquela que é vista nos bairros mais novos de Fazenda Rio Grande, Francisco Rualdo Claudino (2007), apresenta a seguinte explicação:

“Tudo começa pela diferença do orçamento público das cidades, Araucária depois de Curitiba é a que mais arrecada no Paraná, tem pouquíssimos habitantes á mais que Fazenda Rio Grande, portanto, lá eles tem uma vida de rico, enquanto que nós temos uma vida de pobre, trabalhador, pobre, mas trabalhador. [...] os recursos são aqueles de família que ganham pouco e que vivem, e que tem que viver igual ao outro, tem que viver com dignidade, viver com ética, viver trabalhando, estudando, porém com muito mais sacrifício, muito mais sacrifício, mas com honra não é? [...] com muito mais sacrifício porque a divisão dos recursos é injusta, mas é assim que é o sistema, assim que tem que ser [...]” [sic].

Ao se concluir este capítulo, compreende-se que as mudanças advindas com a modernidade alteraram de forma rápida, intensa, diversificada e complexa o cotidiano dos antigos e dos novos moradores de Fazenda Rio Grande, dando a quem vê de fora, a noção de que ali não há uma identidade social consolidada. O relato dos moradores revela, porém, não apenas a existência de uma identidade, mas sim de identidades que se enquadram em diferentes categorias e dimensões que ultrapassam aquelas postas por Dubar (2005) conforme o Quadro 1, e podem ser consideradas como identidades sociais de Fazenda Rio Grande.

Depara-se, assim, com aqueles que se encontram em um nível de abstração e identificam-se com a proximidade mais imediata, a vizinhança e, até mesmo, o próprio bairro, a cidade ou a região, vendo nestas extensões territoriais de sua morada. Pode-se dizer que o processo de identidade ultrapassa no sujeito os limites de ordem administrativa e consolida-se na construção de uma sociedade elaborada a partir da noção de pertencimento presente na própria comunidade.

Durante o desenvolvimento da pesquisa foi possível perceber que há, entre os moradores de Fazenda Rio Grande, a dimensão psicossocial, que se manifesta pelas formas de participação do sujeito em diferentes grupos e atividades. Surge nele um despertar ou o nascer de um conjunto de atribuições que, simbolicamente, tem maior ou menor importância frente à intensidade de sua participação.

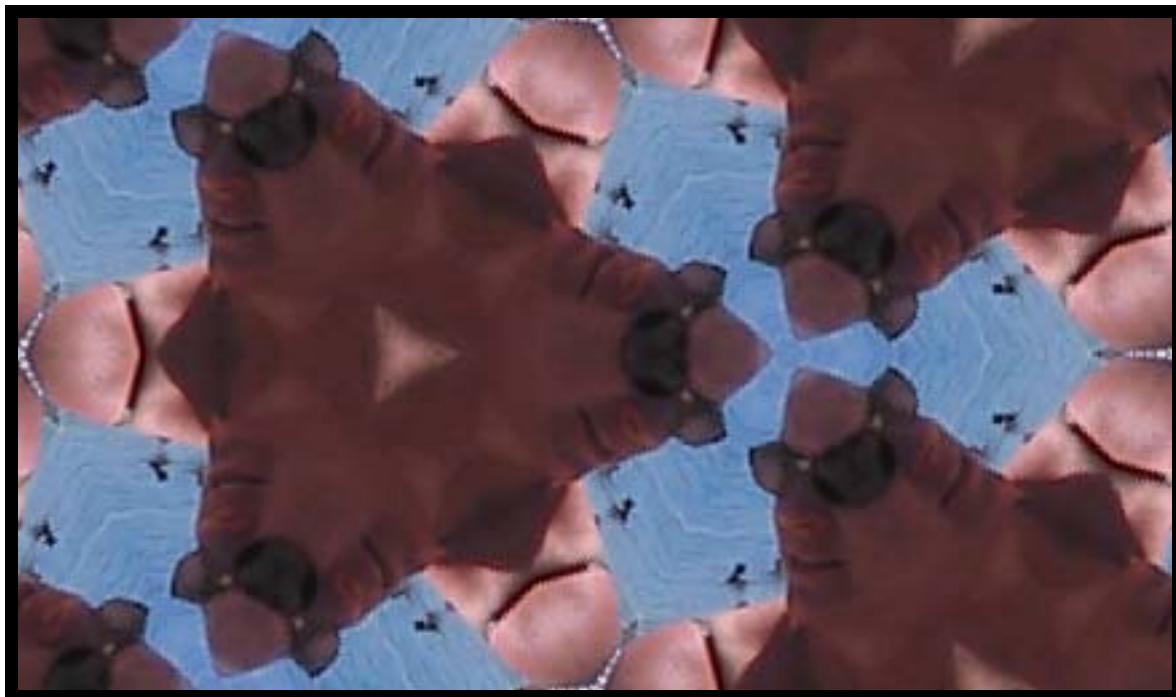
A segunda dimensão identificada em todos os bairros de Fazenda Rio Grande é a da solidariedade.

A terceira, manifestada nas identidades de Fazenda Rio Grande, é aquela que se caracteriza através dos valores atribuídos simbolicamente à conduta ideológica de seus habitantes, quando contestam a mídia e os que, fora daquele espaço, qualificam a cidade como um lugar ruim para se viver.

Por se entender que a natureza é como um palco, onde se desenvolvem as relações sociais do ser humano e de onde provêm todos os recursos que permitem a existência das mais diversas formas de vida, pode-se dizer que, em Fazenda Rio Grande, há uma quarta e frágil dimensão que se aproxima do que Sachs (1986) denominou de ecossocial. Ela se caracteriza nas diferentes formas, trocas e valores simbólicos entre os sujeitos e o meio, que ocorrem durante e no processo de mobilização social, bem como durante a construção histórico-cultural do entorno, quando os sujeitos ali presentes procuram passar às gerações e aos atores do futuro, solidariedade, amor, e apego à terra com os cuidados que se dá às coisas finitas. Isto se percebe principalmente entre aqueles que pela primeira vez tem um pedaço de terra para cuidar, para desenvolver atividades.

Entende-se, finalmente, que uma identidade social configura-se por meio de diferentes níveis de abstração e de muitos significados, que podem estar presentes nos conflitos, nas adversidades, no espaço como um lugar ou não lugar, na micro ou na macro região, na acomodação ou nas dinâmicas e nas articulações individuais ou coletivas. Em todos eles há um eterno construir de um eu para si e de um eu para o outro.

6 CONCLUSÃO E RECOMENDAÇÕES



É bom reconhecer-se no outro e entender a sua/nossa vocação - por que não?!- perceber a convergência e a pertinência de uma tal idiossincrasia -não podia ser melhor!- Tal e qual!

Ir ao extremo e ser “galera”, ser platéia, ser massa no estádio, no comício, em passeata e procissão. Cantar na multidão a melodia aprendida e compartilhada em sentimentos plurais.

[...]

Só minha mãe percebia meu ensimesmamento - aquele estar na multidão, numa solidão consciente, olhando de dentro para fora, que é como me vejo, ausente entre muitos, de repente.

Vendo-me pelos olhos alheios, percebendo-me diferente sem chegar a isolar-me completamente. Vendo-me como quero ser visto, em meu despistamento, em minha identidade de momento, que logo abandono, como casca de ovo, como pele de serpente, como um cão sem dono.

(MIRANDA)

6.1 CONCLUSÃO

Acreditar que a fase final de uma pesquisa desenvolvida ao longo de quatro anos é justamente a mais fácil é um engano que ocorre àqueles que estão de fora do processo de análise dos dados e de sua sistematização escrita. Na realidade, este momento desperta no pesquisador reações contraditórias, que vão da euforia à angústia, da celebração ao compromisso... A emoção sentida ao se atingir objetivos é tão desmedida quanto a gratidão às pessoas que, com seu testemunho colaboraram para o levantamento dos dados; tão intensa quanto a paixão pelo objeto da investigação científica (no meu caso, o espaço). Ao mesmo tempo em que percebe-se tomado pelos mais diferentes sentimentos por vencer mais uma etapa de sua vida, o pesquisador imbuí-se da certeza de que a caminhada, a partir de então, segue diferente, com mais responsabilidades. O caminho do conhecimento compartilhado, percorrido durante a fase de pesquisa e estudos, ensina também que o saber precisa ser disseminado.

Convém lembrar que durante o período em que a pesquisa bibliográfica e de campo se desenvolvia vários autores foram consultados e analisados para a construção do conhecimento, de modo que não poderiam ser esquecidos quando se aproximam as últimas considerações a respeito deste estudo. As conclusões deles acerca de suas investigações ajudaram a obter esclarecimentos que conduziram às conclusões deste processo investigatório que permitiu responder à pergunta problema: *De que forma o contexto e as representações socioculturais e ambientais contribuem para a organização e para a formação de uma identidade social em uma periferia metropolitana?*

Diante dessa problemática e do desafio de compreender os motivos que levam as pessoas a se deslocar para lugares distantes, abandonando sentimentos e vida mais estável e se estabelecer em favelas, distantes dos centros, viverem sem ou quase nenhuma qualidade de vida, o presente estudo propôs analisar a construção das identidades sociais em Fazenda Rio Grande – na Região Metropolitana de Curitiba. Foram realizadas várias visitas *in loco* a municípios que integram a RMC para o conhecimento do espaço físico em questão. O estudo deteve-se, porém, a Fazenda Rio Grande onde foram feitas incursões aos bairros, igrejas, órgãos governamentais, escolas e espaços culturais, incursões estas que se

intensificaram durante a realização das entrevistas e registros fotográficos que possibilitaram a identificação do processo de urbanização na RMC e de produção de uma ou mais identidades sociais em Fazenda Rio Grande. As visitas à cidade pesquisada permitiram a análise da construção das identidades sociais no município. Para se atingir os objetivos propostos foi necessário ainda compreender o processo de desenvolvimento sociocultural e ambiental da RMC e sua relação com movimentos sociais regionais e analisar as transformações do sujeito durante o processo de formação de uma nova identidade social em Fazenda Rio Grande. Procurou-se levantar alternativas de formação de identidades que possibilitassem a organização de uma sociedade autoconstrutiva em Fazenda Rio Grande.

No início desta pesquisa apresentaram-se hipóteses, como respostas plausíveis, embora a princípio temporárias para a questão-problema, enquanto a técnica auxilia o pesquisador a utilizar procedimentos metodológicos que o orientem durante o desenvolvimento efetivo da pesquisa.

Desse modo, pôde-se mostrar:

- 1) Que no contexto sociocultural e ambiental de Fazenda Rio Grande as representações de identidades sociais estão realmente permitindo o desenvolvimento de uma sociedade que tem contribuído para a organização e formação de uma identidade social local. Isso proporciona uma visão de cidade, pela qual o sujeito que transforma o espaço transforma-se a si mesmo;
- 2) Que o contexto sociocultural e ambiental de Fazenda Rio Grande, permitiu a formação de novas identidades sociais sem, porém, provocar o abandono de identidades anteriores, processo que se chamou aqui de desidentidades e que agregou as identidades anteriores à nova, batalhadora e sedenta de um novo olhar, de uma cidade trabalhadora e reorganizada;
- 3) As antigas representações históricas dos sujeitos, oriundos de regiões onde se desenvolveram fortes movimentos sociais, não demonstraram ter influenciado diretamente na formação de novas identidades sociais de Fazenda Rio Grande, pois, grande parte dos atores sociais pesquisados, demonstraram ter pouco envolvimento com cidade ou região de origem;
- 4) Por outro lado, a averiguação da quarta e última hipótese mostrou que as identidades sociais em periferias metropolitanas são fatores decisivos

para a organização e formação de uma sociedade autoconstrutiva, que transforma simultaneamente espaço e sujeito. No caso específico de Fazenda Rio Grande os moradores têm procurado dar ao espaço, que cresce aceleradamente em número de habitantes, uma nova imagem: a de uma sociedade que se constrói à medida que a noção de pertencimento se faz presente entre os antigos e novos moradores da cidade, produzindo valores reconhecidos e estabelecidos pelas diferentes comunidades e bairros que a compõem.

Pode-se afirmar que grande parte da sociedade de Fazenda Rio Grande, mesmo estando bastante próxima da capital paranaense, ainda mantém representações simbólicas e laços de amizade comuns a cidades pequenas, bem como preservam uma certa convivência com o rural. Há que ser lembrado aqui, no entanto, que, não muito diferente de outras cidades, Fazenda Rio Grande apresenta um complexo espacial organizado e hierarquizado de modo a se perceber, como em outros recortes urbanos, semelhanças entre grupos sociais, crenças, políticas e culturas, semelhanças estas que dão aos atores sociais caracterizações próprias do ser para si e para o outro.

Nesse sentido, emprestam-se mais uma vez as idéias de Bourdieu (1979) quando afirma que toda identidade (individual e coletiva) exige o seu reconhecimento social, para que, então, possa existir social e publicamente. Neste reconhecimento do sujeito como ator que reconhece os reflexos de suas próprias ações em diferentes mundos sociais, a identidade social de um lugar vai se consolidando. Ao se formar, modificar e transformar o sujeito desenha, constrói e internaliza uma nova identidade para si e para seu ambiente sócio-espacial, ou seja, produz uma identidade social, ainda que nem todos os significados e representações sociais tenham sido totalmente absorvidos por todos os sujeitos em um mesmo lugar; uma vez que a dinâmica provocada pela modernidade está cada vez mais aberta, mais célere, mais ampliada e, conforme Bauman (2003), mais líquida.

Fazenda Rio Grande, cidade que cresce e apresenta dificuldades de gerenciamento da distribuição de renda, que tem alto número de pessoas trabalhando em lugares distantes, bem como excesso de bairros onde a carência econômica se evidencia, identidades sociais se fizeram presentes, nas falas dos entrevistados. Ficou clara a existência de identidade solidária, identidade

contestatória, identidade batalhadora, identidade de coesão; e, por fim, identidade moral, explicadas a seguir.

A **Identidade Solidária** pode ser definida em Fazenda Rio Grande como aquela na qual cada um ajuda o outro, que, por sua vez, retribui a ajuda, tal qual numa escola, onde todos se transformam em uma comunidade de vida e o dia-a-dia de cada um se constrói e reconstrói continuamente na experiência e no conhecimento do outro. Bernstein (1987) descreve comunidade de vida como aquela que, de forma democrática, produz conhecimento novo por meio do diálogo, da comparação e do respeito real às diferenças individuais, sobre cuja aceitação pode se assentar um entendimento mútuo, o acordo e os projetos solidários.

Frente ao exposto, buscou-se o significado etimológico da palavra solidária e no latim duas acepções foram encontradas. *Solidum*, representa a totalidade, a soma total, bem como a segurança, enquanto que *solidus* dá sentido ao que é sólido, maciço, inteiro.

De modo geral pode-se afirmar que identidade solidária significa empenho e busca constantes pelo bem comum, onde todos e cada um se fundem em um “nós”. Não há lugar para o eu, para o indivíduo singular.

Identidade Contestatória é aquela que não aceita mais as imposições, não permite ao sujeito ser submisso e quer a participação coletiva nas decisões que implicam mudanças tanto do indivíduo como do coletivo.

A Identidade Contestatória manifesta-se com mais frequência em movimentos sociais. No caso de Fazenda Rio Grande esta identidade não pôde ainda ser identificada como um movimento visível, porém apresenta tendências de consolidar-se a partir de um movimento social que busca estabelecer prioridades como o combate à indiferença e uma mudança no tratamento que mídia dá a Fazenda Rio Grande e seus habitantes.

Entendendo que o mundo moderno proporcionou invenções e reinvenções que aproximam tempo e sujeitos, os moradores de Fazenda Rio Grande aproximaram-se entre si e o sentimento de pertença não se limitou ao espaço físico do Município, foi além, fez aflorar neles a noção de pertencimento à RMC (a qual realmente integram), pois ali grande parte de moradores desenvolve atividades socioculturais e econômicas, bem como deixa grande parcela de seus salários. O despertar desta identidade acentua a Identidade Batalhadora.

A **Identidade Batalhadora** foi percebida com mais clareza em Fazenda Rio Grande graças à própria metodologia aplicada nesta pesquisa. Ao se utilizar como técnica de estudo a história de vida dos moradores do município em uma abordagem metodológica pelo viés histórico-social, chega-se à mesma conclusão de Lukács (1981). Diz o autor que a partir do momento em que o indivíduo assume-se como sujeito sociocultural historicamente construído pelo meio em que vive, novas representações surgem e o fazem lutar.

Emprego, saúde, educação, espaço para morar, uma casa e a constante busca por melhor qualidade de vida produziram em Fazenda Rio Grande a identidade de um sujeito que batalha para se manter, acumular bens e também deixar para gerações futuras representações e símbolos incorporados e refletidos no contexto sócio-espacial pela presença do outro nos grupos, comunidades e sociedades (DUBAR, 2005).

Neste sentido, entende-se que a Identidade Batalhadora em Fazenda Rio Grande luta contra as ameaças que atingem a integridade do indivíduo. Quando tratado na generalidade o sujeito representa o todo. Deste modo é como se todos os moradores da cidade fossem sujos, violentos, marginais, desorganizados, entre outros conceitos atribuídos ao lugar e que hoje são motivos de contestação, de luta.

A **Identidade de Coesão** encontrada em Fazenda Rio Grande indica que há uma nova interação do sujeito com o lugar. As experiências sociais de uns são transmitidas aos outros na tentativa de que estas sejam vivenciadas por todos.

Outros animais vivem em sociedade, porém a espécie humana se distingue das demais por criar, bem como por adotar culturas, símbolos e representações comuns a diversas sociedades. Há que se ressaltar, porém, que mesmo que todas as sociedades sejam servidas por equipamentos tecnológicos semelhantes, o ambiente sociocultural e econômico do mundo moderno encarrega-se de mostrar as diferentes formas de viver, sobreviver e transformar os sistemas de produção e de distribuição, ao mesmo tempo em que permite a atribuição de valores e de pertencças para si e para o outro.

Deste modo compreende-se de que forma ações, sentimentos, símbolos e representações comuns a um sujeito e a outro, permitem que estes se identifiquem entre si, estabelecendo normas, políticas e ideologias que, legais ou não, permitem aos grupos uma visão de mundo coletiva.

A Identidade de Coesão pode, portanto, ser identificada quando os mesmos grupos sociais adotam uma mesma ideologia. Gramsci (1975b) assegura que ideologia é uma concepção do mundo que se manifesta implicitamente nos conjuntos e expressões da vida, tais como atividades econômicas, políticas, culturais e intelectuais.

Identidade Moral: a construção da identidade moral dos moradores de Fazenda Rio Grande pode ser percebida no reconhecimento do outro como um ser social. O eu e o outro vêm-se com direitos e deveres similares, à medida que se incorporam normas pré-estabelecidas pelo grupo, social ou culturalmente, onde um assume o respeito pelo outro e procura dar exemplo de sujeito voltado para si e para o outro. Desenvolve-se, assim, uma consciência moral que acelera o processo de formação de uma identidade social.

Conforme Dubar (2005), a identidade para si resulta de processos naturais de amadurecimento e está intrinsecamente vinculada aos atos de pertencimento e de condicionamento sócio-cultural e ambiental. Este constante construir da identidade social pode ser entendido como uma das expressões mais claras da dialética, quando as estruturas externas constroem, reconstroem e transformam as estruturas internas do sujeito.

6.2 RECOMENDAÇÕES

Antes de finalizar este estudo recorre-se a Carlos (2003), quando assegura que estudar a prática urbana só ganha sentido quando é constante a busca por se entender como as relações sociais geram novas perspectivas de entendimento da sociedade como um todo.

Entendendo que Fazenda Rio Grande é apenas um ponto minúsculo inserido na complexidade do mundo moderno, no qual Bauman (1999) afirma que o antagonismo entre a ordem e o caos, a ruptura e o colapso do mundo têm ordenado de modo quase divino um mundo que se pensava ordenado sem nunca o ter sido. Pesquisar a construção das identidades em Fazenda Rio Grande, na imensidão do mundo moderno, significou para essa pesquisadora a aproximação entre sensibilidade e lógica, haja vista que, ao analisar a história de vida dos atores

sociais, houve o despertar do sentimento e humildade (afinal o estudo é tímido) e da certeza de que ainda há muito a ser feito. Assim recomenda-se:

AOS ATORES SOCIAIS

- a necessidade de buscar nas comunidades maior participação em associações e grupos, para que as reivindicações não fiquem apenas no desejo dos poucos membros que lutam pelo desenvolvimento regional sem prejuízo ao ambiente;
- a continuidade das relações sociais;
- a busca por maior qualificação profissional em cursos técnicos e de nível superior;
- o incentivo à manutenção e à revitalização do patrimônio público;
- o combate à perpetuação de mitos a começar pelos que atingem e já estão postos na própria identidade social;
- a colaboração na sinalização de ruas e logradouros;
- a organização de comitês ou representações locais que envolvam a própria comunidade na discussão de leis e de estatutos;
- o incentivo ao esportes e aos esportistas, através da promoção de competições locais, regionais e nacionais.

AO PODER PÚBLICO

- que antes da tomada de decisões, representantes dos órgãos governamentais, das esferas municipal, estadual e federal, tenham como premissa a constituição de leis e de estatutos que envolvam em sua elaboração representantes da sociedade civil das regiões metropolitanas buscando soluções para problemas comuns;
- maior incentivo aos grupos sociais na participação do planejamento urbano local;
- incentivo local aos projetos que apresentam soluções e estratégias de desenvolvimento regional;
- fortalecimento de atividades socioculturais e ambientais que apresentem o município de Fazenda Rio Grande à própria RMC;

- divulgação das melhorias, dos bens e dos serviços de proteção ambiental, de saúde e de educação, entre outros, que já tem servido de exemplos a diferentes regiões;
- apoio à população no sentido de mostrar a Fazenda Rio Grande que ela está além das margens da BR-116, de divulgar o lado positivo do município;
- ampliação da infra-estrutura de saneamento básico nos bairros mais distantes do centro;
- incentivo aos esportes e aos esportistas a competições locais, regionais e nacionais.

À COMUNIDADE CIENTÍFICA

- Recomendar que esta tese sirva de apoio bibliográfico e também como um referencial sócio-histórico para a RMC;
- planejar a continuidade deste estudo nas diversas áreas do conhecimento;
- incentivar pesquisas que apresentem soluções aos problemas regionais;
- elaborar instrumentos interdisciplinares que acompanhem o uso e a ocupação do solo;
- fazer-se presente em palestras e discussões em instituições públicas e particulares, divulgando sugestões de solução para problemas socioculturais e ambientais para cidades que apresentam altos índices de crescimento populacional;
- integrar comitês, associações e grupos socioculturais e ambientais envolvidos na elaboração e na execução de planos diretores;
- participar da recuperação e da valorização do patrimônio histórico e cultural da RMC.

Uma última reflexão...

O reconhecimento do homem como sujeito leva à pergunta: o que é um homem que não é um sujeito?

(TOURAINÉ)

REFERÊNCIAS

- ALLIX, A. **Manual de Geografia geral, física, humana y económica**. Madrid: Rialp, 1956.
- ALVA, E. N. **Metrópoles (in)sustentáveis**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997.
- ALVES-MAZZOTTI, A.; GEWANSDSNAJDER, F. **O método nas Ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2. ed. São Paulo: Thomson, 2004.
- ÂNGELO, C. G. Entrevista concedida à pesquisadora e doutoranda Maria da Salete Sachweh. Fazenda Rio Grande, 2006.
- ASCHER F. **Metalopis ou l'avenir des Villes**. Paris: Ed. Odille Jacob, 1995.
- AUGÉ, M. Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. 3. ed. Campinas: Papirus, 2003.
- AZEVEDO, F. **A cultura brasileira**. 6. ed. Rio de Janeiro/Brasília: UFRJ/UnB, 1996.
- BACHELARD, G. **A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento**. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BARCELAR, C. A. Entrevista concedida à pesquisadora e doutoranda Maria da Salete Sachweh. Fazenda Rio Grande, 2006.
- BAUDRILLARD, J. **A Ilusão do fim ou a greve dos acontecimentos**. Lisboa: Terramar, 1992.
- BAUMAN, Z. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005a.
- _____. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005b.
- _____. **Em busca da política**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- _____. **Globalização: as conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- BENEVOLO, L. **A história da cidade**. São Paulo: Perspectiva, 1983.
- BERNSTEIN, R.J. The varieties of pluralism. **American Journal of Education**, v. 95, n. 4, p. 509-525.
- BERTÉ, R. Entrevista concedida à pesquisadora e doutoranda Maria da Salete Sachweh. Fazenda Rio Grande, 2006.

BERTONCELLO, I. C. Entrevista concedida à pesquisadora e doutoranda Maria da Salete Sachweh. Fazenda Rio Grande, 2006.

BOFF, L. **A águia e a galinha**: uma metáfora da condição humana. 38. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

BOURDIEU, P. **A produção da crença**. Porto Alegre: Zouk, 2002a.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002b.

_____. **A miséria do mundo**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. *Les trois états du capital culturel*. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, n. 30, p. 3-6, 1979.

_____. O mercado dos bens simbólicos. In: MICELI, Sérgio (Org.). **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

BRASIL. Ministério da Educação. **Constituição República Federativa do Brasil**. Brasília – DF: Ministério da Educação, 1989.

BRAUDEL, F. **Uma lição de História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

_____. As cidades. In: _____. **Civilização material, economia e capitalismo**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BUARQUE DE HOLANDA, S. **Caminhos e fronteiras**. 3. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

CALVINO, I. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAPRA, F. **A teia da vida**. São Paulo: Cultrix, 2000.

CARELLI, S. D. Entrevista concedida à pesquisadora e doutoranda Maria da Salete Sachweh. Fazenda Rio Grande, 2007.

CARLOS, A. F. A.; LEMOS, A. I. G. (Orgs.). **Dilemas urbanos**: novas abordagens sobre a cidade. São Paulo: Contexto, 2003.

CARLOS, A. F. A. **O espaço urbano**: novos escritos sobre a cidade. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. O consumo do espaço. In: **Novos caminhos da geografia**. São Paulo: Contexto, 1999.

_____. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **A (re)produção do espaço urbano**. São Paulo: Edusp, 1994.

CARVALHEIRO, E. J. S. Entrevista concedida à pesquisadora e doutoranda Maria da Salete Sachweh. Fazenda Rio Grande, 2006.

CASTELLS, M. **A era da Informação**: economia, sociedade e cultura. O Poder da identidade.. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. v. 2.

_____. **A questão urbana**: o fenômeno urbano: delimitações conceituais e realidades históricas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

CHESNAIS, F. **A mundialização do capital**. São Paulo: Xamã, 1996.

CIAMPA, A. C. **A estória do Severino e a história da Severina**: um ensaio de psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CLAUDINO, F. R. Entrevista concedida à pesquisadora e doutoranda Maria da Salete Sachweh. Fazenda Rio Grande, 2006.

COSTA, J. F. Campeonato de irrelevâncias. **Folha de São Paulo**, São Paulo, "Mais!", 17 jun. 2001. p. 4-5.

COSTA, G. R. Entrevista concedida à pesquisadora e doutoranda Maria da Salete Sachweh. Fazenda Rio Grande, 2006.

CUNHA, M. J. S. Entrevista concedida à pesquisadora e doutoranda Maria da Salete Sachweh. Fazenda Rio Grande, 2006.

DAVIDOVICH, F. **Dilemas urbanos**: metrópoles e contemporaneidade, algumas pontuações. São Paulo: Contexto, 2003.

DEÁK, C. **Rent theory and the price of urban land/ Spatial organization in a capitalist economy**. Cambridge, 1985.

DMITRUK, H. B. **A Historia que fazemos**. Chapecó: Grifos, 1998.

DUBAR, C. **A socialização**: construção das identidades sociais e profissionais. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DURHAM, E. R. A sociedade vista da periferia. In: _____. **A dinâmica da cultura**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004. p. 377-407.

EPSTEIN, A.L. **Ethos and Identity**. London: Tavistock, 1978.

FAZENDA RIO GRANDE: 300 anos. Curitiba: Lastro, 2000.

FERRO, M. **A manipulação da História no ensino e nos meios de comunicação**. São Paulo: IBRASA, 2005.

FIRKOWSKI, O. L. C. F. **A nova territorialidade da indústria e o aglomerado metropolitano de Curitiba**. São Paulo, 2001. 278 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

FORRESTER, V. **O horror econômico**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.

FREITAS, M. T. A. A pesquisa na perspectiva sócio-histórica: um diálogo entre paradigmas. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 26., 2003, Poços de Caldas. Novo Governo. Novas Políticas? Poços de Caldas: ANPED, 2003. CD-ROM. v.1.

GALEANO, E. **As veias abertas da América Latina**. 22. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

_____. **A transformação da intimidade**. São Paulo: Unesp, 1993.

_____. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Edusp, 1990.

_____. **The constitution of society**. Cambridge: Polity Press, 1986.

GLISSANT, É. Após Babel. **Correio da Unesco**, ano 11, n. 9, set.1983.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: Koogan, 1975.

GOOGLE EARTH. **Fazenda Rio Grande**: foto aérea. Disponível no site: <http://google.com>. Acesso em: 13 nov. 2006.

GONÇALVES, T. M. **O processo de apropriação do espaço através dos modos de morar e habitar o lugar**: uma abordagem psico-socio-ambiental do Bairro Renascer/mina Quatro de Criciúma-SC. Curitiba, 2002. 246 f. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento) - Universidade Federal do Paraná – UFPR.

GONÇALVES, M.G.M. Fundamentos metodológicos da psicologia sócio-histórica. In: BOCK, A M. B. et al. (Org.). **Psicologia sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2001. p. 113-128.

GRAMSCI, A. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

_____. **Concepção dialética da história**. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975a.

_____. **Quaderni del cárcere**. Turine: Einpandi, 1975b.

GUATTARI, F. **As três ecologias**. Campinas: Papirus, 1988.

HAESBAERT, R. H. da. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiteritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

_____. Fim dos territórios ou novas territorialidades? In: LOPES, L. P. da M.; BASTOS, L. C. (Orgs.). **Identidades recortes multi e interdisciplinares**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HARDT, M.; NEGRI, A. **Império**. 4. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2002.

HARTLEY, J. F. Case studies in organizational research. In: CASSELL, C. e SYMON, G. **Qualitative methods in organizational research**: a practical guide. Sage, 1994. p. 208-229.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 6. ed. São Paulo. Loyola, 1996.

HINKELAMMERT, F. **Crítica a la razón utópica**. Costa Rica: DEI, 1984.

IANNI, O. Globalização: novo paradigma das Ciências Sociais. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 8, n. 21, maio/ago. 1994.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo 2000**. Brasília – DF, 2000.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL. Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. IPARDES. **Normas para apresentação de documentos científicos**. Curitiba: UFPR, 2001. [Coleção UFPR].

IPEA/IPPUC/PMC. **Relatório 2**: monitoração da gestão urbana – Gestão do uso do solo e disfunções do crescimento urbano da Região Metropolitana de Curitiba. Curitiba: IPEA/IPPUC/PMC, 1997/99.

IPPUC. **Curitiba em dados - 2004**. Curitiba: IPPUC, 2004.

_____. IPPUC. **Diagnóstico preliminar**. Curitiba, v.7, 1997.

JAPIASSU, H. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

JOSÉ, N. B. Entrevista concedida à pesquisadora e doutoranda Maria da Salete Sachweh. Fazenda Rio Grande, 2006.

KNOREK, R. **Elementos fundamentais para o desenvolvimento e sustentabilidade na agropecuária**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2000. Dissertação [Mestrado em Engenharia de Produção – UFSC].

LAING, R. Identidade Complementar. In: _____. **O eu e os outros – o relacionamento interpessoal**. Petrópolis: Vozes, 1986.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

_____. **A cidade do capital**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

_____. **Lógica formal: lógica dialética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

LIMA, C. A. **A ocupação de área de mananciais na Região Metropolitana de Curitiba**: Do planejamento à gestão ambiental urbana – metropolitana. Curitiba, 2000. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento) - Universidade Federal do Paraná.

LOPES, J. R. Da concepção de sujeito aos modos de subjetivação. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, n. 51, 1996.

LUKÁCS, G. L'estraniamento. In: _____. **Per una ontologia dell'essere sociale**. Roma: Riuniti, 1981. v. II, Cap. IV

MACHADO, P. H. B. **Qualidade de vida em Paranaguá: uma perspectiva local**. Curitiba, 2003. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento) - Universidade Federal do Paraná.

MAROCHI, M. A. **Câmara Municipal de São José dos Pinhais: 150 anos – 1853-2003**. São José dos Pinhais: Câmara de Vereadores, 2003.

MARCOS, L. R. **La ciudad y sus desafios (heroes y victimas)**. Madri: Espasa, 1992.

MATURANA, H. R. **El sentido de lo humano**. Santiago: Hachette, 1992.

MARICATO, Ermínia. **Brasil, cidades: alternativas para a crise urbana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

_____. Pátria, empresa e mercadoria. In: ARANTES e outros. **A cidade do pensamento único**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MARTÍN-BARBERO, J. **Ofício de Cartógrafo: Travessias Latino-Americanas da comunicação na cultura**. São Paulo: Loyola, 2004.

MARTINS, R. **História do Paraná**. Curitiba: Travessa dos Editores, 1995.

MARX, K. **O capital**. São Paulo: Bertrand Brasil, 1987. v. I, livro 1

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

MENDES, E. M. Entrevista concedida à pesquisadora e doutoranda Maria da Salete Sachweh. Fazenda Rio Grande, 2006.

MENDONÇA, F. **Impactos socioambientais urbanos**. Curitiba: UFPR, 2005.

_____. Abordagem interdisciplinar da problemática ambiental urbano-metropolitana: esboço metodológico da experiência do Doutorado em MA&D da UFPR sobre a RMC – Região Metropolitana de Curitiba. In: MENDONÇA, F. (Org.). **Cidade, ambiente e desenvolvimento**. Abordagem interdisciplinar de problemáticas sócio-ambientais urbanas de Curitiba e RMC. Curitiba: UFPR, 2004.

_____. Abordagem interdisciplinar da problemática ambiental urbano-metropolitana: esboço metodológico da experiência do doutorado em MA&D da UFPR sobre RCM – Região Metropolitana de Curitiba. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**. Cidade e ambiente urbano. Curitiba, PR: Editora da UFPR, n.3, p.79-114, jan./jun. 2001.

_____.; KOZEL, S. **Elementos de uma epistemologia da Geografia contemporânea**. Curitiba: UFPR, 2004.

MENEZES, C. L. **Desenvolvimento urbano e meio ambiente**: a experiência de Curitiba. Curitiba: Papirus, 1996.

MINAYO, M. C. **Pesquisa social, teoria, metodologia e criatividade**. São Paulo: Vozes, 1997.

MOREIRA, R. J. **Identidades sociais**. Rio de Janeiro: DP & A, 2005.

MOTTA, C. S. Regiões metropolitanas: trajetória e influência das escolhas institucionais. In: RIBEIRO, L. C. de Q. (Org.). **Metrópoles**: entre a coesão e a fragmentação, a cooperação e o conflito. São Paulo; Rio de Janeiro: Perseu Abramo; FASE, 2004. p. 61-96.

MOURA, J. R. Entrevista concedida à pesquisadora e doutoranda Maria da Salete Sachweh. Fazenda Rio Grande, 2006.

MOURA, R. Os riscos da cidade modelo. In: ACSELRAD, H. (Org.). **A duração das cidades**: sustentabilidade e risco nas políticas urbanas. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

_____. Regulacion de uso del suelo urbano: discusión sobre el caso de Curitiba. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**. Cidade e ambiente urbano, Curitiba, n. 3, p.115-124, jan./jun. 2001.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. 2. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

MUNFORD, L. **A cidade na história**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

NASCIMENTO, C. C. Urbanização - processo, causas e efeitos. In: _____. **Meio Ambiente: qualidade de vida e desenvolvimento**. Belém: UFPA, 1992.

NIETZSCHE, F. Introduction théorétique sur la vérité et le mensonge au sens extra moral. In: NIETZSCHE, F. **Le livre du philosophe**. Paris: Flammarion, 1991.

NOBREGA, L. A. Considerações sobre identidade: do singular ao plural. **R. Univ. Rur., Ser. Ci. Hum.**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 199-211, jul./dez. 2000.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História**, São Paulo, n.10, p.15, dez. 1993.

OLIVEIRA, I. M.; COSTA, S. M. F. Detecção e avaliação das mudanças na mancha urbana de São José dos Campos, SP, utilizando dados e técnicas de sensoriamento remoto: uma análise multitemporal. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE SENSORIAMENTO REMOTO, 13., 2007, Florianópolis. **Anais do...** [São José dos Campos]: INPE, 2007. p. 5167-5174.

OLIVEIRA, J. Entrevista concedida à pesquisadora e doutoranda Maria da Salete Sachweh. Fazenda Rio Grande, 2006.

OLIVEIRA, S. M. Entrevista concedida à pesquisadora e doutoranda Maria da Salete Sachweh. Fazenda Rio Grande, 2006.

ORTEGA Y GASSET, J. **Meditación del pueblo joven y otros ensayos sobre América**. Madrid: Revista de Occidente, 1981.

PAIS, J. M. **Vida cotidiana: enigmas e revelações**. São Paulo: Cortez, 2003.

PELANDA, L. M. L. Entrevista concedida à pesquisadora e doutoranda Maria da Salete Sachweh. Fazenda Rio Grande, 2006.

PERCHERON, A. **L'univers politique des enfants**. FNSP: Armand Colin, 1974.

PEREIRA, G. **Produção da cidade e degradação do ambiente: a realidade da urbanização desigual**. Curitiba, 2002. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento) - Universidade Federal do Paraná.

PEREIRA, M. R. de M. **Câmara Municipal de Curitiba: 300 anos**. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1993.

PINHO, D. B.; VASCONCELOS, M. A. S. **Manual de economia**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2003.

POLLACK, M. Memória e identidade social. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n.10, p.200-215, 1992.

_____. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v.2, n. 3, p.3 -15, 1989.

PMFRG. PLANEJAMENTO URBANO. **Planejamento urbano**. Fazenda Rio Grande: VERTRAG, 2005.

PMFRG. PLANEJAMENTO URBANO. **Versão preliminar do plano diretor de Fazenda Rio Grande**. Fazenda Rio Grande: VERTRAG, 2004.

QUEIROZ, M. I. **Cultura, sociedade rural, sociedade urbana no Brasil**: ensaios. Rio de Janeiro/São Paulo: Livros Técnicos; USP, 1978.

RADIN, J.C. Italianos e comunidades rurais no Oeste catarinense. In: RADIN, J.C.; BENEDET, J. H.; MILANI, M. L. **Facetas da colonização italiana**: Planalto e Oeste catarinense. Joaçaba: UNOESC, 2003.

RAMOS, F. Entrevista concedida à pesquisadora e doutoranda Maria da Salete Sachweh. Fazenda Rio Grande, 2006.

RIBAS, A.; DUMKE, E.; GRAEML, K. S. LOPES, J. C. J.; PEREIRA, O. E. D.; SACHWEH, M. S.; LIMA, R. **Oficina II** - Linha de Pesquisa - Urbanização, Cidades e Ambientes Urbanos, Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento - Turma VI, 04 dez. 2005. [Trabalho coletivo].

RODRIGUES, A. M. O meio ambiente urbano: algumas proposições metodológicas sobre o problema ambiental. In: SILVA, J. B.; COSTA, M. C. L. e DANTAS, E. W. **A cidade e o urbano**. Fortaleza: EUFC, 1997.

ROLNIK, R. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

SACHS, W. **Dicionário de desenvolvimento**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SACHS, I. **Ecodesenvolvimento**: crescer sem destruir. São Paulo: Vértice, 1986.

SACHWEH, M. S. **Educação**: dominação e liberdade na guerra santa do Contestado. Florianópolis: Imprensa Oficial – IOESC, 2002.

SALOMON, D. V. **A maravilhosa incerteza**: pensar, pesquisar e criar. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

SANCHEZ, F. **A reinvenção das cidades**. Chapecó: Argos, 2003.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. Rio Janeiro: Record, 2001.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

_____. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SANTOS, M. **O trabalho do geógrafo no terceiro mundo**. Tradução de Sandra Lencioni. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **A urbanização brasileira**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1994.

_____. **Por uma economia política da cidade**. São Paulo: Hucitec, 1994.

_____. **Por uma Geografia nova**. São Paulo: Hucitec, 1978.

SANTOS, M.; SOUZA, M. A.; SILVEIRA, M. L. **Território: globalização e fragmentação**. 3. ed. São Paulo: HUCITEC, ANPUR, 1996.

SANTOS, M. M. Entrevista concedida à pesquisadora e doutoranda Maria da Salette Sachweh. Fazenda Rio Grande, 2006.

SCARLATO, F. C. População e urbanização brasileira. In: ROSS, J. L. S. (Org.). **Geografia do Brasil**. São Paulo: Universidade de São Paulo – USP, 1995.

SILVA, J. B. Discutindo a cidade e o urbano. In: SILVA, J. B.; COSTA, M. C. L. e DANTAS, E. W. **A cidade e o urbano**. Fortaleza: EUFC, 1997.

SILVEIRA, R. L. L. **Cidade, corporação e periferia urbana**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

SIMMEL, G. **Filosofia do amor**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. The metropolis and mental life. In: LEVINE, Donald (Org.). *On Individuality and Social Forms*. Chicago: The University of Chicago Press, 2005.

_____. As grandes cidades e a vida do espírito. **Mana: estudos de antropologia social**, v.11, n. 2 , p. 577-592, out. 1971.

_____. **Venise, La Parure et autres essais**. Paris: Editions de la Maison des Sciences de l'Homme, 1998.

SIMMEL, G. **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

SMALL, J; WITHERICK, M. **Dicionário de Geografia**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

SOUZA, M. L. de. **ABC do desenvolvimento urbano**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SUNG, J. M. **Sujeitos e sociedades complexas: para repensar os horizontes utópicos**. Petrópolis: Vozes, 2002.

SUPERVIELLE, J. **A menina do alto mar**. Belo Horizonte: Edições Sempre-em-pé. 1991.

THOMPSON, P. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TOURAINÉ, A. **Um novo paradigma**. Petrópolis: Vozes, 2006.

_____. **Crítica da modernidade**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. **Poderemos viver juntos?** Iguais e diferentes. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

TUAN, Y. F. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

ULTRAMARI, Clovis; MOURA, Rosa; CARDOSO, Nelson A. RMC: o censo confirma a metropolização. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 6., 1988, Olinda. **Anais**. Belo Horizonte: ABEP, 1988. v. 2.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – UFPR. Sistemas de Bibliotecas. **Normas para apresentação de documentos científicos 6** - referências. Curitiba: Ed. da UFPR, 2000. 72p.

_____. **Normas para apresentação de documentos científicos 7** – citações e notas de rodapé. Curitiba: Ed. da UFPR, 2000.

_____. **Normas para apresentação de documentos científicos 8** – redação editoração. Curitiba: Ed. da UFPR, 2000.

_____. **Normas para apresentação de documentos científicos 9** – tabelas. Curitiba: Ed. da UFPR, 2000.

VELHO, G. **A utopia urbana**: um estudo de Antropologia Social. 6. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

VICENTINI, I. **Urbanismo, cidades e ambiente urbano**. 2004. Curitiba. UFPR, 22 jun. 2004. Anotações realizadas em sala de aula ministrada no curso de Doutorado em Meio ambiente e Desenvolvimento da Universidade Federal do Paraná.

WANDSCHEER, A. Entrevista concedida à pesquisadora e doutoranda Maria da Salete Sachweh. Fazenda Rio Grande, 2006.

WEIL, S. **A condição operária e outros estudos sobre a opressão**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

ZAHN, C. E. O processo de urbanização: características e evolução. In: BRUNA, G. (Org). **Questões de organização do espaço regional**. São Paulo: Nobel, 1983.

ANEXOS

ANEXO A – FICHA CADASTRAL DOS 18 ENTREVISTADOS**Ficha cadastral do entrevistado nº. 01**

Nome: Lúcia Maria Leal Pelanda

Local de nascimento: Fazenda Rio Grande – Bairro de Mandirituba 05/03/1960

Idade: 46 anos Estado civil: viúva

N. de filhos: 01

N. de irmãos (solteiro) 05

Profissão atual: professora

Outras Profissões já exercidas Professora alfabetizadora e contadora

Tempo de moradia em Fazenda Rio Grande: nascida no local

E no atual bairro: Gralha azul

Outros bairros de Fazenda Rio Grande: São Sebastião – quando solteira, na R. João Quirino Machado – próximo aos atuais bairros Nova Veneza e Colonial.

Outros lugares (cidades) em que já morou: Estudou em Curitiba só morou em FRG

Participação das atividades ligadas a educação – responde pela vice-direção do Colégio Estadual Desembargador Jorge Andriguetto; Coordena na escola o projeto: Educar e Transformar que é mantido pela UNIBIO que auxilia os monitores nas despesas com ônibus, uniformes, trabalha com poucos Foi ministra da Igreja Católica por longo tempo e atua hoje na Pastoral do Batismo.

Ficha cadastral do entrevistado nº. 02

Nome: Sonia Maria de Oliveira

Local de nascimento: Curitiba

Idade: 50 anos Estado civil: casada

N. de filhos: 03

N. de irmãos (solteiro)

Profissão atual: professora/diretora

Outras profissões já exercidas: Professora alfabetizadora

Tempo de moradia em Fazenda Rio Grande: 9 anos

E no atual bairro: São Sebastião

Outros bairros de Fazenda Rio Grande: _____

Outros lugares (cidades) em que já morou: Curitiba, onde foi criada pela avó.

Participação das atividades ligadas à educação – responde pela direção da Escola Rural Municipal Francisco Quirino Machado e participa das atividades sócio-ambientais no bairro São Sebastião onde é proprietária de uma Chácara

Ficha cadastral do entrevistado nº. 03

Nome: Jailson Reinaldo Moura

Local de nascimento: Curitiba

Idade: 44 anos

Estado civil: casado

N. de filhos: 03

N. de irmãos (solteiro) – 14

Profissão atual: microempresário e vereador

Outras Profissões já exercidas: Policial militar e fabricante de móveis.

Tempo de moradia em Fazenda Rio Grande: 20 anos

E no atual bairro: Eucaliptos

Outros bairros de Fazenda Rio Grande: sempre neste local - Eucaliptos

Outros lugares (cidades) em que já morou: Curitiba, Araucária ...

Participa de atividades ligadas a política do município como vereador, foi fundador da Associação Comercial de Fazenda Rio Grande e também atuou por muitos anos como Tesoureiro da Igreja Matriz São Gabriel.

Ficha cadastral do entrevistado n. 04

Nome: Elídio José Carvalheiro

Local de nascimento: Nova Esperança - Paraná

Idade: 39 anos Estado civil: vive com uma companheira

N. de filhos: 03

N. de irmãos (solteiro) –

Profissão atual: mecânico e vereador

Outras Profissões já exercidas: mecânico desde o exército e antes plantador de amora para criação do bicho da seda.

Tempo de moradia em Fazenda Rio Grande: 10 anos

E no atual bairro: Hortência IV

Outros bairros de Fazenda Rio Grande: sempre no Hortência IV

Outros lugares (cidades) em que já morou: Nova Esperança, Blumenau (SC) e Curitiba

Participa de atividades ligadas à política do município como vereador. Foi dos fundadores da Associação do bairro e da horta que passa sobre os dutos de gás e óleo da Petrobras. Ligado aos projetos: plantio de lavoura de subsistência nos terrenos urbanos sem habitação, atividades em praças e locais de lazer, jogos, artesanato, teatro e práticas esportivas.

Ficha cadastral do entrevistado n. 05

Nome: Juscelino de Oliveira

Local de nascimento: Paissandu – Região Metropolitana de Maringá - Paraná

Idade: 44 anos Estado civil: separado.

N. de filhos: 03

N. de irmãos (solteiro) –

Profissão atual: comunicador

Outras Profissões já exercidas: radialista; assessor da Câmara de Vereadores; vendedor de carnes do Baú da Felicidade e guarda municipal.

Tempo de moradia em Fazenda Rio Grande: 11 anos

E no atual bairro: Jardim Suzuki

Outros bairros de Fazenda Rio Grande: Eucaliptos

Outros lugares (cidades) em que já morou: Paissandu, Horizontina, Maringá e Curitiba

Participa de atividades ligadas a práticas esportivas, comunicação. É Presidente da Associação de Moradores do Jardim Suzuki. Desenvolve atividades no Projeto Velho Amigo e nos finais de semana participa de corridas como maratonista.

Ficha cadastral do entrevistado n. 06

Nome: Antonio Wandscheer

Local de nascimento: Foz de Iguaçu

Idade: 56 Estado civil: casado

N. de filhos: 3

N. de irmãos (solteiro) –

Profissão atual: Engenheiro civil e Prefeito de FRG

Outras Profissões já exercidas: foi gerente de supermercado e trabalhador informal, vendendo doces nas bancas para manter a família e pagar seus estudos. Em 1978 fundou com o irmão a AW Imóveis.

Tempo de moradia em Fazenda Rio Grande: 28 anos

E no atual bairro:

Outros bairros de Fazenda Rio Grande:

Outros lugares (cidades) em que já morou:

Participa de atividades evangélicas, ações sociais, educacionais, entre outras. Participou da emancipação política do município. Exerce o segundo mandato como Prefeito de Fazenda Rio Grande é também presidente da ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DA REGIÃO METROPOLITANA DE CURITIBA – ASSOMECA.

Ficha cadastral do entrevistado n. 07

Nome: Francisco Ramos

Local de nascimento: Contenda - Paraná

Idade: 45 anos Estado civil: casado.

N. de filhos: 06

N. de irmãos (solteiro) –

Profissão atual: fotógrafo da Prefeitura (funcionário público)

Outras Profissões já exercidas: garçom, segurança, guarda noturno, conferente de carga, funcionário de supermercado, dono de bar, fotógrafo e ajudante de açougue.

Tempo de moradia em Fazenda Rio Grande: 25 anos

E no atual bairro: Bairro São Sebastião.

Outros bairros de Fazenda Rio Grande: -

Outros lugares (cidades) em que já morou: Curitiba

Participa de atividades ligadas a Educação (presidente da pais) Presidente Associação de moradores, Conselheiro das comissões de Segurança, Ajax Futebol Clube, suplente de conselheiro da Saúde. É membro integrante da comissão rural e do jornal: CIDADE,

Ficha cadastral do entrevistado nº. 08

Nome: Claudia de Azevedo Barcelar

Local de nascimento: Siqueira Campos - Paraná

Idade: 30 anos Estado civil: casada

N. de filhos:0

N. de irmãos (solteiro) – 01

Profissão atual: Engenheira Florestal

Outras Profissões já exercidas: Secretária de escritório de advocacia

Tempo de moradia em Fazenda Rio Grande: 22 anos

E no atual bairro: Santa Terezinha

Outros bairros de Fazenda Rio Grande: Eucaliptos

Outros lugares (cidades) em que já morou: Curitiba

Participa de atividades ambientais e de pesquisa como aluna do curso de Pós-graduação em Análise Ambiental na UFPR

Ficha cadastral do entrevistado nº. 09

Nome: Celso Gonçalves Angelo

Local de nascimento: Maringá - Paraná

Idade: 54 anos

Estado civil: casado

N. de filhos: 02

N. de irmãos (solteiro) –

Profissão atual: aposentado

Outras profissões já exercidas: motorista de ônibus

Tempo de moradia em Fazenda Rio Grande: 09 anos

E no atual bairro: Jardim Sidom

Outros bairros de Fazenda Rio Grande: Eucaliptos

Outros lugares (cidades) em que já morou: São Paulo, Maringá e Curitiba

Participa de atividades: Presidente da Associação de Moradores do Bairro Jardim Sidom. Atua como conselheiro de Saúde, Habitação, Alimentação e Assistência Social.

Ficha cadastral do entrevistado nº. 10

Nome: Rodrigo Berthé

Local de nascimento: Colorado - RS

Idade: 34 anos Estado civil: solteiro

N. de filhos:

N. de irmãos (solteiro) – 02

Profissão atual: biólogo e secretário de Meio Ambiente de Fazenda Rio Grande

Outras Profissões já exercidas: Professor; consultor, pesquisador, apresentador de programa de TV e rádio.

Tempo de moradia em Fazenda Rio Grande: 05 anos

E no atual bairro: Pioneiros

Outros bairros de Fazenda Rio Grande: Nações

Outros lugares (cidades) em que já morou: Curitiba, Passo do Lontra – Corumbá - MS

Participação das atividades: Movimentos sociais, desenvolve atividades junto a APAE, em escolas está envolvido com projetos ambientais e de educação continuada.

Ficha cadastral do entrevistado nº. 11

Nome: Maurício José Silva Cunha

Local de nascimento: Rio de Janeiro

Idade: 35 anos Estado civil: casado

N. de filhos: 02

N. de irmãos (solteiro) –

Profissão atual: Agrônomo e Administrador de Empresas, estudante de Programa de Mestrado em Antropologia Social na UFPR.

Outras Profissões já exercidas:

Tempo de moradia em Fazenda Rio Grande: 06 anos

E no atual bairro: Eucaliptos

Outros bairros de Fazenda Rio Grande: Nações

Outros lugares (cidades) em que já morou: Curitiba, Angra dos Reis e Rio de Janeiro. Estados Unidos e África

Participa de atividades: Centro de Assistência e Desenvolvimento Integral – CADI. Coordena o Projeto de Bolsa Família e dos movimentos da Igreja Comunidade Cristã Nova Vida.

Ficha cadastral do entrevistado nº. 12

Nome: Marcio Moreira dos Santos

Local de nascimento: Fazenda Rio Grande

Idade: 36 anos

Estado civil: casado

N. de filhos: 02

N. de irmãos (solteiro) –

Profissão atual: Pastor da Comunidade Cristã Nova Vida

Outras Profissões: corretor de imóveis e administrador de empresas

Tempo de moradia em Fazenda Rio Grande: sempre morou em FRG

E no atual bairro: Nações

Outros bairros de Fazenda Rio Grande: Iguaçu

Outros lugares (cidades) em que já morou: São Paulo, Maringá e Curitiba

Participa de atividades: Envolvido com a Comunidade Cristã Nova Vida e com o CADI é também vice-presidente do Conselho das Igrejas Evangélicas de Fazenda Rio Grande.

Ficha cadastral do entrevistado nº. 13

Nome: Gigeli Regina da Costa

Local de nascimento: Frederico Westphalen - RS

Idade: 39 anos Estado civil: casada

N. de filhos: 02

N. de irmãos (solteiro) –

Profissão atual: Gerente do Projeto Velho Amigo

Outras Profissões: cabeleireira; manicure e auxiliar de enfermagem.

Tempo de moradia em Fazenda Rio Grande: 6 anos

E no atual bairro: Mascate

Outros bairros de Fazenda Rio Grande: Canaã

Outros lugares (cidades) em que já morou: Foz do Iguaçu - PR, Parobé – Região Metropolitana de Porto Alegre e Taquara - RS

Participação das atividades: ligadas ao Projeto Velho Amigo e fez parte do Conselho dos Direitos da Mulher.

Ficha cadastral do entrevistado nº. 14

Nome: Nilson Brasileiro José

Local de nascimento: Sertanópolis

Idade: 43 anos

Estado civil: solteiro

N. de filhos - 0

N. de irmãos (solteiro) – 10 irmãos

Profissão atual: Pároco

Outras profissões: mecânico, professor, computação gráfica e padre vigário

Tempo de moradia em Fazenda Rio Grande: 6 anos

E no atual bairro: -

Outros bairros de Fazenda Rio Grande: -

Outros lugares (cidades) em que já morou: Goioerê, Diamante do Oeste, Matelândia, Ponta Grossa, São Paulo, Curitiba, Paris (FR), Friburg (Suíça), Lapa, Rio Negro e FRG

Participa com afinco das atividades religiosas e comunitárias. Educação, religião, saúde e meio ambiente.

Ficha cadastral do entrevistado nº. 15

Nome: Iolete da Conceição Bertoncello

Local de nascimento: Agudos do Sul

Idade: 46 Estado civil: casada

N. de filhos: 2

N. de irmãos (solteiro) –

Profissão atual: empresária

Outras Profissões: professora

Tempo de moradia em Fazenda Rio Grande: 41 anos

E no atual bairro: Pioneiros

Outros bairros de Fazenda Rio Grande:

Outros lugares (cidades) em que já morou: Agudos do Sul; Rolim Moura (Rondônia), Ituporanga (SC), Painei (SC), Ronda Alta (RS)

Participa de atividades sociais, auxilia a APAE e ao Projeto Velho Amigo, presta serviços solidário à comunidade e está sempre pronta para levar doentes ou pessoas que precisam de tratamento médico à Curitiba.

Ficha cadastral do entrevistado nº. 16

Nome: Saul Domingos Carelli

Local de nascimento: Videira (Santa Catarina)

Idade: 63

Estado civil: casado

N. de filhos - 3

N. de irmãos (solteiro) –

Profissão atual: empresário. Trabalha com material de limpeza e de conservação.
Vice-prefeito de FRG

Outras profissões: madeireiro

Tempo de moradia em Fazenda Rio Grande: 11 anos

E no atual bairro:

Outros bairros de Fazenda Rio Grande:

Outros lugares (cidades) em que já morou: Videira e Fazenda Rio Grande

Participa de atividades: dirige a empresa de material de limpeza e de conservação,
busca saídas para questões sócio, políticas e econômicas locais.

Ficha cadastral do entrevistado nº. 17

Nome: Elisa Moro Mendes

Local de nascimento: Curitiba

Idade: 44

Estado civil: casada

N. de filhos 2

N. de irmãos (solteiro) – 16 irmãos

Profissão atual: empresária

Outras Profissões: auxiliar de enfermagem e escrevente de cartório

Tempo de moradia em Fazenda Rio Grande: Foi criada em Mandirituba e Fazenda Rio Grande.

E no atual bairro: -

Outros bairros de Fazenda Rio Grande: -

Outros lugares (cidades) em que já morou: Curitiba (para estudo), Mandirituba (Areia Branca) e Céu Azul

Participa de atividades assistenciais, culturais e de saúde tanto no município de Fazenda Rio Grande quanto de Mandirituba, pois mantém fortes vínculos com esta última.

Ficha cadastral do entrevistado nº. 18

Nome: Francisco Rualdo Claudino

Local de nascimento: Fazenda Rio Grande

Idade: 54 Estado civil: casado

N. de filhos: 2

N. de irmãos (solteiro) – 5 irmãos

Profissão atual: consultor público da Paraná Consultoria

Outras profissões: funcionário público estadual e municipal, professor, oleiro, gerente de empresa de transportes, foi prefeito de Mandirituba e Céu Azul

Tempo de moradia em Fazenda Rio Grande: sempre FRG

E no atual bairro: Nações

Outros bairros de Fazenda Rio Grande: sempre no Nações

Outros lugares (cidades) em que já morou: Mandirituba

Participa de atividades do Clube Amigo da Fazenda, APAE de Mandirituba, partidos políticos, fundador e presidente de liga desportiva e de futebol, participou da ASSOMECA Associação de Municípios da Região Metropolitana de Curitiba, Representante da Associação dos Municípios do Paraná no processo da municipalização do Paraná, líder do movimento de emancipação do Município de Fazenda Rio Grande

ANEXO B - AUTORIZAÇÕES DOS ENTREVISTADOS**AUTORIZAÇÃO**

Eu, **Lúcia Maria Leal Pelanda**, moradora de Fazenda Rio Grande, autorizo a professora Maria da Salete Sachweh a publicar a entrevista por mim concedida para sua tese, bem como em outras pesquisas desenvolvidas pela mesma e que tenham o mesmo fim, tais como livros, revistas, seminários, congressos e similares.

Fazenda Rio Grande, 31 de outubro de 2006

Lúcia Maria Leal Pelanda

ANEXO B - AUTORIZAÇÕES DOS ENTREVISTADOS**AUTORIZAÇÃO**

Eu, **Sonia Maria de Oliveira**, moradora de Fazenda Rio Grande, autorizo a professora Maria da Salete Sachweh a publicar a entrevista por mim concedida para sua tese, bem como em outras pesquisas desenvolvidas pela mesma e que tenham o mesmo fim, tais como livros, revistas, seminários, congressos e similares.

Fazenda Rio Grande, 31 de outubro de 2006

Sonia Maria de Oliveira

ANEXO B - AUTORIZAÇÕES DOS ENTREVISTADOS**AUTORIZAÇÃO**

Eu, **Jailson Reinaldo Moura**, morador de Fazenda Rio Grande, autorizo a professora Maria da Salete Sachweh a publicar a entrevista por mim concedida para sua tese, bem como em outras pesquisas desenvolvidas pela mesma e que tenham o mesmo fim, tais como livros, revistas, seminários, congressos e similares.

Fazenda Rio Grande, 31 de outubro de 2006

Jailson Reinaldo Moura

ANEXO B - AUTORIZAÇÕES DOS ENTREVISTADOS**AUTORIZAÇÃO**

Eu, **Elídio José Carneiro**, morador de Fazenda Rio Grande, autorizo a professora Maria da Salette Sachweh a publicar a entrevista por mim concedida para sua tese, bem como em outras pesquisas desenvolvidas pela mesma e que tenham o mesmo fim, tais como livros, revistas, seminários, congressos e similares.

Fazenda Rio Grande, 31 de outubro de 2006

Elídio José Carneiro

ANEXO B - AUTORIZAÇÕES DOS ENTREVISTADOS**AUTORIZAÇÃO**

Eu, **Juscelino de Oliveira**, morador de Fazenda Rio Grande, autorizo a professora Maria da Salete Sachweh a publicar a entrevista por mim concedida para sua tese, bem como em outras pesquisas desenvolvidas pela mesma e que tenham o mesmo fim, tais como livros, revistas, seminários, congressos e similares.

Fazenda Rio Grande, 31 de outubro de 2006

Juscelino de Oliveira

ANEXO B - AUTORIZAÇÕES DOS ENTREVISTADOS**AUTORIZAÇÃO**

Eu, **Antonio Wandescheer**, morador de Fazenda Rio Grande, autorizo a professora Maria da Salete Sachweh a publicar a entrevista por mim concedida para sua tese, bem como em outras pesquisas desenvolvidas pela mesma e que tenham o mesmo fim, tais como livros, revistas, seminários, congressos e similares.

Fazenda Rio Grande, 31 de outubro de 2006

Antonio Wandescheer

ANEXO B - AUTORIZAÇÕES DOS ENTREVISTADOS**AUTORIZAÇÃO**

Eu, **Francisco Ramos**, morador de Fazenda Rio Grande, autorizo a professora Maria da Salete Sachweh a publicar a entrevista por mim concedida para sua tese, bem como em outras pesquisas desenvolvidas pela mesma e que tenham o mesmo fim, tais como livros, revistas, seminários, congressos e similares.

Fazenda Rio Grande, 31 de outubro de 2006

Francisco Ramos

ANEXO B - AUTORIZAÇÕES DOS ENTREVISTADOS**AUTORIZAÇÃO**

Eu, **Claudia de Azevedo Barcelar**, moradora de Fazenda Rio Grande, autorizo a professora Maria da Salete Sachweh a publicar a entrevista por mim concedida para sua tese, bem como em outras pesquisas desenvolvidas pela mesma e que tenham o mesmo fim, tais como livros, revistas, seminários, congressos e similares.

Fazenda Rio Grande, 31 de outubro de 2006

Claudia Azevedo Barcelar

ANEXO B - AUTORIZAÇÕES DOS ENTREVISTADOS**AUTORIZAÇÃO**

Eu, **Maurício José Silva Cunha**, morador de Fazenda Rio Grande, autorizo a professora Maria da Salete Sachweh a publicar a entrevista por mim concedida para sua tese, bem como em outras pesquisas desenvolvidas pela mesma e que tenham o mesmo fim, tais como livros, revistas, seminários, congressos e similares.

Fazenda Rio Grande, 31 de outubro de 2006

Maurício José Silva Cunha

ANEXO B - AUTORIZAÇÕES DOS ENTREVISTADOS**AUTORIZAÇÃO**

Eu, **Marcio Moreira dos Santos**, morador de Fazenda Rio Grande, autorizo a professora Maria da Salete Sachweh a publicar a entrevista por mim concedida para sua tese, bem como em outras pesquisas desenvolvidas pela mesma e que tenham o mesmo fim, tais como livros, revistas, seminários, congressos e similares.

Fazenda Rio Grande, 31 de outubro de 2006

Marcio Moreira dos Santos

ANEXO B - AUTORIZAÇÕES DOS ENTREVISTADOS**AUTORIZAÇÃO**

Eu, **Rodrigo Berthé**, morador de Fazenda Rio Grande, autorizo a professora Maria da Salete Sachweh a publicar a entrevista por mim concedida para sua tese, bem como em outras pesquisas desenvolvidas pela mesma e que tenham o mesmo fim, tais como livros, revistas, seminários, congressos e similares.

Fazenda Rio Grande, 31 de outubro de 2006

Rodrigo Berthé

ANEXO B - AUTORIZAÇÕES DOS ENTREVISTADOS**AUTORIZAÇÃO**

Eu, **Celso Gonçalves Angelo**, morador de Fazenda Rio Grande, autorizo a professora Maria da Salete Sachweh a publicar a entrevista por mim concedida para sua tese, bem como em outras pesquisas desenvolvidas pela mesma e que tenham o mesmo fim, tais como livros, revistas, seminários, congressos e similares.

Fazenda Rio Grande, 31 de outubro de 2006

Celso Gonçalves Ângelo

ANEXO B - AUTORIZAÇÕES DOS ENTREVISTADOS**AUTORIZAÇÃO**

Eu, **Gigeli Regina da Costa**, moradora de Fazenda Rio Grande, autorizo a professora Maria da Salete Sachweh a publicar a entrevista por mim concedida para sua tese, bem como em outras pesquisas desenvolvidas pela mesma e que tenham o mesmo fim, tais como livros, revistas, seminários, congressos e similares.

Fazenda Rio Grande, 31 de outubro de 2006

Gigeli Regina da Costa

ANEXO B - AUTORIZAÇÕES DOS ENTREVISTADOS**AUTORIZAÇÃO**

Eu, **Padre Nilson Brasileiro José**, morador de Fazenda Rio Grande, autorizo a professora Maria da Salete Sachweh a publicar a entrevista por mim concedida para sua tese, bem como em outras pesquisas desenvolvidas pela mesma e que tenham o mesmo fim, tais como livros, revistas, seminários, congressos e similares.

Fazenda Rio Grande, 31 de outubro de 2006

Padre Nilson Brasileiro José

ANEXO B - AUTORIZAÇÕES DOS ENTREVISTADOS**AUTORIZAÇÃO**

Eu, **Iolete da Conceição Bertoncellos**, moradora de Fazenda Rio Grande, autorizo a professora Maria da Salete Sachweh a publicar a entrevista por mim concedida para sua tese, bem como em outras pesquisas desenvolvidas pela mesma e que tenham o mesmo fim, tais como livros, revistas, seminários, congressos e similares.

Fazenda Rio Grande, 31 de outubro de 2006

Iolete da Conceição Bertoncello

ANEXO B - AUTORIZAÇÕES DOS ENTREVISTADOS**AUTORIZAÇÃO**

Eu, **Saul Domingos Carelli**, morador de Fazenda Rio Grande, autorizo a professora Maria da Salete Sachweh a publicar a entrevista por mim concedida para sua tese, bem como em outras pesquisas desenvolvidas pela mesma e que tenham o mesmo fim, tais como livros, revistas, seminários, congressos e similares.

Fazenda Rio Grande, 07 de março de 2007

Saul Domingos Carelli

ANEXO B - AUTORIZAÇÕES DOS ENTREVISTADOS**AUTORIZAÇÃO**

Eu, **Elisa Moro Mendes**, moradora de Fazenda Rio Grande, autorizo a professora Maria da Salete Sachweh a publicar a entrevista por mim concedida para sua tese, bem como em outras pesquisas desenvolvidas pela mesma e que tenham o mesmo fim, tais como livros, revistas, seminários, congressos e similares.

Fazenda Rio Grande, 07 de março de 2007

Elisa Moro Mendes

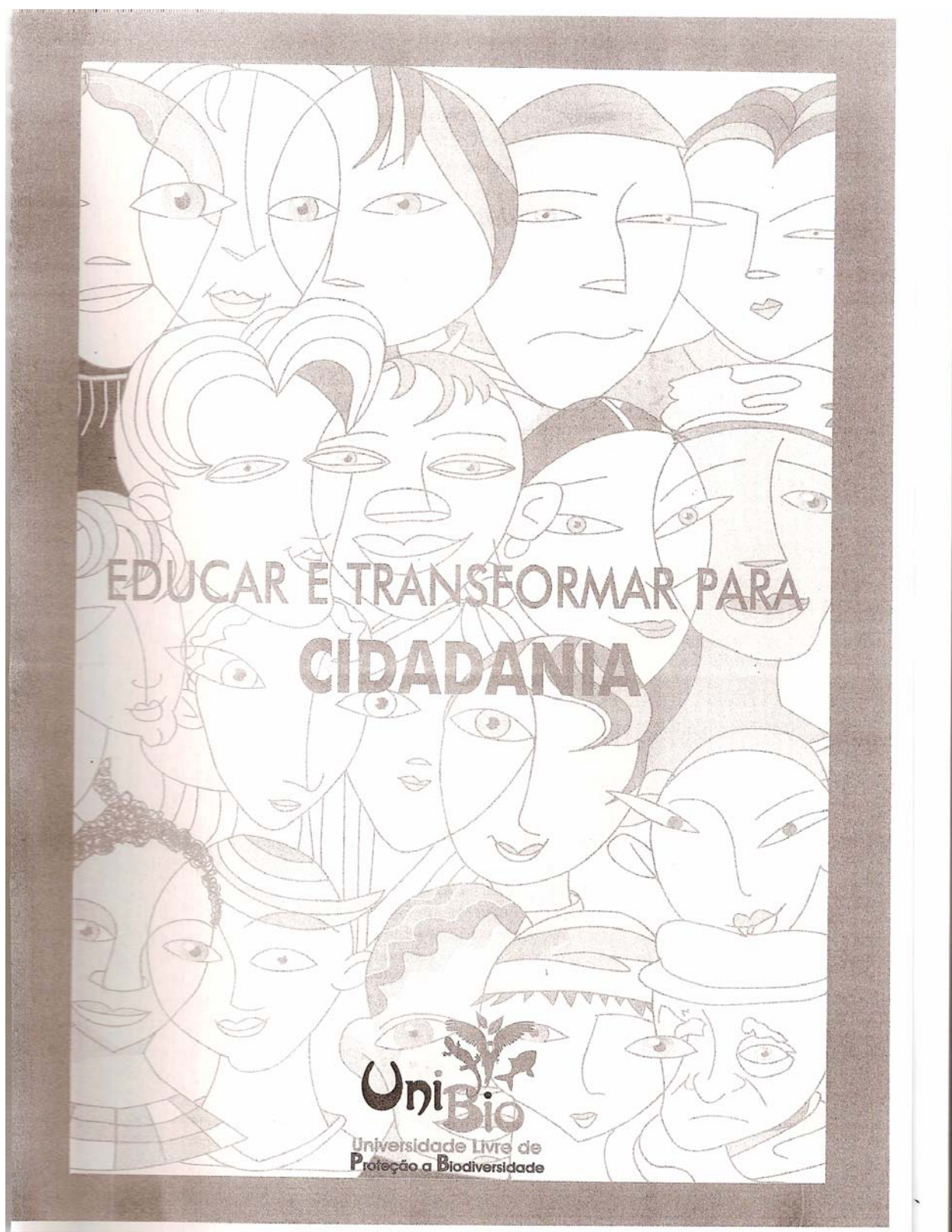
ANEXO B - AUTORIZAÇÕES DOS ENTREVISTADOS**AUTORIZAÇÃO**

Eu, **Francisco Rualdo Claudino**, morador de Fazenda Rio Grande, autorizo a professora Maria da Salete Sachweh a publicar a entrevista por mim concedida para sua tese, bem como em outras pesquisas desenvolvidas pela mesma e que tenham o mesmo fim, tais como livros, revistas, seminários, congressos e similares.

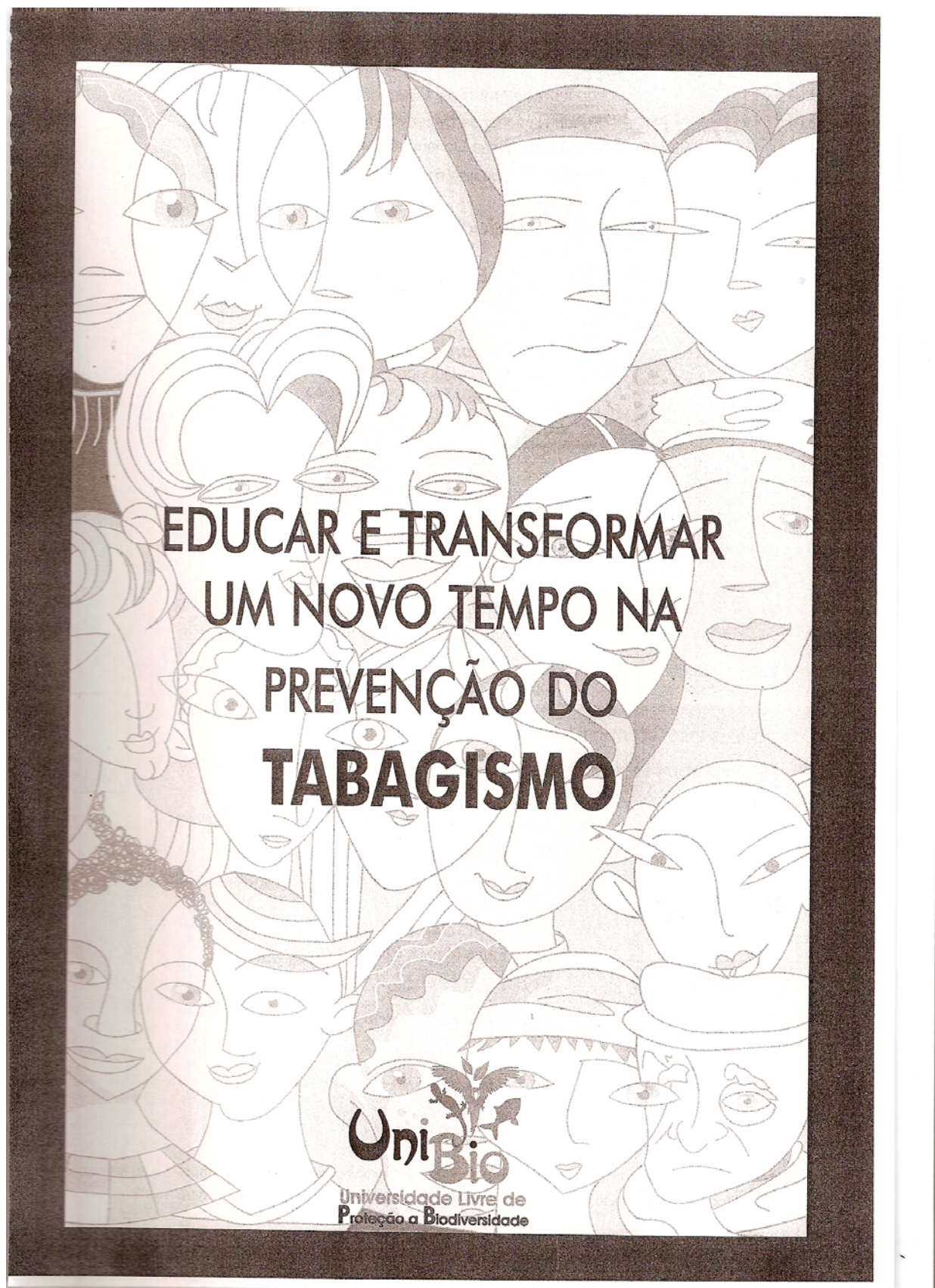
Fazenda Rio Grande, 07 de março de 2007

Francisco Rualdo Claudino

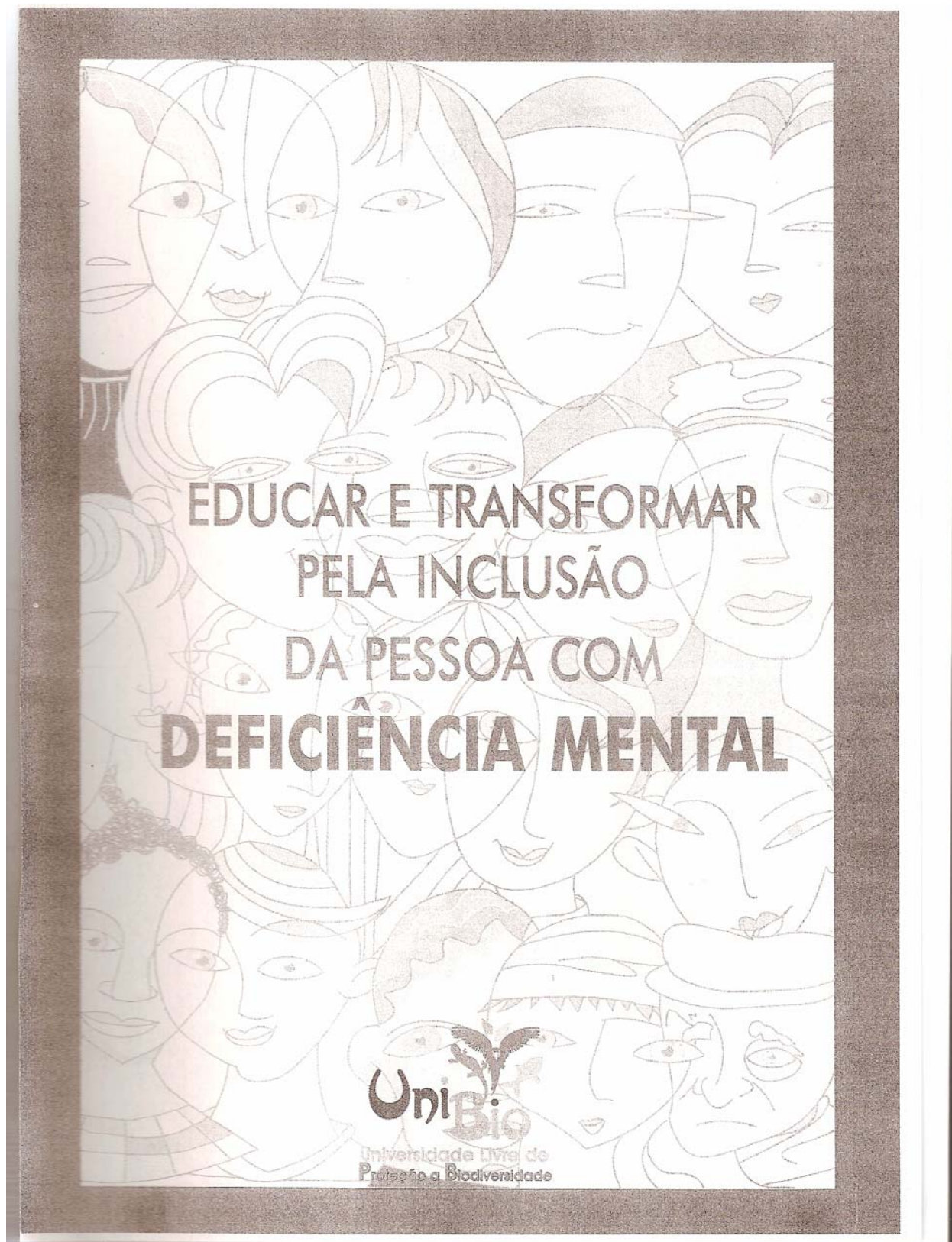
**ANEXO C - CAPA DOS EXEMPLARES QUE COMPÕE O KIT DO PROJETO
“EDUCAR E TRANSFORMAR”**



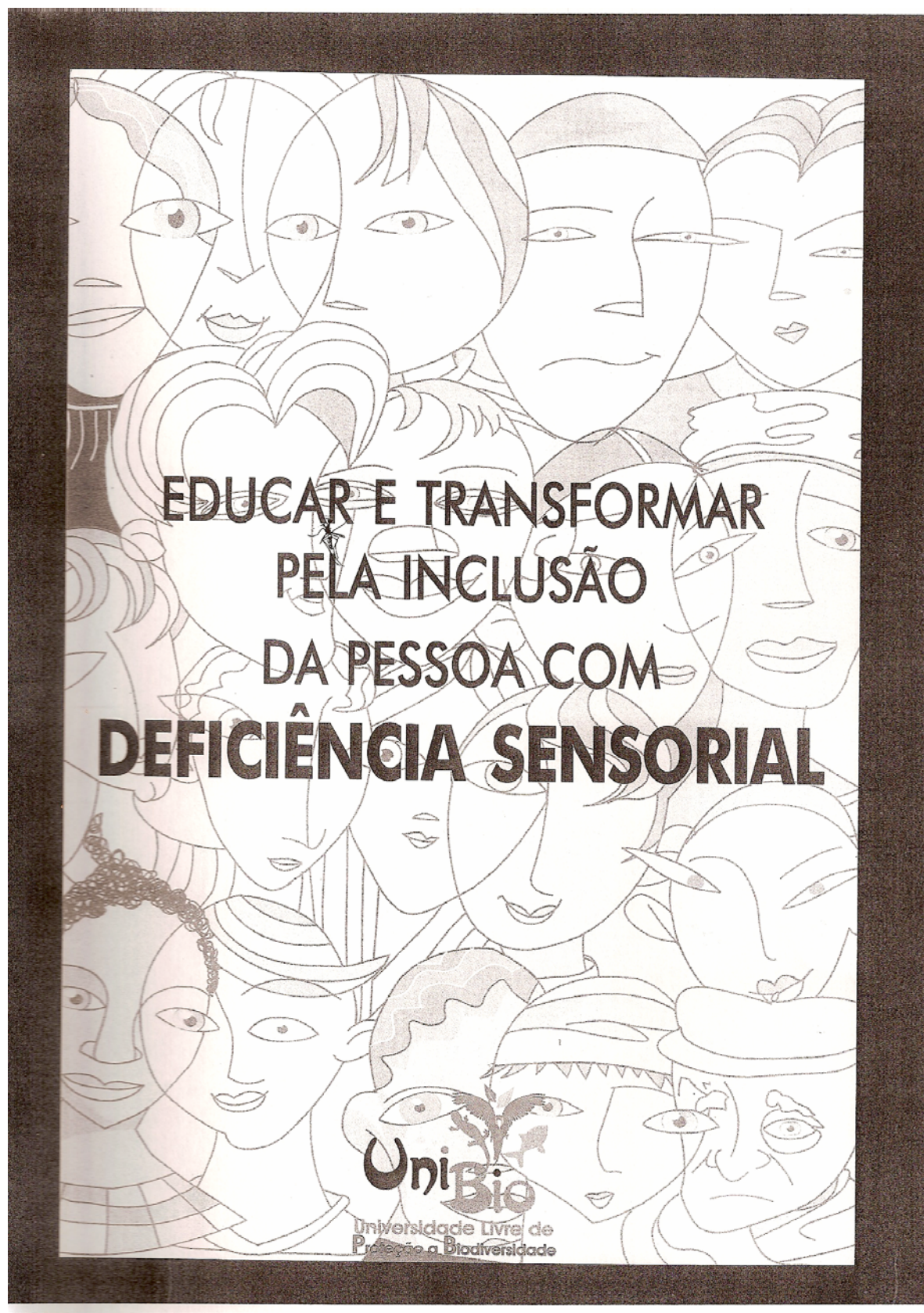
**ANEXO C - CAPA DOS EXEMPLARES QUE COMPÕE O KIT DO PROJETO
“EDUCAR E TRANSFORMAR”**



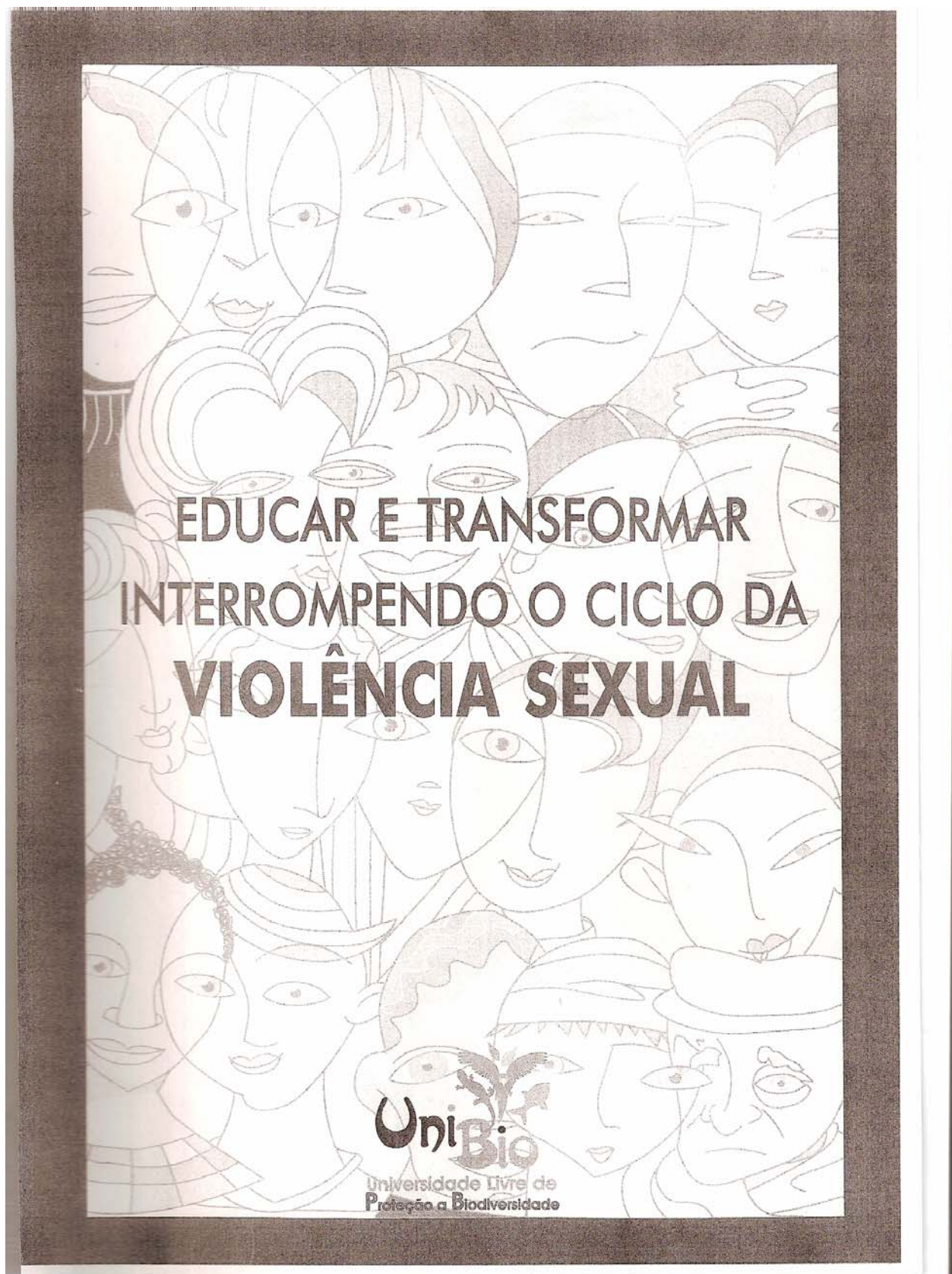
**ANEXO C - CAPA DOS EXEMPLARES QUE COMPÕE O KIT DO PROJETO
“EDUCAR E TRANSFORMAR”**



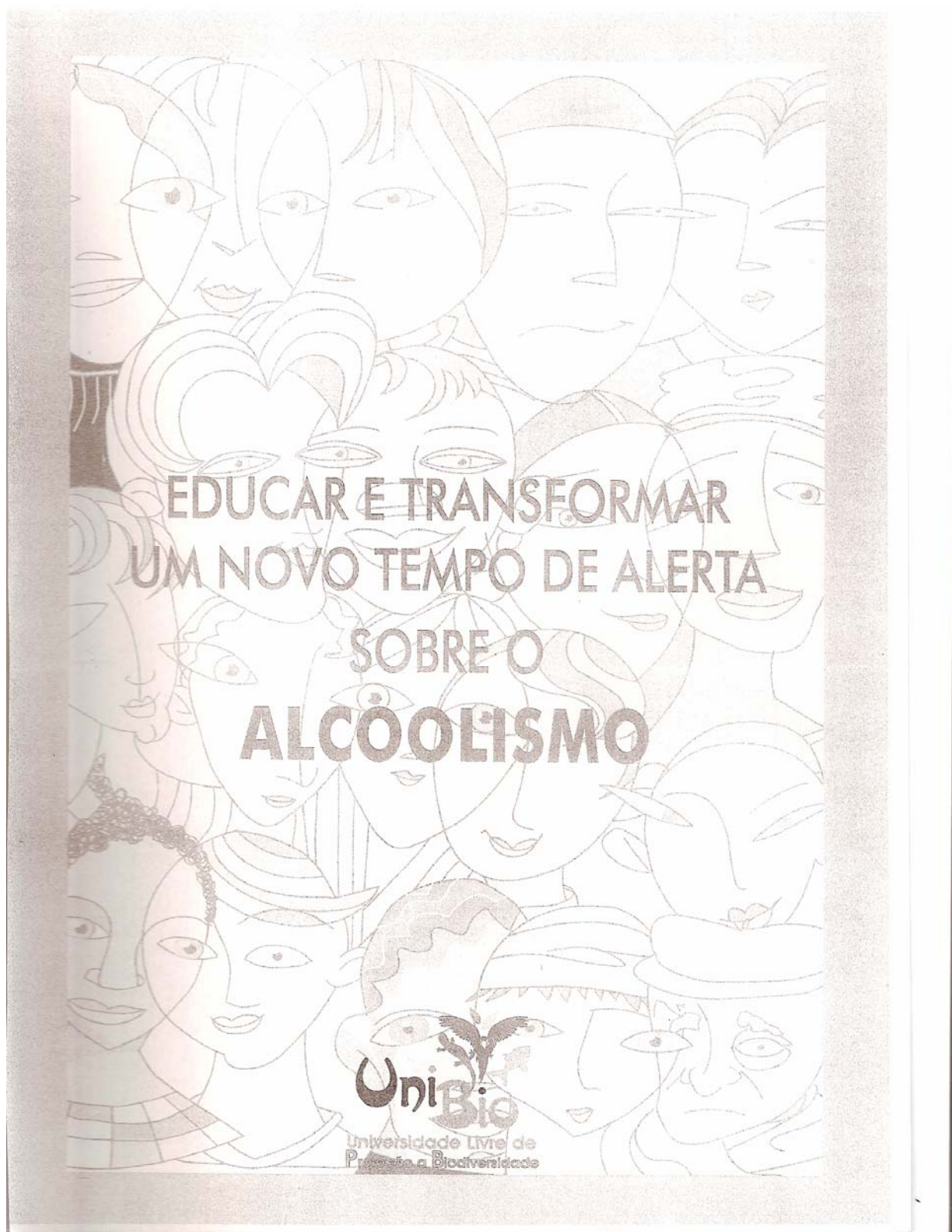
**ANEXO C - CAPA DOS EXEMPLARES QUE COMPÕE O KIT DO PROJETO
“EDUCAR E TRANSFORMAR”**



**ANEXO C - CAPA DOS EXEMPLARES QUE COMPÕE O KIT DO PROJETO
“EDUCAR E TRANSFORMAR”**



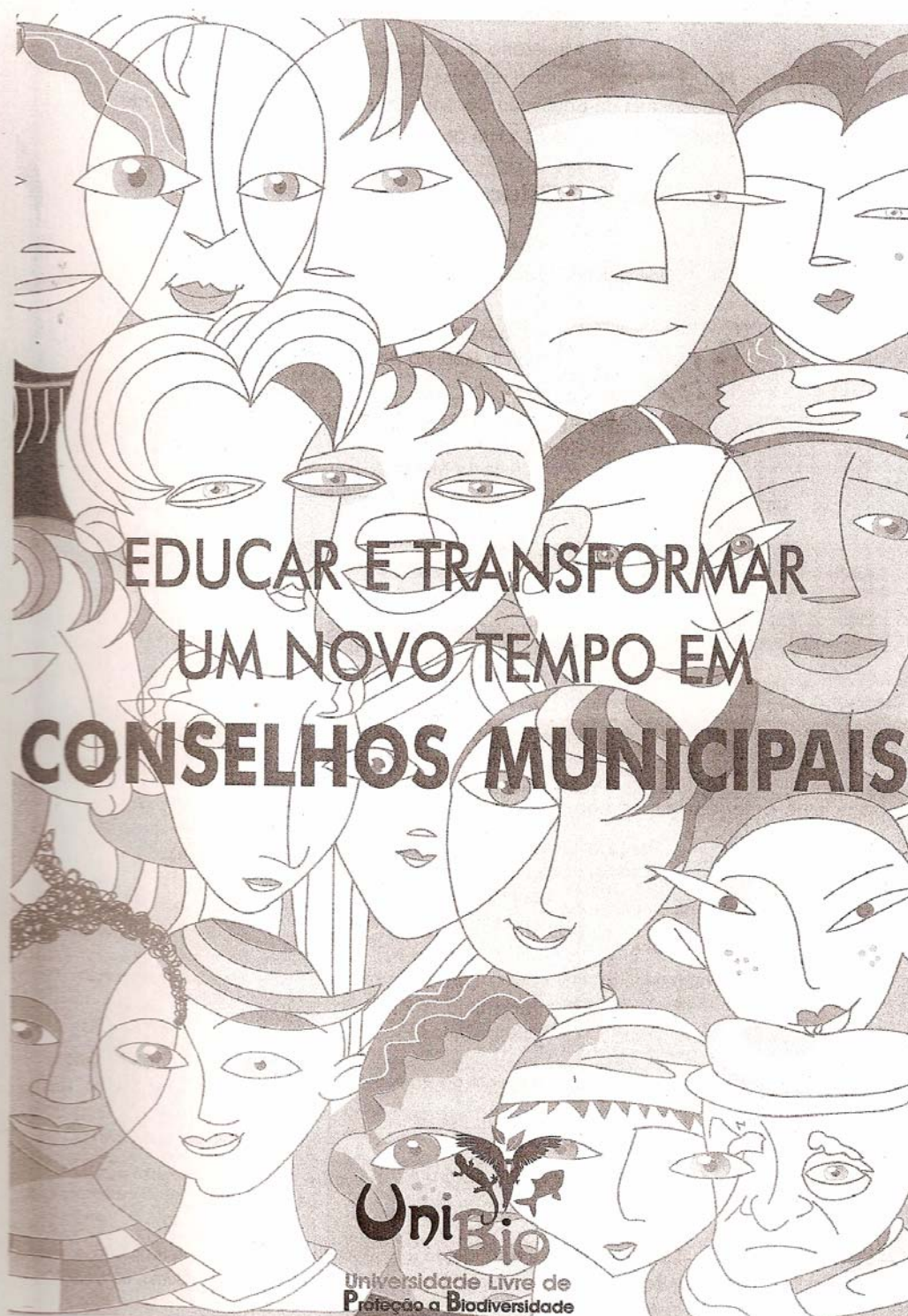
**ANEXO C - CAPA DOS EXEMPLARES QUE COMPÕE O KIT DO PROJETO
“EDUCAR E TRANSFORMAR”**



**ANEXO C - CAPA DOS EXEMPLARES QUE COMPÕE O KIT DO PROJETO
“EDUCAR E TRANSFORMAR”**



**ANEXO C - CAPA DOS EXEMPLARES QUE COMPÕE O KIT DO PROJETO
“EDUCAR E TRANSFORMAR”**



ANEXO D – LEI Nº. 08/92 De 15 de junho de 1992



PREFEITURA MUNICIPAL DE MANDIRITUBA

ESTADO DO PARANÁ

Avenida Brasil, 320

Fones (041) 826-1122, 826-1447 e 826-1232

Mandirituba

Paraná

LEI Nº 08/92

De 15 de junho de 1992.

A CÂMARA MUNICIPAL DE MANDIRITUBA decretou e eu, Prefeito Municipal, sanciono a seguinte Lei:

SÚMULA: Altera Zoneamento no Distrito de Fazenda Rio Grande.

Art. 1º - Passam para ZR-2 as frações de áreas abaixo discriminadas, localizadas no Distrito de Fazenda Rio Grande:

"Tomando-se como ponto de partida a interseção a Estrada do Tietê com a Estrada Velha de Umbará, segue-se por esta, até encontrar a Av. Carelli; neste ponto, segue-se à esquerda, pela citada Avenida, até encontrar a Rodovia BR-116, desse encontro, segue-se pela Rodovia BR-116 até a Estrada do Tietê e daí até o ponto de início do caminhamento".

"No Terminal Rodoviário de Fazenda Rio Grande, onde interceptam-se a Rodovia BR-116 com a Avenida das Indústrias, segue-se por esta até encontrar-se o Eixo Estrutural pelo qual segue-se à esquerda, até a Estrada do Tietê, pelo qual segue-se à esquerda até a Rodovia BR-116, seguindo-se por essa à esquerda até encontrar a Avenida das Indústrias, início do caminhamento".

"Partindo-se da interseção da Rodovia BR-116 com a Estrada do Tietê, segue-se por essa até sua interseção com a Estrada Municipal do pedágio, pelo qual segue-se à esquerda até encontrar a Estrada do Tietê, início do caminhamento".

"Na interseção da Estrada Velha de Umbará com a linha de divisa do Loteamento jardim das Hortências, segue-se pela dita linha até encontrar-se um riacho e pela margem esquerda deste segue-se até encontrar novamente a Estrada Velha de Umbará, deessa interseção, segue-se à esquerda, pela Estrada Velha de Umbará até encontrar a linha divisória do Loteamento Jardim das Hortências, início do caminhamento".

"A área de terreno confrontando de um lado com o

(continua...)

ANEXO D - LEI Nº. 08/1992

(CONTINUAÇÃO)



PREFEITURA MUNICIPAL DE MANDIRITUBA

ESTADO DO PARANÁ

Avenida Brasil, 320 - Fones (041) 826-1122, 826-1447 e 826-1232 - Mandirituba - Paraná

(Continuação Lei Nº 08/92)

Loteamento Vila prefeito Manoel Juvenal da Cruz Primeira Parte, e de outro lado com o Loteamento Vila Baldan e Vila Solange; na frente com a Estrada velha do Passo Amarelo e nos fundos com as terras de Dinarte Lourenço dos Santos no mesmo alinhamento de fundos do Loteamento Prefeito Manoel Juvenal da Cruz".

Art. 2º - Altera para Zona Industrial (ZI) a fração de área descrita na forma abaixo:

"Da interseção da Avenida Carelli com a Estrada Velha de Umbará, segue-se por esta até encontrar a faixa de servidão da Petrobrás (Linha do Oleoduto), desse ponto, segue-se à esquerda pela dita linha, até a Rodovia BR-116, daí segue-se por essa até encontrar a Avenida Carelli, tomando-se novamente à esquerda, segue-se até a interseção desta com a Estrada Velha de Umbará, início do alinhamento".

Art. 3º - Esta lei entra em vigor nesta data, em que é tornada pública, revogadas as disposições em contrário.

Gabinete da Prefeitura Municipal DE Mandirituba,
em 15 de junho de 1992.


FRANCISCO RUALDO CLAUDINO
Prefeito Municipal

ANEXO E – LEI N.º 69 – De 27 de julho de 1995

PREFEITURA MUNICIPAL DE FAZENDA RIO GRANDE
ESTADO DO PARANÁ**LEI N.º 069**

De 27 de julho de 1995.

Publicado no	<i>D.O.M.</i>
N.º	<i>22</i>
Pg.	<i>4</i>
Data	<i>28/07/95</i>

Dá nova delimitação ao perímetro urbano do Município de Fazenda Rio Grande.

O PREFEITO MUNICIPAL DE FAZENDA RIO GRANDE:

Faço saber que a Câmara Municipal aprovou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º - O perímetro urbano do Município de Fazenda Rio Grande passa a apresentar a nova delimitação constante do memorial descritivo e planta preliminar correspondente, partes integrantes desta Lei.

Parágrafo Único - Os imóveis que forem atingidos total ou parcialmente pelo novo perímetro urbano e que estejam desenvolvendo atividades agropecuárias de caráter permanente, em no mínimo 70% (setenta por cento) da área aproveitável, comprovando esta condição através de nota fiscal de produtor, permanecerão na condição de propriedade territorial rural.

Art. 2º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º - Revogam-se as disposições em contrário.

Gabinete do Prefeito, 27 de julho de 1995.


JORDÃO GREGÓRIO BARBOSA

Prefeito Municipal em Exercício

ESTA LEI FOI REGISTRADA E
PUBLICADA NESTA SECRETARIA NA
MESMA DATA.

Secretário

NOVA DESCRIÇÃO DO PERÍMETRO URBANO DO MUNICÍPIO DE
FAZENDA RIO GRANDE

Inicia-se a delimitação do perímetro urbano do Município de Fazenda Rio Grande no marco km 120,000 da Rodovia Federal BR 116, onde começa a divisa Norte do loteamento Jardim Imaculada Conceição, seguindo por ela até encontrar o Loteamento Jardim Alvorada; deste ponto contornando pelas divisas Leste e Norte deste Loteamento até encontrar o Loteamento Jardim São Luiz; neste Loteamento, seguindo pelas ruas Rio Ribeirinho e Rio Maurício até encontrar a Rua Rio Madeira, que dá acesso ao Loteamento Santa Fé; continuando pelo limite Norte deste Loteamento Santa Fé (Rua Rio Palmital) até alcançar o Rio Mascate; deste ponto em direção à montante por aproximadamente 650,00m; deste ponto defletindo à direita com rumo de $77^{\circ} 50' 50''$, em linha reta e seca por 1200,00m; deste ponto com deflexão à esquerda com rumo $85^{\circ} 30' 00''$ em linha reta, pela estrada, por aproximadamente 1.800m, até alcançar a estrada municipal do Tietê; deste ponto defletindo à direita e seguindo pela citada estrada por aproximadamente 400,00m; deste ponto deflexiona com rumo de $7^{\circ} 20' 00''$ SE em linha reta e seca, seguindo por aproximadamente 3.000m, até o ponto de divisa Oeste-Sul do Loteamento Chácara Santa Maria, seguindo pela divisa Sul do referido Loteamento até encontrar a Rodovia BR 116, no km 125,700.

Deste ponto, pela Rodovia BR 116, em direção Norte, até encontrar o Loteamento Vila Baldan; seguindo em direção Leste, pela Rua Flamingos, até o ponto de cruzamento com a Rua Papagaios, deste ponto com deflexão à esquerda, em linha reta, até alcançar a divisa Oeste do Loteamento Prefeito Manoel Juvenal da Cruz, seguindo em linha reta por este Loteamento ultrapassar em 200m o Loteamento Prefeito Manoel Juvenal da Cruz 2ª parte; deste ponto, com rumo $84^{\circ} 40' 00''$ SE, em linha reta e seca, até o ponto de encontro da Avenida Portugal (Antiga Estrada do Passo Amarelo) com o córrego afluente M.E. do Ribeirão Ana Luíza; continuando por este córrego em direção juzante até encontrar o próprio Ribeirão Ana Luíza; continuando em direção juzante deste ribeirão até encontrar o prolongamento da Avenida Venezuela; deste ponto em rumo $09^{\circ} 15' 00''$ NE em linha reta e seca por aproximadamente 730,00m até encontrar o sistema de Oleoduto da Petrobrás S.A.; deste ponto em rumo $41^{\circ} 00' 00''$ NE em linha reta e seca por aproximadamente 490,00m até encontrar a cerca de divisa de João Mendes Paola; seguindo o rumo determinado pela citada cerca por aproximadamente 1500,00m até encontrar a estrada municipal que interliga os municípios de Fazenda Rio Grande e São José dos Pinhais, mantendo o mesmo rumo até 400,00m após a referida estrada; deste ponto segue-se paralelamente à referida estrada municipal, no sentido Norte, até esta estrada ultrapassar sua intersecção com a Avenida Brasil em 400,00m; neste ponto deflexiona ao rumo $82^{\circ} 15' 00''$ NW com linha reta e seca por aproximadamente 1250,00m até encontrar a estrada que se liga à Rodovia BR 116; segue-se por esta estrada até encontrar a própria Rodovia BR 116, no marco do km 119,200; deste ponto, seguindo a Rodovia BR 116 em direção Sul até o marco km 120,000; sendo este o ponto inicial da delimitação o perímetro urbano do município de Fazenda Rio Grande fica, assim, delimitado.


JORDÃO GREGÓRIO BARBOSA
Prefeito Municipal em Exercício

ANEXO F - LEI Nº 77/1995, de 08 de agosto de 1995.**CRIA A ZONA INDUSTRIAL, E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.**

O PREFEITO MUNICIPAL DE FAZENDA RIO GRANDE, Faço saber que a Câmara Municipal aprovou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Fica criada a Zona Industrial de Fazenda Rio Grande, numa extensão de 500 (quinhentos) metros de largura do eixo da Rodovia Federal BR-116, em ambos os lados, partindo da linha divisória que delimita o perímetro urbano do Município, até encontrar a Área de Preservação Ambiental do Rio Maurício.

Art. 2º As áreas localizadas naquela Zona poderão ser negociadas diretamente entre os empresários e proprietários, devendo, para sua instalação, ter a anuência da Prefeitura Municipal, ficando preestabelecido que deverão ser reservadas áreas para residências dos funcionários.

Art. 3º A título de incentivo, fica autorizado o Poder Executivo Municipal a conceder isenção de tributos municipais pelo prazo de 10 (dez) anos às indústrias que vierem a se estabelecer no Município.

Art. 4º O Município executará os serviços de terraplanagem, serviços técnicos de topografia e toda a infra-estrutura necessária para a implantação das indústrias, com equipamentos da Municipalidade e/ou contratados, desde que os interessados apresentem as plantas e o projeto para aprovação do órgão competente da Prefeitura.

Parágrafo Único - A partir da aprovação dos projetos de construção, a empresa terá o prazo de 60 (sessenta) dias para iniciar a execução da obra.

Art. 5º As empresas industriais que se beneficiarem com a isenção de tributos e serviços de infra-estrutura deverão iniciar suas atividades no prazo máximo de 01 (um) ano.

Parágrafo Único - Perderá a isenção tributária a empresa Industrial que não cumprir o "caput" deste artigo, ficando obrigada ao recolhimento dos tributos municipais desde a concessão do Alvará de Construção.

Art. 6º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 7º Revogam-se as disposições em contrário.

Gabinete do Prefeito, 8 de agosto de 1995.
JORDÃO GREGÓRIO BARBOSA

Prefeito Municipal em Exercício

ANEXO G - LEI Nº 77/1995, REFORMULADA E COMPLEMENTADA PELA LEI Nº 112 De 01 de setembro de 1996.

CRIA A ZONA INDUSTRIAL II E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

- O PREFEITO DO MUNICÍPIO DE FAZENDA RIO GRANDE Faço saber que a Câmara Municipal aprovou e eu sanciono a seguinte Lei:
- Art. 1º - Fica criada a Zona Industrial II de Fazenda Rio Grande, constituída da área de 19.80 km quadrados, com as seguintes divisas e confrontações: "Iniciando no encontro das águas do Rio Iguaçu (divisa da Fazenda Rio Grande - Curitiba) com o afluente do Rio do Moinho, segue-se por esse rio até a sua cabeceira até encontrar a cerca da propriedade de João Mendes Paola (limite idêntico ao perímetro urbano); deste, segue-se à direita, no rumo da referida cerca até encontrar o sistema de oleoduto da Petrobrás S.A.; segue-se à esquerda, pelo referido oleoduto, até encontrar-se com o rio Despique (divisa com São José dos Pinhais); segue-se pela divisa, no sentido Norte até encontrar com o Rio Iguaçu; segue-se por esse rio, no sentido Oeste, até o ponto inicial."
- Art. 2º - As áreas localizadas na Zona Industrial acima descrita, quanto ao seu aproveitamento, não obedecerão às condições e formas de aproveitamento previstas na Lei nº 077, de 08.08.95, que criou a Zona Industrial que passa a denominar-se Zona Industrial I.
- Art. 3º - As demais normas de aproveitamento da área descrita no artigo 1º quanto ao seu uso e ocupação são as contidas no anexo I, parte integrante desta Lei.
- Art. 4º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.
- Art. 5º - Revogam-se as disposições em contrário.
- Fazenda Rio Grande, em 01 de setembro de 1996.
- CARTÁRIO JUNIOR
- Prefeito Municipal
- Anexo I
- ZONA INDUSTRIAL II
- Altura Máxima.
- Dimensões Mínimas do Terreno-Testada/Área.....20/12.000
- Taxa de Ocupação mínima.....2/3
- Coeficiente de Aproveitamento
- Recuo Mínimo do Alinhamento Predial.....10 metros
- Recuo das Divisas.....10 metros
- Usos Permitidos..... Indústrias
- Usos Permissíveis
- Usos Proibidos.....Todos os Demais

ANEXO H - LEI Nº 164 - De 17 de junho de 1998.**LEI Nº 164 - De 17 de junho de 1998.****DÁ NOVA DELIMITAÇÃO DO PERÍMETRO URBANO DO MUNICÍPIO.**

A CÂMARA DO MUNICÍPIO DE FAZENDA RIO GRANDE aprovou e eu, PREFEITO MUNICIPAL, sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º O perímetro urbano do Município de Fazenda Rio Grande passa a ter nova delimitação, com a inclusão da área de terreno com 66.500,00 m² (sessenta e seis mil e quinhentos metros quadrados), com a seguinte descrição: "Iniciando-se no quilometro 120(cento e vinte) da Rodovia BR 116, no sentido Mandirituba-Curitiba, numa extensão de 210,00 metros de testada para a mesma rodovia, daí quebrando à esquerda, confrontando com terras de Francisco Gregório Barbosa e Manoel Claudino Barbosa e com o Parque Regional do Iguaçu numa extensão de 307,00 metros. Deste ponto, dividindo com a pista de corrida de Joanin Gregório numa extensão de 209,00 metros, encontrando a linha do perímetro urbano em vigor e incorporando-se ao mesmo, permanecendo inalteradas as demais divisas e confrontações do mesmo perímetro."

Art. 2º Esta lei entre em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º Revogam-se as disposições em contrário.

Fazenda Rio Grande, 17 de junho de 1998.

CELSON LUIZ SOARES ROCHA

Prefeito Municipal

ANEXO I - LEI Nº 199- De 05 de julho de 1999.**LEI Nº 199 - De 05 de julho de 1999.****ESTABELECE NOVA DELIMITAÇÃO AO PERÍMETRO URBANO DO MUNICÍPIO DE FAZENDA RIO GRANDE E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS**

A CAMARA DO MUNICÍPIO DE FAZENDA RIO GRANDE aprovou e eu, PREFEITO MUNICIPAL, sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º O perímetro urbano do Município de Fazenda Rio Grande passa a obedecer às delimitações seguintes:

"Inicia-se a ampliação do atual perímetro com a Avenida Portugal, seguindo pelo prolongamento da mesma Avenida, até a rodovia BR 116, seccionando-a e acompanhando a estrada existente, numa extensão de, aproximadamente, 500 (quinhentos) metros, defletindo à direita no rumo Sul-Norte, em linha seca até encontrar o perímetro urbano na confrontação com o loteamento Santa Maria, permanecendo inalteradas as demais divisas e confrontações do mesmo Perímetro urbano."

Art. 2º As propriedades rurais produtivas que estejam desenvolvendo atividades agro-pecuárias de caráter permanente e que forem atingidas, total ou parcialmente, pelas novas delimitações do perímetro urbano, permanecerão na condição de origem e somente passarão à categoria de imóvel urbano através de solicitação expressa do proprietário, à Prefeitura Municipal, nesse sentido.

Art 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º Revogam-se as disposições em contrário.

Fazenda Rio Grande, 05 de julho de 1999.

CELSON LUIZ SOARES ROCHA
Prefeito Municipal